

Introdução

Parry Scott

Marion Teodósio Quadros

Todo trabalho coletivo é injusto por ser obrigado a subestimar enormes contribuições de uma multiplicidade de pessoas. As escolhas do que realçar não são fáceis, porque são decisões que ultrapassam a técnica, sempre sendo também políticas. Em quinze anos de interação com o bairro do Ibura pesquisadores do Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade (FAGES) da Universidade Federal de Pernambuco têm procurado desvendar realidades complexas nos campos de saúde, gênero e geração em contato com muitos segmentos dos residentes do bairro que, com os seus acima de cem mil habitantes, é maior que 90% das cidades do estado de Pernambuco. A procura de um *leit motif* para unificar as ações, depois de intermináveis idas e vindas mentais, sempre esbarra na necessidade de valorizar a **diversidade**. As tentativas de encontrar outro elemento sintetizador soam como extraordinariamente desrespeitosas a boa parte dos grupos que tivemos a boa fortuna de conhecer durante estes anos.

Porque diversidade? O que nos levou à diversidade não foi uma justificativa teórica. Este termo nos pareceu adequado para explicar uma apropriação prática que refere a uma série de características e modos de vida bastante diferenciados convivendo e se interrelacionando em um espaço comum. Quem convive com o bairro encontra pessoas cujas diferenças exigem o exercício de respeito mútuo, mesmo diante de conteúdos eventualmente marcados por estranhamentos, desentendimentos e preconceitos. Diversidade, portanto, foi o termo que escolhemos para denominar uma qualidade que consideramos forte num bairro que reúne várias facetas da convivência: a dos conflitos, da solidariedade, da tensão, do respeito, dos preconceitos, das buscas, etc. Acreditamos que a palavra diversidade evidencia diferenças e, ao mesmo tempo,

uma noção de conjunto que parece povoar de sentidos a identidade do bairro. Diversidade, então, sugere uma tensão permanente no lugar, mas que sempre deixa uma brecha para uma convivência possível, mesmo que se ofusque parcialmente outro realce possível: as desigualdades. Três exemplos encontrados ao longo do livro valem menção para compreender porque a diversidade foi eleita como mote para olhar para este bairro urbano. O primeiro exemplo ocorreu numa feira de saúde, realizada para dar visibilidade às muitas práticas existentes de busca de saúde no bairro. A primeira atividade registrada, logo cedo de manhã, foi uma visita da vice-presidente evangélica da Associação de Moradores à barraca do pai de santo para consultá-lo sobre um problema que ela enfrentava, por meio do jogo de búzios. O segundo exemplo consiste nas repetidas referências dos residentes do bairro, como “um lugar calmo e tranqüilo para morar”, contrastantes com as altas taxas de violência constantemente citadas em cifras governamentais e reportagens sobre o Ibura. O terceiro exemplo está nas muitas evidências da força das mulheres como lideranças e como chefes de família em comunidades que ainda se pautam por práticas e relações de gênero extraordinariamente androcêntricas. Seria interminável qualquer lista de diferenças que sugerem percepções contrastantes e elementos semelhantes. Na nossa interação com este bairro, como pesquisadores, então, o ponto de partida sempre foi de respeito à diversidade de todos os tipos.

As indagações que levamos nessa condição de pesquisadores nunca se divorciaram de uma preocupação plena com a elaboração de políticas que pudessem impactar positivamente quem reside no Ibura. Não era uma missão, nem no sentido religioso clássico, nem no sentido institucional que se observa nos estatutos de organizações não-governamentais, caracterizáveis como neo-religiosas. Fomos exercer o trabalho de antropólogos, olhando, ouvindo e escrevendo (OLIVEIRA, 1988),¹ mas sempre lembrando as implicações do código de ética da

¹ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do antropólogo*, Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998.

profissão, que valoriza o respeito e o potencial uso positivo dos dados pelas populações pesquisadas.²

Esta coletânea reúne diversas interpretações provenientes de diferentes perspectivas das ciências sociais, bem como materiais para orientar um trabalho de desenvolvimento de ações concretas que possam ser realizadas pelos residentes dos bairros e por organizações que trabalham a favor deles. As ações das equipes do FAGES, em colaboração com os residentes do bairro, já geraram feiras de saúde, vídeos, seminários, agendas negociadas sobre políticas de direitos à diferença e de combate à desigualdade, recomendações sobre ensino de jovens e adultos, oficinas sobre direitos sexuais e direitos reprodutivos, grupos de discussão que registram percepções nas palavras dos próprios moradores, entre outros produtos. Sem falar nas amizades! Como se verifica no Anexo C, esta colaboração permitiu a elaboração de uma rica variedade de material escrito. Este livro tem a finalidade de apresentar apenas uma pequena parte desta produção, sem fugir do nosso compromisso de sempre disponibilizar material que possa contribuir de alguma forma na busca de condições mais dignas para os que residem no Ibura e lidam com a sua diversidade.

Esta coletânea se divide em quatro partes:

A primeira parte é constituída por dois capítulos. O primeiro capítulo, elaborado pelos organizadores do volume, introduz o bairro do Ibura, dando destaque à construção histórica, social e cultural de uma diversidade que desafia a elaboração de descrições simplificadas da vida e da história do bairro. Procura

²Constituem direitos das populações que são objeto de pesquisa a serem respeitados pelos antropólogos:

1. Direito de ser informadas sobre a natureza da pesquisa
2. Direito de recusar-se a participar de uma pesquisa.
3. Direito de preservação de sua intimidade, de acordo com seus padrões culturais.
4. Garantia de que a colaboração prestada à investigação não seja utilizada com o intuito de prejudicar o grupo investigado.
5. Direito de acesso aos resultados da investigação
6. Direito de autoria das populações sobre sua própria produção cultural (fonte www.abant.org.br).

situar diferenças de gênero e geração em ambientes díspares, na caracterização de diversos aspectos sociais, econômicos e demográficos do bairro, servindo como pano de fundo para o que o segue. O segundo capítulo, também elaborado pelos organizadores do livro, ressalta as características de saúde no bairro e suas relações com as questões de gênero. O destaque deste capítulo se deve à grande ênfase em saúde e gênero presente nas pesquisas e intervenções realizadas pelo FAGES ao longo destes 15 anos.

Os próximos três capítulos aprofundam a análise de gênero e geração, tema da segunda parte desta coletânea. Márcia Couto estuda a articulação entre religião e família num complexo vai e vem de pertencimentos religiosos e familiares. Mary Mendes mostra como as mulheres exercem um poder, representando a população e estruturando o seu ambiente de relações de gênero no cenário local do próprio Ibura e em outros bairros, onde as composições familiares e os espaços públicos têm forte atuação feminina. Parry Scott olha para a inversão de espaços associados a homens e mulheres, ao focar as políticas subjacentes às negociações das relações de gênero entre os residentes mais idosos.

Os dois capítulos seguintes, localizados na terceira parte do livro, abordam discursos e práticas de jovens residentes do bairro em relação à saúde reprodutiva. Parry Scott, Marion Quadros e Márcia Longhi sintetizam os olhares de jovens sobre os ambientes onde vivem, discutindo as implicações das suas perspectivas para a elaboração de demandas sobre direitos e saúde reprodutivos.³ Marion Quadros e Marta Teodósio destrincham as práticas contraceptivas e preventivas de homens, jovens e adultos (18 a 35 anos), do bairro, por meio da análise de dados coletados através de questionários.

A quarta parte do livro é composta por três anexos e tem o propósito de incentivar a produção de novas ações e novas informações sobre algumas das questões que abordamos ao longo

³ Este trabalho está reproduzido sem alterações graças a generosa permissão da Revista da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Foi originalmente publicado na **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.2, p. 209-228, jul./dez. 2002.

do livro: com base na atuação de equipes do FAGES, o primeiro anexo fornece orientações para a realização de oficinas sobre saúde e direitos sexuais para jovens; o segundo anexo é uma base de dados que, nas próprias palavras de jovens e adultos do bairro, revela a diversidade de opiniões e descrições sobre assuntos importantes na vivência de gênero, geração, sexo, namoro, casamento, contracepção, bem como os ambientes nos quais esta vivência ocorre, podendo ser usada em oficinas, debates, palestras e outras atividades no bairro e fora dele; e no terceiro anexo, reproduz uma descrição da interação entre o FAGES e os residentes do Ibura, aproveitando parte de um texto integrante do livro comparativo de Scott, Athias e Quadros, sobre *Saúde, Sexualidade e Famílias Urbanas, Rurais e Indígenas*, publicado em 2007 pela Editora Universitária da UFPE.

É impossível fechar esta introdução sem agradecer à nossa própria universidade, a UFPE, que dá as condições para trabalhar, à Fundação Ford, ao CNPq e à FACEPE, os quais acreditaram nos nossos esforços e disponibilizaram recursos para podermos trabalhar, e, também, ao NUSP da UFPE que, com o seu primeiro programa de cooperação com a JICA, deu início a um trabalho que tem envolvido muita gente e muito tempo. Não teria sido possível realizar todas as atividades de pesquisa e intervenção, ao longo desses 15 anos, sem tais generosas contribuições, promovendo a continuidade de ações e de pesquisa. É importante destacar que a maior parte dos trabalhos contidos neste livro foi formulada como parte integrante da pesquisa “Estilos reprodutivos masculinos e femininos e organizações representativas: gênero, idade e saúde reprodutiva no Sertão de Pernambuco e na Região Metropolitana do Recife”, realizada durante o período de 2001 a 2006, e inserida numa pesquisa-ação compartilhada, denominada “Enfrentando Diferenças de Gênero: consolidando e ampliando pesquisas e ações em saúde reprodutiva”, realizada em parceria com o Instituto Papai e, no período inicial, com o Projeto Pegapacará, e coordenada por Parry Scott, sob os auspícios da Fundação Ford.

PARTE 1: O BAIRRO DO IBURA

A diversidade do bairro do Ibura: contextualizando diferenças demográficas, econômicas e sócio-culturais⁴

Parry Scott

Marion Teodósio de Quadros

A finalidade deste trabalho é de mostrar a pluralidade de condições vividas pelos moradores do bairro para que se possa identificar tendências e processos, pensá-los, e integrá-los num espaço de ação e promoção em favor dos moradores do próprio bairro. É uma declaração de cumplicidades mútuas, entre pesquisadores comprometidos com a sua relação com a sociedade, de um lado, e entre representantes, administradores e moradores de um enorme bairro de classes populares que entendem que o resultado de trocas entre pesquisadores e comunidade deve trazer, entre os seus resultados, alguma contribuição para a sua qualidade de vida.

A relação entre o grupo de pesquisa do FAGES e o Ibura teve início no ano de 1995, a partir de uma articulação entre universidade, grupos populares e administração pública municipal, que, com o desenvolvimento de uma experiência piloto para o projeto “Saúde Pública no Nordeste⁵”, em que realizou algumas ações e construiu alguns produtos. A pesquisa “Avaliação

⁴ Embora este trabalho seja inédito, é importante ressaltar que ele resulta de extensas revisões, novos aportes e atualizações num trabalho base (o capítulo introdutório do livro de Scott de 1996), boa parte proveniente do trabalho da pesquisa-ação “Estilos Reprodutivos e Organizações Representativas,” bem como uma diversidade de pesquisas junto à Secretária de saúde e, especialmente, ao Distrito Sanitário VI, responsável pelos serviços de saúde no bairro.

⁵ Desenvolvido pelo NUSP (Núcleo de Saúde Pública da UFPE) com apoio da JICA (Japanese International Cooperation Agency).

Social e Cultural de Saúde no Ibura⁶” e a produção de um vídeo-documentário⁷ sobre as intervenções voltadas à promoção da saúde existentes no local estão entre essas produções.

Tal tarefa não é das mais fáceis, como ficou evidente para um jovem membro de uma equipe que trabalhou no bairro, impressionando-se com a força e a extensão da imagem estigmatizante que paira sobre uma enorme quantidade de facetas da vida cotidiana de quem mora no bairro (NASCIMENTO JÚNIOR, 2008). Como mostra este autor, o próprio nome do bairro, Ibura, se origina no nome homônimo de um engenho, e significa “nascente de água” ou “água que arrebenta”, e a relação com a água marca a história do bairro. Dentro do bairro, as comunidades que possuem a palavra “Milagres” – Vila dos Milagres e Alto dos Milagres – ganharam os seus nomes pelas nascentes, reputadas de possuir águas com qualidades terapêuticas, ainda reforçadas por um relato dos efeitos sacralizadores de uma queda de um avião pequeno que portava religiosos, há muitas décadas. E é o próprio excesso de águas da cidade do Recife que dá ímpeto ao estabelecimento da área como um dos mais populosos bairros da cidade.

Este artigo está dividido em seis partes. Abordamos, inicialmente, as características geográficas e históricas do bairro. Em seguida, examinamos o seu perfil demográfico; as características da infraestrutura urbana; da instrução, da rede escolar e das religiões cultuadas; da renda, do trabalho, do consumo e das diversões. Terminamos o texto ponderando sobre as formas pelas quais o bairro é visto pelos seus moradores e pela sociedade circundante, abordando as questões da violência.

⁶ Resultou no livro *Saúde e Pobreza no Recife: gênero, poder e representação de doenças no bairro do Ibura*. NUSP/Editora Universitária – UFPE: Recife, 1996, coordenado por R. Parry Scott (com apoio da JICA).

⁷ FAGES, *Em busca de Saúde*, vídeo com a direção Parry Scott, edição NUSP, 1999 (com apoio da JICA).

O surgimento do Ibura e sua localização na cidade

A denominação "Ibura" designa um conjunto de comunidades que compõem uma área residencial de famílias de renda baixa que se situa no sudoeste da cidade do Recife (ver Mapas no final deste capítulo). A delimitação é artificial, pois o bairro assim denominado pelos seus moradores atravessa divisões entre o Recife e o município de Jaboatão dos Guararapes. O Ibura se divide nas "URs" que compõem o que é denominado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de COHAB⁸ (mais ao oeste) e Ibura de Baixo (mais ao leste), denominado de Ibura⁹ pelo IBGE. Assim, como há duas formas de identificar o local, escolhemos adotar neste trabalho, em particular, e no livro como um todo, a denominação geralmente atribuída pela população, qual seja: Ibura corresponde ao bairro que engloba duas localidades, as URs, ou melhor, a área das URs (que corresponde a COHAB, no IBGE, incluindo também comunidades que se formaram nos interstícios dos conjuntos habitacionais em anos posteriores) e o Ibura de Baixo (que corresponde ao Ibura, no IBGE). O Ibura de Baixo é assim denominado pela diferença em relevo existente entre as duas localidades do bairro, particularmente marcada por uma barreira muito íngreme que separa as "URs" (unidades residenciais pertencentes a uma área que alguns também chamam de "Ibura de Cima") das outras comunidades do Ibura de Baixo.

As "URs" fazem parte de uma área ladeirosa onde as subidas e descidas freqüentemente marcam o fim de uma comunidade e o início de outra. As paisagens que se apresentam para quem está em cima dos morros tanto demonstram a

⁸A COHAB contém as unidades residenciais (URs) e as comunidades que se formaram nos seus interstícios, ao longo dos anos: Três Carneiros, Conjunto 27 de Novembro, Alto dos Milagres, UR 5 - 1ª etapa, UR 3, UR 2, UR 1, Jardim Monte Verde, Vila dos Milagres, Zumbi do Pacheco, Vila 27 de Abril, Alto Asa Branca, Lagoa Encantada 2, Lagoa Encantada, UR 4, UR 6, UR 12, Três Carneiros II, Três Carneiros III, UR 12-II, Três Carneiros de Baixo.

⁹O IBURA contém uma série de comunidades: Paz e Amor, Vila das Aeroções, Alto da Bela Vista, Cidade Operária, Dois Rios, Ibura de Baixo, Vila da Base e Vila do Sesi.

extensão do próprio Ibura, coberto de residências unidomiciliares, quanto mostram a sua diferenciação de outras áreas. O observador pode ver os conjuntos habitacionais em formas de apartamentos condominiais para a população de baixa renda (como os Conjuntos Governamentais Marcos Freire e Muribeca, em Jaboatão, e o conjunto Vale Dois Rios, de uma imobiliária particular, encravado no próprio Ibura de Baixo, na área de limite com Jordão). Também pode ver, de alguns locais privilegiados, na distância ao leste, numa vista panorâmica, os apartamentos mais luxuosos da classe média e dos ricos que se estendem pela orla marítima de Boa Viagem, Piedade e Candeias.

O Ibura de Baixo é uma área menor, "mais imprensada", que inclui diversas comunidades na terra plana que vai se aproximando ao nível do mar, numa área atrás do Aeroporto Internacional de Guararapes/Gilberto Freyre. Ao longo da Avenida Dois Rios, principal via de acesso no Ibura de Baixo e, especialmente, na parte mais próxima ao aeroporto, o bairro perde a sua aparência predominantemente residencial, para se tornar uma área mais comercial, abrigando depósitos para distribuição de bebidas, armazéns de madeira e materiais de construção e a "Aeronáutica". Nas ruas laterais, no entanto, mantém seu aspecto residencial. Desde os anos de 1970, a linha geográfica divisória entre as URs e o Ibura de Baixo se tornou mais evidente com o traçado da Rodovia BR 101, que, contornando Recife, passou entre elas, acentuando ainda mais a divisão espacial entre as duas localidades.

Em geral, as outras limitações geográficas da área são bastante arbitrárias, pois nem sempre se percebe uma diferença muito significativa entre comunidades do próprio bairro. Nos limites do bairro ao oeste e ao sul, as comunidades vizinhas que fazem parte do município de Jaboatão dos Guararapes guardam uma grande semelhança com o Ibura do Recife, tendo sido formadas por processos históricos bastante semelhantes. Descendo a BR 101 alguns quilômetros na direção sul, chega-se à

Muribeca e ao Distrito Industrial de Prazeres, bem diferenciados geograficamente da área do Ibura. Ao sul e ao leste das "URs" está o bairro de Jordão, cuja história de ocupação é mais antiga e, em muitos aspectos, assemelha-se ao Ibura de Baixo, do qual é vizinho. Cortado por uma estrada, Jordão é um dos "corredores" para chegar (ou sair) das "URs".

Administrativamente, e em termos de movimentos populares, há muita interação entre as comunidades. Ao norte (Tejipió, Barro e Areias) e ao leste (IPSEP, Imbiribeira, Afogados, etc.) há caminhos para o centro do Recife e para os outros bairros cujas histórias de ocupação mais intensiva, na maioria dos casos, remontam a décadas anteriores à formação do Ibura. Os serviços instalados nestes bairros servem como forte atração para os moradores do Ibura tanto para trabalhar quanto para suprir outras necessidades. As diversas organizações representativas na comunidade se reúnem, em boa parte, na Federação de Associações de Moradores do Ibura/Jordão que se mobiliza de acordo com as oportunidades de trabalhar em promoção das comunidades.

As características mais marcantes do Ibura decorrem da sua história recente de ter sido escolhido, desde a década de sessenta do século passado, para a construção de habitações populares, sobretudo dentro do programa governamental executado pela COHAB. De fato, o Ibura de Baixo tem uma história ainda mais antiga, relacionada com o crescimento da cidade e a formação de ocupações e vilas. Nas publicações das associações de moradores de duas comunidades do Ibura de Cima (UR-10 e Três Carneiros - Etapas 1989, 1991, 1993), que recuperam a memória dos mais antigos residentes, fica evidenciado que a área era uma "mata" e serviu para abrigar muita gente que perdeu casas nas cheias (especialmente a de 1966) em locais mais baixos da cidade.

As comunidades não são homogêneas nas suas histórias. Tanto nas URs quanto no Ibura de Baixo convivem grupos que estabeleceram a sua moradia através de, pelo menos, três processos

diferentes de ocupação, cada sub-parte se identificando diferentemente, formando uma espécie de luta constante sobre qual a hierarquia interna que predomina no bairro:

- 1) há comunidades construídas por programas governamentais de habitação, sobretudo a COHAB, cujos moradores foram selecionados por administradores deste programa ou de acordo com as suas condições de arcar com despesas da moradia, ou com outros critérios excepcionais, sobretudo por serem vítimas de enchentes. Isto inclui todas as URs: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10 e 11;
- 2) há comunidades formadas a partir da concessão e venda de terrenos e casas, por proprietários, muitas vezes envolvidos na política: Três Carneiros, Dois Carneiros, Zumbi de Pacheco, e boa parte do Ibura de Baixo, incluindo Deus e Amor, Moxotó e, Vila de SESI, que passaram por este processo com diferentes graus de intensidade; e
- 3) há comunidades ocupadas pelos próprios moradores nos interstícios deixados entre as outras comunidades: Pantanal, Asa Branca, Vila dos Milagres, Alto dos Milagres, 27 de Novembro, Minha Deusa, Betel, Vila das Aeromoças, etc.

Das histórias particulares de ocupação de comunidades, decorrem outros fatores que fazem com que a vivência comunitária no bairro do Ibura se dê dentro de uma pluralidade de experiências que resultam da articulação entre pessoas, parentes e amigos, sujeitos a diferentes processos da ocupação da terra e da formação de relações específicas com administradores públicos, proprietários e comerciantes abastados. Também vale lembrar que, independente das histórias particulares de cada comunidade, é o estabelecimento dos conjuntos habitacionais nas URs – com o investimento do governo no setor habitacional e infraestrutural,

com a transferência de populações para esta área distante do centro do Recife e da orla marítima – que serve como eixo para a construção de uma realidade social e cultural particular desta parte da cidade.

Cada comunidade desenvolve a sua forma de defender os seus interesses num esforço para ser contemplada com investimentos e oportunidades que possam melhorar as precárias condições materiais e contribuir para um espírito de coletividade. Os resultados ora unificam as comunidades, ora as fragmentam, num jogo em que entram afinidades políticas, julgamentos morais, apelos humanitários, cinismo e otimismo, competição e cooperação, resultando num cenário caracterizado, sobretudo, pelo pluralismo. O reconhecimento deste pluralismo é uma chave essencial para operar trocas como as que têm ocorrido entre o FAGES, os moradores do Ibura, as ONGs (Organizações não governamentais) e OGs (Organizações Governamentais) que atuam na área.

O perfil demográfico do bairro

A população em expansão diferenciada

Quem mora no Ibura? É evidente que há muitas variações de comunidade para comunidade, e que a própria arbitrariedade da designação de quais são as fronteiras do bairro e a diferença das épocas em que se realizaram levantamentos, fazem com que não haja uma compatibilidade perfeita entre todas as cifras. Mesmo assim, as grandes linhas da composição demográfica da área de 1991 a 2000, acrescidas de alguns estudos mais detalhados e pontuais, antes e depois dessas datas, permitem algumas observações fundamentais para que se possa compreender as condições de vida de quem aí reside.

De 1991 para 2000, os 85.362 habitantes no Ibura cresceram para 112.815, segundo os dados do IBGE (ver Tabela 1 em anexo). Neste período, as duas grandes subdivisões desta micro-região se

mostraram em plena expansão, em ritmos bastante diferentes: o Ibura de Baixo (denominado pelo IBGE de Ibura), passou de 35.968 habitantes para 43.681 (expansão de 21,5 %), atingindo uma densidade de 45 habitantes por hectare num total de 975 hectares. Esta cifra inclui uma grande área geográfica forçosamente desocupada, pertencente ao aeroporto e à aeronáutica, escondendo a densidade real vivida pelos moradores. Já a área das URs (denominada pelo IBGE de COHAB), que tem espaços maiores para habitar, passou de 49.394 habitantes para 69.134 (expansão de 40%) com uma densidade bem maior, de 154 habitantes por hectare.

A proporção de homens e mulheres se assemelha nas duas áreas, pois no Ibura de Baixo há 47,9% de homens e 52,1% de mulheres, e nas URs, 47,8% de homens e 52,2% de mulheres. Proporcionalmente, o número de mulheres cresceu significativamente mais que os homens na década de 1991 a 2000. A diferença passou de 3 para 4,4 pontos percentuais, já refletindo a maior longevidade feminina e a acentuada mortalidade masculina, encontradas no bairro.

Historicamente, nas duas localidades, o tipo predominante de residência é a casa, uniresidencial, separada de outras. Em 2000, as casas constituíam 99,5% dos domicílios nas URs, e 87,5% das residências do Ibura de Baixo. Dados trabalhados por Scott (ver SCOTT & FRANCH, 2001; SCOTT, 2002) mostram a associação entre este tipo de residência e menores níveis de renda em toda a cidade do Recife. Os bairros onde predominam apartamentos costumam apresentar as médias superiores de renda. A diferença entre a área das URs e o Ibura de Baixo não é muito grande, havendo apenas uma variedade ligeiramente maior de tipos de habitação neste último, incluindo alguns poucos edifícios que abrigam vários apartamentos, alguns armazéns de empresas e numerosos estabelecimentos comerciais e de serviços (que chegam a abrigar alguns moradores). Em cada domicílio, a média do número de pessoas decresceu entre 1991 e 2000, passando de 4,5 pessoas por domicílio, para aproximadamente 3,95,

ficando ligeiramente maior de que a média para a cidade do Recife no último ano do Censo (3,76). O domicílio padrão possui 5 cômodos, incluindo dois dormitórios e um banheiro.

Geração e Gênero

Há muitos jovens na população do Ibura, mas o bairro não foge do processo generalizado de envelhecimento populacional. Os dados disponíveis se reportam ao Censo de 2000, mesmo que haja cálculos baseados em projeções feitas pela prefeitura (SECRETARIA DE SAÚDE, 2007). Trabalhando com os dados censitários, de 46,6% em 1991, a população com menos de vinte anos, diminuiu para 40,1% em 2000 (ver Tabela 1 em anexo), decrescendo ainda mais em anos recentes. Quando comparado ao Recife como um todo, com 36,4% da população abaixo de 20 anos em 2000, percebe-se que a caracterização do bairro como “um bairro de jovens” é adequada, havendo, proporcionalmente, um pouco mais de jovens na área das URs que no Ibura de Baixo.

Em 2000, a maior faixa etária era constituída por pessoas de 15 a 19 anos. Devido à queda de fecundidade que se firmou continuamente desde a segunda metade dos anos oitenta, esta faixa etária correspondente a nascidos entre 1980 e 1985 continuou sendo a mais populosa do bairro. Os coortes desta faixa diminuem em número com a passagem do tempo devido à mortalidade e à migração, mas não deixam de ser proporcionalmente mais numerosos. Assim, no futuro próximo, o bairro de “jovens” chegará também a ser ainda mais um bairro de “jovens adultos”. Isto, mais de que retirar o foco da importância da vivência da juventude, ressalta a dinâmica plural e mais complexa que resulta das mudanças demográficas em andamento. Não se pode entender por completo o desenrolar das relações sociais do bairro sem dar um realce especial à vida e às concepções dos jovens em torno de educação, recreação, segurança, namoro, casamentos e uniões conjugais, bem como a inserção no mercado de trabalho (ver SCOTT & FRANCH, 2001).

As faixas etárias mais novas mostram um equilíbrio entre números de homens e mulheres na população, repetindo o fenômeno mundialmente reconhecido de paulatina diminuição da proporção de homens. Na Tabela 2, que usa os dados do IBGE de 2000 reportados no Observatório PE (2003), isto se evidencia. Vale a pena destacar que, quando comparados com os dados da cidade do Recife, é apenas nas faixas de 16 a 19 anos que o bairro do Ibura obtém proporções de homens na população menores que a média, o que pode ser atribuído à alta mortalidade juvenil ocorrida nestas faixas em geral (ver TAVARES, 2007; WAISELFISZ, 1998). Num estudo da UNESCO, Waiselfisz (1998) sinaliza que uma atenção desdobrada merece ser voltada para a questão de segurança e violência em relação à população masculina, especialmente nesta faixa etária, como se vê em itens a seguir neste artigo.

Quando se agrega a próxima faixa etária (20 a 39 anos) aos mais jovens, está-se agregando uma população que nasceu antes da intensa queda de fecundidade, e, assim, percebe-se que o conjunto dos homens que têm menos de 40 anos já não declina proporcionalmente com a mesma intensidade que a faixa mais jovem (ver Tabela 2 no anexo). A população do bairro que tem até 40 anos de idade, era de 79,8%, em 1991, e 75,6%, em 2000. A tendência geral é que, paulatinamente, com o avançar da idade, as mulheres passem a ser cada vez mais numerosas que os homens.

Na faixa acima de 40 anos, a predominância feminina aumenta ainda mais significativamente, e os filhos começam a atingir uma idade em que podem contribuir significativamente para o cotidiano da casa com serviços e/ou renda ou quando saem para formar as suas próprias casas. Mais freqüentemente, a mulher habita e organiza a sua casa sem marido e com o apoio dos seus próprios filhos, residentes ou não.

Mas é importante também identificar uma outra questão que aparece quando comparamos as proporções de homens e mulheres com os dados gerais do Recife. Estabelece-se um padrão que se reforça também para todas as outras faixas etárias mais avançadas: o Ibura apresenta uma proporção de homens

significativamente superior à proporção de homens na população geral da cidade. Não fica claro porque isto acontece, mas é provável que se deva, em parte, à migração de mulheres para outros bairros, especialmente em virtude da residência no emprego doméstico, do casamento ou de acompanhamento a filhos que ascenderam na vida e as chamaram. Os homens não parecem possuir a mesma mobilidade, ficando mais sujeitos a uma segregação residencial, uma endogamia de classe mais intensiva e menor integração nas casas dos seus filhos. Morar no trabalho é uma opção pouco disponível ao homem. Já as mulheres, mais dedicadas ao emprego doméstico têm esta opção mais disponível. Mais difícil ainda é ele encontrar uma parceria conjugal que resulte numa melhora de status e nível socio-econômico ou um filho que chame para morar. Tendo mais de 40 anos, a procura de trabalho e a atividade de reprodução já se concentram mais intensivamente, com a maioria da população formando casais e famílias. Muitas atividades giram em torno da garantia do consumo para a família e da criação dos filhos.

Assim, ao mesmo tempo em que as mulheres são a maioria da população acima dos 40 anos de idade, os homens são proporcionalmente mais presentes no bairro do Ibura que na cidade em geral, evidenciando uma segregação residencial masculina e as barreiras à ascensão dos homens por meio de trabalho doméstico, migração e casamento. Estabelece-se o bairro como um espaço de convivência masculina e feminina em diferentes faixas etárias que reporta a facetas muito plurais.

Entre os residentes do Ibura o caminho, então, é duplo: com o avanço da idade, cada vez mais, as mulheres estão se vendo numericamente majoritárias nas casas onde residem; porém, o ritmo desta mudança no bairro não é tão intenso quanto na cidade como um todo, pois elas contam com a presença de uma quantidade maior de homens no cotidiano do bairro.

Nestas faixas etárias acima de 40 anos, a população cresceu de 20,2%, em 1991, para 24,4%, em 2000 e, com isso, contribuiu para incrementar a importância da atenção à população adulta e,

especialmente à mais idosa, que está em franco crescimento. De acordo com a Tabela 1, pode-se perceber que a grande longevidade alcança de uma forma mais limitada o Ibura (como também ocorre em outras regiões pobres), mas não deixa de surtir efeitos muito importantes em questões como acesso à previdência, organização de associações voltadas para a terceira idade e os direitos de cidadania do idoso, muito marcantes em diversas comunidades do Ibura, como detalhou o estudo de Lage (2007) para Três Carneiros.

A população que, quando jovem, mobilizou-se para lutar para a construção das comunidades que compõem o bairro desde os anos sessenta e setenta, hoje se encontra nesta faixa acima dos 40 anos de idade e, em muitos casos, ainda está envolvida na promoção e defesa das comunidades que construíram, enfrentando as mudanças nas formas de representação da comunidade que afetam toda a organização associativa, incluindo associações de moradores, clubes de mães e outras entidades promotoras de segmentos específicos da sociedade.

Para os muitos que vivem de serviços que requerem força física, o mercado de trabalho, já excludente, começa a excluir ainda mais os mais idosos e, para boa parte da população, as aposentadorias e os benefícios salvaguardam uma autonomia mínima, fazendo com que, como diz Camarano (2004; CAMARANO *et al*, 2005), seja vantajoso economicamente ser uma família que inclui um idoso, seja como chefe, seja como componente dependente.

O envelhecimento populacional - o outro lado da queda da fecundidade - e a extensão da expectativa de vida, já afeta o Ibura. Apesar de ser uma população de baixa renda sujeita a condições sócio-econômicas desgastantes, os mais idosos (acima de 60) que representavam uma parcela diminuta (5,3%) da população total do bairro, em 1991, já somavam 6,9%, em 2000, e continuam aumentando proporcionalmente.

A infraestrutura urbana: água, luz, saneamento e pavimentação

A própria área geográfica onde o Ibura se situa traz alguns desafios para a sua inserção na história da expansão e do aproveitamento da infraestrutura urbana recifense, especialmente em relação à gerência de recursos hídricos, energia e pavimentação.

As Associações de Moradores têm lutado muito para garantir as condições de infra-estrutura do bairro, sendo percebidas pela maioria como o canal mais legítimo de veicular estas demandas. Com o desenvolvimento do mecanismo do orçamento participativo por várias gestões da prefeitura, algumas das obras propostas ganharam um formato institucionalizado para discutir e tornar mais visível quem prioriza qual ação.

Embora esteja afastado das áreas de mangues, tão comuns ao resto da cidade, o Ibura não escapa de alagamentos ocasionais que se relacionam à forma com que o planejamento do uso da área urbana tem acontecido no Recife. Além disso, o bairro é entrecortado por alguns riachos, a maioria contida por construções de concreto, e possui sérios problemas de drenagem. Estes problemas se apresentam de forma diferente, de acordo com as estações do ano. O inverno (de abril a agosto) é o período mais crítico, quando a ameaça de queda de barreiras nos locais mais íngremes leva a CODECIPE (Companhia de Defesa Civil de Pernambuco) a orientar a população sobre como se proteger. Por sua vez, os locais mais baixos e com drenagem inadequada, inclusive os situados na beira dos canais (como Lagoa Encantada, Pantanal e Buraco do Sapo, na UR-10), enchem de água.

A população não conseguiu fugir inteiramente do problema de cheias, um dos motivos importantes para a formação do bairro. Se o local onde o bairro se desenvolveu inicialmente foi escolhido justamente como proteção das zonas de alagamento, o problema tem se tornado crítico com a expansão do espaço utilizado para construir moradias, quando está associado ao

grande número de casas que historicamente não têm fossas ou cujas fossas são inadequadas. Os movimentos sociais já registraram de forma contundente este problema (ETAPAS, 1987) na UR-10. Os muitos canais que correm a céu aberto a enchem de dejetos constituem focos de atração de muriçocas e ratos. Há um reservatório permanente de água na área Pantanal, cuja utilização é precária.

A falta de água para uso doméstico se destaca durante o ano inteiro. O Ibura de Baixo, em 2000, tinha a quarta parte das suas casas com poço ou nascente, o que o diferenciava bastante das URs, que somente tinha 7,7% nessa situação. Mesmo que os dados oficiais deste ano informassem que 89% das habitações localizadas na área das URs e 70,6% das casas do Ibura de Baixo estivessem conectadas à rede de distribuição pública de água, isto não implicava que sempre houvesse disponibilidade de água, pois, historicamente, são freqüentes as faltas e racionamentos, provocando longas horas sem água nas torneiras.

Não é de se admirar que, nos tempos de maior racionamento, a estação de água da COMPESA (Companhia Pernambucana de Saneamento) tenha sido o local preferido para manifestações contra o percebido descaso da cidade para com este bairro periférico. Nos documentos elaborados para subsidiar as lutas de associações comunitárias nos anos oitenta, a importância desta questão ganhou destaque. Na comunidade UR-10, em 1987, pesquisas detalhadas dos próprios moradores do bairro mostraram que além da água com registro da COMPESA (60%), ela chega para os outros domicílios via ligações clandestinas (21%) ou em cacimbas e poços (19%) (ETAPAS, 1989, p. 33). Em todo o Ibura há lugares de acesso mais difícil que ainda não têm água encanada. Nas ocupações nos interstícios das outras comunidades, como Milagres, ou nos mais inacessíveis, como o Alto da Esperança, a garantia de água e de infraestrutura terminam mobilizando uma parte da população para tentar suprir as faltas, coisa que ocorre com menos freqüência nas URs que foram

construídas já com redes existentes e outros elementos de infraestrutura mais presentes.

Mesmo que 96% dos domicílios possuam banheiros ou sanitários, o tipo de esgotamento sanitário existente expressa uma diferença gritante nas condições sanitárias dos locais mais pobres, quando comparados aos mais ricos do Recife. O Ibura, em 2000, possuía uma porcentagem bastante reduzida de rede geral de esgoto ou pluvial (14%, no Ibura de Baixo e 34,3%, nas URs), recorrendo a muitas fossas rudimentares (62% e 52,8%, respectivamente). Nos bairros mais abastados, como Casa Forte e Boa Viagem, os números são o inverso: em Casa Forte, 98,5% do esgotamento sanitário estava ligado à rede geral ou pluvial; em Boa Viagem, 70,6%. A cobertura da rede geral ou pluvial no Ibura de Baixo e nas URs também é reduzida, quando comparada à da cidade do Recife como um todo, que é de 44% (QUADROS & LONGHI, 2004).

Pelos dados do IBGE, o acesso à energia elétrica é generalizado no bairro desde antes do ano 2000. Não deixa de haver casas com ligações de energia clandestinas, gente que queixa de faltas de energia ocasionais e da energia ser "fraca". Melhorar a limitada iluminação pública ainda é um desafio para os que procuram promover a segurança noturna no bairro.

A pavimentação das ruas principais também está bastante avançada, mesmo considerando as comunidades de ocupação nas ladeiras, que não favorecem esta melhoria (no máximo possuem escadarias, que são muito prezadas pela população), e as comunidades de ocupação mais recente, bastante desprovidas. Sempre há reivindicações atuais em torno da pavimentação de algumas ruas residenciais laterais e da manutenção da pavimentação existente, tapando buracos e recapeando áreas atingidas por água corrente.

Junto com a melhoria da pavimentação e o crescimento do bairro, há uma crescente demanda de acesso ao transporte coletivo urbano – uma necessidade fundamental para o bairro que depende dos ônibus para o transporte ao trabalho em Boa

Viagem, no Centro, e no próprio bairro. As comunidades têm pleiteado e conseguido um maior número de ônibus por linha e um aumento na quantidade de linhas, entre elas, as que dispõem de transporte dentro do próprio bairro ou nos bairros nas proximidades. Mesmo assim, a população se sente precariamente servida, pois o aumento verificado não é satisfatório, na perspectiva de muitos moradores. A própria distância dos principais mercados de emprego urbano requer viagens longas, e quem trabalha fora do bairro durante o dia tem que programar muito tempo adicional para o transporte. O peso do transporte de ônibus no orçamento das famílias é grande, como em muitos outros bairros residenciais periféricos. Além disso, quem usa este meio de transporte convive com a insegurança gerada pelos assaltos freqüentes e o desconforto da superlotação nas horas de "rush".

Instrução, Rede Escolar e Religião

A rede escolar no Ibura é bastante diversificada, misturando escolas particulares, municipais e estaduais. Em outubro de 2008, a Secretaria Estadual de Educação incluía no seu cadastro 38 escolas particulares, 39 municipais e 9 estaduais, estas últimas respondendo pela demanda de ensino médio. Tem havido uma ampliação significativa nos últimos dez anos. Há cursos supletivos, um número limitado de creches, e há tempos se registram algumas escolas comunitárias e alguns programas especiais que recebem apoio de organizações não governamentais. As escolas secundárias e profissionalizantes mais procuradas são Prof. Jordão Emerenciano, (UR-2); Mal. Eurico Gaspar Dutra - "Marechal" (UR-11/UR-6), e Dom Sebastião Leme (Lagoa Encantada), e já houve uma grande edificação para a política nacional de CAICs em Pantanal que foi desmontada nos anos noventa quando serviu como ponto para abrigar famílias desalojadas pelas chuvas e, depois, virando projeto habitacional.

Mesmo contando com um número razoável de instituições educacionais, predomina o baixo grau de instrução. Tomando como referência os dados do último censo, que reportam sobre os responsáveis pelos domicílios em 2000 (Tabela 3 no anexo), vê-se que quase dois terços da população estudou menos de 8 anos (Ibura de Baixo, 62,23% da população e URs, 66,12%).

Quando comparamos o ano de 2000 em relação à situação de 1994, quando a quinta parte dos chefes de família tinha um ano ou menos de instrução, podemos verificar que houve melhora. Se, em 1994, havia apenas 12% das pessoas com mais de 10 anos de estudo, em 2000 esse percentual passou para quase 20% (Tabela 3 em anexo). Durante o tempo de estudo, muitos alunos são sujeitos às altas taxas de repetição de ano, semelhante ao que foi documentado em Três Carneiros, que registrou repetência em 58,14% das famílias com filhos na escola (ETAPAS, 1993, p. 30). É freqüente encontrar variações de idade bastante significativas dentro de cada série, devido a estas repetições. Levando-se em conta a melhora ocorrida em 2000, quando comparamos com a situação de 1994, a expectativa é desta proporção ter melhorado nos últimos oito anos, mas a inexistência de estudos recentes não permite aferir algo sobre o assunto.

As escolas secundárias do bairro conseguem um baixo percentual de aprovação dos seus alunos no vestibular e nas provas de ENEM, e as escolas particulares do centro da cidade são caras e distantes, fazendo com que sejam disponíveis a apenas alguns poucos residentes do bairro. Os estudos da Etapas na UR-10 e em Três Carneiros mostram que o problema de desistência por necessidade de trabalhar ou por simples perda de interesse nos estudos parecem estar contribuindo mais que a própria falta de escolas em si para a continuação de baixos níveis de instrução. Queixas sobre falta de escolas locais são mais freqüentes nas comunidades mais distantes, como Três Carneiros, onde historicamente os alunos precisavam se deslocar para estudar fora da comunidade (ETAPAS, 1993, p. 31), predominantemente em outras escolas das redondezas.

Onde a pluralidade dos moradores do Ibura se destaca cada vez mais é nas opções religiosas. Sobretudo, são católicos, mas a diversidade se amplia. A área dispõe de uma admirável variedade de religiões e templos cristãos, de terreiros afro-brasileiros e casas espíritas, sendo um bom exemplo de bairro popular onde a penetração das religiões protestantes e evangélicas cresce visivelmente, fato amplamente documentado nos estudos de Couto (2001; 2002).

Existem grupos informais vinculados a estas religiões, que desenvolvem diversas atividades, desde aquelas relacionadas à defesa do bairro até a ligas de recreação, formando um importante estímulo para a organização e direcionamento de lazer e de trabalho. A diversidade destas crenças fornece orientações cognitivas e espirituais diferenciadas entre os moradores. Isto é especialmente significativo para a interação com população, que deve levar em conta a existência de demandas muito diferenciadas num mesmo espaço social.

Renda, trabalho, consumo e diversões

Em ambas as áreas, a renda média familiar é em torno de dois e meio salários mínimos, não havendo diferenças muito grandes de uma área para a outra. A área das URs se apresenta com níveis de renda ligeiramente inferiores aos do Ibura de Baixo. Há algumas modificações significativas de 1991 para 2000. Focalizando os responsáveis por domicílios (e não na renda familiar) neste período, o Ibura aumentou bastante no número de responsáveis sem rendimento (de 7% para 14,4%), mas para quem tem renda, há uma diminuição no número de responsáveis com renda abaixo de um salário mínimo, tendo como um dos motivos prováveis a extensão de transferência de renda do governo para eles, fato que certamente aumentou em anos mais recentes.

Nos dois períodos destacados (1991 e 2000), aproximadamente a metade da população recebia até dois salários mínimos. As características da distribuição de renda são

acompanhadas por outras, relacionadas à organização dos grupos domésticos. Por exemplo, dentre os responsáveis pelos domicílios com menores níveis de renda, continua havendo uma maior proporção de mulheres chefes de família. Também há repercussões em relação à quantidade de pessoas residentes que estão no mercado de trabalho, pois é necessário que vários membros da família - conjuges, filhos, filhas e outros parentes - estejam empregados ou ocupados, para que os grupos domésticos possam ter o suficiente para o seu consumo.

Com base nos dois estudos da Etapas no final dos anos 80 e início de 90, fica evidente que a população do Ibura é uma população trabalhadora. Nessa época, quase a metade das pessoas que trabalhavam na UR-10 e em Três Carneiros (ETAPAS, 1993) tinha empregos fixos, e aproximadamente dois terços das pessoas com emprego fixo tinham carteira assinada. Proporcionalmente, eram as mulheres, mais do que os homens, que não tinham carteira assinada. Biscateiros e vendedores ambulantes também formaram um grande contingente da força de trabalho na época, constituindo mais que a quarta parte dela. As pensões e aposentadorias que eram as fontes mais importantes para acima de 13% da população com renda nessa época, têm crescido em importância.

Não é fácil encontrar trabalho. Se muitos que reportaram estar desempregados (13% da população acima de 10 anos na UR-10, em 1988, e quase 30% da população economicamente ativa de Três Carneiros, em 1993), estes índices estavam tendendo a crescer em toda a região em 2000, com oscilações nos anos posteriores. A luta para complementar renda e para encontrar emprego leva a população a investir fortemente no pequeno comércio e em serviços, o bairro estando repleto de placas de "costura-se", "manicure e pedicure". "vende-se picolé", "eletricista", "encanador", "consertam-se eletrodomésticos", bem como de pequenas mercearias e vendas de bijuteria, de lanches, etc. Os poucos grandes empregadores existentes no bairro, nos setores comerciais e industriais, não costumam

demonstrar nenhuma preferência clara para oferecer emprego a seus moradores.

A desocupação é notável, pois em todas as horas do dia é fácil encontrar homens e mulheres andando e conversando na rua, especialmente onde há pequenas concentrações de comércio nas UR-1, UR-2, UR-5, em Três Carneiros, Dois Carneiros, Belém de Judá, etc. Apesar de muitas pessoas trabalharem fora do Ibura durante o dia, isto não resulta num esvaziamento do bairro. Ele é muito mais que um bairro dormitório. As pesquisas históricas (ETAPAS, 1988; 1993) identificam 20% da população trabalhando no próprio Ibura, enquanto o restante depende sobretudo do transporte público para chegar aos seus locais de trabalho, primeiro, no Centro do Recife e em Boa Viagem, e depois, na Imbiribeira/Jordão, ou em municípios vizinhos. Atualmente, não dispomos de informações sistemáticas confiáveis que nos informem sobre a proporção de pessoas que trabalham no bairro e fora dele.

A limitação da renda da população, junto com o problema do desemprego, faz com que ela procure atividades de diversão que não implicam em despesas significativas. Televisão, rádio, esportes e visitas a parentes e amigos são as mais citadas na pesquisa da Etapas em Três Carneiros (1993, p. 38), e ainda uma boa parte frisa que gosta de dormir ou de não fazer nada, um discurso bem documentado para os jovens em outros bairros da periferia (FRANCH, 2000; 2002).

Na condição de desemprego na qual muitos se encontram, a linha divisória entre desocupação e lazer se torna ofuscada, pois às vezes é na conversa numa roda de amigos que aparece a oportunidade de realizar algum serviço remunerado, ou mesmo um emprego. O uso do tempo livre é importante nas diversas formas de socialização cotidiana que aparecem no bairro, tendo servido para reforçar a criação de grupos de jovens com muitas designações diferentes, incluindo aqueles denominados de galeras pelos de fora do bairro e às vezes por eles mesmos. Também tem sido fundamental na criação

de ligas de esportes, de grupos que participam nas lutas da comunidade, de grupos que se dedicam ativamente à sua religião, e de grupos ilícitos que ou fazem desordem, ou fazem combate à desordem, ou, muito freqüentemente, fazem ambas as coisas.

Um bairro violento e pacato: o ambiente social e sua pluralidade

No Recife, o Ibura tem fama de ser um bairro violento, e esta fama se transforma num estigma por causa do local de moradia, muito bem descrito por Nascimento Júnior (2008). Mesmo assim, em resposta às indagações sobre o local, ouvem-se repetidamente declarações de moradores do bairro que afirmam gostar do bairro porque é calmo, como uma de suas motivações para ali habitarem.

Os discursos e as ações são permeados por contradições. As mesmas pessoas que declaram que o bairro é tranqüilo dizem que preferem não sair à noite porque têm medo de assalto. Freqüentes são os avisos amigáveis de residentes, para quem os visita, de não ficarem até muito tarde no Ibura. Relatar algum acontecimento violento recente no bairro não é difícil para eles. E assim as histórias se amontoam. Não são diversas versões de poucos incidentes, e sim, muitos incidentes. Os defensores das suas próprias comunidades quase sempre têm cuidado de identificar a ação violenta como proveniente de comunidades vizinhas, mas não da sua própria comunidade.

Cabe perguntar se os dados existentes sugerem que o Ibura é, de fato, violento? E também cabe perguntar quais os significados ligados à vivência e à negação da violência no bairro? As violências vividas são muitas e ocorrem em esferas públicas e privadas, incluindo homicídios, acidentes, espancamentos, gerando diversas conseqüências, que podem ser evidenciadas em denúncias e em estatísticas de morbidade e mortalidade, entre outros locais.

Quais os dados que podem demonstrar se o Ibura é violento ou não e se está em transformação? Inicialmente, acompanha-se uma seqüência de estatísticas sobre mortalidade no final dos anos 1990, comparando-a com os dados da vigilância sanitária de 1994, apresentados em Scott (1996). Justamente como fazem Minayo e Souza (1998), Minayo (2001) e autores como Waiselfisz (1998) que têm dado andamento a estudos sobre violência com dados de mortalidade, focaliza-se no item "Causas Externas".

Desde o início dos anos 1990, Minayo e Souza (1998) já demonstraram que no Brasil inteiro, e, sobretudo nas regiões metropolitanas e capitais, estava ocorrendo um crescimento assustador da incidência relativa e absoluta de óbitos por causas externas, documentando, assim, o aumento da violência cotidiana. E, no Recife, o crescimento é o mais notável entre todos no período de 1980 a 1991, pois estas "causas externas" de morte (que são homicídios, acidentes de trânsito e suicídios), pularam de sexto para segundo lugar, só perdendo para doenças do aparelho circulatório (MINAYO & SOUZA, 1998; anotações da Palestra sobre Epidemiologia e Vigilância Sanitária - PCR, 1995).

É evidente que não se pode explicar este crescimento como o simples resultado de um aperfeiçoamento da tecnologia médica em lidar com as outras doenças (doenças circulatórias, neoplasias do aparelho respiratório, do aparelho digestivo, glandulares-endocrinológicas, infecciosas e parasitárias, etc., por ordem de ocorrência). O Distrito Sanitário 6 (do qual o Ibura faz parte), no início dos anos 1990, já foi líder em mortes por causas externas no Recife, com 26% do total de óbitos na cidade na década anterior. Nesta estatística, o Ibura era o bairro com a maior incidência: 9,5% de todo o Recife.

O Ibura tem 6,6% da população total do Recife, segundo os dados do IBGE para 1991. Enquanto em Pernambuco como um todo, as causas externas somam 11,4% das mortes, no Ibura chegavam a somar 16,3%. Estas mortes eram altamente seletivas

por sexo. Segundo os dados da Prefeitura para 1994, no Ibura, por cada mulher morta por "causas externas", há 20 homens mortos pelas mesmas causas (ver SCOTT, 1996). Estes dados demonstram claramente que o Ibura, na metade da década de 1990, tinha se tornado um bairro violento e que a violência mortal vinha selecionado os homens. Os dados dos anos seguintes (ver Tabela 5, de 1997 a 1999), sistematizados pela administração do distrito sanitário (PCR, 2004) e por Quadros e Longhi (2004), confirmam esta condição. Mostram ainda que, mesmo sendo basicamente masculina, também amplia os seus efeitos sobre as mulheres, sendo a causa predominante de mortes na faixa de 15 a 49 anos.

Para a população em geral, incluindo todas as faixas etárias, doenças circulatórias continuam como a primeira causa de morte e neoplasias ocupam o terceiro lugar, disputado também por doenças respiratórias. A comparação destes dados com os dados das micro-regiões vizinhas do IPSEP e Boa Viagem, que apresentam bastante diversidade e são mais prósperas, mostra que a proporção de mortes por causas externas é menor que a do Ibura de Baixo e das URs, em relação a doenças circulatórias e neoplasias. Isto realça a seletividade da mortalidade por classe social, como uma característica da violência urbana e torna muito evidente que existe uma multiplicidade de frentes nas quais os serviços de saúde precisam focalizar, levando em conta as faixas etárias, o sexo e as condições socioeconômicas.

A notoriedade que o Recife tem ganhado como cidade mais violenta do Brasil no Mapa de Violência elaborado pela UNESCO (WAISELFISZ, 1998) serve para identificar um problema a enfrentar. Esta mesma notoriedade ergue barreiras de significação que desafiam a criatividade da população para encontrar estratégias de defesa para sua moradia "pacata". Tanto Longhi (2008), que tem trabalhado no Ibura e na favela do Bode, quanto Nascimento Júnior (2008), mostram o quanto uma superênfase na violência também serve para ofuscar a importância de outras medidas sociais e sanitárias, em implantação ou a serem reivindicadas.

Voltando à questão da seletividade de gênero da violência no bairro, as pesquisas em delegacias, organizações não governamentais e com a população do bairro confirmam este fato. Barbosa *et al* (1996) são contundentes em demonstrar como os moradores do Ibura representam um cotidiano de medo e de agressão, e o quanto isto se relaciona também com uma socialização diferenciada por gênero, que tem como uma estratégia fundamental o controle da sexualidade das mulheres. A denúncia de crimes de violência doméstica é alta, especialmente quando se leva em conta que não há delegacias da mulher muito próximas ao bairro (Santo Amaro e Prazeres são as mais próximas). Se a violência da rua é aquela que se refere a homens contra outros homens e tem uma causalidade diversa, a violência doméstica é fortemente associada ao controle masculino sobre a sexualidade feminina, resultando em altas cifras de morbidade e de denúncias realizadas pelos movimentos de mulheres no Estado.

As campanhas feitas pelo Fórum de Mulheres em Pernambuco para contabilizar e divulgar a alta incidência da mortalidade feminina no Estado e nos bairros populares do Recife têm assegurado publicamente que as menores taxas de mortalidade relacionadas às mulheres, quando comparadas às dos homens, não sejam confundidas com a menor presença de violência na vida cotidiana das mulheres (FÓRUM, 2007). Os atos violentos dos quais elas são vítimas são, sobretudo, dos seus parceiros domésticos e sexuais (ver BARBOSA *et al*, 1996 e FÓRUM, 2007). Os dados do Fórum de Mulheres entre 2002 e 2007 para Pernambuco apontam parceiros ou familiares como agressores nos assassinatos de mulheres, e entre as delegacias de mulheres as queixas de agressão reportadas já nos anos 1990 indicavam acima de 90% de agressores que eram parceiros ou familiares. Reportagens do Jornal do Commercio, datadas de 2008, ressaltam que o Ibura está na “liderança” destas estatísticas.

Em pesquisa feita no Ibura (BARBOSA *et al*, 1996), percebeu-se que as mulheres se auto acusam como violentas muito

mais que os homens. Isto não quer dizer que sejam mais violentas! Pois esta auto-acusação se dá num ambiente onde há uma expectativa muito maior que os homens revidem, pois “eles não levam desaforo para casa”. As mulheres assumem muito mais a responsabilidade de conversar sobre sexo com as suas filhas e filhos. O modelo ideal, delas e deles, é do pai falar com o filho, mas efetivamente quando o silêncio não impera (que ocorre em torno da metade das vezes), as mulheres são, de fato, quem fala. O aprendizado sobre sexo que não se ganha em casa, e que chega para além dos amigos e amigas, vem de fontes diferentes para homens e mulheres. Como dizíamos em 1996:

Então, em geral, a orientação¹⁰ sexual, mesmo se cada vez mais presente para as gerações mais novas, não costuma ser uma atividade que as pessoas associam com as suas próprias famílias, e contem uma divisão entre os homens em “aprendizes ativos na rua”, e as mulheres em “protegidas na tutela do Estado”, especialmente do seu braço sanitarista (BARBOSA *et. al*, 1996, p. 141).

A repressão da sexualidade feminina se dá pelo controle, muitas vezes pela violência, e não por um silenciamento total da sexualidade enquanto assunto de conversa. A intolerância e o controle resultam em opiniões estigmatizantes e patologizantes sobre prostituição e, ainda mais, sobre homossexualidade, abrindo outras frentes para agressões relacionadas ao sexo (BARBOSA *et. al*, 1996, p. 145).

Não só a questão de gênero ressalta as especificidades que devem ser levadas em conta ao tratar da violência, para que possa ter maior eficácia tanto para homens quanto para mulheres. A questão geracional também é importante, pois entre crianças agredidas sexualmente, Barbosa *et al* (1996) reportam dois terços como do sexo feminino.

¹⁰ Termo utilizado no sentido de aconselhamento, e não de preferência.

É mais difícil responder à pergunta sobre as significações ligadas à vivência e à negação da violência geral no bairro. Os residentes do Ibura convivem permanentemente com o medo, coisa que tem aumentado tanto no Brasil como no mundo, que já serviu como tema para debate de três dias num grupo de trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais Programas de Pesquisa (trabalhos em ZALUAR, 2007).

No Ibura, algumas comunidades foram identificadas (notavelmente Três Carneiros, Dois Carneiros e Vila dos Milgres) com a ação freqüente de grupos criminosos. Com a apreensão e afastamento dos criminosos e o trabalho cuidadoso e consciente de associações comunitárias na criação de ações que promovem a busca dos direitos da cidadania, essas comunidades tentam modificar a identificação com o crime e construir uma identidade mais fortemente voltada para seus residentes trabalhadores mais pacatos e mais ativos na busca da cidadania, mesmo diante de reincidências ocasionais de violência.

Hoje em dia, ainda há criminosos espalhados pelas comunidades e o combate a eles conta com algumas ações organizadas por diversos grupos, além das da própria polícia, que já instalou quatro postos de policiamento ostensivo no meio dos anos 1990 (UR-11, Monte Verde, Três Carneiros e UR-1), e uma delegacia no bairro, como também um centro integrado de polícia comunitária. Também se investiu na capacitação de policiais, mas, mesmo assim, a comunidade não se sente mais tranqüila, pois vive-se a ambigüidade das extraordinárias limitações para desempenhar as funções protetoras e de solidariedade, de um lado, e as ações tempestivas de repressão aos crimes que tumultuam os ambientes locais onde ocorrem, de outro lado.

Continua existindo uma "turma do apito", mesmo que tenha modificado o seu nome e *modus operandi* em vários locais. Realiza serviços independentes de vigilância noturna, e ainda há grupos de extermínio que perseguem os criminosos, mas sobre os quais os dados particulares são, invariavelmente, apenas

parciais. Eles atraem ações preventivas e de desmonte dos poderes públicos. O pagamento para "proteção" do comércio ocorre em alguns locais, e comerciantes cuidadosos invariavelmente mantêm os seus estabelecimentos gradeados. Há quem pleiteia a instalação de mais postos policiais (FAGES, 1999), e há quem ache a existência do posto policial um chamariz para a criação de conflitos mais visíveis na comunidade.

Talvez, os mais visíveis dos grupos no Ibura sejam as "galeras", integradas por jovens que, às vezes, acirram rivalidades, levando a demonstrações de solidariedade e força a ponto de chegarem a episódios de violência e morte, inclusive de pessoas não envolvidas nas galeras, como ocorreu no caso dos tiros dados por membros da uma galera de Monte Verde/Zumbi de Pacheco contra um ônibus no qual andavam membros de uma galera rival, resultando na morte de passageiras do ônibus, nos anos 1990.

As informações sobre envolvimento de grupos com tráfico de drogas e ações criminosas estão constantemente veiculadas na mídia, ora ressaltando a juventude dos autores, ora a experiência e organização dos seus integrantes com rotulações acusatórias provenientes, sobretudo, da linguagem das forças de segurança pública. Assim, a reputação negativa proveniente das ações de alguns grupos e galeras, leva à construção de uma imagem negativa que é generalizada para todos os grupos e galeras do bairro.

No final de 2001, a captura do seqüestrador Jones repercutiu muito negativamente na imagem do bairro e especialmente na sua comunidade. Já em 2007, o realce do Ibura na reportagem premiada do Jornal do Commercio sobre a Anatomia da Violência Urbana, leva à referência caricatural do bairro como "a ferida mais profunda na tragédia urbana". Os jovens do Ibura associados aos movimentos comunitários lutam constantemente para ressignificar as ações dos grupos de jovens no bairro, para desfazer a estigmatização sofrida por sua situação residencial (NASCIMENTO JÚNIOR, 2008).

Aprendendo as horas e os locais onde se pode andar com alguma segurança no seu próprio bairro ou trabalhando para construir um espírito de comunidade, os residentes, mesmo

se às vezes inconscientemente, procuram elementos que podem ser usados no empenho de melhorar o bairro, fixando-se em elementos positivos. Negar a violência cotidiana no Ibura é fechar os olhos a uma realidade social inquestionável, mas a uma realidade que é generalizada para o Recife como um todo e o Brasil (TAVARES, 2007). Os moradores que positivam suas ações e minimizam a valorização da violência enquanto elemento de construção da identidade do bairro estão lutando para criar uma imagem suportável do ambiente urbano. O paradoxo da vivência de um bairro cujos residentes o representam como ao mesmo tempo violento e pacato parece residir, em parte, neste esforço.

Para que tal empreendimento tenha mais êxito, é preciso que haja uma maior visibilidade das ações dos jovens (além dos muitos outros aliados deles!) que, como ressalta Longhi (2008) estão “viajando no seu cenário” e reconhecem uma dívida com as pessoas que os criaram e que com eles convivem, levando a investimentos que fazem esses locais melhores para viver.

O Ibura e a pluralidade

O bairro do Ibura é um local onde pessoas que residem lutam para preservar e promover as suas condições de vida diante de uma estrutura econômica e política que não lhes oferece muitos meios eficazes.

Levando-se em conta a composição de idade e de sexo, a composição familiar e as relações de poder, a ocupação econômica, a instrução e a religião, a caracterização do bairro popular do Ibura resiste a simplificações que a associam quase exclusivamente a elementos estigmatizantes como a violência e a pobreza, fazendo com que seja muito mais prudente entender que se trata de um bairro extraordinariamente populoso e variado com um movimento popular ativo e uma multiplicidade de contextos de vida que abrange demandas de pessoas de diferentes idades, sexos, e histórias particulares e comunitárias.

O que melhor caracteriza o bairro, então, é a noção de pluralidade, e esta noção requer que se debruce sobre cada questão vivida para compreender as implicações e potencialidades de organizar atores e instituições na procura de estratégias de enfrentamento de problemas e promoção da comunidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paulette Cavalcanti de. *Educação Popular em Saúde no município de Recife: em busca da integralidade*, Tese de doutorado, Rio, Fiocruz, 2005.

BARBOSA, Sônia Maria Costa; BARBOSA, Cláudio Manuel; SANTOS, Fernando Vinícius B.; SCOTT, Parry. *Violência e Sexualidade no Ibura*. In: SCOTT, R. P. (Coord.). **Saúde e Pobreza no Recife: gênero, poder e representação de doenças no bairro do Ibura**. Recife: NUSP/Editora Universitária - UFPE, 1996, p.131-159.

CAMARANO, A. A. (Org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?*. 1. ed. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, A. A.; BELTRAO, K. I. ; MELLO, J. L. E. *Mudanças nas condições de vida dos idosos rurais brasileiros: resultados não-esperados dos avanços da seguridade rural. Texto para Discussão n.1066*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-17, 2005.

CORDEIRO, Joselma Cavalcanti. *A promoção da saúde e a estratégia de cidades saudáveis: um estudo de caso no Recife, Pernambuco*. Recife, Tese de doutoramento, NESC/CPQam,/FIOCRUZ, 2008.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COUTO, Márcia Thereza. *O Pluralismo religioso intrafamiliar e as transformações recentes nos campos da família e religião*. **Teoria & Sociedade** (UFMG), Belo Horizonte, v. 8, p. 78-97, 2002.

_____. *Pluralismo Religioso em famílias populares: poder, gênero e reprodução* (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Medicina e o médico na boca do povo*. **Anthropológicas**, V. 9, Ano 4, Recife, PPGA, 2001, p. 7-14.

_____. *A outra saúde: mental, psicosocial, físico-moral?*. In: ALVES, P. C. & MINAYO, M. C. (Org.). **Saúde e Doença: um Olhar Antropológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

ETAPAS (Equipe Técnica de Assessoria, Pesquisa e Ação Social) *Três carneiros: Conhecendo nossa realidade, nossos direitos em Recife*, Recife, ETAPAS, 1993.

_____. *UR-1 - Lutando venceremos*, Recife, ETAPAS, 1991.

FAGES. *Em busca de Saúde*, vídeo sob a direção Parry Scott, edição NUSP, 1999 (apoio JICA).

FÓRUM de Mulheres de Pernambuco. *Fórum de Mulheres diz que falta assistência à mulher vítima de violência em Pernambuco reproduzido em Fórum de Entidades nacionais de Direitos Humanos*, 27 de julho de 2007. Disponível em: <http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=3492&Itemid=1>. Acesso em: 30 jul. 2007.

FERNANDES, Magda Fernanda Medeiros. *Mulher, família e reprodução: do controle à intervenção branca*. Recife. 2000. (Dissertação de mestrado) - PPGS-UFPE, 2000.

FRANCH, Mónica. *Nada para fazer? um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife*. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 117-134, jul-dez. 2002.

_____. *Tardes ao léu: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens da periferia*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) PPGA-UFPE, Recife, 2000.

FRANCH, Mónica; CARNEIRO, Rosa; SARINHO, Sílvia; LAGO-FALCÃO. *Adolescência, Risco e Universalidade: tendências e perspectivas sobre mortalidade neonatal*. **IV Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Saúde**, Salvador, 2007.

LAGE, Wanda. *Uma andorinha só não faz verão: um estudo sobre a velhice feminina e a sociabilidade num bairro popular recifense*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - PPGA-UFPE, Recife, 2007.

LONGHI, Márcia Reis. *Viajando em seu cenário: reconhecimento e consideração a partir de trajetórias de rapazes de grupos populares do Recife*. Tese (Doutorado em Antropologia), PPGA-UFPE, Recife, 2008.

MINAYO, Maria Cecília Souza de. *Tendências na Qualidade de Vida*. In: Recife: **Seminário de tropicologia**, texto de distribuição, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. *É possível prevenir a violência*. **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. IV, n. 1, p. 7-32, 1999.

NASCIMENTO JÚNIOR, Joaquim Izidro. *Moro no Ibura: a construção de um estigma*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Ciências Sociais) - UFPE, Recife, 2008.

OBSERVATÓRIO PE, *CD de dados do Censo do IBGE 1991, 2000*. (CMG-UFPE, NESC-CPQAM, FASE-PE), 2003.

PCR- PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. *Distrito Sanitário VI. relatório de gestão*, Recife, 2004.

QUADROS, Marion Teodósio de. *Homens e Contracepção: Práticas sexuais e valores masculinos na periferia do Recife*. Tese (Doutorado em Sociologia) - UFPE, Recife, 2004.

QUADROS, Marion Teodósio de; LONGHI, Márcia Reis. *Perfil da Situação de saúde do Ibura. Relatório interno da pesquisa Estilos reprodutivos Masculinos e femininos e Organizações representativas*, Recife, 2004.

ROUQUAYROL, Maria Zélia; ALMEIDA FILHO, Naomar. *Epidemiologia e saúde*. 5a ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1999.

SARINHO, Silvia Wanick; MELO PSS ; LIMA, T. S. B. O. ; SPOSITO V. *Evitabilidade dos óbitos infantis em dois Distritos Sanitários do Recife: contribuição ao sistema de saúde. Anais da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco*, v. 51, 2006, p. 144-148.

SCOTT, Parry. *Gênero, Família e Comunidades: Observações e aporte teóricos sobre o Programa Saúde da Família* In: VILLELA, Wilza; MONTEIRO, Simone (Org.) **Gênero e Saúde: o Programa de Saúde da família em questão**. Rio de Janeiro: ABRASCO; Brasília: UNFPA, 2005a. p. 73-98.

SCOTT, Parry. *Agentes Comunitários e Saúde Reprodutiva: uma experiência recente no Nordeste Brasileiras*. In: OLIVEIRA, Maria Coleta de e ROCHA, Maria Isabel Baltar da (Org.). **Saúde Reprodutiva na esfera Pública e Política**. Campinas: UNICAMP, 2001. p. 49-69.

SCOTT, Parry. *Risco, Reprodução e Gênero na Mortalidade Infantil*. In: ZALUAR, Alba Maria. (Coord.) **Trabalhos do GT 35, Vitimização: risco objetivo e percepções de risco ou novos dados, novos movimentos**. XXXI Encontro Anual da ANPOCS. Caxambú: ANPOCS, 2007.

_____. *Gerações, comunidades e o Programa Saúde da Família: Reprodução, disciplina e a simplificação administrativa.* In: BARROS, Myrian Lins de (Org.) **Família e Gerações.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 107-129.

_____. *Prevenção e Poder na transformação de programas de agentes comunitários de saúde (PACS) em Programas de saúde da família (PSF).* In: CAROSO, Carlos (Org.) **Cultura, Tecnologias em Saúde e Medicina: Perspectiva Antropológica.** Salvador: UDUFBA, 2008. p. 259-268.

_____. *Ciclos domésticos e moradia urbana.* In: **XXIII Reunião Nacional de Antropologia.** 2002, Gramado. Anais do XXIII reunião Nacional de Antropologia. Gramado: Associação Brasileira de Antropologia, 2002.

_____. *Dez barreiras à promoção de saúde no Programa de Saúde da Família.* In: **III Congresso brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde: desafios da fragilidade da vida na sociedade contemporânea,** 2005b, Florianópolis. III Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde: desafios da fragilidade da vida na sociedade contemporânea, 2005.

SCOTT, Parry (Coord.). *Saúde e Pobreza no Recife: gênero, poder e representação de doenças no bairro do Ibura.* Recife: NUSP/Editora Universitária - UFPE, 1996.

SCOTT, Parry; FRANCH, Mónica. *Jovens, moradia e reprodução social: processos domésticos e espaciais na aquisição de habilidades e conhecimentos.* **Estudos de sociologia,** PPGS, Recife, v. 7, n 1/2, jan-dez 2001.

SCOTT, Parry; HOFFNAGEL, Judith; QUADROS, Marion; SECRETARIA DE SAÚDE. *População do Recife: Censo Demográfico e Projeções 2001 a 2009*, Recife, PCR, 2007.

SECRETARIA DE SAÚDE. *10 anos do Distrito Sanitário VI, Capítulo IV: Vigilância Epidemiológico*. Recife, PCR 2004 (versão em arquivo eletrônico).

TAVARES, Davi Kiermes. *Vidas diluídas na criminalidade urbana: uma experiência etnográfica com jovens infratores na periferia do Recife, VII Reunião de Antropologia do Mercosul*, GT34 Políticas públicas e antropologia nas áreas de direitos humanos e segurança, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=133> . Acesso em: 18 jan. 2008.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, M. N. A. *Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 1. ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VILLELA, Wilza; MONTEIRO, Simone (Org.) *Gênero e Saúde: o Programa de Saúde da Família em questão*. Rio de Janeiro: ABRASCO; Brasília: UNFPA, 2005.

WASELFISZ, Julio Jacob. *Mapa da violência: os jovens no Brasil: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

ZALUAR, Alba Maria. (Coord.) *Trabalhos do GT 35, Vitimização: risco objetivo e percepções de risco ou novos dados, novos movimentos*. XXXI Encontro Anual de ANPOCS, Caxambú, ANPOCS, 2007. (<http://201.48.149.88/ANPOCS>)

ANEXOS: TABELAS E MAPAS

TABELA 1: IBURA E RECIFE,
PORCENTAGEM DE POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA EM
1991 E 2000

Faixa Etária (anos) /Local e ano	Ibura (Ibura + COHAB) (%)		Recife (%)
	1991	2000	2000
0-9	22,6	19,3	15,4
10-19	24,1	20,8	19,6
20-29	20,2	19,5	18,7
30-39	12,9	16,1	15,8
40 - 49	9,0	10,6	12,0
50 - 59	5,8	6,8	7,7
60-69	3,4	4,2	5,1
70-79	1,4	2,0	3,1
80+	0,5	0,7	1,2
Total (n)	100 (85.362)	100 (112.915)	100 (1.422.905)

Fonte: Dados do Observatório PE, CD de dados do Censo do IBGE de 1991, 2000 (CMG-UFPE, NESC-CPQAM, FASE-PE), 2003.

TABELA 2: PORCENTAGEM DE HOMENS NO TOTAL DA POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA NAS MICRO-ÁREAS DO IBURA E NO RECIFE EM 2000

Faixa Etária (anos) /Local	Ibura (% de homens)		Recife (% de homens)
	Ibura	Cohab	2000
0-4	50,1	51,6	50,9
5-9	51,3	50,1	50,9
10-14	50,2	50,8	50,3
15	50,4	49,3	50,0
16-17	48,4	48,7	49,2
18-19	48,5	50,1	48,8
20 - 24	47,8	50,3	48,1
25 - 29	49,4	47,8	46,5
30-34	48,7	47,3	46,1
35-39	47,1	45,5	45,6
40-44	46,9	46,3	45,1
45-49	47,0	44,3	43,4
50-54	45,3	42,8	43,1
55 - 59	43,2	43,7	41,1
60 - 64	40,5	41,4	39,4
65-69	39,4	41,9	38,0
70-74	42,8	40,5	36,4
75-79	40,2	43,9	36,7
80+	36,5	34,2	31,0
Total	47,9	47,8	46,5

Fonte: Observatório PE, CD de dados do Censo do IBGE 1991, 2000 (CMG-UFPE, NESC-CPQAM, FASE-PE), 2003.

TABELA 3: ANOS DE ESTUDO DE RESPONSÁVEIS DE DOMICÍLIOS NO IBURA EM 2000

Anos de estudo das pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes no Ibura	Ibura N(%)	Cohab n(%)
Sem instrução a menos de 1 ano	1476 (13,08)	2.113 (12,24)
1 a 3 anos	1930 (17,11)	2.826 (16,37)
4 a 7 anos	3612 (32,03)	6.473 (37,51)
8 a 10 anos	1652 (14,65)	2.821 (16,34)
11 a 14 anos	2230 (19,77)	2.799 (16,22)
15 anos ou mais	361 (3,20)	197 (1,14)
Não determinado	15 (0,13)	27 (0,15)
Total	11.276	17.256

Fonte: Censo 2000, em Quadros e Longhi, 2004.

TABELA 4: RENDA DE RESPONSÁVEIS DE DOMICÍLIOS NO IBURA EM 2000

Moradores de domicílios particulares permanentes segundo classe de rendimento nominal mensal da pessoa responsável pelo domicílio :	Ibura n(%)	Cohab n(%)
Até 1 sm	10.905 (25,01)	18.367 (25,63)
Mais de 1 a 2 sm	10.708 (24,56)	18.249 (26,46)
Mais de 2 a 3 sm	5.114 (11,73)	8.391 (12,17)
Mais de 3 a 5 sm	5.231 (12)	7.689 (11,15)
Mais de 5 a 10 sm	4.122 (9,46)	4.923 (7,14)
Mais de 10 a 15 sm	721 (1,65)	678 (0,98)
Mais de 15 a 20 sm	297 (0,68)	198 (0,28)
Mais de 20 a 30 sm	123 (0,28)	64 (0,09)
Mais de 30 sm	87 (0,2)	51 (0,07)
Sem rendimento	6.278 (14,4)	10.355 (15,01)
Total	43.586	68.965

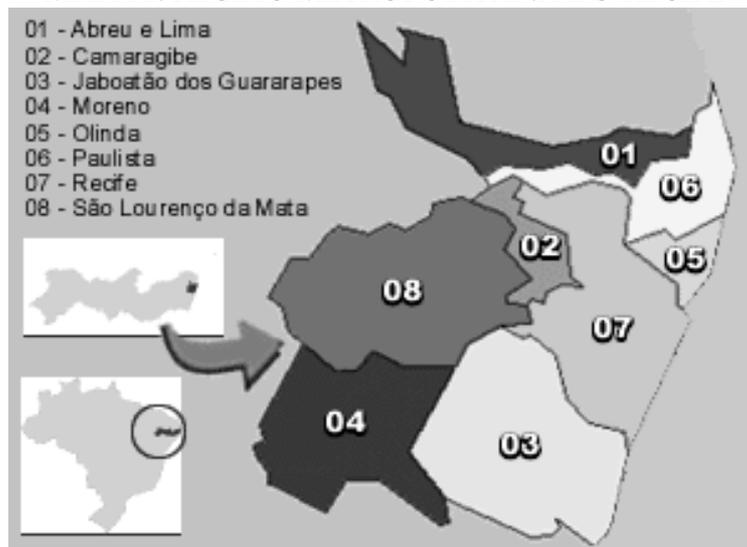
Fonte: Censo 2000, em Quadros & Longhi (2004)

TABELA 5: IBURA E COHAB –
MORTALIDADE POR CAUSA (1997 a 1999)

	1997		1998		1999		2005*	
	Cohab	Ibura	Cohab	Ibura	Cohab	Ibura	Cohab	Ibura
Principais causas:								
Doenças do aparelho circulatório	31,2%	26,6%	28,9%	27,8%	30,6%	25,1%	34,5%	29,4%
Causas externas	14,6%	23,5%	19,3%	21,7%	14,0%	20,2%	16,1%	21,4%
Neoplasias *	10,9%	11,5%	14,1%	11,6%	13,5%	12,3%	13,2%	12,0%

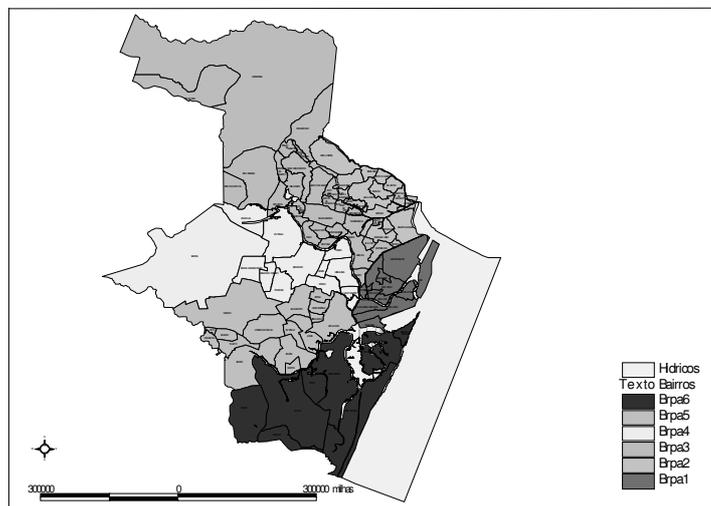
**apenas no ano de 1997, na Cohab, as doenças do aparelho respiratório ocupam o terceiro lugar na mortalidade apresentando 11,1% dos casos notificados e as neoplasias o 4º lugar.
Fonte: DVS – DS VI – SMS – PCR sistematizado em Quadros e Longhi (2004), 2005 fornecido por Gerência de Vigilância do Distrito Sanitário 6*

MAPA 1: REGIAO METROPOLITANA DO RECIFE



Fonte: www.webcarta/recife

MAPA 2: CIDADE DO RECIFE EM REGIÕES POLÍTICO-ADMINISTRATIVOS (RPAs)



Fonte: Gerência Operacional de Vigilância, Gerente Carlos Alberto Gurgel

Saúde e gênero no bairro do Ibura

Parry Scott

Marion Teodósio de Quadros

Uma série ampla de assuntos podem ser tratados em torno das questões de saúde no Ibura. Aqui, iremos abordar as características dos serviços e programas públicos de saúde disponíveis para a população do bairro, as principais causas de mortalidade, as características da morbidade e os itinerários terapêuticos, a atenção dada à mortalidade infantil e a ênfase materno-infantil existente nas ações dos serviços de saúde.

Para a análise aqui realizada, levamos em conta indicadores que apontam para características da situação de saúde do Ibura de Baixo e das URs¹¹. A ênfase em dados referentes à situação de saúde sexual e reprodutiva deve-se, em parte, à própria prioridade do atendimento nos serviços de saúde no bairro e, também, ao nosso propósito de avaliar mais detidamente as questões de gênero que podem ser evidenciadas ao analisarmos o atendimento em saúde.

Serviços e programas públicos de saúde

Nos últimos vinte anos, os preceitos básicos da nova constituição brasileira de 1988 têm servido como respaldo para um movimento de universalização, descentralização e integralização

¹¹ Como destacamos no primeiro artigo deste livro, O Ibura se divide nas "URs" (que compõem o que é denominado de COHAB pelo IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]) e Ibura de Baixo (denominado de Ibura pelo IBGE). Assim, como há duas formas de identificar o local, uma popular e outra advinda do IBGE. Optamos por adotar neste livro a denominação geralmente atribuída pela população: **Ibura** referindo o bairro como um todo, que engloba duas localidades, as **URs** ou a área das URs (incluindo também comunidades que se formaram nos interstícios dos conjuntos habitacionais em anos posteriores) e o **Ibura de Baixo**.

dos serviços de saúde que influenciaram em muito o “cenário” do Ibura, transformando antigos postos de saúde em 14 Unidades de Saúde que abrigavam entre 1 e 3 equipes do PSF (ver Mapa 1 em anexo ao capítulo).

No início dos anos 1990, havia no Ibura um programa amplo de Agentes Comunitários de Saúde supervisionados por enfermeiras, o PACS, que tinha duas equipes, cada uma com cinco ou seis dezenas de agentes que moravam nas comunidades. Seu processo de recrutamento envolvia a recomendação pelos movimentos comunitários, as seleções e capacitações pela Secretaria de Saúde, evidenciando o envolvimento com o bairro como um dos requisitos fundamentais de participação.

O PACS atuava nas comunidades e tinha como base os postos de saúde existentes no Ibura, que eram poucos em número (6 em 1994), mas dispunham, mesmo precariamente, de uma variedade de profissionais especialistas e serviam as comunidades no seu entorno. Em 2008, restava apenas um posto tradicional na UR1.

Paulatinamente, os postos de saúde e o PACS deram lugar a uma miríade de equipes multiprofissionais capacitadas para responder como generalistas e trabalhar, dentro de sérias limitações institucionais, com educação e promoção de saúde, fazendo parte do Programa de Saúde de Família¹², com o apoio de uma policlínica e uma maternidade no próprio bairro.

No bairro como um todo, as equipes do PSF, compostas por médico, enfermeiro, e grupos variáveis de mais ou menos seis agentes comunitários têm como responsabilidade trabalhar de uma forma territorializada, atendendo em torno de 1.200 domicílios (muitas vezes bem além deste número) nas comunidades que são da sua responsabilidade. De uma maneira

¹² As Unidades em funcionamento em 2008: Rio da Prata, UR-03, Vila da SESI, Severino Dias (Três Carneiros/Zumbi de Pacheco), Alto da Bela Vista, 27 de Novembro (Josué de Castro), Vila das Aeroçoas, Vila dos Milagres, Monte Verde, Três Carneiros, UR-04/UR-05, Lagoa Encantada, UR-02 (Jane Magalhães). Unidades em implantação, neste mesmo ano: Paz e Amor, Vila Operária, Jaqueira), e ainda duas equipes de PACS: UR-01 e Dois Rios.

diferenciada no tempo e nos locais, ainda contam com ajudas de auxiliares de enfermagem e odontologia, encaminhando os problemas que fogem ao seu alcance, para unidades de maior complexidade (policlínicas, hospitais, unidades especializadas).

Uma série de estudos ao longo de mais que uma década revela, tanto para o Ibura quanto para a cidade do Recife como um todo, os diferentes passos e ambigüidades que acompanharam a expansão do PSF. Mostra como houve uma diminuição da influência dos movimentos sociais na escolha das agentes provenientes da comunidade, na passagem do PACS para o PSF (SCOTT, 2001). Evidencia que esta mudança do PACS para o PSF foi recebida mais e menos criticamente por atores diferentes (médicos, enfermeiros, agentes e residentes), mesmo tendo proporcionado muita satisfação a muita gente (SCOTT, 2008). Chama a atenção para a transformação da lógica dos serviços de prioridade no “atendimento” para prioridade na “promoção e educação em saúde”, como um processo que ainda enfrenta muitas barreiras, refletindo hierarquizações internas nos tipos de atendimento no setor de saúde como um todo que deixa espaços limitados para estratégias de promoção propriamente ditas (ALBUQUERQUE, 2005; CORDEIRO, 2008; SCOTT, 2005b). Enfatiza que nas atividades cotidianas do serviço perdura um conjunto de tensões que favorecem bebês, mulheres em idade reprodutiva, idosos e idosas, ao mesmo tempo em que afastam homens e jovens mais associados à vivência da violência, e revelam a profundidade da clivagem social entre profissionais de saúde e residentes de bairros populares, mesmo quando existam esforços grandes e muito conscientes de transpor estas clivagens (SCOTT, 2005a, 2006; VILLELLA; MONTEIRO, 2005). Por fim, destaca que a eficácia dos serviços com um acompanhamento próximo das grávidas tem redundado numa grande diminuição da mortalidade infantil não somente no Ibura, mas na cidade toda do Recife (SCOTT *et al*, 2007).

O Programa de Saúde da Família foi rebatizado como *Estratégia* de Saúde da Família numa tentativa de investir num

significado que valorizasse mais a promoção de saúde e distanciasse a abordagem de centrar ênfase em campanhas que resulta da vontade de combater patologias específicas sensíveis a ações intensivas de limitada duração, mesmo se repetidas para assegurar o prolongamento dos seus efeitos. Ou seja, se predomina uma política de expansão do PSF no bairro, e se tal predominância tem rendido significativas melhoras na saúde da população, ainda não se pode perder de vista que os serviços de saúde alcançam a população numa pluralidade notável de formas que, além de revelar a continuidade de desigualdades, mostra-se sensível a diferenças e à diversidade social existentes nas comunidades.

A sondagem da comunidade, tanto pelos dados oficiais do sistema de saúde, quanto pelas ONGs que davam sustentação ao muito combativo movimento de associações de bairros, organizado na Federação de Associações de Moradores do Ibura e Jordão, resultou em priorizar os estudos de concepções populares e relatos de experiências de doenças em hipertensão, diarreia, doença de nervos, fome e violência no estudo anterior do grupo de pesquisa FAGES sobre o Ibura (ver SCOTT, 1996).

As causas de mortalidade

Em 1996, o Ibura foi um lugar com alta taxa de mortalidade infantil, mais acentuada que a média no Estado. Atualmente, mesmo estando com a taxa abaixo da média alcançada pelo Estado, ainda é um local que preocupa, por se apresentar acima da média nas áreas cobertas pelo PSF na cidade do Recife. As equipes do PSF ainda hoje vivem uma espécie de “ditadura da morte infantil” que reza que qualquer incidência de morte infantil precisa de uma mobilização enorme para explicar as causas, até para livrar os profissionais da ameaça de perda de seus postos de trabalho ou, pelo menos, de sua reputação.

De acordo com os dados vistos no artigo anterior, os

residentes do Ibura não estão atingindo uma longevidade igual à média dos pernambucanos. Desde 1994, as causas de mortalidade por idade demonstram que as doenças do aparelho circulatório e as neoplasias como doenças que afetam nitidamente as faixas de idade maiores.

Ainda usando os dados de 1994, as doenças infecciosas e parasitárias foram as que mais causaram morte anterior a um ano de idade (depois das afecções perinatais), já que correspondiam a 34% das mortes nesta faixa etária no Estado (50% no Ibura). Em seguida, as mortes causadas por doenças do aparelho respiratório também são fatores importantes para a mortalidade infantil, uma vez que 12,3% das mortes por doenças respiratórias no Estado (26,2% no Ibura) ocorreram na faixa de menores de um ano.

As causas mais seletivas por faixa de idade e sexo são as causas externas, que afetam homens jovens, de 15 a 39 anos, com a maior predominância na faixa de 20 a 29 anos. O Ibura de Baixo apresenta proporções maiores de mortes por causas externas que a área das URs, nos anos estudados, um dado que ainda carece de explicação, mas que provavelmente se associa parcialmente ao fato dele ser mais comercial e aglutinador de pessoas que as URs, que corresponde a uma área mais caracteristicamente residencial, com uma população dispersa entre residências.

Em comparação, em 2006, Boa Viagem, bairro mais próspero do mesmo distrito, apresentou doenças do aparelho circulatório e neoplasias ocupando primeiro e segundo lugar nas causas de morte (36,2 e 26,2%, respectivamente) entre moradores, enquanto causas externas contabilizaram 8,7%, muito abaixo das proporções do Ibura como um todo.

As características da morbidade e os itinerários terapêuticos

Ao passar da discussão da mortalidade para a da morbidade há duas grandes fontes de dados: 1) um terreno

oficial dos dados da morbidade que têm melhorado significativamente com o acompanhamento do PSF da população, de domínio metodológico da legitimidade médica nas estatísticas por meio da epidemiologia, estabelecido em contagens de prevalências de doenças reportadas e até de atestados de óbitos (e é importante notar que mesmo assim estes dados contêm muitas limitações); e outra, 2) do terreno da vivência da doença, em que a mistura entre as percepções e representações de profissionais de saúde e da população como um todo é muito maior, pois os registros oficiais de doenças deixam de fora grande parte das aflições de saúde que acometem as pessoas.

O Sistema Oficial de Saúde contabiliza, de acordo com as classificações médicas, a ocorrência de doenças e, tomando como base a recorrência com a qual as doenças se apresentam, promove ações e programas concretos que perpassam a experiência das equipes de saúde e dos moradores do bairro, contribuindo para retratar a sua condição social.

Os dados oferecem poucas surpresas. Tomando como ponto de partida os dados do ano 2000, os agravos de notificação compulsória continuam registrando disparadamente os maiores índices com as doenças sexualmente transmissíveis, como registram Quadros e Longhi (2004).

As seqüências históricas recentes de estatísticas de morbidade registradas pela vigilância do distrito sanitário VI foram resumidas numa publicação da Secretaria de Saúde em 2004. Neste relatório, percebe-se um coeficiente de detecção de dengue progressivamente sob maior controle, salvo em 2002, quando um surto da epidemia havia assustado especialmente à população do bairro estudado, requerendo muita atenção da Prefeitura e da população.

Sistematicamente, mesmo com a diminuição histórica de prevalências, o Ibura registra casos de doenças para o distrito sanitário inteiro em maior proporção que o IPSEP e Boa Viagem, que são os outros bairros na Região Político-Administrativa. Isto

se verifica, por exemplo, com leptospirose, hepatite e meningite, apesar de haver oscilações em alguns anos. Isto também é verdade para a filariose, que mesmo sendo uma doença que não afeta muitos indivíduos, concentra 70% dos casos do distrito no Ibura. Algumas doenças são detectadas em proporções crescentes, de acordo com o relatório epidemiológico de 2004, mas são acompanhadas por cifras semelhantes nos outros bairros do distrito, a exemplo de hanseníase (132), tuberculose (93) e AIDS (23).

O terreno da vivência popular da doença é outro. Na valorização das concepções populares, os estudos da Etapas (1991, 1993) entre os moradores da UR-10 e de Três Carneiros, respondendo à pergunta "quais as doenças mais freqüentes na família?", indicaram gripes e resfriados como os problemas que mais acometem à população. São doenças classificadas popularmente como doenças "leves", cujo cuidado, apesar de exigir consultas eventuais, é, sobretudo, realizado pelo próprio doente e pelas "mães", "esposas" e "irmãs".

As doenças citadas pela população são evidências dos problemas de saneamento (doenças de pele e verminoses), com o ambiente e o aparelho respiratório (cansaço e asma), ou aquelas associadas às dificuldades de convivência social diária e ao stress (dores de cabeça e doenças de nervos). São problemas recorrentes para os quais pode haver soluções imediatas, mesmo que paliativas e temporárias, através da intervenção e ação de familiares (normalmente seguindo orientações médicas que já fazem parte de um acervo de conhecimentos da população).

São problemas crônicos que reaparecem devido às condições do bairro e preocupam à família porque grande parte deles freqüentemente afetam as crianças (como no caso de gripe e resfriado, doenças de pele, cansaço e verminoses), mas que desafiam qualquer proposta unificadora de classificação. Não há uma única referência ao que seja "doença", misturando-se sintomas e designações populares ao que formalmente está contido dentro dos critérios médicos de classificação. Toda lista identificadora de

doenças contém múltiplas compreensões e refere-se a diversos sistemas lógicos de lidar com o que Duarte (1994, 2001) prefere chamar de "problemas físico-morais". Não é a "organicidade" do fenômeno, nem nenhuma característica específica de agentes causadores identificáveis, que informa a identificação de algum problema como "doença".

Quando se pensa sobre o que fazer para resolver o problema, levá-lo para profissionais da área de saúde é apenas uma das soluções encontradas, dentro da grande diversidade de medidas que podem ser acionadas de forma independente, simultânea ou sequenciadamente. Isto é amplamente evidenciado num documentário intitulado "Em Busca de Saúde", produzido pelo FAGES (1999). A satisfação ou insatisfação com as soluções, o julgamento da eficácia, dependem da evolução do problema e da razoabilidade (outro termo de DIAS DUARTE, 1994) da explicação, de acordo com a referência cognitiva do doente e dos seus "cuidadores" sobre a(s) etiologia(s) que se aplicam ao problema e as medidas conseqüentes tomadas para saná-lo.

Ao designar um problema de "doença", ele está sendo marcado para tratamento preferencial pelos profissionais da área de saúde. "Procurar o médico" é uma resposta quase automática à pergunta, "o que se faz quando alguém fica doente?". Historicamente, o posto de saúde e, logo em seguida, a Policlínica Arnaldo Marques, desde 28 de julho de 1995, são os lugares privilegiados quando o problema não é julgado como tão grave para requerer que se direcione para hospitais de maior complexidade, ligados aos sistemas governamentais e universitários de saúde, incluindo, para estes moradores, o PAM de Areias, e os Hospitais da Restauração, Getúlio Vargas, Barão de Lucena, Agamenon Magalhães, das Clínicas e Oswaldo Cruz.

A observação e os relatos sobre as atividades das famílias ao enfrentarem um problema de doença demonstram que muitas outras soluções estão acionadas: a procura de familiares e vizinhos para discutir como lidar com o problema e dar apoio efetivo quando necessário na sua resolução; o uso de remédios caseiros

conhecidos, sobretudo, pelas mulheres mais idosas da casa e pelos vendedores de ervas e raízes que se encontram nos mercados públicos e em outros locais na cidade; a procura de farmacêuticos, ou, mais freqüentemente, balconistas de farmácias, para conselhos sobre remédios para aliviar os seus sintomas; a procura de líderes religiosos para identificar a fonte dos seus sofrimentos e usar os seus poderes espirituais para aliviar o problema; a montagem de redes solidárias de parentes para acompanhar grávidas e doentes em seus périplos entre as unidades acionadas para resolver seus problemas (FAGES, 1999; SCOTT, 1996; SCOTT *et al*, 2007).

A ênfase materno-infantil e as (novas) questões para o atendimento em saúde

Como já destacamos acima, há uma forte preocupação dos serviços públicos de saúde com a diminuição da taxa de mortalidade infantil, considerada nacional e internacionalmente como um dos principais indicadores de saúde de uma população. Aliada a esta preocupação constante e como um dos meios de efetivá-la, existe uma grande dedicação dos serviços de atenção básica à vigilância da saúde das crianças, das gestantes e mulheres em idade reprodutiva. Nesta parte, vamos conhecer mais sobre o modo como o sistema de saúde do Ibura trata estas questões.

As oscilações na mortalidade infantil do bairro reportam, em parte, a dificuldades nos registros (números reduzidos de casos que dificultam tratamento estatístico ou acompanhamento ainda precário, em alguns casos), mas, de acordo com os dados trabalhados por Sarinho *et al* (2006) e Scott *et al* (2007), não há dúvidas de que as melhoras nos serviços sanitários e no acompanhamento da saúde dos bebês têm contribuído para uma consistente e significativa redução nesta taxa. Verifica-se uma vigilância desdobrada que têm redundado na ampliação de investigações de causas para cada caso de morte infantil registrado.

Neste processo, perceberam-se, pelo menos em 2004, omissões em torno das populações mais marginais e com residências

incertas, e também ampliou-se o alerta sobre os possíveis efeitos de um excesso de atribuições para as equipes do PSF, que solicitadas a solucionar problemas relacionados à mortalidade infantil, à mortalidade materna, à hipertensão e a outras afecções nas quais a vigilância e as investigações daí decorrentes são bases importantes para o atendimento, acabam por desviar sua atenção da promoção da saúde e da própria prevenção da doença. Mesmo assim, o efeito da “ditadura da morte infantil” no SUS, que preza pela observação de pactos internacionais de diminuição da mortalidade, faz com que a ocorrência destes problemas seja detectada e receba atenção especial no sentido de corrigi-los. Não é de se surpreender que grandes esforços estejam sendo dispendidos em promover o aleitamento materno como uma das diversas medidas de assegurar a saúde dos bebês.

A redução real e proporcional da mortalidade infantil vem desvendando a fragilidade do sistema de atendimento a partos de risco, pois a mortalidade neonatal (bebês no primeiro mês de vida) agora tem assumido uma importância e uma visibilidade maiores. Com o acompanhamento das equipes do PSF, o risco da morte infantil vem sendo transferido das condições insalubres do ambiente do bairro, para a precariedade da rede de atendimento de partos na cidade (ver SCOTT, 2007).

Como acontece no PSF, em que a comunidade fixada em um território é base para a organização do atendimento, os serviços de saúde vêm territorializando todos os atendimentos de baixa e média complexidade, mas continuam se organizando em torno de um grande número de políticas e programas que privilegiam segmentos específicos da população, como o Programa de DST e AIDS; o Programa de Saúde da Mulher; o Programa da Criança e Adolescente; o Programa de Saúde Mental; o Programa do Idoso; o Programa de Hipertensão e Diabetes; o Programa de Tuberculose; o Programa de Educação em Saúde, entre outros. A tendência destes programas observados em ação é quase sempre responder a duas orientações: a de patologias orgânicas e a de planejamento familiar.

A ênfase nas patologias orgânicas reporta à história da predominância do emprego de etiologias orgânicas no campo de saúde, criando uma hegemonia de ações curativas e fragmentadas em vez de ações mais íntersetoriais e holistas que se respaldam no uso de etiologias sociais e culturais (ALBUQUERQUE, 2005; ROQUEYROL & ALMEIDA FILHO, 1999, VICTORA *et al*, 2000). Os grupos observados, formados em torno das unidades de saúde, caracterizam-se pelos seus problemas orgânicos como hipertensos, como diabéticos, como hansenianos, criando uma dinâmica e interação com a população composta mais de orientação, aconselhamento e prescrição, do que de colaboração da comunidade na busca de ações preventivas e promocionais de saúde que favoreceriam o bem-estar comum. A atenção de muitas patologias individuais requer um acompanhamento individualizado (tuberculose, câncer, AIDS), parte nas suas comunidades de origem e parte nos serviços de saúde mais especializados fora da comunidade, e estas atividades lotam a agenda dos serviços, em detrimento das atividades mais coletivas.

A outra ênfase, em planejamento familiar, faz parte de uma perspectiva disciplinadora (COSTA, 1983; DONZELOT, 1980; FERNANDES, 2000) que coloca a saúde materno-infantil a serviço do controle das atividades sociais e reprodutivas da população, mesmo quando a questão idealizada é de assegurar as opções informadas de planejamento familiar para mulheres e homens, mães e pais. Mesmo reconhecendo que a descoberta de meios de controlar a fecundidade tem sido um forte instrumento para reforçar a luta das mulheres pela equidade, freqüentemente o seu emprego nos serviços de saúde toma feições não muito disfarçadas de orientação por um espírito de controle de natalidade, decorrente de uma atitude alarmista contra o crescimento populacional concentrado na população mais pobre.

Privilegiar os grupos "materno-infantis" passa pela orientação sobre métodos anticoncepcionais (freqüentemente pouco mais que distribuição precária de meios e insistência em ações de convencimento sobre a nocividade do excesso de filhos), cuidados redobrados com as grávidas (pré-natal para todas,

especialmente para as mais jovens), atenção à saúde de recém-nascidos até um ano, estendendo-se para ações programáticas do PSF com os primeiros cuidados, a amamentação, as vacinas e o controle de subnutrição e baixo peso com suplementos alimentares, bem como o controle (ainda limitado) do câncer do colo uterino (doença na qual o Recife é um dos líderes mundiais). Com uma agenda cheia de metas e a determinação do número de atendimento fixada pelas instâncias centrais de gestão da Estratégia de Saúde da Família, todos os componentes das equipes de saúde enfrentam barreiras reais para passar de uma ênfase no atendimento individual para um trabalho de promoção coletiva da saúde.

Assim, o atendimento à saúde no Ibura possui problemas observados no atendimento em saúde em todo o Brasil. Mesmo com uma grande presença de equipes do PSF, há uma ênfase maior na cura das doenças e no tratamento individual do que na prevenção de doenças e na promoção da saúde, via um tratamento mais coletivo.

O Ibura participa da queda de fecundidade generalizada no Brasil, mas é interessante notar que este contexto favorável à veiculação de informações sobre anticoncepcionais foi obtido recentemente, pois as pesquisas promovidas por entidades relacionadas ao movimento comunitário há vinte anos (ETAPAS, 1993, 57p.) ainda registram que 35% das pessoas indagadas na UR-10 preferiram não falar sobre as práticas da comunidade para evitar filhos, e os dois métodos mais citados foram a pílula e a ligação de trompas, ou seja, esterilização feminina (para dados mais recentes, ver QUADROS neste volume e 2004).

Na pesquisa, na mesma época, em Três Carneiros, não há informações sobre as práticas anticoncepcionais, mas há uma indicação da maior importância dada à saúde das mães no combate ao câncer de colo uterino (53% das mulheres fazem prevenção pelo menos anualmente, e as que não fazem dizem que acham que não precisam ou não têm interesse) e à saúde das crianças no combate à mortalidade infantil, pois registram altos

índices de realização do pré-natal (80%) da amamentação (15% sem amamentar, 40% amamentando até o terceiro mês, 16% até seis meses e 21% acima de seis meses) (ETAPAS, 1993, p. 43-45).

Continua havendo uma mobilização do Distrito Sanitário VI e das próprias Associações de Moradores apoiadas por organizações não governamentais, para cuidar da mulher em idade reprodutiva e dos seus filhos recém-nascidos e mais jovens.

Os resultados da queda de fecundidade já foram discutidos, no artigo anterior deste livro, na sua relação com as características demográficas do bairro. O número de mulheres que faz mais ou menos que as desejadas seis consultas de pré-natal se divide em proporções quase iguais, sendo as mães mais jovens mais propensas a ter um número menor de consultas. Os partos são quase exclusivamente hospitalares, de 1997 a 2003, sendo que 55% corresponde ao parto normal, mas com um discreto aumento regular de cesarianas (SECRETARIA DE SAÚDE, 2004). 70% dos nascimentos no Ibura ocorrem com as mães tendo entre 20 e 34 anos e, ainda, 20%, entre 10 a 19 anos. A queda no número de gravidezes de adolescentes para abaixo de 20%, em 2003, vem sendo celebrada no relatório da Secretaria de Saúde (2004):

Do total de nascidos dos anos de 1997 a 2003, identifica-se que a proporção de mães com ≤ 19 anos vem apresentando acentuada queda. Em 2003, o percentual de mães adolescentes foi aproximadamente 1,2 vezes menor do que no ano de 2000. Pode-se atribuir tal situação ao trabalho de educação em saúde realizado pelos PSFs locais (p. 4-5).

Os problemas de morbidade e mortalidade infantil se relacionam mais com a qualidade do atendimento que com a idade da mãe, embora dados recentes (SCOTT, 2007; SCOTT *et al*, 2007) alertem os riscos existentes para bebês e mães, quando as mães têm mais de trinta e cinco anos.

Considerações finais

A exacerbada ênfase do sistema de saúde nas ações materno - infantis e a completa ausência de dados sobre os homens, no que se refere à saúde reprodutiva revelam o viés de gênero presente nos procedimentos técnicos e epidemiológicos do atendimento e do controle realizados pelos serviços públicos de saúde em um bairro de periferia urbana.

A valorização de dados de saúde reprodutiva para as mães e bebês e a ênfase de dados de morte por causas externas, nas quais os homens assumem o protagonismo, revelam um modo enviesado de registrar os dados no setor da saúde que mostram problemas importantes vivenciados por mulheres e homens e invisibilizam outros, como a participação (ou sua falta) dos homens nos primeiros cuidados com os bebês ou a dura realidade da violência sexual e doméstica, que requer outros indicadores além da morte por causas externas para aparecer nas estatísticas.

Também deixa claro que problemas graves como a prevenção ao câncer de colo de útero e a atenção dispensada ao planejamento reprodutivo, especialmente quanto a informações e acesso a contraceptivos variados, recebem um tratamento duvidoso por parte do atendimento em saúde no bairro, refletindo sua ênfase curativa e o tratamento precário dado as questões que atingem diretamente uma das parcelas da população que mais controlam: as mulheres.

Concordamos com os epidemiologistas (ROUQUAYROL & ALMEIDA FILHO, 1999, p. 389), quando afirmam que a importância das medidas do perfil reprodutivo de uma população está relacionada a padrões dominantes das relações conjugais, a avanços tecnológicos em relação a métodos contraceptivos, a políticas de planejamento familiar e ao desenvolvimento sócio-econômico alcançado por uma sociedade. Concluimos, portanto, que a ênfase na mulher-mãe retrata o controle social exercido por meio do seu corpo em nome do controle da fecundidade, das complicações que podem ocorrer durante a gravidez e no primeiro

ano de vida dos bebês, das doenças relacionadas ao aparelho reprodutivo feminino e das infecções sexualmente transmissíveis.

As mulheres tornam-se, desse modo, as principais responsáveis pelo controle da saúde da população do seu bairro. Por suas especificidades corporais ou por seus atributos domésticos, elas se tornam um instrumento privilegiado de detecção e controle de morbidade e mortalidade dentro de um bairro, quando precisam de atendimento ou quando atuam como agentes comunitárias de saúde. Além disso, mesmo estando na condição de protagonistas, recebem um tratamento precário nos serviços de saúde da periferia urbana.

Como estamos preocupados com a igualdade de gênero, por acreditarmos que ela é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade, devemos destacar que esta ênfase controlista e curativa na mulher tem sido um dos meios mais importantes de exercício das desigualdades de gênero no atendimento à saúde da população.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paulette Cavalcanti de. *Educação Popular em Saúde no município de Recife: em busca da integralidade*. Tese (doutorado) – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2005.

CORDEIRO, Joselma Cavalcanti. *A promoção da saúde e a estratégia de cidades saudáveis: um estudo de caso no Recife, Pernambuco*. Tese (doutoramento) – NESC/CPQam,/FIOCRUZ, Recife, 2008.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Medicina e o médico na boca do povo*. **Anthropológicas**, V. 9, Ano 4, Recife, PPGA, p. 7-14, 2001.

_____. *A outra saúde: mental, psicosocial, físico-moral?*. In: ALVES, P. C. & MINAYO, M. C.(Org.). **Saúde e Doença: um Olhar Antropológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994,

ETAPAS (Equipe Técnica de Assessoria, Pesquisa e Ação Social) *Três carneiros: Conhecendo nossa realidade, nossos direitos vem*, Recife, ETAPAS, 1993.

_____. *UR-1 - Lutando venceremos*. Recife, ETAPAS, 1991.

FAGES. *Em busca de Saúde*, vídeo sob a direção Parry Scott, edição NUSP, 1999 (apoio JICA).

FERNANDES, Magda Fernanda Medeiros. *Mulher, família e reprodução: do controle à intervenção branca*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – PPGS-UFPE, Recife, 2000.

PCR- Prefeitura da Cidade do Recife. *Distrito Sanitário VI. Relatório de Gestão*. Recife, 2004.

QUADROS, Marion Teodósio de. *Homens e Contracepção: Práticas sexuais e valores masculinos na periferia do Recife*. Tese (Doutorado em Sociologia) –Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

QUADROS, Marion Teodósio de; LONGHI, Márcia Reis. *Perfil da Situação de saúde do Ibura, relatório interno da pesquisa Estilos reprodutivos Masculinos e femininos e Organizações representativas*, Recife, 2004.

ROUQUAYROL, Maria Zélia; ALMEIDA FILHO, Naomar. *Epidemiologia e saúde*. 5a ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1999.

SCOTT, Parry. *Prevenção e Poder na transformação de programas de agentes comunitários de saúde (PACS) em Programas de saúde da família (PSF)*. In CAROSO, Carlos (Org.) **Cultura, Tecnologias em Saúde e Medicina: Perspectiva Antropológica**. Salvador, EDUFBA, 2008, p. 259-268.

_____. *Risco, Reprodução e Gênero na Mortalidade Infantil*. In: ZALUAR, Alba Maria, (Coord.) **Trabalhos do GT 35, Vitimização: risco objetivo e percepções de risco ou novos dados, novos movimentos**, no XXXI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú, ANPOCS, 2007. (<http://201.48.149.88/ANPOCS>)

_____. *Gerações, comunidades e o Programa Saúde da Família:*

_____. *Reprodução, disciplina e a simplificação administrativa*. In: BARROS, Myrian Lins de (Org.) **Família e Gerações**, Rio, Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 107-129.

_____. *Gênero, Família e Comunidades: Observações e aporte teórico sobre o Programa Saúde da Família*. In: VILLELA, Wilza; MONTEIRO, Simone (Org.). **Gênero e Saúde: o Programa de Saúde da família em questão**. Rio: ABRASCO; Brasília: UNFPA, 2005a, p. 73-98.

_____. *Dez barreiras à promoção de saúde no Programa de Saúde da Família*. In: III Congresso brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde: desafios da fragilidade da vida na sociedade contemporânea, 2005b, Florianópolis. III Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde: desafios da fragilidade da vida na sociedade contemporânea, 2005b.

_____. *Agentes Comunitários e Saúde Reprodutiva: uma experiência recente no Nordeste Brasileiras*. In: OLIVEIRA, Maria Coleta de; ROCHA, Maria Isabel Baltar da (Org.). **Saúde Reprodutiva na esfera Pública e Política**, Campinas, UNICAMP, 2001, p. 49-69.

SCOTT, Parry (Coord.). *Saúde e Pobreza no Recife: gênero, poder e representação de doenças no bairro do Ibura*. Recife: NUSP/Editora Universitária - UFPE, 1996.

SCOTT, Parry; HOFFNAGEL, Judith; QUADROS, Marion; FRANCH, Mónica; CARNEIRO, Rosa; SARINHO, Sílvia; LAGO-FALCÃO. *Adolescência, Risco e Universalidade: tendências e perspectivas sobre mortalidade neonatal*. IV Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Saúde, Salvador, 2007.

SECRETARIA DE SAÚDE. *10 anos do Distrito Sanitário VI, "Capítulo IV: Vigilância Epidemiológico*. Recife: PCR, 2004 (versão em arquivo eletrônico).

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva HASSEN, M. N. A. *Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 1. ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VILLELA, Wilza; MONTEIRO, Simone (Org.) *Gênero e Saúde: o Programa de Saúde da família em questão*. Rio: ABRASCO; Brasília: UNFPA, 2005.

ANEXO

MAPA 1: UNIDADES DE SAÚDE IMPLANTADAS E PROJETADAS NO DISTRITO SANITÁRIO VI - RECIFE, 2003 (BAIRROS FOCADOS: IBURA E COHAB)



FONTE: GERÊNCIA OPERACIONAL DE VIGILÂNCIA,
GERENTE: CARLOS ALBERTO GURGEL

PARTE 2: GÊNERO E GERAÇÃO

Da rua à casa: Quando o pluralismo religioso encontra as famílias no Ibura

Márcia Thereza Couto

Apresentação

A relação estabelecida entre família e religião constitui tema fecundamente explorado pelas Ciências Sociais no Brasil, uma vez que todas as transformações pelas quais atravessa a religião em nossa sociedade projetam reflexos sobre a família; ao mesmo tempo em que as mudanças que percorrem o universo familiar brasileiro incidem em vários campos do social e, entre eles, no da religião (AUBRÉE, 1985; COUTO, 2001; FREYRE, 1997; MACHADO, 1996A; WILLEMS, 1954, 1967).

Esta dinâmica e complexa relação torna evidente uma questão estrutural na família moderna: o conflito entre, de um lado, a afirmação da individualidade e, de outro, o respeito às obrigações e aos padrões próprios dos vínculos familiares. Se, por um lado, a privatização da religião tem contribuído para uma interdependência ainda mais forte com a instituição familiar; é oportuno reconhecer que os mesmos processos de pluralismo religioso e individualização possibilitam a liberdade, por parte do indivíduo, de adoção de sistema religioso destoante daquele compartilhado pelos membros de sua família. É, sobretudo, no contexto das famílias populares urbanas que esta relação torna-se particularmente ambígua. Isto devido à percepção de que nestas famílias há a precedência do todo – a família – sobre as partes – os indivíduos, fazendo com que as relações sigam um padrão, no geral, tradicional e hierárquico.

Neste trabalho, apresento a complexa configuração que a relação entre família e religiosidade produz no contexto do Ibura, bairro popular situado na zona sudoeste da cidade do Recife-PE, academicamente denominada de “Pluralismo religioso intrafamiliar” (COUTO, 2001; MACHADO, 1996a). Exploraremos os dados sobre o “pluralismo religioso intrafamiliar”, já apresentados em capítulos da tese de doutoramento (COUTO, 2001), que são fruto de pesquisa realizada entre 1997 e 1999¹³ nas áreas de mais antiga povoação do Ibura, comunidades que foram construídas pela COHAB na década de 1960¹⁴. Inicialmente, pois, apresentamos a configuração do pluralismo religioso intrafamiliar no contexto social local presente à época da pesquisa para, em seguida, avançar na compreensão das implicações da convivência familiar permeada pelo pluralismo religioso para os diferentes sujeitos em relação, segundo os recortes de gênero e geração. Reunindo os achados destas duas formas de aproximação ao pluralismo religioso intrafamiliar, buscamos algumas interpretações sobre este fenômeno na contemporaneidade e, também, sobre o significado da família como força de referência simbólica nos setores populares urbanos.

O Ibura e sua arena plurirreligiosa

O Ibura contava, no início dos anos 1990, com 49.394 habitantes, agrupados em 8.018 domicílios. A média de pessoas por domicílio era pouco menos de 4,5 em casas de 5 cômodos, 2 dormitórios e 1 banheiro. Nestes domicílios, havia mais mulheres (51,7%) do que homens (48,3%) (SCOTT, 1996).

¹³ A pesquisa realizada no bairro consistiu: 1. Levantamento quantitativo de 381 domicílios com objetivo de caracterizar o pluralismo religioso a partir de variáveis sócio-demográficas (sexo, idade, ocupação, escolaridade, renda, estado civil), de perfil religioso (religião atual, religião em que foi criado, frequência e trânsito inter/intra religioso) e familiares (composição, tamanho, chefia); 2. Estudo qualitativo com 18 famílias (totalizando 50 indivíduos) acerca da trajetória pessoa-familiar e religiosa, comportamento reprodutivo e sexualidade.

¹⁴ O foco foi definido para as Unidades Residenciais 1, 2, 3, 4, 5 e 6 que pertencem ao município do Recife.

Do conjunto das diferentes comunidades que compõem o bairro, sobressai a visão de uma intensa vida social. Qualquer visitante que chega ao bairro no período da manhã ou da tarde, encontra muitas crianças e jovens. Muitas donas de casa são vistas conversando com vizinhas e, muitas vezes, vê-se que carregam consigo sacolas de pequenas compras. No início da manhã e também ao final da tarde, é comum ver muitas mulheres que passam apressadas; estão, respectivamente, saindo ou voltando do trabalho “*lá em baixo, na cidade*”. Mas são os homens que parecem compor a paisagem cotidiana do Ibura. Estes são vistos por todos os cantos e a toda e qualquer hora. De forma despojada e jogando dominó nas sombras das árvores, conversando em rodinhas em bares, padarias, oficinas ou botecos, poucos aparentam ter um trabalho fixo; exceto os que são vistos passando apressados e mais arrumados em direção aos pontos de ônibus.

Outras visões também se apresentam para quem está andando nas ladeiras do bairro. Visões que permitem constatar sua extensão ou as diferenciações entre áreas de antigas e recentes ocupações, entre as comunidades mais estruturadas e que contam com uma razoável infra-estrutura, e as ocupações mais recentes, com precárias condições de moradia e vida. Em contraste com esta visão interna, impõem-se visões deslumbrantes da cidade do Recife e de Jaboatão dos Guararapes como a zona portuária recifense, o Aeroporto Internacional dos Guararapes e, particularmente, a orla marítima de Boa Viagem, Piedade e Candeias, com seus edifícios luxuosos.

As comunidades pesquisadas constituem-se, na grande maioria, em áreas tipicamente residenciais. As que apresentam um maior caráter comercial são a UR-1 e a UR-2. Dado que a história destas comunidades se liga a projetos governamentais de habitação, o acesso aos bens de infra-estrutura, como água, luz e pavimentação, é considerado bastante razoável. Porém, nas áreas que foram ocupadas de forma espontânea nos interstícios deixados nos limites entre as comunidades – e também no interior das mesmas –, a situação se torna bastante precária. O que prevalece é a ausência de condições básicas de infra-estrutura (SCOTT, 1996).

O bairro todo dispõe de uma enorme variedade de templos cristãos, terreiros afro-brasileiros e casas espíritas. O visitante que chegar ao Ibura pela sua principal via de acesso, a BR-101, será tomado de surpresa e sentir-se-á inquietado pois, na primeira Unidade Residencial/UR-1, as igrejas e templos encontram-se particularmente próximos, para não dizer conjugados, numa de suas ruas centrais. Impressiona ver a Assembléia de Deus, a Igreja Presbiteriana, A Igreja Adventista do Sétimo Dia, A Igreja Batista Central do Ibura, a Congregação Batista Remidos do Senhor e a Igreja Congregacional Renovada próximas, isto porque logo vem à mente uma idéia de ecumenismo e tolerância religiosa.

O bairro também se constitui visivelmente como um bom exemplo das áreas de periferia urbana onde a penetração das religiões evangélicas multiplica-se dia a dia. Havia distintas igrejas protestantes (históricas e pentecostais). Excetuando as já mencionadas, ainda temos: Igreja Batista Canaã, Igreja Batista Renovada, Missão Evangélica Pentecostal do Brasil, Igreja Evangélica Pentecostal, Casa da Benção, Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Evangélica Betel.

À época da pesquisa, dentre as denominações pentecostais, a que congregava o maior contingente era, sem dúvida, a Assembléia de Deus. Mas as igrejas protestantes históricas, especialmente a Batista, aglutinavam um enorme contingente, caracterizando-se como uma das mais ativas da localidade.

Se os grupos religiosos católico e protestante (histórico e pentecostal) eram facilmente reconhecidos, o mesmo não acontecia com os centros espíritas e as casas de cultos afro-brasileiros. Não era apenas andando pelas ruas estreitas e ladeiras que se reconheciam estes locais, mas conversando com os moradores, seja nas filas dos postos de saúde, nos fiteiros, nas calçadas e, muitas vezes, nas casas dos informantes que divergem deste tipo de orientação religiosa, especialmente os pentecostais. De uma pré-noção da baixa presença destes grupos religiosos se estruturou, paulatinamente, a compreensão da complexidade e pluralidade religiosa que envolve a vida da localidade.

A participação do conjunto desses sistemas religiosos na vida social local era, pois, expressiva. Em termos individuais, devido às orientações cognitivas, morais e espirituais diferenciadas. Em termos da coletividade, dada a participação de grupos formados a partir de algumas igrejas (sobretudo a Católica, a Batista Tradicional e a Assembléia de Deus, entre outras denominações pentecostais), em diversas atividades, que iam desde as que envolvem a caridade até a defesa do bairro, passando pelas ligas de recreação, pequenos grupos de teatro, música e coral.

De fora ou à margem dos que têm um pertencimento religioso institucional, forte ou moderado, mas compondo o campo religioso do Ibura, estavam os que se auto-denominaram "*sem religião*". Autores que estudam este grupo interpretam o fenômeno como resultado de um processo mais amplo de transformação do cenário religioso nacional, em processo nas últimas quatro décadas, e que tem como base a desinstitucionalização religiosa (MARIZ & MACHADO, 1998).

Iniciando a caracterização do perfil religioso da população pesquisada¹⁵, os dados revelaram que a maior parte dos indivíduos, como era de se esperar, era de católicos (53,1%), agrupada entre praticantes (17,4%) e não-praticantes (35,7%). Em segundo lugar, apareceu como religião mais declarada o protestantismo pentecostal (13,4%). A terceira maior percentagem foi formada pelos "sem religião" (11,6%). Os outros grupos religiosos (os protestantes históricos, os cultos afro-brasileiros, o espiritismo kardecista) apresentaram freqüências relativamente baixas, com menos de 4% cada um.

Tomando como referência os católicos, percebe-se que o percentual encontrado fica muito abaixo do oferecido pelo Censo de 1991 para a cidade do Recife (76,8%). Em contrapartida, observa-se uma tendência contrária para os demais grupos religiosos, especialmente em relação aos evangélicos pentecostais

¹⁵ Dado que o levantamento colhia informações sócio-demográficas dos moradores dos 381 domicílios, na caracterização do pertencimento religioso, trabalhamos com uma amostra total de 1840 indivíduos.

que constituíam, segundo o mesmo Censo, o segundo mais expressivo grupo religioso, com 4,6%, embora este percentual contraste com o resultado da pesquisa, que o apresenta com 13,4%. O único grupo em que houve menor diferença entre os dados censitários e a pesquisa foi o dos “sem religião”, já que o Censo apresentava este grupo com 10,2%.

Dados de pesquisa anterior, mesmo que há bastante tempo, revelaram que o bairro do Ibura tinha cerca de 65 terreiros de xangô/umbanda (MENDONÇA, 1975). Tal dado revela a expressividade da clientela e a simpatia de parte da população por este sistema religioso. Contrariando as expectativas, vimos que os cultos afro-brasileiros se mostraram inexpressivos no levantamento realizado em 1997. Argumentamos que os participantes desses cultos, em sua maioria, não perdem sua identidade católica. Pelo fato de, no geral, declararem-se católicos quando indagados sobre a sua religião, pode-se presumir um certo “mascaramento” da realidade.

Os arranjos familiares plurais mais expressivos e sua caracterização

O universo religioso plural reinante no bairro assumiu contornos próprios quando visto sob o prisma das famílias. Estudos nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo indicavam a existência do fenômeno. A pesquisa sobre os evangélicos no Rio de Janeiro mostra que 70% dos evangélicos do Grande Rio não nasceram e nem foram criados em lares evangélicos (FERNANDES, 1998, p. 27). Também Prandi (1996, p. 262), com base em estudo populacional em São Paulo, mostra que nada menos que 26% da população adulta da cidade são de convertidos, sendo que a origem dos conversos se dá pela perda de fiéis da religião católica (58%). Embora achados como estes possam ser facilmente associados às famílias com pluralismo religioso, não se sabe quantas são e como se estruturam. Isto porque essas pesquisas tomam como referência o indivíduo, e não seu grupo familiar.

No levantamento realizado em amostra aleatória de 381 domicílios do bairro, o pluralismo religioso se faz presente em 34,4% (N=128) das famílias.

A configuração geral do fenômeno tendia a envolver apenas dois sistemas religiosos (84,4%). Uma queda significativa se observa para as famílias que congregam três sistemas (13,3%), seguida do percentual mínimo de 2,3% para as famílias que apresentam seus membros professando 4 crenças religiosas distintas.

A análise do fenômeno circunscrita à casa apresenta um dado revelador: quanto mais sistemas religiosos estiverem envolvidos na família, maior é seu tamanho médio. Enquanto nas famílias em que estão envolvidos dois sistemas religiosos, o tamanho médio é de 5,2; as famílias cujos componentes se dividem em três crenças diferenciadas apresentam um tamanho médio um pouco maior (5,6), mas bem inferior àquelas que compreendem quatro grupos de crenças (7,7). Este dado traz à tona o argumento aritmético de que quanto maior a família, maiores as chances de congregar pessoas com opções religiosas distintas. O que explorei, a seguir, é o motivo pelo qual esta família é maior (pela forma como se estrutura e é chefiada).

Este panorama tende a se complexificar à medida que expandimos a compreensão de família. No levantamento realizado, a família foi definida pelo conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica, que moram no mesmo domicílio; por isso não foi possível trabalhar com dados mais ampliados sobre a família, especialmente no que diz respeito às famílias de origem dos cônjuges. No entanto, à medida que coletava as histórias pessoais e das famílias de origem dos entrevistados do estudo qualitativo realizado com 18 famílias da UR-1 e UR-2, fui percebendo a ampliação e ramificação dos sistemas religiosos. Tomando os laços de parentesco de primeiro grau (pais, irmãos) dos entrevistados, percebe-se um aumento significativo de pluralismo religioso, que gira de dois até quatro sistemas, em 14 das 18 famílias. É certo que o número tende a

crescer à medida que as famílias congregam um maior número de pessoas. Neste sentido, **Maurício**, 34 anos, dirigente interino da Igreja Congregacional Renovada conta sobre sua família:

“ Eu vim de uma família grande, de muitos irmãos. Eu sou o mais novo de 3 homens e ainda tem mais 5 mulheres, fora meu pai e minha mãe. Quando pequeno eu entendia que todos eram católicos, mas depois fui vendo muitas coisas. Meus pais eram católicos de ir à missa, duas irmãs também se diziam católicas, mas se envolviam com espiritismo de mesa branca, o Kardecismo; um irmão fazia parte de coisas mais subterrâneas, a própria feitiçaria, a umbanda... E minha irmã mais velha sempre ia às igrejas de crente, era evangélica. Assim, eu passei por muita coisa, porque havia uma divisão tremenda de religiões em casa.”

Como já assinalado, a maioria da população pesquisada declarou-se católica (53,1%). Não obstante, o arranjo de família religiosamente mista, mais freqüente, agrupa indivíduos desta religião e de outras (pentecostais, protestantes históricas, espiritismo, cultos afro-brasileiros), e também os ditos "sem religião". Devido ao fato de a religião católica ser tão expressiva nestes arranjos, encontramos uma predominância numérica de indivíduos católicos, o que indica terem sido essas famílias, no geral, originariamente católicas.

Exemplos deste tipo de arranjo familiar são abundantes. Dona **Josefa**, por exemplo, tem 72 anos, é casada há 49 anos, teve 7 filhos e 17 netos. Além do marido, moram em sua casa uma filha que não casou e mais uma que, ao se separar, voltou à casa dos pais com os dois filhos. Dona **Maria** conta que veio de uma família católica praticante e que, apesar dos poucos recursos da família, teve uma festa de casamento na Igreja Católica. Antes de se converter, ela pensava como os católicos, que “*vêem os crentes com desdém*”. Após ter freqüentado a Casa da Amizade, optou por

fazer parte da Assembléia de Deus, a qual frequenta há 24 anos, logo que foi morar no Ibura. Na época da sua conversão, ela já tinha tido todos os filhos:

"(...) o mais novo já devia ter mais ou menos 5 anos. Quando me converti sempre levava os maiores para a igreja, mais as meninas. Mas nenhum se converteu ainda hoje."

Apesar de falar com orgulho que em sua família "*nunca houve briga porque eu ia à Igreja*", e que "*ninguém de casa nunca botou defeito na minha religião*", esta senhora relata com muita tristeza o fato de não ter conseguido "*libertar*" sua família:

"Meu marido se diz católico da cabeça aos pés, mas nunca vai à missa. Sei que ninguém aqui em casa é inimigo do evangelho, são todos amigos; mas eu oro muito pela salvação da minha família... seria a maior bênção."

A presença de pentecostais nas famílias religiosamente mistas também é expressiva (55,4%). Este fato pode ser interpretado com base no referencial da expansão das inúmeras denominações pentecostais. Ao contrário do que acontece com as famílias católicas, em que há uma predominância de indivíduos desta religião, em nenhum dos tipos de arranjos familiares que agrupam pentecostais estes chegam a ter predominância em termos numéricos; nem no arranjo de pentecostais e "sem religião", em que se poderia supor que, sendo estas famílias originalmente evangélicas, o caráter plural em termos religiosos adviria do abandono da fé e da igreja por algum(uns) membro(s).

Outro fato interessante é que, independente do número de grupos religiosos envolvidos nos arranjos familiares, a categoria "sem religião" aparece em quase metade da amostra referente ao fenômeno do pluralismo religioso intrafamiliar (49,2%). Não é difícil formular hipóteses justificativas para este dado. Em termos genéricos, pode-se argumentar que o enfraquecimento do poder religioso vem dia-a-dia ganhando espaço entre os diferentes setores

da sociedade e não, como há algum tempo se afirmava, apenas entre as camadas mais intelectualizadas. O antigo vínculo institucional no campo católico nunca foi pré-requisito para a admissão de uma identidade católica genérica (frouxa, em termos de vínculos com a instituição) por uma considerável parcela da população. As recentes mudanças no panorama religioso, especialmente a pluralização do sagrado, vem favorecer a desconexão entre uma identidade religiosa frágil e a necessidade sentida de se identificar “católico”, especialmente quando indagado.

Passando à análise dos arranjos familiares com dois sistemas religiosos, percebe-se que o arranjo de católicos com pentecostais foi o mais significativo (com 33 famílias, o que representa 30,6%), seguido do arranjo formado pelos pentecostais e os “sem religião” (com 22 famílias, o que representa 20,4%), o de católicos e protestantes históricos (com 13 famílias, o que representa 12%) e o de católicos e “sem religião” (com 11 famílias, o que representa 10,2%).

Nos arranjos que congregam pentecostais, a variação interna é grande em termos de denominações, sobretudo devido ao vasto número de igrejas espalhadas pelo bairro todo. Mas a Assembléia de Deus é, destacadamente, a que tem maior peso dentre as pentecostais referidas pelos entrevistados, estando presente em quase metade das famílias de pentecostais e católicos. Se somarmos a este dado a comprovação de que 41,1% dos atuais pentecostais foram criados na religião católica, confirmamos a hipótese de inúmeros pesquisadores que mostram que é da ampla massa de católicos que saem os protestantes, especialmente os pentecostais (MARIZ, 1994; PRANDI, 1996; SANCHIS, 1997).

Já no que diz respeito ao segundo arranjo mais expressivo (pentecostais e “sem religião”), é possível sugerir duas interpretações. A primeira, que se ajusta sobretudo às famílias originariamente pentecostais, é a de que devido à ênfase da doutrina na obediência rígida dos seus preceitos morais e institucionais básicos, aqueles que, por diversos motivos, cortam os

laços com a religião ou recusam suas regras são considerados, pelos que permanecem firmes no “*caminho do Senhor*”, como “*desgarrados*”, “*afastados*” ou “*sem religião*”. Se este discurso é visto em praticamente todas as igrejas pentecostais, são tomados com maior ênfase quando se trata de igrejas mais tradicionais. A fala de **Lúcia**, 54 anos, membro da Assembléia de Deus, casada, mãe de 5 filhos, dos quais 2 ainda são adolescentes, é exemplar:

“Veja só. Meu marido e eu criamos os meninos com aquele trato na igreja, com aquela educação religiosa. E assim a gente foi criando os filhos e todos eles trabalhavam na igreja. Eles cantavam, pregavam nos cultos infantis, tudo. Mas com o decorrer do tempo, os 3 menores trapacearam, se desgarraram. Porque na época de adolescente eles querem conhecer o outro lado, o mundo. Aí eu comecei a insistir, comecei a falar ... Aí foram enfraquecendo, sabe... de ir para igreja. É tanto que hoje os três estão fora da igreja. Os 3 homens. Aí daí para cá começou a dobrar minha cabeça. Até hoje eles me dão trabalho. É o zelo de mãe. Aí eu até disse ‘eu não vou me preocupar com vocês, porque Deus é quem vai cuidar dessas coisas.’ Não adianta a gente insistir, insistir... a gente se preocupa, fica com problema de saúde e não dá jeito.”

A segunda via interpretativa se aloca melhor para as famílias que não são originárias do pentecostalismo e nas quais apenas o informante é pentecostal. Por pertencer a um grupo religioso que procura se diferenciar em relação às demais religiões, pelo grau de compromisso que o fiel deve ter com a crença e o nível de afastamento das “*coisas do mundo*”, estas pessoas passam a considerar os não praticantes da sua religião como “*sem religião*”.

Composição, chefia e curso de vida das famílias com pluralismo religioso

Os estudos de família, sobretudo os de caráter populacional, adotam um elenco de categorias para a construção do perfil das famílias, assim como na caracterização dos processos de permanência e mudança ao longo da evolução dos padrões familiares. Da gama de indicadores usualmente utilizados nestes estudos, elegi alguns para a elaboração do perfil comparativo das famílias com pluralismo e sem pluralismo religioso. Foram estas as categorias trabalhadas: tamanho, composição e chefia familiar.

Assim como em estudos quantitativos que trabalham tendo como referência fontes de dados primários ou secundários, no levantamento realizado tomei como critérios centrais a co-residência, a relação de parentesco e dependência doméstica entre pessoas residentes nos domicílios particulares. Isto significa que o que se pôde analisar foram as estruturas ou composições das unidades domésticas, não sendo possível reconstruir os processos que respondem pela diversidade destas. Entretanto, tendo como parâmetro o entendimento de que os indivíduos no interior das famílias estabelecem relações de tensão e afeto, que a família não se constitui como um grupo sempre harmonioso e sereno, mas como uma unidade composta por indivíduos de sexos, idades e posições diversificadas que vivenciam um constante jogo de poder, é que busquei articular o estudo quantitativo com o aprofundamento das trajetórias de casais de uma amostra de 18 famílias. Isto porque reconheci que a falta de um entendimento da instituição familiar como *processo*, e não como uma estrutura fixa no tempo, tem provocado distorções nas interpretações do universo familiar (BILAC, 1995; GOLDANI, 1993; SZYMANSKI, 1995).

Em razão da pluralidade empírica dos arranjos familiares, o recurso escolhido foi o de utilizar uma tipologia básica de caráter descritivo, que reproduzisse as manifestações mais importantes dos arranjos familiares mais freqüentes. Os dois arranjos mais freqüentes encontrados foram: *casal com filhos* (43%) e *casal com filhos e com*

parentes (23%). Em seguida, têm-se outros arranjos, como: *mulher sem cônjuge, com filhos e com parentes* (12%) e *mulher sem cônjuge e com filhos* (7%). Os demais apresentaram percentuais ínfimos, com menos de 3% para cada um..

Com o cruzamento em termos de pluralismo religioso, o que se percebe de mais contrastante é que o arranjo predominante (*casal com filhos*) é mais significativo entre as famílias cujos membros compartilham da mesma religião (71,6%). Já quando da presença de algum membro externo ao núcleo familiar original na condição de parente, verificou-se uma tendência para uma maior concentração de pluralismo religioso.

Isto foi especialmente visível nos arranjos *casal com filhos e com parentes; mulher sem cônjuge, com filhos e com parentes*. Se o arranjo *casal com filhos e com parentes* apresentou um percentual geral de 23%, quando analisado sobre o prisma do pluralismo religioso, apresentou um percentual de 42%. O segundo arranjo mais significativo com parente, *mulher sem cônjuge, com filhos e com parentes* está praticamente presente em cerca de uma em cada 10 famílias do bairro. Este arranjo apresentou, em termos de pluralismo religioso, um índice surpreendente de 43%.

Cabe notar que este último arranjo é típico do fenômeno da matrifocalidade presente, sobretudo, nas áreas de periferia das cidades que, na ausência da figura de um marido/pai provedor, cabe à mulher fazer face ao sustento da casa, mesmo que para isso se utilize da estratégia de juntar-se a outros parentes. A família de **Carmem**, 33 anos, expressa bem esta tendência. Vivendo atualmente com os dois filhos pequenos na casa da mãe, onde ainda mora um irmão com problemas mentais e uma irmã separada, Carmem conta que precisou voltar à casa materna após a separação do marido, porque não tinha para onde ir. Embora trabalhe como servente em uma escola e contribua com boa parte do sustento da casa, Carmem vive o dilema do que fazer: ao mesmo tempo em que acha difícil a convivência familiar, devido ao fato de ser a única evangélica em casa e acalenta o sonho de “ter seu lugar”, sente-se dividida por deixar sua mãe, que sempre foi católica, sozinha na casa com o irmão. Para ela:

“(...) minha mãe sofreu muito na vida dela com meu pai, porque quando ele era vivo ele bebia muito, então foi uma luta muito grande. Os meus irmãos casaram e só tem em casa um que é doente da cabeça, às vezes ele foge, depois aparece... É, eu estou fazendo uma corrente na Missão [Igreja Missão pentecostal] de 7 semanas para conseguir construir meu barraco, minha casinha, porque eu queria ter uma casa, eu sou muito zelosa, sabe? Mas eu fico pensando em deixar mãe só... às vezes, eu penso de ficar com ela..., também porque uma dá o braço para outra.”

Com relação aos arranjos que apresentam tendência à homogeneidade, relativamente ao pertencimento religioso, cabe destacar três arranjos: *casal sem filhos*, *casal com filhos* e *mulher com filhos*. Para o segundo tipo de arranjo familiar, que tem um afastamento negativo da média (43%), em torno de 30%, é possível aventar a hipótese de que haveria uma menor incidência de dissensão religiosa, visto que a atuação socializadora não receberia influência de outros, senão dos próprios pais, no seio do grupo doméstico. Somado ao fato de que, entre tais famílias pode haver um número significativo de filhos ainda adolescentes, com uma possível baixa inclinação para promover divergência religiosa no núcleo familiar. Desta forma, a reprodução ideológica dos pais, exercida dentro da unidade familiar por meio da transmissão cotidiana de valores, parece não ser tão questionada.

No que se refere ao terceiro tipo de arranjo, *mulher com filhos*, que, em termos gerais, representa apenas 7%, mas que apresenta homogeneidade religiosa em 81%, é possível levantar a proposição de que se trate de arranjo em que o poder de socialização da mãe permaneceria razoavelmente forte. Aludindo ao tradicional papel de socializadora da mãe, não chega a causar estranheza a positividade do desempenho de sua função de reprodução dos valores sociais, sobretudo quando o foco da ação socializadora são filhos ainda pequenos que, dispendo de pouca autonomia, apresentam escassas possibilidades de transgredir às normas familiares.

A chefia familiar tem constituído um tema privilegiado no âmbito dos estudos sócio-demográficos sobre a família, sobretudo no decorrer das últimas décadas, quando as transformações sócio-econômicas vêm abalar o padrão dominante do homem como provedor principal ou mesmo exclusivo do grupo familiar. Estudos da década de 1970 sobre famílias operárias (MACEDO, 1979) mostravam claramente que o trabalho remunerado das esposas era considerado pelos maridos como sinal de ofensa, vergonha e humilhação. Mesmo na década de 1980, apesar do reconhecimento da entrada crescente da mulher no mercado de trabalho, a ideologia de que ela só poderia trabalhar fora caso houvesse sérias necessidades de “ajuda” ao marido no seu dever de prover o sustento da casa ainda persistia, e é relatada em estudos como o de Zaluar (1994). Os anos 1990 assistem à consolidação da entrada da mulher em diferentes domínios da esfera pública, sobretudo do trabalho. Autores como Scott (1990), Giffin (1994) e Vaitsman (1997) apontam, então, para a transformação das representações associadas à mulher que trabalha fora e que procura contribuir com dinheiro para o sustento da família entre as classes populares urbanas. Estas passam a ser vistas pelos homens como “companheiras” que dividem as despesas da casa, mesmo que uma certa resistência ainda povoe o imaginário masculino. Já para as próprias mulheres, trabalhar fora é bom, torna-se um valor positivamente considerado, porque possibilita a saída da casa e/ou o acesso a alguns bens de consumo, com o caráter da autonomia financeira diante da tradicional tutela do marido.

Os dados obtidos no levantamento sinalizaram rumo às mudanças recentes neste campo, demonstrando que a saída da mulher para o trabalho extra-doméstico é uma tendência que não tem volta e que traz importantes repercussões no incremento da chefia feminina na casa, seja em termos de chefia exclusiva ou compartilhada. Assim, embora a chefia exclusiva masculina continue predominando para uma em cada duas famílias no bairro, foi observada uma taxa significativa referente à participação feminina na chefia da casa, já que o percentual de mulheres chefes

em caráter de exclusividade foi de 24%. Também a chefia compartilhada pelo casal apresentou índice considerado elevado 23%. Este dado parece corroborar os achados de estudos populacionais com base em dados secundários, que informam um crescimento constante da chefia feminina (GOLDANI, 1994), especialmente nas áreas de periferia urbana dos estados mais pobres do Nordeste. Considerando o Ibura como exemplo representativo desta configuração, interpretamos o dado como resultante das más condições de vida que geram instabilidade familiar e conjugal.

A problemática de gênero no âmbito das famílias religiosamente plurais incide também no tocante à chefia familiar. O levantamento indica que as famílias em que a mulher desempenha a chefia, seja ela compartilhada ou exclusiva, há a tendência relativa ao pluralismo religioso. Assim, quando o homem é o único chefe da casa, o pluralismo está presente em 31,1%. Um crescimento de quase 5% é observado entre as famílias com chefia exclusiva feminina. Mas foi entre as famílias com chefia compartilhada que se concentraram as famílias religiosamente plurais (39,1%). Considerando que os lares chefiados por mulheres fogem ao arranjo mais tradicional de família (casal com filhos), e que muitas das mulheres chefes buscam complementação de renda por meio da incorporação de parentes na casa, têm-se, mais uma vez, sinalizações que levam ao reconhecimento de que o pluralismo religioso, embora significativo em praticamente todos os tipos de arranjos, tende a ter maior expressividade naqueles que fogem ao modelo mais tradicional de família.

Pluralismo religioso nas famílias do Ibura: o lugar dos sujeitos e dos vínculos familiares

Iniciaremos esta parte situando os dois aspectos que nortearão seu desenvolvimento. 1. Pluralismo religioso como resultado dos processos de transformações recentes na religião e na família e a “crise” nestas instituições; 2. Autonomia e liberdade (do

sujeito) num mundo permeado pelo coletivo (família); ou, em outras palavras, a localização da escolha e opção religiosa no contexto das famílias e das relações de sociabilidade no universo dos setores populares urbanos.

Resumindo os dados obtidos a partir do cruzamento de variáveis dos estudos de família, como tamanho, composição, chefia, verificamos que o pluralismo religioso incide mais nas famílias que apresentam, em sua composição, membro externo ao núcleo original (pai, mãe e filhos). Interessante notar, também, que dentre os arranjos familiares que fogem ao modelo conjugal ou nuclear, o que é formado por *mulher sem cônjuge, com filhos e com parentes* é um dos que concentra mais o fenômeno do pluralismo religioso intrafamiliar, assim como o arranjo composto por *casal com filhos e com parentes*. Com respeito à chefia familiar, o levantamento indicou que nas famílias em que a mulher desempenha chefia (exclusiva ou compartilhada), há a tendência ao pluralismo religioso, especialmente no último caso (chefia compartilhada).

Entendemos que os achados aludem ao amplo quadro de questionamentos acerca das modificações recentes nos universos da família e da religião em nossa sociedade.

As transformações por que passa a família brasileira podem ser compreendidas como resultado das estratégias de que a população se utiliza para enfrentar a crise que atravessa a sociedade. Adiado os planos de casamento e de nascimento do primeiro filho, diminuindo o número de filhos, aumentando o recurso ao divórcio, entre outras opções, as pessoas elegem estratégias, muitas vezes não intencionais, para fugir ou enfrentar a conjuntura sócio-econômica adversa vivida nos anos 1980 e 1990¹⁶. Os impactos destas “opções” familiares ganham visibilidade no campo da demografia da família. Como bem sumariou Goldani (1993 e 1994), os anos 1980 assistiram a uma queda ainda mais

¹⁶ Isto não significa desconsiderar, enquanto elemento explicativo para as mudanças nos padrões familiares, a força dos referenciais propostos pelos movimentos sociais (movimento feminista), de autonomia, liberdade e poder de decisão das mulheres sobre seu próprio corpo e sua vida.

acentuada no tamanho médio das famílias (de 4,6 para 4,1 pessoas entre 1980 e 1989). O arranjo, ainda dominante, casal com filhos, perdeu força, ao mesmo tempo em que houve o incremento de arranjos familiares monoparentais, que passaram a representar 22%, em 1989. E, intrinsecamente relacionado a este fenômeno, observa-se o aumento das famílias chefiadas por mulheres (que representam, em 2000, 24%). Mas diminuir o tamanho da família e promover novas formas de convivência não bastaram no enfrentamento da situação sócio-econômica desfavorável. As famílias precisaram de mais pessoas contribuindo com algum tipo de renda para o orçamento doméstico. Assim, não é à toa que a entrada da mulher no mercado de trabalho ampliou-se ainda mais, chegando a alcançar 40%, em 2001.

No campo da religião, por outro lado, os anos 1980 assistiram ao recrudescimento das mudanças em processo desde décadas anteriores, que se expressam e ganham visibilidade em termos de pluralismo, trânsito religioso e crescimento do pentecostalismo. Tais transformações levaram os autores deste campo a reavivar, em termos de debates exacerbados, o problema do lugar e do futuro da religião na sociedade. Embora não caiba, aqui, retomar as teses primeiras sobre o crescimento do pentecostalismo na sociedade brasileira e latino-americana, sobretudo entre os pobres urbanos (CAMARGO, 1973; WILLEMS, 1967), teses ainda existentes porque sempre reformuladas (MARTIN, 1990; STOLL, 1990); há que reconhecer que a emergência de um pluralismo religioso institucional, impulsionado pelo crescimento do pentecostalismo, foi inicialmente considerado por muitos como resultado de uma modernidade excludente.

Assim, uma rápida olhada na produção sobre religiões populares nos remete a uma gama de estudos em que a preocupação central se encontra na relação entre pobreza e expansão pentecostal. Machado (1999) explora a questão da exclusão social como um solo fértil para o crescimento das formas alternativas de religiosidade e a expansão do pluralismo religioso institucional na América Latina. Em sua análise, embora a escassez

de trabalho, políticas públicas e renda afetem a todos, sem distinção de sexo, cor, idade, a filiação religiosa não se apresenta como recurso preferencial para todos que buscam alternativas às aflições sentidas nas diferentes esferas da vida. Assim, um amplo estudo sobre evangélicos, no Rio de Janeiro, mostrou que há uma significativa associação entre a opção pela fé pentecostal e a pobreza, a baixa escolaridade e o sexo feminino (FERNANDES, 1988).

Teria o fenômeno do pluralismo religioso intrafamiliar relação com as mudanças nos padrões familiares mais tradicionais para as camadas populares, por um lado, e quanto à escolha e pertencimento religioso na sociedade, por outro? Os dados advindos de nossa pesquisa sugerem que sim. O pluralismo religioso nas famílias populares urbanas, embora talvez há muito presente na sociedade brasileira, estaria associado, em parte, ao recrudescimento da desigualdade social, da escassez e da dificuldade de acesso a recursos e bens, assim como a políticas públicas.

Mas isto não significa afirmar, entretanto, que a expansão das religiões evangélicas dá-se apenas nos setores mais pobres da população, o que, como conseqüência, localizaria o fenômeno do pluralismo religioso, em sua forma aqui analisada, unicamente nestas parcelas da população. Como bem expuseram Mariz e Machado (1998) e Machado (1999), se ainda podemos assentar nossas argumentações em torno da predominância em termos de crescimento do pentecostalismo entre as populações de baixa renda, devemos também considerar a expansão deste tipo de religiosidade entre setores da classe média.

Como visto anteriormente, sendo os arranjos de *católicos e pentecostais*, *católicos e protestantes históricos* e *pentecostais e sem religião* os três mais significativos, a presença de indivíduo evangélico (sobretudo a mulher, esposa-mãe) significa, muitas vezes, não uma divergência quanto ao padrão de religiosidade do grupo presente desde a sua formação, mas uma divergência que se processa em etapa posterior. Neste caso, o fenômeno poderia ser

caracterizado como expressão da busca, que alguns indivíduos das famílias fazem, de um instrumental cognitivo e prático que serve de estímulo à administração e ao enfrentamento das dificuldades experimentadas na vida cotidiana.

Se este argumento é válido, alguns aspectos devem ser arrolados para sua demonstração. E um destes remete à forma como homens e mulheres, jovens e adultos, desprendem-se de antigas crenças e aderem a novas. Quanto a este aspecto em particular, seguimos o posicionamento de que a adesão da população das camadas sociais pobres no Brasil a igrejas evangélicas não representa, como bem demonstrou Mariz (1995), a busca de um re-encantamento do mundo, pois, estas não chegaram a desencantá-lo, como os setores hiperracionalizados do primeiro mundo e as classes média e alta no país. Outro aspecto, e que deriva deste, como lembram também Mariz (1995), Machado (1996) e Burdick (1998), é o de que, se é certo supor que não é a busca de um mundo encantado que está em questão, há que considerar as conseqüências não intencionais decorrentes do longo processo que leva o sujeito da freqüência ao pertencimento religioso, passando pela conversão.

A partir deste ponto, moveremos a discussão para o segundo eixo norteador desta parte final do trabalho, que seria o questionamento acerca das implicações da adesão pessoal e voluntária às igrejas evangélicas e as transformações processadas na identidade dos sujeitos e sua correlação com os padrões estruturadores da vivência familiar entre as camadas populares urbanas.

A despeito dos constrangimentos sociais impostos aos indivíduos pelas estruturas organizadoras da vida em família e em sociedade, escolhas pessoais são possíveis. Os indivíduos não são meros receptores passivos de forças estruturais ou simbólicas. À primeira vista, esta afirmação parece ser óbvia ou evidente, mas passa a ser problematizada, quando nos perguntamos sobre os significados mais profundos, em termos de ruptura com a tradição (aqui, especialmente, a familiar), que a dissidência e a adesão

religiosa implicaria. É sobre a ambigüidade presente no movimento do sujeito entre ruptura e integração – ou resistência e acomodação – aos padrões orientadores das relações familiares, e que são emblemáticos da própria instituição familiar, que nos deteremos.

O argumento a ser trabalhado remete ao aspecto da adesão e do vínculo religioso no contexto de uma “modernidade religiosa”, na expressão usada por Oro (1996), que se instaurou no país com o pluralismo religioso. A religião que o sujeito professa passa a ser não uma identidade herdada, uma atribuição coletiva, assentada na tradição – penso sobretudo a familiar –, mas uma identidade escolhida e adquirida pelo próprio indivíduo.

Os diferentes relatos que acessamos na pesquisa qualitativa acerca das trajetórias religiosas dos homens e das mulheres, jovens e adultos, pobres, pelos sistemas religiosos reportaram à necessidade de refletir sobre o lugar simbólico que os novos elementos religiosos ocupam na vida dos convertidos e, especialmente, sobre a forma como estes elementos contribuem na luta cotidiana pela sobrevivência e pela manutenção da família.

Embora no contexto da conversão tenhamos observado a tendência à expressão da autonomia e individualidade na escolha e do vínculo religioso pelos nossos entrevistados, nesse mesmo contexto de emoção a razão não ficou de fora.

É por isso que defendemos, seguindo o argumento de Mariz (1994) e Oro (1996), que o novo vínculo religioso é, a um só tempo, emocional e ético. O emocionalismo expresso pelos entrevistados que pertencem às igrejas evangélicas, especialmente às pentecostais, nas ocasiões de culto ou nos relatos sobre conversão, bênçãos recebidas e milagres alcançados, estava sempre associado à busca racional da salvação (seja de si ou do ‘outro’ – no caso algum familiar) pela adoção de um comportamento ascético. Se, nas primeiras visitas às igrejas, a busca por uma solução mágica ou emocional dos problemas constituía o fator que impulsionava os indivíduos, sua continuidade revelou, aos poucos, a mudança no estilo de vida, que passou a ser por eles valorizada.

Com base nestes argumentos, chegamos à reflexão final sobre o lugar dos sujeitos (autônomos) X o respeito aos vínculos familiares.

Os dados analisados indicaram que as escolhas religiosas dependem muito de certos fatos da biografia de cada um, havendo momentos em que a religião parece preencher certas lacunas deixadas pela própria trajetória de vida. Neste sentido, os diferentes sujeitos, ao lançar mão da eficácia simbólica das religiões de aflição (FRY & HOWE, 1975), estariam reforçando a lógica da família e do parentesco, mesmo quando impulsionados por sofrimentos advindos da esfera familiar (doença ou morte de pessoa querida, conflitos conjugais por causa de alcoolismo e desemprego, problemas geracionais por envolvimento com drogas ou comportamento abusivo quanto à sexualidade por parte dos filhos, etc.). Em outras palavras, grande parte da adesão a estes sistemas religiosos responderia por “desordens” instaladas na família, que são, todas, mas cada uma a seu modo, resultado do imbricamento entre os referenciais identitários mais amplos – de gênero, geração e curso de vida – e a realidade cotidiana da dinâmica familiar no contexto da pobreza.

REFERÊNCIAS

AUBRÉE, Marion J. *Voyages entre corps et esprits: Étude Comparative Entre Deux Courants Religieuses dans le Nordest Brésilien*. Thèse de Doctorat, 3ème Cycle Université Paris VII Jussieu. 1985.

BILAC, Elisabete D. *Família: algumas inquietações*. In: CARVALHO, M.C. (Org.) **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Educ, 1995.

BURDICK, John. *Procurando Deus no Brasil - A Igreja Católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

CAMARGO, Cândido P. Ferreira de (Org.). *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

COUTO, Márcia Thereza. *Pluralismo religioso em famílias populares: poder, gênero e reprodução*. Tese (doutorado em Sociologia) – UFPE, 2001. 338p.

FERNANDES, Rubem C. et al. *Novo nascimento – Os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 32ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997

FRY, Peter H.; HOWE, Gary N. *Duas propostas à aflição: umbanda e pentecostalismo*. **Debate e Crítica**, São Paulo, HUCIT, Vol.6, p. 74-94, 1975.

GIFFIN, Karen. *Esfera de reprodução em uma visão masculina. Considerações sobre articulação da produção e reprodução de classe e de gênero*. **Physis** –Revista de saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1994.

GOLDANI, Ana Maria. *As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação*. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.1, p. 67-110, 1993.

_____. *Retratos de família em tempos de crise*. **Revista estudos feministas**, Rio de Janeiro, Número Especial, p. 303-335, 1994.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais – adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo: Editores Associados/ ANPOCS, 1996.

_____. *Religiões e sociedades: um quebra-cabeça da América Latina*. Trabalho apresentado no IX Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Rio de Janeiro, set. 1999, mimeo.

MARIZ, Cecília L.. *Coping with poverty*. Philadelphia: Temple University Press, 1994.

_____. *El debate em torno del pentecostalismo autónomo em Brasil*. **Sociedad y religión**, Buenos Aires, n. 13, p. 21-32, 1995.

MARIZ, Cecília L.; MACHADO, Maria das Dores Campos. *Changements récents dans le champ religieux bresilien*. **Social Compass**, 45 (3), Londres, Sage Publications, p. 359-78, 1998.

MARTIN, David. *Tongues of fire: the explosion of protestantism in Latin America*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

MENDONÇA, João Hélio. *O crescimento e a localização dos centros e terreiros de xangô no Grande Recife (interpretação sociológica)*. **Revista ciência e trópico**, Recife, IJPNS, vol. 3, n. 1., 1975.

ORO, Ari P. *Considerações sobre a modernidade religiosa*. **Sociedad y religión**, Buenos Aires, n. 14/15, p. 61-70, 1996.

PRANDI, Reginaldo. *Religião paga, conversão e serviço*. In: PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 257-274.

SANCHIS, Pierre. *O campo religioso contemporâneo no Brasil*. In: ORO, Ari P.; STEIL, Carlos A. (Org.) **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 103-116.

SCOTT, Parry. *O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico*. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 73, p. 38-47, maio 1990.

_____. *Saúde e pobreza no Recife: poder, gênero e representações de doenças no bairro do Ibura*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

STOLL, David. *Is Latin America turning protestant? The politics of evangelical growth*. Berkeley: University of California Press, 1990.

SZYMANSKI, Heloisa. *Teorias e "teorias" de famílias*. In: CARVALHO, M. C. (Org.) **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Educ, 1995.

VAITSMAN, Jeni. *Pluralidade de mundos entre mulheres urbanas de baixa renda*. **Revista estudos feministas**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 303-319, 1997.

WILLEMS, Emilio. *A estrutura da família brasileira*. In: **Sociologia**. XVI - 4, 1954.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1994

Mulheres na liderança comunitária e provisão econômica da família em áreas Zeis no Recife.

Mary Alves Mendes

Introdução

O crescimento da participação feminina na esfera pública, principalmente nas áreas da educação, política e trabalho, é apontado como um dos fatores responsáveis por importantes modificações, principalmente no que se refere à família e à sexualidade. Avaliadas enquanto processo histórico, tais mudanças podem ser consideradas reflexos das lutas e reivindicações femininas pela igualdade de direitos e afirmação das diferenças entre os sexos como construção social (BEAUVOIR, 1980; ROSALDO, 1994; SCOTT, 1989,1991).

A participação feminina nos movimentos sociais e no mercado de trabalho são duas dessas dimensões que merecem serem discutidas pela importância e significado que as mesmas engendram para a compreensão da sua condição na sociedade, sobretudo, no que se refere às relações de gênero. Através das ações políticas coletivas, grandes transformações ocorreram em relação aos seus direitos, seja lutando por questões mais específicas, como nos movimentos feministas, ou por questões mais gerais, como nos movimentos de mulheres e movimentos populares, reivindicando melhorias de moradia, escolas, hospitais, creches (FREITAS, 1998; MENDES, 2000; SCOTT, 1991).

A participação no mercado de trabalho, além de estar associada à autonomia feminina, se torna relevante na compreensão das mudanças ocorridas na família e nas relações família-trabalho (BRUSCHINI, 2000; GOLDANI, 1994; MONTALI, 2004; SARTI, 1997, 1996). Além do que o crescimento dessa participação traz à tona outra situação também crescente,

principalmente nas camadas pobres: a condição de provedoras econômicas da família (BERQUÓ, 2002).

Apesar de ser vista como fator de emancipação feminina, os estudos têm enfatizado constantemente as desigualdades de gênero presentes no mercado de trabalho, denunciando a ocorrência de um processo de “feminização da pobreza” e “feminização do trabalho” (KEE, 1982), indicando o aumento da pobreza em relação às mulheres, concentração em guetos ocupacionais, postos de trabalho mais instáveis, piores remunerações e políticas discriminatórias (ABRAMO, 2000; BRUSCHINI, 2000; MENDES, 2005).

No entanto, a melhoria da condição feminina de *agente* pode gerar mudanças importantes na sociedade. O ganho de poder feminino se torna fundamental no processo de desenvolvimento das nações. Saber sobre a prosperidade de uma nação e sobre a qualidade de vida de seus habitantes é saber como estão estruturadas as relações familiares e as relações de gênero (AMARTYA SEN, 2000; GIDDENS, 2000; NUSSBAUM & SEN, 1996).

Dada a importância das dimensões políticas e econômicas para se compreender a situação das mulheres na sociedade atual, esse artigo tem como objetivo discutir o significado da participação feminina na política comunitária no que se refere às relações de gênero, ou seja, a influência dessa participação nas relações de gênero no âmbito da esfera pública e privada. Recorre-se aos dados de uma pesquisa qualitativa realizada com as representantes comunitárias das áreas Zeis que atuavam junto aos espaços políticos do PREZEIS, na cidade do Recife (MENDES, 2000)¹⁷.

¹⁷ Trata-se da minha pesquisa de mestrado em sociologia, realizada com 28 representantes comunitárias titulares das áreas ZEIS, da cidade do Recife, com representação política junto ao PREZEIS, em 2000. As Zonas Especiais de Interesse social – ZEIS, são áreas muito pobres, provenientes de invasão e cuja regularização fundiária e urbanização são oficializadas pelo poder público municipal (URB), através do Plano de Regularização das Zeis – PREZEIS, um plano de política urbana que trata da legalização e urbanização dessas áreas. Um dos objetivos dessa representação era reivindicar e acompanhar o processo de legalização, urbanização e melhorias de infra-estrutura dessas áreas.

O bairro do IBURA foi contemplado na referida pesquisa através das áreas Zeis, IBURA/JORDÃO e UR-5/TRÊS CARNEIROS, ambas representadas por mulheres¹⁸. Destaca-se a expressividade que tiveram os depoimentos e os discursos dessas líderes comunitárias para a análise e resultado geral da pesquisa, tanto no que se refere à participação política, quanto às relações de gênero.

Participação feminina na liderança comunitária em áreas Zeis: indicativo de pobreza, empoderamento e visibilidade.

O processo de indicação e/ou candidatura das Representantes Comunitárias de áreas Zeis, eleitas pelas próprias comunidades para representá-las junto ao PREZEIS/URB, comumente, estava direcionado àquelas mulheres inseridas em trabalhos comunitários e políticos na área de residência (Associação e/ou Conselho de Moradores, Clube de Mães, Agentes de Saúde).

Dentre os critérios simbólicos que perpassavam a candidatura e eleição para a representação comunitária estava a desenvoltura do falar, a desinibição, a popularidade, a solidariedade e o espírito coletivo. Na condição legítima de Representantes, recebiam uma ajuda de custo¹⁹, paga pelo Fundo Municipal do PREZEIS, para subsidiar os deslocamentos para as reuniões e outras atividades.

O caráter mais formal de indicação e aceite para a liderança comunitária acontecia de forma processual. O primeiro convite para se candidatarem era, geralmente, recebido com certa precaução e demora em termos do aceite, seja para discutirem em família, tentando amenizar os conflitos que poderiam surgir pela falta de consenso, seja para refletirem sobre as implicações dessa

¹⁸ Além das representantes das ZEIS do Ibura/Jordão e UR-5/Três Carneiros, fizeram parte da pesquisa as representantes das ZEIS de Brasília Teimosa, Vila Esperança/Cabocó; Campo do Banco; Beirinha; Aritana; Rua do Rio/Iraque; Vila São João; Sítio Grande; Planeta dos Macacos; Mustardinha; Campo Grande; Afogados; Greve Geral; Caranguejos/Tabaiares; Campo do Vila; Entra Apulso; Coqueiral.

¹⁹ A ajuda de custo, no ano de 2000, era em torno de 100,00 (cem reais).

participação no que se refere à disponibilidade de tempo, perda de privacidade, exposição pública e maiores responsabilidades.

Todavia, quando ingressas começava a dura batalha de conciliação entre o trabalho comunitário e a vida familiar. A jornada diária acabava sendo quadruplicada para as mulheres casadas nas atribuições relativas à representação comunitária, dona de casa, mãe e esposa. Além da multiplicidade de atribuições, ainda tinham que conviver com os comentários maldosos de alguns vizinhos sobre suas saídas e companhias, as reclamações dos filhos, e as desconfianças de alguns companheiros diante do ciúme e da impotência de confiná-las ao espaço da casa, tradicionalmente mantida sob seu controle (SCOTT, 1990).

As várias atividades políticas que exerciam²⁰ faziam com que passassem boa parte do tempo fora de casa e mesmo estando em casa eram muito requisitadas pela Comunidade, ou seja, a casa acabava se transformando numa espécie de espaço público e político. As delimitações imprecisas entre as esferas pública e privada emaranhavam as posições de líderes comunitárias e de donas de casa. Muitas delas se queixavam da falta de privacidade e descanso no contexto familiar, visto que eram solicitadas a todo o momento para resolver quase todos os problemas existentes, inclusive aqueles de ordens mais pessoais e íntimos, como brigas entre casais e entre pais e filhos.

As atividades políticas que faziam parte do trabalho de representação comunitária, principalmente as reuniões do Fórum, do Movimento Popular, eram concebidas, por elas, como espaços de aprendizado, descoberta e conhecimento, lugar onde se sentiam bem, faziam amizades, perdiam a timidez, trocavam experiências, eram valorizadas, estimuladas e onde esqueciam, temporariamente, os problemas de casa.

²⁰ Além das atividades que exerciam no PREZEIS quase todas possuíam mais de uma ocupação política dentro e fora da comunidade, indo desde a Associação e Conselho de Moradores, Centro Social, Orçamento Participativo, Central de Movimentos Populares, Pastorais, Clube de Mães.

O processo de engajamento e participação nas ações políticas comunitárias promovia o ingresso dessas mulheres num mundo de descobertas e aprendizado que as fazia refletir, não só sobre o significado de estarem representando uma comunidade e o quanto isso lhes proporcionava poder, mas sobre si mesmas, enquanto mulheres conhecendo e lutando por seus direitos e igualdades.

Em relação às demais moradoras da Comunidade, elas se auto-reconheciam como diferentes. A percepção da diferença estava associada às relações de poder e autoridade que a própria condição de líderes comunitárias lhes trazia. A representação política rompia com a condição de invisibilidade pública e incluía a sua entrada em redes de relações que pressupunham novos saberes e informações, redefinindo, assim, as relações de poder na esfera pública.

Visibilidade e poder se constituíam, respectivamente, em elementos adquiridos através da participação na política comunitária. Através desta, foram se tornando (re)conhecidas e legitimadas, enquanto representantes de um segmento social, e passaram a adquirir elementos na sociabilidade política que foram tornando-lhes mais informadas e conscientes e aprimorando seu poder de articulação e negociação.

A participação, propriamente dita, junto às reuniões do Fórum e do Segmento Popular, era marcada por freqüentes intervenções que, geralmente, estava associada à reclamação de problemas infra-estruturais da Comunidade e reivindicação de melhorias, denúncias e discussões sobre idéias e posições políticas. Algumas se destacavam nos momentos de debates mais acalorados, contudo eram as primeiras a acalmarem os companheiros quando a agitação das discussões parecia estar fora de controle.

Havia um diferencial feminino em relação à participação masculina nas reuniões políticas. Em geral, as mulheres mostravam-se mais cautelosas no ímpeto de falar e no modo de colocar as idéias e suas posições políticas em público, o que, segundo Bourdieu (2002; 1996), pode estar relacionado ao fato de tenderem menos do que os homens a se atribuírem competências legítimas.

A religião apareceu, também, como uma marca diferencial na forma de participar. Os preceitos religiosos de ordem evangélica constituíam fator de abrandamento das manifestações de discordância e conflito, em favor de posturas de concordância e integração. Essas representantes evangélicas concebiam que o alcance das suas ações políticas só percorria metade do caminho, a outra metade era esperada e alcançada conforme a vontade e os desígnios de Deus.

A apreensão desses preceitos exercia influência sobre a operacionalização da participação. Em geral, se mantinham mais caladas e serenas do que os(as) participantes não evangélicos(as) evitando, sempre que possível, o embate de idéias. As falas e colocações aconteciam mais no sentido de meras informações e requisições de materiais para a Comunidade e menos no sentido das divergências de idéias e posições políticas. Esses comportamentos eram justificados tendo em vista a recusa da ofensa ao próximo e a concepção de que com calma e concordância tudo se consegue, visto que Deus é o sabedor do momento certo do merecimento de cada um.

Havia casos em que a tensão entre princípios evangélicos e o exercício da política se fazia mais notável, a exemplo das reprovações e/ou vigilâncias de alguns pastores em relação à participação das fiéis na política comunitária. Mesmo nessas situações, não foram observadas desistências por parte das mulheres. O constrangimento e tensão gerados pela participação na política eram abrandados via negociações com a igreja sobre a condução da participação no processo político como um todo, isso implicava seguir os preceitos religiosos mencionados anteriormente.

Os relacionamentos mantidos com os homens nos espaços de atuação política do PREZEIS, no que se refere às representantes em geral, eram amistosos e embora houvesse muitas divergências de opiniões havia respeito e boa relação entre ambos. Porém, não se intimidavam quando tinham que se contrapor ou enfrentá-los nas reuniões, para defesa de um ponto de vista ou reivindicação. Nesse aspecto, destacavam-se as representantes comunitárias do bairro IBURA, uma delas em especial pelo poder e respeito que tinha junto às instâncias políticas do PREZEIS (representantes comunitários, URB e ONGs).

A participação feminina nesses espaços políticos, não se tratava apenas de uma questão de *lobby* junto ao Estado por melhorias de infra-estrutura e legalização fundiária dessas comunidades pobres significava, também, mudanças operadas nas relações de gênero (PINTO, 1992; SILVA, 1992). Nesse sentido, a participação política se constituía como uma via de mão dupla onde as esferas pública e privada apareciam como complementares e coexistentes, ou seja, o exercício político que as preparava para reivindicar e negociar questões coletivas, as exercitava, também, para lidar com as questões de desigualdade de gênero presentes na esfera doméstica.

Relações de gênero no contexto familiar: entre permanências e mudanças

As representantes comunitárias que fizeram parte deste estudo tinham idades, entre si, muito variadas, indo de 26 a 60 anos, no entanto, havendo uma predominância para a faixa etária de 40 anos. O grau de escolaridade da maioria se situava entre o ensino básico e fundamental, apenas uma integrante possuía curso superior.

Apesar da situação conjugal e os arranjos domiciliares serem bem diversificados, assinalando os novos perfis das famílias na atualidade (GIDDENS, 2000; 1999), a maioria era casada e o arranjo domiciliar predominante era do tipo nuclear, seguidos das mulheres separadas e dos arranjos extensos e monoparentais.

A idade dos filhos, também, era muito variada, percorrendo o intervalo de 0 a 40 anos, havendo uma predominância para a faixa adolescente. Não havia uma relação direta entre a idade dos filhos e o ingresso dessas mulheres nas ações políticas de representação comunitária. Quando muito pequenos, apareciam como dificultadores, mas não como empecilhos à participação, situação contornada, por elas, através de diversas estratégias, seja recorrendo às redes de vizinhança e parentesco, delegando aos filhos maiores o cuidado com os irmãos menores ou, ainda, levando-os às reuniões.

Estar dividindo o tempo entre atividades políticas e a vida familiar não aparecia como uma situação tranqüila e bem resolvida para essas mulheres. Tristeza e remorso vinham à tona quando lembravam da sua ausência em momentos importantes e delicados da vida dos filhos e maridos. No entanto, tais sentimentos não as faziam deixar a vida política para dedicar-se integralmente à família. Conviviam com essa ambivalência de sentimentos, buscando, dentro do possível, uma conciliação através de estratégias de compensação da ausência, procurando dar maior atenção à família quando estavam em casa.

Percebeu-se, no interior dessas famílias, uma relativa democratização no que se refere à efetivação das tarefas domésticas. A maioria das mulheres afirmava haver uma considerável cooperação dos maridos e filhos, aparecendo aqui uma situação mais flexível do que aquela apresentada no Estudo de Roazzi (1995).

Tal ocorrência podia estar associada ao fato das atividades políticas serem exercidas, freqüentemente, fora de casa, fazendo com que os maridos e filhos, grande parte desempregados ou biscateiros, colaborassem. Mas também podia estar relacionada ao nível mais apurado de conscientização e informação que essas mulheres tinham sobre seus direitos, reivindicando uma divisão sexual do trabalho mais justa na esfera doméstica.

Embora houvesse certa democratização em relação às tarefas domésticas, a desigualdade ainda residia, pois não havia um compartilhar igualitário, a maior parte do trabalho doméstico, ainda, ficava sob a responsabilidade das mulheres. Esse descompasso indicava reflexos das construções sociais e culturais de gênero respaldadas na dicotomia das atividades e comportamentos masculinos e femininos (SCOTT, 1989). Processos esses, muitas vezes, corroborados pelos próprios agentes, a exemplo de algumas mulheres que reconheciam como sua responsabilidade e execução das tarefas domésticas (BOURDIEU, 2002).

No que se refere à ajuda dos filhos, a sobrecarga maior acabava recaindo sobre as filhas, consideradas substitutas legítimas

das mães (SARTI, 1996), cabendo-lhes o trabalho mais minucioso e de maior responsabilidade, quando comparado aos filhos. Nos casos em que só havia filhos, cabia a mãe fazer as tarefas consideradas mais femininas como, por exemplo, lavar roupa e fazer comida, deixando para estes as tarefas que não requeriam maiores caprichos, paciência e que, também, não os efeminassem publicamente. Porém, quando comparados ao pai, os filhos recebiam maior delegação em relação às tarefas domésticas, o que pode estar associado à posição hierárquica do pai na família.

Analisada por outro ângulo, a requisição feminina de ajuda das filhas nas tarefas domésticas, que a princípio podia parecer simples permanência de práticas tradicionais no contexto familiar, acabavam se constituindo em estratégias femininas de resistência e conciliação para se manterem nos espaços públicos (SCOTT, 2002). Utilizando tais estratégias, estavam lutando para permanecer nos espaços que consideravam importantes como formas de poder, reconhecimento e valorização.

Quando indagadas sobre a permanência freqüente dos companheiros ou maridos em casa, essa era atribuída ao estado precário de saúde que os impossibilitava para o trabalho ou à situação de crise econômica do país, que os colocava na situação de “eternos” desempregados. Essas eram alegações que, provavelmente, sabiam ser aceitas socialmente como justificativas para os maridos ou companheiros não estarem ocupando o papel de provedores econômicos da família, fato apresentado como constrangedor para ambos.

A maioria dessas mulheres eram as provedoras econômicas de suas famílias, visto que seus ganhos²¹ eram considerados, algumas vezes, os únicos, outras vezes, os maiores e mais assíduos do domicílio. O tipo de chefia feminina predominante era aquela que contava com a presença masculina no domicílio. Situação difícil de ser evidenciada e/ou publicizada, uma vez que o peso da

²¹ Além de receberem a ajuda de custo do PREZEIS, a maioria dessas mulheres ganhavam por outras atividades que executavam (agentes de saúde, vendedoras ambulantes, faxineiras, lavadeiras).

tradição acabava fazendo com que encobrissem essas alterações ocorridas no contexto familiar.

Havia certo receio ou moderação, por parte das mulheres casadas, em afirmar com veemência serem as provedoras econômicas ou chefes de família, cujo sentido era evitar que os maridos, tanto quanto elas sofressem constrangimentos públicos. Tais atitudes indicavam ser reflexos das estruturas de dominação de naturalizar as práticas da construção histórica e cultural da dominação masculina, tornando os que estão sob o seu jugo prisioneiros sem se sentirem e sem se saberem prisioneiros (BOURDIEU, 2002).

No entanto, essa corroboração feminina frente às estruturas de dominação masculina tinha limites. Um estudo sobre mulheres chefes de família nas áreas Zeis, do Bairro da Várzea (MENDES, 2005), mostrou que a tolerância feminina acabava quando percebiam que além de desempregados, os maridos não tinham iniciativa de ajudar em casa, procurar emprego e, ainda, entregavam-se aos vícios da bebida e das drogas. Nessas situações, passavam a ser desmoralizados no contexto familiar e considerados “moscas mortas” ou “figuras de papelão”. Porém, mesmo sem boas credenciais, sua presença no domicílio parecia necessária, dado que mesmo em uniões conjugais não harmoniosas e nem satisfatórias eles lá permaneciam, o que confirmava a importância dessa presença como indicativo de respeito junto à esfera pública (SARTI, 1996). Essas posturas estavam mais associadas às mulheres que tinham concepções mais tradicionais sobre família e casamento, fruto talvez das apreensões de sinais mais conservadores nos processos de socialização pelos quais passaram.

A provisão econômica feminina, nessas áreas pobres, não se restringia apenas como evidência de emancipação e autonomia feminina, mas também sinalizava o agravo das condições de pobreza, o aumento do desemprego masculino no mercado de trabalho, além das desigualdades gerais de gênero presentes no mercado, onde as mulheres estão, substancialmente, em formas precarizadas de trabalho, em ocupações consideradas femininas e ganhando menos do que os homens quando exercendo as mesmas

funções e com maiores níveis de escolaridade (BERQUÓ, 2002; MACEDO, 2001; MENDES, 2005).

Segundo depoimentos da maioria das Representantes casadas, as decisões em casa eram tomadas em conjunto, ou seja, marido e mulher. No entanto, ao detalharem como se processava essa negociação confessaram que acabavam prevalecendo as suas opiniões e pontos de vista, devido à habilidade que tinham de convencimento junto aos maridos. Se compararmos a situação anterior das mulheres inseridas num contexto familiar tradicional, onde eram dependentes econômicas dos seus maridos, viviam para o lar e sob os jugos da autoridade masculina, é possível perceber as mudanças ocorridas, pois além de terem uma participação significativa no mercado de trabalho, estão cada vez mais contribuindo ou provendo economicamente a família e compartilhando o poder de decisão na família com o cônjuge (GIDDENS, 2000; 1999).

Em geral, essas mulheres se mostraram autônomas e independentes em relação aos seus maridos. Passaram a assumir posturas reivindicatórias também no contexto da esfera doméstica, aprenderam a não aceitar determinadas situações caladas, aprenderam a dizer não, a reclamar, a tomar decisões, a impor suas vontades, o que, por outro lado, não significa dizer que abandonaram totalmente práticas e comportamentos tradicionais.

Havia um reconhecimento geral por parte delas de que a participação na política comunitária trouxe-lhes mudanças interiores e redescobertas. Conhecer outras pessoas as fez “despertar de um sono e acordar para o mundo”. Numa breve auto-retrospectiva sobre suas práticas na trajetória de vida, viram-se como pessoas diferentes: antes se consideravam mulheres caladas, pacatas, caseiras, dependentes financeiras e afetivas dos seus companheiros; e agora se consideram mulheres independentes, autônomas, informadas, alegres e com vida própria. Em outros termos, antes “galinhas”, hoje “águias”.

Considerações Finais

Nesse processo de participação política junto ao PREZEIS, um programa de política urbana, do tipo gestão participativa (URB, Representação Comunitária, ONGs), as Representantes Comunitárias reivindicavam melhorias infra-estruturais para as áreas ou comunidades onde moravam. Nessa forma de gestão participativa, o movimento popular, segmento do qual faziam parte, atuava de forma integrativo-corporativa, ou seja, de lado com o Estado e não de costas para ele (DOIMO, 1997).

O reconhecimento das desigualdades e injustiças sociais que sentem na pele como moradoras de áreas Zeis, faziam-nas exercer a sua cidadania através das reivindicações por melhores condições de vida para a Comunidade na qual estavam inseridas, mas também as faziam conquistar e adquirir essa cidadania para o seu contexto familiar, reconhecendo que merecem ter voz e vez também dentro de casa.

Essas mulheres desenvolveram o que Manzini-Covre (1997) chamou de “cidadania nova”, aquela centrada no sentir, onde o sujeito está em constituição, onde a identidade não é uma categoria fixa. Ela está constantemente se recompondo num contínuo exercitar de direitos, deveres e alteridade. O exercício, adquirido na atuação política acabava sendo um instrumento de poder, a coragem para investir no novo, uma irrupção interna que as fazia ver o que antes não viam.

Através da participação, mostraram que a esfera pública não é um espaço destinado e legitimado só aos homens, e nem a esfera doméstica é o principal e exclusivo reduto feminino. Tomar parte desses espaços políticos significou aprender a se afinar com a arte e as regras do jogo político, do qual faziam parte a habilidade, articulação, negociação e o discurso do convencimento. Essas complexas redes movimentalistas, por elas vividas cotidianamente, consubstanciavam-se em redes e relações de poder que se estendiam para além das relações públicas e se refletiam nas relações pessoais.

Os espaços políticos nos quais estavam inseridas eram espaços de empoderamento. Espaços que lhes proporcionavam consciência dos seus direitos como cidadãs e como mulheres. Essas “novas mulheres”, as quais despontavam através das formas coletivas de ação política, refaziam-se e se remodelavam diariamente através de novas concepções de vida e visões de mundo e das relações de poder construídas nesses espaços. Buscar o significado dessa participação, no âmbito das relações de gênero, implicou localizar as micro relações de poder contidas nos seus discursos e práticas, presentes tanto na esfera pública, quanto na esfera e privada (FOUCAULT, 1995; 1995a).

As vulnerabilidades, dificuldades e obstáculos que enfrentaram ao longo desse percurso de vida pessoal e política não as deixavam abatidas e acomodadas. Ao contrário, submetiam-se ao crivo e julgamento público quando necessário, para reivindicar melhorias para suas comunidades, famílias, e por seus direitos, fato antigo na história das mulheres, repleta de avanços e conquistas alcançadas ao longo da sua trajetória na esfera pública.

O “mundo da rua” ou “mundo da política” compreendia elementos que as tornavam mais seguras, realizadas, donas da própria vontade. A participação nos Movimentos Reivindicativos de Bairro, além de fazer com que exercitassem a cidadania, protestando, reivindicando, negociando e tendo maior consciência dos seus direitos, favorecia, ainda, a construção ou reformação de um “novo sujeito” que despontava usando estratégias mais moderadas de negociação e convencimento, aquelas sem quebras e nem rupturas radicais.

Nesse sentido, pode-se afirmar, como Romanelli (1995), que esse poder feminino no contexto familiar ocorria de modo difuso e enviesado, revelando-se nos interstícios das disputas domésticas de forma gradativa e conciliadora e se esquivando de confrontos diretos com os maridos ou companheiros. As práticas e discursos femininos se constituíam num quadro paradoxal que figurava entre práticas tradicionais e modernas, entre o velho e o novo (BOURDIEU, 2002; LIPOVETSKY, 2000).

As mudanças e (re)significações de práticas e valores começam nas estruturas simbólicas do poder e em nível das relações pessoais, retroalimentadas pelas mudanças estruturais e vice-versa, num verdadeiro processo reflexivo. Permanências e mudanças operam simultaneamente no quadro geral das relações de gênero. Os valores e comportamentos tradicionais e modernos aparecem coexistindo a um só tempo. É a forma como essas mulheres processam as mudanças nas suas condições de cidadãs e mulheres (ALMEIDA, 1997; GIDDENS, 1991; LIPOVETSKY, 2000; ROCHA-COUTINHO, 1994).

Nesse sentido, essa ambivalência vivida em termos das práticas e discursos, antes de serem consideradas como simples aceitação ou submissão feminina perante um quadro de dominação masculina que se eterniza, deve ser considerada como forma de processamento das mudanças nas relações de gênero.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís. *A situação da mulher Latino-Americana*. In: DELGADO, Didice G.; CAPPELLIN, Paola; SOARES, Vera (Org.). **Mulher e trabalho: experiências de ação afirmativa**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos. *Pierre Bourdieu e o gênero: possibilidades e críticas*. **Série Estudos**, Rio de Janeiro, IUPERJ, 94, 1997.
BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. v.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERQUÓ, Elza. *Perfil demográfico das chefias femininas no Brasil*. In: BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Editora 34, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre; EAGLETON, Terry. *A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista*. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRUSCHINI, Cristina. *Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?* (Brasil, 1985/95). In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da. **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios**. São Paulo: Editora 34, 2000.

CARVALHO, Luiza M. S. Santos. *A Mulher Trabalhadora na Dinâmica da Manutenção e da Chefia Domiciliar*. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, v. 6, n. 1, 1998.

DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do Popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ANPOCS, 1995.

FREITAS, Ângela. *Movimento de Mulheres Brasileiro do final da década de 70 a nossos dias - fatos, conteúdos, ações e articulações*. In: **Debates e Desafios Atuais do Movimento de Mulheres no Brasil e suas Consequências para a Política de Gênero**. DED Brasil. Olinda-PE, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.

_____. *O Sujeito e o poder*. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense, 1995a.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *A Terceira Via*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1999.

_____. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GOLDANI, Ana Maria. *As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas*. In.: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1994.

KEE, Alice Mc. *La feminizacion de la pobreza*. **Leviatan, Revista de Hechos e Ideas**, Madrid, n. 10, 1982.

LEÓN, Magdalena. *Empoderamento: relaciones de las mujeres con el poder*. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, n. 2, 2000.

LEÓN, Magdalena. (Org.). *Poder y empoderamiento de las mujeres*. Bogotá: MT Editores, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACÊDO, Márcia dos Santos. *Tecendo o fio e segurando as pontas: mulheres chefes de família em Salvador*. In: BRUSCHINI, Cristina; PINTO, Céli Regina. **Tempos e lugares de gênero**. São Paulo: FCC/Editora 34, 2001.

MANZINE-COVRE, Maria de Lourdes. *A família, o "feminino", a cidadania e a subjetividade*. In.: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org.). **A família contemporânea em debate**. 2ª edição. São Paulo: EDUC/Cortez, 1997.

MENDES, Mary Alves. *Mulheres Chefes de Família em áreas ZEIS: gênero, poder e trabalho*. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) -

Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

_____. *Mulheres no PREZEIS: conquistando a cidadania e redefinindo as relações de gênero*. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

MONTALI, Lilia. *Rearranjos familiares de inserção, precarização do trabalho e empobrecimento*. In: **Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, 14, *Anais*. ABEP, v. 1. CD-ROM. Caxambu, 2004.

NUSSBAUM, Martha; SEN, Amartya. *La calidad de vida*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

PINTO, Celi. *Movimentos Sociais: espaço privilegiado da mulher enquanto sujeito político*. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fund. Carlos Chagas, 1992.

ROAZZI, Antonio, TEIXEIRA C. Adriana, CORDEIRO, Carlos José A. *A Representação da participação Masculina no Âmbito Doméstico: investigação sobre a distribuição de atividades domésticas entre casais em famílias de nível sócio-econômico baixo*. XXV Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia. Ribeirão Preto - SP, outubro de 1995. Mimeo.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROMANELLI, Geraldo. *Autoridade e poder na família*. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org.). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. *O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural*. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 11-36, 1994.

SARTI, Cynthia Andersen. *A sedução da igualdade: trabalho, gênero e classe*. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). **Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero**. Florianópolis: Mulheres, 1997.

SARTI, Cynthia Andersen. *A Família Como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica*. Recife, SOS/CORPO, 1989.

SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In.: BURKE, Peter (Org.) **A Escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. *A mulher trabalhadora*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **A história das mulheres no Ocidente**. v. 4. São Paulo: Edições Afrontamento, 1991.

SCOTT, James. *Formas cotidianas de resistência camponesa*. **Revista Raízes**, Campina Grande-PB, vol. 22, nº 01, jan./jun. de 2002.

SCOTT, Parry. *O Homem na Matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico*. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.73, p. 38-47, maio, 1990.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Zélia Maria Pereira. *O Fio Mágico das Rendeiras: Ação Política das Mulheres na Redefinição das Relações de Gênero*. Tese (Doutorado em Serviço Social) – PUC, Campinas, 1992.

Trocando a casa e a rua: idosos e a inversão da construção de gênero em camadas populares urbanas

Parry Scott

Este estudo aborda uma inversão na construção de gênero observada entre homens e mulheres de camadas populares do Recife. Ao acompanhar famílias localizadas em áreas cobertas pelo Programa de Saúde da Família, foi percebida uma inversão na generização dos espaços de casa e de rua. As mulheres idosas valorizam os espaços públicos, ou da rua, e os homens idosos dão preferência à ocupação da casa. Nas leituras de autores que estudam a relação entre o público e o privado no Brasil, o contrário é a regra: a casa tem sido sistematicamente associada às mulheres, e a rua aos homens. Assim, pergunta-se, o que está acontecendo com estes homens e mulheres quando envelhecem? Qual a construção de significados associados à rua e à casa, e como é que as percepções e atuações nestes espaços envolvem renegociações de relações de gênero? Primeiro apresento algumas observações retiradas de diversas pesquisas na última década, provenientes de acompanhamento de grupos e associações de idosos, movimentos comunitários e programas de saúde no Recife e comparações internacionais, reforçadas por referências à literatura brasileira sobre “a velhice.” Segundo, abordo a construção de uma lógica histórica e estrutural da compreensão das relações sociais nos espaços da casa e da rua, recorrendo a textos já clássicos de Gilberto Freyre e de Roberto DaMatta, matizados por alguns trabalhos provenientes de abordagens que privilegiam as relações de gênero. Terceiro, ofereço uma interpretação, ainda merecedora de investigação mais direta e aprofundada, de que a inversão de casa e da rua entre homens e mulheres assinala a culminação de um processo de fragilização masculina e fortalecimento feminino. Neste processo, há fortes evidências de uma continuação inconformada da disputa para a reafirmação de uma ordem hierárquica de domínio masculino.

Homens da casa, mulheres da rua

Uma das maneiras mais claras em que o envelhecimento populacional se apresenta ao observador da sociedade brasileira é no crescimento de associações de idosos em tudo que é bairro nas periferias das cidades. Visitei algumas destas associações nas proximidades da comunidade de Três Carneiros, nos limites da cidade do Recife com o município de Jaboatão e em outros locais no bairro amplo do Ibura. O que impressionou nos grupos é a presença maciça feminina, e a limitada participação de homens. A procura de uma sociabilidade extra-doméstica é comum aos grupos, sejam eles dedicados explicitamente a esta busca, sejam identificados prioritariamente com a procura de direitos e a implementação do Estatuto do Idoso. Evidentemente, parte da explicação desta presença feminina é a conhecida maior longevidade das mulheres em relação aos homens (55,1% da população idosa é feminina (IBGE, 2002). Visto de outra maneira, há apenas 85 homens para cada 100 mulheres acima de sessenta anos no Brasil (CAMARANO, 2004). Mas não é uma explicação suficiente para entender a baixa participação de homens nos grupos e associações de idosos. As associações são espaços públicos. Os homens não têm uma história de agir nos espaços públicos? Então, porque fugir destas associações?

Há ainda outra manifestação de quanto participar com uma associação de idosos é apreciado por mulheres. No artigo “Quase Adulta, quase Velha” (SCOTT, 2001), reporto a um fenômeno de antecipação do reconhecimento de “ser idosa” para mulheres de camadas populares que nem atingiram cinqüenta anos, justamente para poderem ser incluídas nas atividades de um grupo de idosos. A idéia de envelhecimento precoce devido à sobrecarga de trabalho e o desgaste proveniente da escassez e da desigualdade social não é uma explicação convincente para a antecipação do reconhecimento da velhice neste caso. As conversas com estas mulheres revelam que a própria sociabilidade vivida nestas associações fornece um contraste com a vida cotidiana dedicada à casa própria, à casa da

patroa, ou ao empreendimento do empregador. Para as mulheres, esta participação representa mais uma oportunidade para construir relações sociais, enquanto para os homens, ela primeiro é entendida como uma retração do mercado de trabalho - uma espécie de despedida do mundo do ativo estabelecimento de relações sociais de trabalho. Sendo assim, participar no grupo se torna um elemento de substituição e não simplesmente de somar. Um homem antecipar a sua entrada num grupo de idosos em muitos casos se apresenta para ele como uma declaração da limitada capacidade de auferir renda e desempenhar o seu papel de provedor. Bem como fala Camarano (2004), o ajuste do homem com a saída do mercado de trabalho chega até a ser um fator que favorece maior morbidade e mortalidade deles de que das mulheres.

Qual a posição de homens e mulheres em relação à responsabilidade pelos seus domicílios? O IBGE (2002) reporta que 62,4% dos idosos são responsáveis pelos domicílios. Quando se examina a presença de homens e de mulheres que são mães e pais de pessoas responsáveis por domicílios, como fiz no bairro dos Coelhos (SCOTT; 1990), percebe-se que os homens fazem ainda mais questão de serem chefes de casa. Das pessoas que são da geração superior aos chefes de família, 88% eram mães, e apenas 12% pais. Assumir a condição de não-chefe é muito mais difícil para os homens. Homens, principalmente idosos, declaram-se chefes de família, e residem com as suas esposas, ou, em muito menor proporção, sozinhos. Já as mulheres mais idosas são chefes quando moram sós, ou quando abrem o espaço das suas casas para a residência dos seus filhos, quase em proporções iguais (tendência confirmada também em Camarano (2004) com dados censitários do ano 2000), e ainda uma boa parte (22% segundo o IBGE 2002) são cônjuges. Com esta prática, elas renovam constantemente a identificação com a construção das relações sociais estabelecidas a partir das famílias e entre as diversas famílias nos bairros e com outras pessoas nas redes de relações mais amplas do grupo. Nos anos setenta, Raymond Smith (1973) descreveu bem esta prática

como matrifocalidade. Como frisei em outro local (SCOTT, 1990), nesta condição, nem sempre elas retêm o domínio simbólico do poder nas suas casas, pois esperam um poder masculino. A disposição de serem dependentes se manifesta no fato de que é sete vezes mais provável encontrar mães idosas que encontrar pais idosos, residindo como dependentes dos seus filhos. Ou seja, os homens não abrem mão da casa como o espaço da afirmação do seu poder, enquanto as mulheres –chefes, cônjuges ou dependentes – estendem a sua influência para uma maior densidade de redes de relações de parentes, de vizinhos, de patrões e de outros mediadores de poder atuantes nas cidades, independentemente de serem chefes ou não. Usando os termos felizes de Camarano (2004), os homens fazem mais questão de serem de **famílias de idosos**, enquanto as mulheres aceitam com mais facilidade pertencerem a **famílias com idosas**.

Nos seus estudos sobre idosos, Alda Britto da Motta (1997; 1998) –reforçada por Debert (1999) e Peixoto (2004), que repensam esta fase de vida para mulheres – tem identificado um fenômeno que costuma incomodar a quem ouve as suas apresentações e lê os seus trabalhos. Quanto mais contato tem com as mulheres idosas, mais se manifesta o enorme prazer da viuvez²². Com todo respeito pelos rituais de luto, a vivência da viuvez em alguma altura é experimentada de uma forma mais duradoura como uma oportunidade de não ter que se submeter ao controle excessivo de um marido. Não há hora de chegar. Não há quem queira saber se os pratos estão lavados ou a casa está arrumada. Ninguém pergunta com quem esteve. Claro que estas situações ocorrem quando os filhos não se encarregam de tentar disciplinar a vigilância sobre as mães que antes era do marido delas. O não recasar pode ser apresentado como um ato de respeito ao falecido marido, o que é conveniente para a viúva. Além de conferir-lhe a valorização proveniente do respeito à memória, este ato também a

²² Lago Falcão (2003) mostra outro lado desta vivência ao concentrar em casos de mortes acidentais e repentinas, nas quais o sentido da perda é mais acentuado. Para estas mulheres é mais difícil detectar “a felicidade da libertação”.

deixa livre da experiência de se submeter a novas tentativas do exercício do controle masculino. Isto é ainda mais reforçado historicamente, pelo fato de que, com o avanço da idade da mulher, o ficar sem marido se apresenta cada vez mais como uma decisão consciente de arranjos domésticos resultantes de separações e divórcios, e não de morte (ver BERQUÓ, 2001).

Quando se acompanha o movimento nas unidades de saúde operadas no Programa de Saúde da Família, observa-se que a geração é um fator que modifica a percepção pública do homem das camadas populares (SCHRAIBER *et al*, 2004; SCOTT, 2005, 2006). A conhecida predileção do setor de saúde pelo setor materno-infantil implica num receio correspondente de enfrentar os problemas de saúde masculinos. A mortalidade juvenil masculina é compreendida como problema de segurança, mais que problema de saúde, e há uma certa cumplicidade entre os profissionais de saúde e os próprios homens adultos que, em respeito a um modelo androcêntrico subjacente, eles devem ser apresentados como tendo saúde e estando ocupados, com ou sem sucesso, na procura do sustento das suas casas. É somente quando estes senhores avançam na idade e adoecem, que recebem atenção diferenciada do braço sanitário do Estado nas comunidades. Quando mais velhos e mais fragilizados, estes homens descobrem que a sua face pública é identificada com as patologias que carregam, fazendo parte de grupos de hipertensos e diabéticos, agora, menos ameaçadores e mais bem-vindos às unidades. Faz parte do discurso masculino sobre saúde mostrar que a competência masculina é no lidar com as unidades de maior complexidade que requerem uma familiaridade com os meandros públicos das burocracias governamentais (federais, estaduais e municipais). Virar alvo de concentração de políticas e práticas de postos de saúde comunitários, mesmo se recebido com agrado pelos indivíduos necessitados, representa, para o homem, uma adesão a um espaço público que ele costumeiramente trata como feminino (ver SCOTT, 1998).

A vulnerabilização do homem modifica a sua relação com as esferas públicas e privadas, com a casa e com a rua. Entre as turmas de profissionais de saúde do Programa de Saúde de Família em Pernambuco, realizando capacitações ao nível de especialização, o interesse na população idosa sempre vem associado a uma preocupação com a possibilidade da existência de uma exploração desta pelas famílias às quais pertencem. Títulos como “negligenciando o idoso”, ou “o idoso como estorvo da família” revelam uma preocupação com a proteção deste setor da população (seja ela masculina ou feminina). Num estudo recente, um grupo focalizou a vivência cotidiana dos homens de acima de sessenta anos, e descobriu que a atividade recreativa preferida era “ficar em casa”. Nas conversas, os homens insistiram que o que menos os atraía era a idéia de ter que ir para locais distantes do seu bairro para resolver um ou outro problema. Há uma espécie de “abdicação” da atividade “da rua” que costumava conferir status aos homens adultos. Há, em curso, um processo de negação da rua como espaço para os homens operarem. Qual casa é esta que tanto atrai o homem?

Antes de examinar as categorias de casa e rua em relação ao curso de vida, mais um fato deve ser ressaltado. A extensão dos benefícios de aposentadorias a idosos é uma política pública que tem contribuído muito para a valorização destas pessoas (CAMARANO, 2004; TELLES, 2002). Tanto tem possibilitado às mulheres manterem-se independentes de maridos, morando sozinhas ou agregando filhas e filhos em domicílios e redes familiares mais extensos (conforme as suas preferências), quanto tem permitido que os homens ficassem com uma renda regular proveniente do estado sem terem que andar a procura de serviço (a menos que ainda se sentissem a vontade para fazê-lo). Camarano (2004) identifica uma melhora muito significativa da qualidade de vida devido ao acesso aos benefícios, e ainda mostra a seletividade de gênero dos benefícios como favorável às mulheres (pelo acúmulo simultâneo de benefícios e aposentadorias, pela antecipação de cinco anos na concessão, e pelas mulheres estarem recebendo acima de 60% das novas concessões em anos recentes.

Ela diz:

A universalização da Seguridade Social e a melhoria das condições de saúde trouxeram uma reconcetualização [sic] do curso de vida. A última fase da vida deixa de ser residual, para ser uma fase de dimensão até maior que a infância e adolescência (CAMARANO, 2004, p.20).

A combinação da ampliação progressiva da mulher em participação no mundo de trabalho, e o forte apoio das transferências governamentais em forma de benefícios ajuda a mulher a assumir um papel mais transformador quando é idosa.

Casa, rua e gênero: Freyre, DaMatta e as Feministas

Dois autores chave na literatura das ciências sociais que refletem sobre a identidade brasileira têm recorrido à dicotomia “casa e rua” para retratar um universo de referências que incluem uma marcada desigualdade entre os gêneros. São Gilberto Freyre (1969; 1970) e Roberto DaMatta (1985; 1986; 1987). A obra seminal de Freyre é elaborada num período de centralização política que favorece a produção de um conjunto de obras que possam servir como simbologia histórica para a construção da nação. Não são homens de camadas populares que são o enfoque deste autor. Freyre opta por descrever o estabelecimento e a decadência do patriarcalismo como formador histórico de uma classe dirigente, e usa a diferenciação entre a casa e a rua para mostrar como o gênero cabe nesta construção. Os homens de referência neste modelo são senhores de engenho, donos de terras extensas, proprietários e ex-proprietários de legiões de escravos, com relações políticas e sociais extra-domésticas muito bem articuladas. São homens que estão à vontade no mundo público, na rua. Mas uma parte fundamental do seu aprendizado sobre o exercício do poder é construída e constantemente relembra justamente em função de um controle sobre a “casa”. E neste controle, uns dos elementos principais de reforço do domínio de poder são as esposas que são descritas como “franzinas”, “esqueléticas”, “frágeis” ou como comilonas engordadas pelo acesso constante às guloseimas

do cardápio do *plantation*, levando elas ao ponto de imobilismo. Ambas estas qualidades de mulheres são “aprisionadas” na casa, usadas como símbolo do poder do homem. As “outras” mulheres são de camadas (e de etnias) dominadas, algumas da rua, mas a maioria bem domesticada, e que servem para serviços sexuais e emocionais. Às vezes, estas mulheres das aventuras masculinas ganham um poder sobre os homens e conseguem alguns benefícios com esta relação, mas, na sua grande maioria, mantêm-se como subordinadas. Na divisão entre a casa e a rua retratada por Freyre, há pouca possibilidade de superação feminina dos limites da casa, pois a casa faz parte do conjunto de elementos que permitem que os homens se destaquem na rua e na capacidade de liderança social e política.

Outro observador e co-construtor do Brasil, é Roberto DaMatta, um leitor de Freyre e um guru do simbolismo de identidade nacional. Ele mostra que a dicotomia “rua e casa” permeia todas as manifestações da brasileiridade. Embora a dicotomia se remeta à desigualdade de gênero, DaMatta elabora a relação entre casa e rua muito mais como inserida numa relação entre o público e privado. DaMatta não contextualiza socialmente os seus brasileiros, fazendo com que os símbolos “universais” para os brasileiros sejam apresentados como elementos articuladores de consenso, encarnados em simbologias transversais na sociedade. DaMatta descreve o mundo da rua como “onde estão, teoricamente, o trabalho, o movimento, a surpresa e a tentação – espaço típico de lazer – em contraste com a calma e a tranqüilidade da casa, o lar e a morada [que é] um espaço profundamente totalizado numa forte moral” (DAMATTA, 1986, p. 23). Honra, vergonha e respeito são os códigos que regem a casa. No seu capítulo sobre “A casa, a rua e o trabalho”, em *O que faz Brasil, Brasil?*, DaMatta retrata universos de rua e da casa como referentes comuns para homens e mulheres onde se erguem os valores morais pela confiança e cordialidade daqueles que são considerados de família, motivo que ele reforça em outro trabalho (DAMATTA, 1987) que procura “raízes” familiares, no sentido usado por Sérgio Buarque de Hollanda, para práticas políticas clientelistas. Voltando

ao livro sobre o *Brasil*, há um cuidado notável de não explicitar o gênero como diferenciador de espaços de rua e de casa, e sim rua e casa como aspectos que conferem significados a gênero. Isto fica muito mais evidente no capítulo “Sobre comidas e mulheres”, em que discorre sobre a sexualidade feminina definindo a mulher de casa, ou “de família” como “a mulher que controla e é dona da sua capacidade de sedução e sexualidade... fonte de virtude... pastoral e santificada... virgem, esposa e mãe que reside nas casas”. O contraste é com as mulheres da rua, que são “comida de todos ...que pode literalmente causar indigestão”. A sexualidade se torna uma metáfora para a hierarquização entre homens e mulheres sobre os termos de “comer” e “comido”, “reproduzindo em outro plano, a dialética da casa e da rua...” (DAMATTA, 1986, p. 58-61). Ninguém se espanta com as muitas imagens que associam a casa com um espaço feminino e a rua como um espaço masculino. E novamente se percebe que a dicotomia não é plena, pois a casa, como fonte de definição de moral, é referência positiva para ambos, homens e mulheres. O inverso não é verdade. Mulheres que trabalham, movimentam-se, e enfrentam os perigos da rua não parecem entrar ainda na construção positiva de um Brasil com B maiúsculo retratado por DaMatta.

Há uma literatura que tem olhado a construção dos espaços de rua e de casa com referência concreta às camadas sociais pobres (ver SARTI, 1996a; 1996b; SCOTT, 1990; 2005; WOORTMANN, 1987) de uma perspectiva de gênero. Esta literatura é ampla e não é a intenção deste trabalho seguir os meandros das argumentações das diferentes correntes presentes nessa literatura. Mas há alguns pontos de convergência que merecem destaque e que servem para orientar a parte final deste trabalho, no sentido de contribuir para uma ressignificação da dicotomia casa e rua, informada pelas modificações nas relações de gênero.

Primeiro, esta literatura mostra que as mulheres, cada vez mais, fazem parte do mundo do trabalho, quebrando um dos sustentáculos da diferenciação por gênero de casa e rua. Segundo, mostra que muitas mulheres têm ganhado autoridade e

legitimidade enquanto chefes de família que também sabem operar em espaços públicos, religiosos e outros. Terceiro, o desemprego vem minando a possibilidade de homens proverem as suas casas e receberem um reconhecimento pelo desempenho deste papel tradicional. Quarto, uma presença masculina na casa, mesmo quando o homem é hierarquicamente inferiorizado em casa, continua tendo um valor simbólico para a construção do moral familiar de muitas casas de camadas populares urbanas. Quinto, é evidente que homens e mulheres têm vivências e percepções diferentes do domínio doméstico. Sexto, a interferência estatal na administração das relações domésticas tem oferecido espaços para modificações nas relações de gênero através de políticas públicas de transferência de recursos e renda. E sétimo, a vivência do curso de vida ou do ciclo de desenvolvimento doméstico é diferente para mulheres e para homens. Aproveitando as seis primeiras observações, na próxima parte, examina-se a vivência diferenciada do curso de vida para idosos como parte de uma constante renegociação das relações entre os gêneros na vivência do domínio doméstico.

A negociação do poder doméstico e camadas urbanas populares

Os idosos retratados no início deste trabalho foram retratados grosseiramente com homens de casa e mulheres de rua. As observações de situações vistas em pesquisas de campo e dados sobre trabalhos, benefícios e arranjos familiares são evidentemente mais complexas de que essa divisão simples apresenta. Mas alguma coisa está acontecendo que resulta nos homens favorecerem o trocar a rua pela casa, e as mulheres a casa pela rua. É possível compreender este fenômeno como uma inversão parcialmente enganosa que evidencia uma negociação de relações de gênero em que os homens lutam para reconfigurar o controle sobre os espaços domésticos e as mulheres apresentam uma preferência por uma nova vivência distanciada da dominação masculina (o que CAMARANO, 2004 chama de ser agente de mudança). E o ser idoso é um fator chave nesta equação.

Lembrando Freyre e DaMatta, o maior espaço de diferenciação entre mulheres e homens tem sido a rua. Tanto homens quanto mulheres, de camadas populares ou de outras camadas, entendem as suas casas como locais de construção do moral familiar. Assim, a casa se torna um espaço para negociação de significados e reconstrução de hierarquias, e a rua fonte importante para recursos nesta negociação simbólica sobre a casa, sobre a moralidade e sobre as hierarquias de gênero e de geração. A erosão de papéis de gênero tradicionais tem ocorrido em pelo menos dois planos para as camadas populares urbanas. No primeiro plano, as mulheres encontram novas oportunidades. Empurradas pela necessidade de sobrevivência e incentivadas pela diminuição da valorização negativa da presença feminina fora de casa, as mulheres não ficam mais confinadas em casa e o envolvimento no mundo de trabalho as dignifica, as valoriza, e as fornece oportunidades de construir espaços próprios familiares que independem de contribuições masculinas. No segundo plano, as modificações no mesmo mundo de trabalho retiram dos homens muitas oportunidades de se realizarem enquanto provedores. Essa dificuldade se transforma em desemprego e desvalorização cada vez mais intensificados com o avanço de idade. Ao longo da vida, salvo os poucos que se mantiveram em empregos e atividades estáveis, a rua se tornou perigosa para os homens.

É possível entender que para os idosos, mulheres e homens, há uma continuação do embate na negociação de relações de gênero, e a intervenção do Estado através da concessão de aposentadorias tem sido um fator que redimensiona as condições de negociação de ambos. Nisto, os homens idosos, com uma renda garantida, por minúscula que seja, podem voltar mais atenção à casa como um espaço de recomposição da sua valorização enquanto pessoa. Ele procura não se expor abertamente no mercado de trabalho (o que não implica que se rejeita oportunidades de ganho que aparecem mais fortuitamente). Pela sua história de desemprego, o homem fica desprovido de (ex)empregadores solidários que possam ser chamados para ajudar

em condições de aperto. Tampouco conta com um sistema de apoio para compensar as épocas de desemprego. É na casa onde pode ser descoberta alguma forma de ressignificar a vida. Quando possível, procura recompor uma casa com uma esposa dependente. Procura evitar contatos com os espaços públicos que, ao longo da vida, têm trazido poucos benefícios a ele (com a exceção das unidades de saúde que o enxergam como enfraquecido organicamente). A renda da aposentadoria permite que o homem tente recuperar aquela “casa” que poderia representar o sucesso do homem se colocando numa condição hierarquicamente superior. A sua chefia, simbólica e material, é menos contestável.

As mulheres, por outro lado, sujeitas de um forte movimento feminista que tem ajudado a criar um contexto ainda mais favorável, têm percorrido um caminho de progressiva liberação do domínio masculino, seja por separações, divórcios ou mortes. Oportunidades de trabalho, mesmo em condições freqüentemente insalubres e de baixa remuneração, têm contribuído para essa relativa autonomia. As patroas e os patrões, bem como os familiares e vizinhos que costumam formar parte da rede solidária matrifocal, fornecem um meio social mais propício para a vivência das mulheres idosas quando comparadas com os homens. Muitas vivem a situação inusitada de serem chefes de família, e outras não se acanham em viver como formalmente dependentes nas casas dos filhos, mas importantes figuras na formação de redes de apoio familiar e de vizinhança, muitas bem articuladas com as unidades de saúde nas proximidades. E nada melhor que, junto a isto, intensificar esta construção de relações no espaço público, ou seja, na rua, representada pelas associações que proliferam em comunidades populares. A renda da aposentadoria tem sido um recurso fundamental para permitir esta construção mais autônoma das relações de gênero para as mulheres idosas.

Esta mudança no curso de vida envolve uma real renegociação das relações de gênero, mas ela também se revela ilusória, pois também descortina a continuidade do artifício da procura de valorização moral masculina através do domínio

doméstico. Num trabalho anterior (SCOTT, 1990) eu enfatizei que as mulheres se mostram “ativamente controlando as suas casas”, construindo a sua valorização pública através de uma exposição pública da sua capacidade de lidar com a administração das relações cotidianas que compõem o domínio doméstico. Assim, elas escancaram as portas para as suas atitudes em casa. Como idosas, muitas vezes com uma renda segura e sem um marido vigiando os seus passos, elas se encontram em condições de continuar está prática em espaços públicos, associações, bailes, movimentos de bairro, etc. Também no mesmo trabalho enfatizei que os homens apresentam as suas casas como totalmente sob controle, sem querer descer a detalhes sobre a sua administração. Ao voltarem-se para a casa quando idosos, eles reafirmam a importância moral deste espaço para a sua valorização. Muito mais do que continuar procurando novos recursos na rua que tanto tem contribuído para a sua fragilização, voltar-se para casa, normalmente portador de algum benefício, representa uma tentativa de se apegar à valorização moral da casa, e da recuperação o espaço masculino nela, para as camadas pobres.

REFERÊNCIAS

BERQUÓ, Elza. *Perfil Demográfico das Chefias Femininas no Brasil* trabalho no seminário *Estudos de gênero face às dilemas da sociedade Brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1991.

BRITTO DA MOTTA, Alda. *Não tá morto quem peleia: a pedagogia inesperada nos grupo sediosos*. Tese (doutorado em Educação) – UFBA: Salvador, 1999.

_____. *Introdução: Gênero, família e fases do ciclo de vida*. Caderno CRH, n. 1 Salvador: Centro de Recursos Humanos/UFBA, 1998.

BRITTO DA MOTTA, Alda. *Reinventando fases: a família do idoso*. **Caderno CRH**, Salvador, Centro de Recursos Humanos/UFBa, n. 1, p. 69-87, 1998.

CAMARANO, Ana Amélia. *Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança?* **Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Caxambu: ABEP, 2004.

_____. *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiro*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço. Cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *O que faz o Brasil, Brazil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. *A família como valor: considerações não familiares sobre a família à brasileira*. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de; GONÇALVES, Paula (Org.). **Pensando a família no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ, 1987.

DEBERT, Guita Grin. *Família, classe social e etnicidade: um balanço da bibliografia sobre a experiência de envelhecimento*. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, 33, Rio de Janeiro: Anpocs, 1992.

_____. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP-FAPESP, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 14ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio (original 1933), 1969.

_____. *Sobrados e Mocambos: declínio do patriarcado rural e o desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: José Olympio. (original 1939), 1979.

IBGE. *Perfil dos Idos Responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000*, (Série Estudos e Pesquisas Número 9) Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

LAGO-FALCÃO, Tânia. *Dor, Sofrimento, Dor Encantamento: retratos de vidas - ser viúva em camadas médias pernambucanas*. Dissertação (mestrado em antropologia) - PPGA, Recife, 1969.

PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003.

SARTI, Cynthia. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

_____. *A família como referência moral no mundo dos pobres: onde fica a lei?*, XX Reunião Brasileira de Antropologia, Salvador, BA, abr. 1996.

SCHRAIBER, Lilia; PORTELLA, Ana Paulo; SCOTT, Parry. *Como vão as relações de gênero no Programa de Saúde da Família*. Recife: Coordenadoria da MULHER-PCR/Depto. de Medicina Social USO/SOS Corpo/FAGES, 2004.

SCOTT, Parry. *Quase adulta, quase velha: porque antecipar as fases do ciclo vital*. **INTERFACE: Comunicação, saúde, educação**, Botucatu, v. 5, n. 8, 61-72, 2001.

_____. *Família, Gênero e Saúde na Zona da Mata de Pernambuco*, **Anais da XI Reunião Brasileira de Estudos Populacionais**. ABEP, Caxambú: 1998. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br>>. Acesso em: abr. 2000.

_____. *O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico*. **Cadernos de Pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, v.73, n. 38, 47, maio 1990.

_____. *Envelhecimento e juventude no Japão e no Brasil: idosos, jovens e a problematização da saúde reprodutiva*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR, Carlos E. A (Org.) **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

_____. *Gênero, família e comunidades: Observações e aportes teóricos sobre o Programa saúde da Família*. In: VILLELA, Wilza; MONTEIRO, Simone (Org.). **Gênero e saúde**. Rio de Janeiro: ABRASCO Associação Brasileira de Pós-Graduação em saúde Coletiva; *Fundo de População das Nações Unidas*, Brasília: UNFPA. 2005. p. 73-98.

_____. *Gerações, comunidades e o Programa Saúde da Família: reprodução, disciplina e a simplificação administrativa*. In: BARROS, Myriam Lins de (Org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 107-129.

SMITH, Raymond T. *The matrifocal family*. In: GOODY, Jack. **The Character of Kinship**. Cambridge: Cambridge University, 1973.

TELLES, Stella M.B. *A população idosa brasileira nos anos 90: alguns aspectos da ampliação da cobertura da Previdência*. **Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Ouro Preto: ABEP, 2002.

WOORTMANN, Klaas. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987.

PARTE 3: SAÚDE REPRODUTIVA

Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva²³

Parry Scott

Marion Teodósio de Quadro

Márcia Longhi

Existe um jeito diferente dos/ das jovens reportarem às suas experiências de vida? O jovem vive a juventude no seu bairro de uma maneira e a jovem de outra? Como o gênero e a geração influenciam a formação de discursos diferentes de uma mesma realidade vivida? Ao ouvir jovens do bairro popular do Ibura, no Recife, falarem sobre a sua vivência do bairro, da sexualidade e da família, é possível reconhecer a formação de domínios diferenciados por sexo. Ouvindo os residentes deste bairro falarem sobre a formação e a convivência familiar, suas idéias/demandas sobre saúde reprodutiva e o ambiente social da comunidade, a finalidade deste trabalho é perceber como, nesta multiplicidade de campos, as relações de gênero se manifestam para esta geração e como isto se relaciona com as demandas da saúde reprodutiva. Tendo ouvido o discurso dos jovens e das jovens em quatro sessões de grupos de discussão promovidos pela equipe de pesquisa do FAGES, apresentamos uma primeira análise das falas com relação à avaliação do ambiente social do bairro, das oportunidades de capacitação e emprego, das relações entre pais e filhos, da formação da família, para desembocar numa compreensão mais plena do discurso sobre ficar/namorar/casar, sobre a gravidez, a prevenção

²³ Este trabalho está reproduzido sem alterações graças a generosa permissão da Revista da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Foi originalmente publicado na **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.2, p. 209-228, jul./dez. 2002.

das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), AIDS, a contracepção e o aborto. Cabe assinalar que colocar os jovens, especificamente neste caso aqueles que pertencem a grupos populares, como sujeitos, possibilitando que falem sobre suas vivências cotidianas, é uma forma de vê-los como capazes de formular reflexões e elaborar sugestões importantes para a solução de problemas próprios de sua realidade social e geracional, evitando assim, a perspectiva limitada que os trate como “problemas sociais”(ABRAMO, 1997).

A interpretação destes dados revelou algumas regularidades que chamaram a nossa atenção na pesquisa, mas é a constituição das relações de gênero e geração no contexto da pobreza urbana que interessa, muito mais que as especificidades de cada campo. Já existia um conhecimento prévio do bairro, fruto de observações, entrevistas, feiras e reuniões, mas, nesse momento, priorizamos focalizar os grupos de discussão, o que implica em privilegiar dados que informem principalmente sobre atitudes e valores do grupo cultural e, secundariamente, sobre comportamentos comprováveis através de fontes múltiplas.

Trabalhando num bairro onde já realizávamos pesquisa de observação e entrevistas, foram formados dois grupos de discussão, um com seis rapazes e outro com seis moças, na faixa etária entre 18 e 25 anos. Os grupos foram realizados em 2 sessões, cada qual com duração de 3 horas, em média, totalizando quatro sessões. A primeira sessão versava sobre a vida sexual e reprodutiva e o roteiro contemplava os temas: ficar, namorar e casar; decisão de ter filhos; socialização dos filhos, brigas e separações conjugais e cuidados pessoais com a saúde. A segunda sessão tratava da vida produtiva e da comunidade, e teve como fio condutor os temas: avaliação do sistema de saúde no bairro; acesso a cursos de capacitação e oportunidades de trabalho; violência comunitária e doméstica e opinião sobre o local de moradia.

Os/as jovens que participaram dos grupos de discussão são moradores de um dos maiores, mais pobres e populosos bairros do Recife e, portanto, enfrentam todas as problemáticas próprias da

idade e do grupo social a que pertencem. A maioria, com exceção daqueles/as que no momento dispunham de um núcleo familiar próprio (duas moças e um rapaz), moravam com a família de origem. Nos grupos, os/as jovens falaram de suas vidas e do cotidiano da comunidade da qual fazem parte. Entremeando representações do senso comum com conceitos advindos de suas vivências pessoais, retrataram sua realidade a partir dos significados simbólicos construídos num tempo e espaço específicos.

O contexto focado nesse trabalho é o da casa, da vizinhança e das organizações comunitárias em contraste com um “mundo” visto como externo aos moradores. Identificamos uma convergência muito forte em estilos de encarar estas vivências nesta geração e o fato dos/das jovens ouvidos/ouvidas estarem numa fase de “ambigüidade participativa em ciclos domésticos” ajuda na interpretação de algumas destas convergências. Os jovens ouvidos passaram suas vidas como filhos e filhas em casas comandadas por outros e, portanto, formaram uma prática e um discurso que os coloca como “receptores, beneficiados ou vitimizados” de ações e sistemas de valores dos seus pais. Ao mesmo tempo, chegaram numa idade em que o seu estabelecimento numa residência independente exige uma afirmação da capacidade de enxergarem bem o que precisam fazer para cuidar de si mesmos. Nesta etapa do ciclo de vida, os/as jovens esboçam diferentes abordagens de acordo com o gênero, onde o pouco tempo de “vida independente” denuncia um controle ainda incipiente de recursos para se afirmarem plenamente enquanto “mulheres” e “homens” adultos, moradores respeitados do bairro. A vivência observada pode ser dividida em dois campos fortemente marcados por gênero: sexualidade/domesticidade e segurança/emprego.

O que chamamos de recursos são elementos do ambiente de convivência cujo uso implica na criação de um capital social nos campos de gênero e geração, dentre os quais destacamos relações sociais, capacitação, emprego e renda. As relações sociais são de

dimensões diferentes, passando de 1) relações sociais com pessoas do âmbito doméstico, para 2) as relações com pessoas próximas ao grupo familiar (parentes, amigos e vizinhos), e chegando até 3) relações com pessoas mais distantes (conhecidos, profissionais e outros). A capacitação envolve um domínio adquirido que possa habilitar uma pessoa para exercer determinadas funções relacionadas com a vivência do bairro. O emprego e a renda envolvem o acesso a um fluxo de recursos materiais capazes de contribuir para o sustento do grupo. Assim, ao identificar diferenças de gênero, as perguntas que enfatizamos se tornam: com quem se relacionam e como operacionalizam estas relações para se afirmarem enquanto jovens? Qual a sua capacitação particular? Quais as formas disponíveis de geração de renda?

O contexto urbano é permeado por hierarquias, mas a multiplicidade de hierarquias emite sinais cruzados sobre a posição relativa de mulheres e homens neste contexto. Os observadores de parentesco no meio urbano (NEVES, 1985; SCOTT 1990; 1993 ;1996; WOORTMANN, 1982; 1987), e mais enfaticamente naquele marcado pela pobreza, insistem que as relações entre parentes evidenciam um maior realce às relações entre mães e filhas, muitas vezes relegando as relações dos diversos familiares com os homens a um papel secundário na formação de redes de parentesco. Tanto pesquisadores quanto instituições governamentais e não governamentais pautam grande parte da sua produção de trabalhos escritos e de ações sobre esta presença feminina acentuada entre os pobres urbanos, privilegiando mulheres e jovens. O incremento de estudos sobre homens neste campo de conhecimento (ARILHA, 1999, 2000; LONGHI, 2001; NASCIMENTO, 1999; OLAVARRIA, 1999; VIGOYA, 1999), reforçado na última década, tem evidenciado como a família e o parentesco estão presentes nas percepções e ações masculinas, porém predomina ainda a ênfase feminina, quando se enfoca o âmbito doméstico.

As observações do parágrafo anterior referem-se a “os observadores de parentesco”. Se tivéssemos trocado a palavra “parentesco” pela palavra “violência”, grande parte dos sinais de gênero teriam que ser trocados (ZALUAR, 1985; 1994). Quando o assunto é violência, fala-se muito dos homens e pouco das mulheres (a não ser quando são “vítimas”, ou, mais recentemente, com o estudo de mulheres infratoras). Parece que estamos diante de uma espécie de “discurso pronto”. Mas, igualmente, a violência está incorporada às percepções e ações femininas sem negar que a construção destas realidades (parentesco, violência, ou qualquer outra) tende a ter uma ênfase diferenciada de gênero.

O argumento defendido aqui é que a manipulação diferenciada pelos/pelas jovens das informações constituintes de cada campo de conhecimento e ação é que fornecem a matéria prima para a formação da compreensão das relações de gênero desiguais no interior da geração jovem. Não é simplesmente através da identificação de um campo como marcadamente masculino ou feminino que enxergaremos a formação das relações de gênero. A multiplicidade de campos é entrecortada por algumas regularidades no discurso que associam alguns valores ao feminino e outros ao masculino. O desvendar destas regularidades nesta multiplicidade de campos, há tempo reconhecido como transversalidade do gênero, remete para uma leitura do processo da formação das relações de poder entre gerações e gênero que independe do campo específico em questão. Ao ouvir os/as jovens falarem sobre assuntos diferentes, o nosso objeto de investigação ultrapassa os limites da constituição destes campos, justamente para perguntar sobre a constituição “gerada” da juventude.

Lembrando que os eixos sexualidade/domesticidade e segurança/emprego agrupam boa parte do conteúdo dos grupos de discussão, antecipando alguns dos resultados da interpretação, os/as jovens se diferenciavam em alguns pontos gerais. Os rapazes “normatizam” em torno do comportamento, fazendo idealizações do correto de acordo com o gênero sobre a família e a sexualidade, enquanto as moças são mais descritivas e menos prescritivas

quanto a estas questões. As jovens são a encarnação da valorização da família, da sexualidade e do seu controle próprio, enquanto os rapazes estão em constante procura de afirmação num ambiente extra-doméstico, o ambiente do mundo incontrolável que os ameaça e os fornece um recurso para se representarem como provedores de segurança doméstica.

Os/as jovens possuem a família como referência, mas as moças o fazem a partir de uma rede de relações construídas entre os seus componentes e os rapazes se referenciam a partir de uma imagem do **mundo violento** que se contrasta à **família solidária** idealizada. Isto lembra a inserção de mulheres e homens numa dicotomia privado/público (SCOTT, 1993) freqüentemente observada na literatura, mas, ao se tratar de jovens com a vivência de uma ambigüidade participativa em fases de ciclos domésticos e controle incipiente de recursos, é possível ver o efeito da geração nestas vivências.

Ambientes sociais diferentes: a família feminina e o mundo masculino

As diferenças nas falas e nas experiências que podemos relacionar com as questões de gênero e de geração incluem a referência sobre a inserção em redes de relações de dimensões diferentes. Nestas redes, são importantes a valorização da capacitação e do trabalho, a convivência com a vizinhança e com a violência no bairro e, na família, o controle familiar nas vivências cotidianas dos/das jovens, inclusive no namoro, na gravidez, no aborto e na prevenção.

Logo nas apresentações, as jovens e os jovens se caracterizam diferentemente. Enquanto as jovens falam das suas situações familiares, como por exemplo, do seu estado conjugal, de quem são filhas ou mães, dos irmãos e irmãs, os rapazes são muito mais omissos sobre esses detalhes, preferindo reforçar mais o nome da localidade e o tempo de residência como demarcadores de familiaridade com o local. As moças ressaltam a “normalidade” da sua vida dizendo que *“fazem as coisas”* (referindo sobretudo ao

trabalho da casa), cuidam dos filhos com o apoio de familiares e vizinhas, freqüentemente relatam um dia normal de atividades. O silêncio relativo dos rapazes sobre as atividades cotidianas e a situação familiar fica em contraste direto com as considerações das moças, que, nas suas apresentações iniciais, chegam a apontar necessidades de trabalhar para suprir as indisposições dos pais e desavenças com ex-companheiros. Há um convite implícito para conversar sobre a família e as ações das jovens, enquanto o convite masculino é para falar sobre o mundo do bairro.

No decorrer da discussão no grupo, nas indagações sobre a vida cotidiana, tanto moças quanto rapazes falam com desenvoltura sobre as suas situações familiares diante de estímulos diretos, mas ainda se detecta uma orientação diferente nas ênfases sobre o controle destas situações. Mesmo quando os jovens apresentam condições complexas de difícil resolução, eles enfatizam a identificação de possíveis soluções destas situações que eles idealizam, enquanto as jovens relatam as suas estratégias de ação e de interrelação diante das condições vividas. Esta identificação feminina com as suas ações e a casa, sua composição e a montagem de estratégias versus identificação masculina com o local e o domínio real ou ideal sobre as condições existentes evidencia uma orientação diferenciada de discurso e de espaço social²⁴.

²⁴ Esta diferença já foi constatada em trabalhos anteriores (SCOTT, 1990). As mulheres de um bairro popular do Recife se apresentavam como “ativamente controlando” a articulação dos elementos constituintes da casa, demonstrando a sua capacidade de lidar com estas relações na formação de um discurso que valorizava a sua própria ação, enquanto os homens apresentavam o domínio doméstico como “sob controle” porque para eles a discussão aberta sobre a participação no domínio doméstico representava uma ameaça à sua identidade masculina. Isto também se evidencia nas pesquisas sociolinguísticas de Deborah Tannen (1990), que mostra, inclusive experimentalmente nas conversas sobre problemas com namorados, como as meninas procuram uma conversa de “solidariedade” com as suas amigas relatando ocorrências semelhantes, e como os meninos procuram uma conversa de “resoluções,” aventurando sugestões sobre a melhor coisa para fazer diante da situação, atribuindo isto á pouca intercomunicabilidade entre as conversas masculinas e femininas. Não é por acaso que o livro dela sobre fala e gênero tem o título, “Você nem entende” (*You Just Don’t Understand*).

A dificuldade de lidar com a complexidade do mundo extradoméstico se retratou no comentário sobre a abrangência das ações de dois líderes comunitários feito por um rapaz: *“é um mundo muito grande para eles dois abraçarem”*. Mas é neste mundo que os rapazes demonstram o seu conhecimento. Após uma longa sessão de relatos sobre incidentes de violência na comunidade entre bandidos e policiais corruptos, um dos rapazes falou *“o que a gente pode fazer individualmente é não andar armado e não arrumar confusão. Mais do que isso é transformar a nossa casa numa delegacia e botar grade. Quem fica preso é a gente, e os bandidos ficam soltos”*. A montagem do retrato do perigo da rua é povoada por detalhes de acordos entre policiais e bandidos, negócios sobre balas e armas, perseguições e assassinatos, familiaridade com drogas e bocas de fumo como na afirmação de um rapaz: *“a gente convive lá no bairro, a gente sabe quem é maconheiro”*. Todos falam com a intimidade de quem experimentou, viveu, conheceu e conviveu com a violência e o mundo de drogas do pobre, um mundo que inclui maconha, Rupinol, cola e Artane. Além de evidenciarem experiência e conhecimento deste mundo perigoso, os homens jovens mostram indignação quando este mundo invade a família, acontecimento que não é esporádico. A impossibilidade de ficar na calçada à noite, a salvação de uma vítima de ser morta porque os bandidos conheciam e *“consideravam”* seu pai, os homens sendo revistados pela polícia *“mesmo na frente dos amigos lá, dos colegas”*, a prática da violência sexual *“logo na frente do cara [namorado]”* são citados como problemas ligados à violência que delimitam a convivência no bairro.

O incômodo também está presente quando a ameaça e a realidade da violência ficam mais próximas da casa. A violência dentro da casa, produzida por pais e maridos, embriagados ou revoltados, revela outra face sobre a construção de uma masculinidade na comunidade. Na conversa dos rapazes, existe a condenação do bêbado e do violento em casa, mas, também falam da fragilidade do homem neste contexto. Enquanto um relata uma história na qual a mulher apanhava, mas *“a mulher direitinha, o cara chega bêbado, a mulher não é safada e ele mete o cacete nela”*

sem ter nada a ver”, outro fala da situação contrária, onde “a mulher agride o marido dentro de casa, vai pra delegacia, culpam logo o marido, não perguntam nem porquê!”.

Na fala das jovens, a violência está próxima e é praticada por pessoas conhecidas, até mesmo vizinhos, como mencionou uma moça: *“Tem gente que nasceu, brincou com a gente, e tá aí pra roubar”*. Outros depoimentos também mencionam a proximidade do perigo, como há um ladrão que mora *“a duas casas,”* e *“na vila, os viciados ficam numa esquina e os policiais na outra, e não fazem nada”*. Entretanto, as jovens não se percebem pessoalmente envolvidas e não se colocam dentro deste mundo, pois, como uma afirma, *“no bairro não conhece nenhuma menina que usa maconha, só os rapazes”*. Outra reforça: se *“ver mulher morta, é mulher de malandro ou maconheira”*. O mundo próximo da violência é um mundo onde convém à mulher não insistir em circular. O receio de tornar-se vítima de agressão sexual é muito real, e, mesmo diante da insistência de muitos de que a mulher deve ter cuidado em não *“procurar”* o estupro, outros insistem que não há como prevenir, o perigo mora na presença de estupradores, sejam eles desconhecidos, sejam eles, ex ou atuais namorados, revoltados com a *“liberdade”* que ela deu aos outros ou que ela não deu a eles.

Há um reconhecimento de que violência doméstica é um problema sério vivido por todos/as os/as jovens, no qual os atores são os mais próximos possíveis: primeiro o pai, mas depois, também, mãe, irmãos e irmãs. Os jovens relatam as suas experiências vividas ressaltando os seus esforços em redefinir os padrões de vivência na sua família de origem para não ter que enfrentar mais isto nas suas próprias casas. As jovens percebem a si mesmas e às suas mães como potenciais e atuais vítimas da violência, fornecendo detalhes muito maiores sobre quem faz o que. Alguns depoimentos relatam o que elas mesmas fazem: *“desafiei meu irmão... telefonei para a polícia... puxei uma peixeira... ameacei tocar fogo no quarto dele... não deixei o companheiro da mãe entrar em casa... desliguei o som e mandei todo mundo pra casa... bato a porta e fico olhando para a cara*

dele... disse que queria que ela e os outros tomassem primeiro o veneno que ela disse que botaria na minha comida". São incidentes contados com autores nomeados, mas que descrevem ações concretas muito mais que normatizam ou oferecem resoluções para a formação de futuras famílias. A busca delas é de se resguardarem e, vendo o comportamento, reconhecerem os autores, prevenindo-se com informações contra a possibilidade de, posteriormente, inserir-se numa relação doméstica de características semelhantes.

Este mundo, povoado de parentes, vizinhos e conhecidos que se solidarizam com as pessoas, bem como de outros parentes, vizinhos e conhecidos que se envolvem na violência cotidiana, é o bairro de moradia destes jovens. Tanto os jovens quanto as jovens são claros no seu sentimento de constrangimento por ter que conviver com tanta violência, num bairro que não inspira uma imagem de tranquilidade, mas também estão convencidos de que não seria diferente em qualquer outro bairro popular da cidade. Então, é melhor viver no pedaço conhecido, onde se pode ler as relações sociais informadas por um profundo conhecimento dos seus participantes. Isto, mais que nada, fornece uma imagem de um bairro "personalizado", "calmo" e "bom para morar", construída no contraste com outros "impessoais" e "desconhecidos".

Capacitação, trabalho e gênero na formação de uma família

Quando o tema é vida produtiva encontramos elementos já bastante explorados por outros trabalhos que enfocam modos de vida nas camadas de baixa renda (LONGHI, 2001; NASCIMENTO, 1999; NEVES, 1985; SCOTT, 1990; WOORTMANN, 1987). O mais relevante neste momento é ressaltarmos como, em alguns momentos, estes elementos ganham significação diferenciada quando enfocamos o discurso dos jovens ou das jovens.

A lógica de gênero se reproduz apesar dos discursos serem muito semelhantes quanto às preocupações. A manutenção do trabalho ou a falta dele é a grande preocupação dos jovens.

Reforçando dados encontrados em outros estudos sobre grupos populares do Recife (LONGHI, 2001; NASCIMENTO, 1999; SCOTT, 1990, 1996), um número pouco expressivo de pessoas tem um trabalho fixo. Isto é particularmente acirrado pela situação geracional e pouca experiência relativa dos jovens. Como um deles afirma, “*nunca trabalhei fichado*”. Existe o sonho, que as vezes parece muito distante, de trabalhar com carteira assinada. A maioria vive de bicos e, muitas vezes, os mesmos têm uma lógica sazonal, como casas para pintar nos fins do ano, ou são influenciados pelas transformações da sociedade, quando o aumento da violência acaba sendo a responsável por novas frentes de trabalho, como, por exemplo, tornar-se segurança de alguma empresa. Há o consenso de que não podem ficar escolhendo; fazem o que aparece.

Todos os grupos são unânimes em afirmar que, para os/as jovens, as principais causas na dificuldade em encontrar trabalho são a baixa escolaridade e a falta de experiência. Os poucos cursos que a comunidade oferece não profissionalizam ou não atendem à demanda do mercado. Além disso, muitos cursos são pagos ou ficam distantes do seu local de moradia, exigindo um investimento inicial que, muitas vezes, eles não dispõem. O discurso comunica impotência e frustração diante de uma realidade totalmente adversa. Quando falam de oportunidades de trabalho, reivindicam um tratamento diferenciado. Açam que os jovens deveriam ter alguns benefícios, já que estão começando a vida profissional e possuem a desvantagem de não ter experiência. Há, entretanto, aqueles que discordam, pois os homens que são pais de família deveriam ser a prioridade, já que têm uma família sob sua responsabilidade.

Diante da pouca capacitação e de um mercado de trabalho adverso, o jovem não vislumbra um futuro muito diferente do que o dos seus pais. Os rapazes identificam as suas oportunidades de trabalho mais com o exercício de habilidades manuais e de força física, enquanto para as moças, a idéia de ainda apostar no sonho de completar o ensino médio ou chegar até o superior, para ter melhor oportunidade de trabalho, é mais presente.

Os rapazes revelam orgulho por ter começado a trabalhar cedo, pois a sua condição no mercado de trabalho como “inexperientes” e “sem capacitação” não rima com “desocupados”. Na mesma linha de outros estudos sobre masculinidade (ARILHA, 1999; 2000; LONGHI, 2001; NASCIMENTO, 1999; OLAVARRIA, 1999; VIGOYA, 1999), o trabalho se revela como um dos elementos constituintes do *ethos* masculino e o pai como um dos canais para a construção desta identidade. Alguns narram que aprenderam o que sabem com o pai e que começaram a trabalhar muito cedo.

Quando são perguntados sobre a diferença entre homens e mulheres na hora de arrumar trabalho, os discursos revelam uma discordância. Para as jovens, os rapazes têm mais facilidades, pois a oferta maior, na sua realidade, é de trabalhos que exigem força física, próprios para homens e não para elas!

De fato, ao relatar as suas experiências, os próprios rapazes falaram da dureza dos trabalhos oferecidos por empresas locais, como a de carregador de uma fábrica de refrigerantes, que cansam e danificam a saúde dos trabalhadores. Apesar disso, os rapazes também se sentem em desvantagem em relação às mulheres, dizendo que a mulher leva vantagem pela sua aparência, pela sua maneira de ser, pelo seu poder de sedução. Entre os jovens, um chega a afirmar que “*é por isso que tem tanto homossexual, porque fica mais fácil de arrumar trabalho!*”.

Duas observações são importantes aqui. A primeira é que, em ambas as falas percebemos que são reproduzidos estereótipos masculinos e femininos: o homem dispõe da força bruta e a mulher da estética para atingir seus objetivos, cuja aplicação geral está sublinhada pela citação de trabalhos que exigem qualidades costumeiramente inesperadas de homens e mulheres. A segunda é que, diante da extraordinária dificuldade de encontrar trabalhos adequados, os moradores de bairros populares cogitam relaxar as barreiras tradicionais da divisão sexual de trabalho e “*trabalhar em qualquer coisa*”, mulheres com força e homens com estética.

Por outro lado, o discurso feminino indica que, de fato, já vêm ocorrendo algumas transformações nas relações de gênero com relação a divisão sexual do trabalho no contexto familiar. Para estas jovens, a idéia de que as mulheres devem trabalhar é bem aceita. Elas chamam atenção sobre a importância do trabalho para a sua própria independência, falam de casais desfeitos nos quais as mulheres tiveram mais facilidade para reconstruir sua vida quando detinham alguma renda provindo do seu próprio trabalho e mencionam, ainda, casais que vivem relações mais igualitárias, compartilhando lazer e trabalho. Mesmo que elas reconheçam que alguns rapazes têm medo da “ascensão” da mulher, o mais recorrente é ouvir os jovens que aceitam e até ficam contentes com o trabalho feminino, narrando histórias de casais que dividem tudo, inclusive às despesas.

O reduzido controle sobre os recursos escassos de capacitação e de renda colocam em desvantagem os/as jovens do Ibura e fazem com que haja uma abertura maior para participação em trabalho de homens e de mulheres, em qualquer coisa que apareça. Trabalho esporádico é melhor que nenhum trabalho, mas é uma base precária para construir uma nova família. Por outro lado, a formação da família de procriação não está baseada unicamente na disponibilidade de recursos. A estruturação de uma moral familiar que mistura os elementos das tradições das famílias de origem com a esperança das famílias de procriação desempenha um papel muito importante nesta construção.

Os pais e a família de origem: formando a moral familiar

A família estava sempre presente nos discursos e era trazida de duas formas: por um lado, de uma maneira idealizada, como uma das possibilidades de salvação dos jovens, juntamente com o trabalho.²⁵ Em um mundo tão rico em “tentações destruidoras”

²⁵ Segundo as palavras de Alda Brito da Motta “Famílias são, no âmago da análise, a articulação de relações de gênero e de gerações que se tecem e se realizam em um tempo social e histórico, para uma vida em comum e um fim, ou um esperado acontecer, da reprodução – biológica e social (MOTTA, 1987, p.13).

como drogas, prostituição e marginalidade, a família é a instituição que se apresenta como a grande esperança, pois é onde os jovens recebem os primeiros códigos de conduta e é feita sua socialização primária. Em outros momentos, falam da família de uma maneira mais realista, com todas as fragilidades e méritos que lhe são próprias. Nesta hora, fica claro que atribuem aos pais, tanto ao pai quanto à mãe, grande parte da responsabilidade pelos descaminhos dos filhos. Em oposição às dificuldades concretas das relações familiares, revelam seus desejos de construir um novo modelo de família, mais próximo de seus ideais.

Este antagonismo esteve mais presente na fala dos rapazes. Uma delas se mostrou bastante ilustrativa para demonstrar como a “*responsabilidade*” do homem com relação à sua família pode ser determinante no caminho que resolve seguir:

“Eu, solteiro, não tinha nada, não tinha pareia de roupa para vestir; não tinha uma bicicleta, não tinha nada porque não ligava para nada, solteiro não ligava para nada, não tava nem aí: hoje em dia, eu casado já possuí carro, já possuí casa, aquilo outro, meus bens; agora eu solteiro não tinha objetivo de nada, só por mim mesmo. Por ele, meu irmão e eu nos casávamos porque ele falou se a gente casar a gente tem uma obrigação, uma responsabilidade de casado, se a gente está casado, a gente vai ter que manter a casa, os filhos e a gente solteiro não vai ter essa obrigação; a gente, eu mesmo solteiro, não tenho; chego em casa, recebo dinheiro do mês, pô, ôxe vou fazer o quê? vou para o barzinho beber, não tenho nada, não tenho nem um passarinho para dar comida, vou-me embora curtir; no outro dia eu vou pensar: ‘pô, peguei meu dinheiro todinho e o que eu fiz?’”

Não foi possível notar, entre as jovens, um discurso tão nitidamente diferenciador das *responsabilidades* da solteira para a casada. Para elas, a responsabilidade do controle já vem encarnada no controle da sua própria sexualidade que se estabelece quando solteira, emblemática da moral familiar e alvo do controle de todos.

A vivência com a família de origem como um contra-exemplo estava muito presente no discurso dos jovens. Mais do que uma condenação dos pais, isto representa uma procura desses rapazes para construir um modelo para a sua família de procriação. Mantém-se a noção de que podem aprender com os erros dos pais. Nas palavras dos jovens, os pais deveriam orientar mais os filhos, conversar mais com os filhos, observar mais os filhos. Os rapazes expressam claramente sua frustração por seus pais não corresponderem às suas expectativas:

“Não é que meu pai seja ruim não, está entendendo? Meu pai é bom, agora está difícil por causa do álcool, meu camarada! ele bebe muito; quando começa, meu amigo, ele bebe, não quer trabalhar, sabe? Ele se acorda de cinco horas da manhã, cara, para beber, cara; eu fico - ele está se acabando no álcool e eu, é bronca. Eu não sei conversar com meu pai; sabe quando eu converso com meu pai? quando tem um jogo de futebol, vê, para eu conversar com meu pai tem que está vendo jogo de futebol, a gente comentando sobre jogo; eu queria abraçar meu pai, beijar meu pai, mas eu não consigo não, cara! ele está tão próximo e tão distante.”

A bebida, como a literatura tem mostrado (ALMEIDA, 1995; 1996; NASCIMENTO, 1999), é a grande vilã, responsável pelos problemas de falta de diálogo entre pais e filhos. Outros fatores que dificultam esse diálogo foram mencionados, dentre eles o fato da mãe assistir à novela, o que é referido como um vício, tal qual a bebida do pai. Este diálogo limitado também se manifesta quando se trata da indecisão dos filhos que circunda a separação dos pais, pois o filho não sabe com quem escolherá ficar, se com o pai ou com a mãe. Na fala deles, o pai deveria orientar o filho e a mãe a filha, uma noção idealizada da transmissão de identidade.

A idéia que possuem sobre transmissão de identidade está presente no tratamento diferenciado dado a filhos e filhas. Os pais estimulam os filhos a “*ganharem*” todas as mulheres possíveis. Quando o assunto é sexualidade, o controle dos pais sobre os filhos

se baseia justamente em ensiná-los que eles podem (e devem) abarcar o mundo, demonstrando sua virilidade. Como um dos jovens narra, para os pais “*melhor ter um filho ladrão do que travesti*”.

Mais sujeitas ao autocontrole, as mulheres ressaltam que têm que se resguardar o máximo possível. Os próprios jovens, cúmplices do controle sobre as jovens, colocam que as meninas são criadas muito presas e talvez, por isto mesmo, são tão danadas. Quem é danada, precisa ser controlada! A preocupação dos pais com o namoro das filhas revela o quanto elas representam um capital simbólico da moral familiar em que todos devem investir. Por um lado, ela é a provocadora, por outro, ela deve ser protegida tanto para poder arrumar um bom namorado como para manter a imagem positiva da família. O controle das mulheres é a preocupação de pais, mães, irmãos, etc. A forma que o rapaz chega até a moça, por exemplo, tem a ver com sua reputação, pessoal e familiar, como percebemos na fala de uma das jovens:

“Uma coisa que me chama atenção é você se mobilizar, porque o que leva um rapaz a pedir você em namoro é a reputação que você tem, ele sabe qual moça que pode chegar e chamar para sair, e sabe qual moça que pode falar com os pais, então tem a ver com a sua formação moral e familiar, como se comporta.”

Existe moça para namorar, existe moça para ficar e o conjunto de elementos responsáveis por esta diferenciação extrapola o indivíduo. A família, o local de moradia e o comportamento da jovem são fatores que informam o “tipo” de jovem e o tipo de relacionamento que os rapazes terão com ela. Na prática, a separação não é tão estanque e nada impede que os jovens comecem *ficando* e terminem *namorando*, como discutiremos mais adiante. Mas, tanto as jovens quanto os jovens falam destas diferenças.

Engravidar aparece como delimitador e determina uma mudança de status que, mais uma vez, ressalta o pouco diálogo entre mães e filhas. Segundo as jovens, as mães não conversam com elas sobre sexo, não as orientam e nem podem saber que elas já têm relações sexuais. Falaram que muitas vezes não usam pílula porque têm medo que a mãe encontre em suas coisas. O importante é manter o segredo. Como disse uma das jovens “*se quer ser mulher, tem que saber ser*”, querendo dizer que a jovem tem que saber ser discreta. Quando a jovem engravida, a dinâmica é outra. A família em geral ajuda, apesar do desconforto e das acusações que naturalmente acontecem. Conforme narraram, tanto a família do rapaz como a família da moça participam. Um filho, uma nova geração, desencadeia rearranjos domiciliares que trazem à tona os elementos mais marcantes da vivência das hierarquias de geração e gênero que caracterizam a juventude. Quando o casal não fica junto, tanto a jovem como o rapaz buscam, e geralmente encontram, apoio em suas famílias de origem, mas as circunstâncias são bastante diferenciadas. Enquanto a jovem precisa buscar e negociar apoio para criar o filho, o rapaz, muito mais facilmente retoma seu estilo de vida de solteiro.

No discurso das/dos jovens, percebemos que estabelecem diferenças entre o “antigamente” e a vida de agora, indicando o quanto os pais influenciam a sua percepção. Isto fica mais evidente quando estão falando da relação entre a família e os namorados. Antigamente, o namoro era diferente e o rapaz tinha que pedir consentimento para a família. No discurso tanto dos jovens como das jovens, os relatos de que “*hoje não é mais assim*” são seguidos por histórias que mostram que o controle familiar permanece forte, ao menos numa parcela da população. Uma das jovens namora em casa e conta que existem normas bem rigorosas para seu namoro. Outra, já casada, revela que o marido também pediu sua mão para seu pai e uma terceira se queixa de que a mãe sempre implica com seus namorados. Primeiro, quer que namorem no quintal, depois que namorem em casa e depois faz pressão para que o namoro termine. Podemos perceber que, paralelamente a novos

comportamentos, coexistem posturas tradicionais que nos levam a pensar que a pureza da jovem é ainda considerada capital simbólico, símbolo da honra familiar. Assumir uma vida sexualmente ativa é um elemento demarcador que traz conseqüências para a vida da jovem. Mesmo quando tem um filho, a jovem, quando reside com os pais, nem sempre assume ter uma vida sexualmente ativa.

Os pais, a tradição, o controle da sexualidade da jovem e o reforço da liberdade do jovem desenham uma complexa teia de inter-relações hierárquicas e solidárias que precisam ser consideradas e dissecadas quando buscamos entender as decisões acerca da saúde sexual e reprodutiva. Não são simplesmente indivíduos olhando para a sua saúde, são pessoas jovens com convivências que informam e delimitam os comportamentos individuais dentro de um campo de possibilidades demarcado pela família e pela comunidade.

Voltando às regras e intersecções: ficar, namorar, casar

As formas de relacionamento e as diferenças entre ficar, namorar e casar, também revelam traços da moralidade juvenil e condutas diferenciadas de homens e mulheres jovens. Os discursos dos/das jovens se assemelham por colocar o comportamento das jovens, quase sempre, como pivô da discussão e se diferenciam na maneira de falar sobre o comportamento masculino e feminino. Como já mencionamos para outros campos, os jovens falam mais acerca do comportamento das mulheres jovens e procuram associar os problemas e impasses vividos nesse campo a questões educacionais e à falta de apoio/diálogo com a família. A mulher jovem faz mais um discurso sobre si própria, enfatizando muito mais a experiência cotidiana pessoal e de pessoas conhecidas. A falta de diálogo/apoio da família aparece como um ponto importante para as mulheres, também.

Ficar está associado a curtir a vida, a não ter compromisso e tem pelo menos dois significados: 1) conhecer uma pessoa, haver uma simpatia mútua e troca de carícias, nas quais o elemento mais importante é o beijo ou 2) aquele que *vai levando pra relação*, ou seja, o casal acabou de se conhecer ou já se conhece, está ficando pela primeira vez ou já ficou uma/algumas vezes e mantém uma relação sexual. Os jovens e as jovens dizem que as pessoas no Ibura querem mais ficar. Os jovens dizem que quando vão pedir uma menina em namoro, conversar com a menina, eles levam o nome de *tabacudos*, rapazes que são antiquados ou estão vivendo fora dos padrões estabelecidos para o grupo. As jovens se queixam que os rapazes não têm mais coragem de pedir em namoro ou só pensam em ficar.

Quando a conversa vai se alongando, aparecem os depoimentos que relativizam essa tendência; há também as pessoas que querem namorar. O namorar não parece ser menos procurado que o ficar. Parece apenas um passo mais difícil a ser tomado. Especialmente quando falam sobre si próprios/as, eles/elas se enquadram, em maioria, nas pessoas que querem namorar e falam as dificuldades do caminho que vai do ficar ao namorar.

Várias prescrições morais entram em cena quando ficar e namorar são comparados. Ficar e namorar podem ser duas fases de um relacionamento ou podem ser excludentes. Os rapazes costumam apontar que o ficar para a jovem é *uma faca de dois gumes*, pode levar ao namoro ou pode levar a uma vulnerabilidade da jovem perante a comunidade, pois se ela *fica com um e com outro, ela vai ficar falada* ou *visada* e nenhum rapaz vai querer mais namorar ela. As jovens compactuam dessa visão, mas não numa posição de quem escolhe se quer ou não namorar, elas se preocupam em falar sobre o grau de dificuldade ou facilidade com que se deixam acessíveis aos jovens. Uma delas explicitou claramente esse pensamento, quando disse que as moças *cedem demais, é fácil demais, por isso nunca chega ao ponto do cara dizer - vou namorar com essa menina!*

O namoro é um compromisso que pode levar ao casamento, uma escolha ainda mais difícil de ser realizada, mas muito valorizada pelos integrantes do grupo de discussão. Por isso, o namoro deve estar baseado em uma série de requisitos, entre os quais, os mais importantes são o respeito e a confiança. Todos dizem ser muito difícil encontrar a pessoa certa. Os jovens acrescentam que a namorada ou esposa é uma pessoa amiga, uma companheira com quem se converse, se dialogue, por quem se sinta amor. O passo inicial, entretanto, é saber sobre a reputação da jovem. Uma jovem que fica com muitos rapazes não tem boa reputação, não é merecedora de confiança. As jovens confirmam essa divisão feita entre a moça boa para namorar e a moça boa para ficar. Essa última é encarada como “safada”, “vadia” ou “puta” por todos eles, principalmente se ela fica com vários rapazes e o ficar significa ter relação sexual.

Os mecanismos de controle dos jovens passam pela masculinidade. Os jovens enfatizaram que o homem, devido à educação que recebe, está mais inclinado ao sexo enquanto a mulher está mais inclinada ao amor. A virilidade é uma qualidade muito valorizada pelos jovens, é uma preocupação constante que está associada, entre outras coisas, a contar aos amigos as moças com as quais transou, ou, como eles dizem: “homem... acha bonito ficar contando vantagens”. Esse recurso serve como forma de controle da sexualidade feminina, é por meio dessas conversas masculinas na comunidade que os rapazes tomam conhecimento das moças que não têm reputação.

Os jovens enfatizam sempre que ficar é pior para as jovens, pois além de correrem o risco de macular a sua reputação, elas correm o risco de engravidar. Mesmo que algum rapaz goste dela, não vai ter confiança em assumir um relacionamento, um casamento ou um filho, se ela “ficou falada, ficou visada na comunidade”. A primeira coisa que ele vai alegar é que o filho não é dele. As moças alegam que os rapazes não têm responsabilidade, pois têm relação sexual com jovens mulheres, de 13 a 15 anos, que perdem a virgindade, então eles “se amigam” e se separam logo

em seguida, manchando a reputação dessas jovens. As moças também mencionam que há rapazes que usam drogas, fumam e ficam com as meninas “*do jeito que querem*”, mantendo uma relação na qual o desejo masculino prevalece sobre a vontade feminina. Nesse tipo de situação, a prevenção da gravidez não acontece.

Assim, a reputação e o risco que as jovens correm estão diretamente associados à conduta masculina de assumir o relacionamento/o filho e à conduta feminina em torno dos temas da virgindade, do número de jovens com os quais ficou ou namorou, e das relações sexuais que manteve. O discurso das jovens exprimem uma postura de decidir a hora de perder a virgindade ou de “*se perder*”, mas de esperar por decisões e posturas masculinas quanto ao tipo de relacionamento que vai se desenvolver entre o casal.

Os discursos das jovens e dos jovens estão permeados por controles familiares e comunitários ou mesmo pelo grupo de pares. Este controle é exercido de maneira diferenciada de acordo com o comportamento que é esperado por gênero e geração. A margem de escolha individual está limitada pelas prescrições sociais. Controle social e liberdade individual não são necessariamente excludentes na vivência cotidiana. Por exemplo, o incentivo dos pais dos rapazes a que eles mantenham relação sexual com todas as mulheres possíveis está sendo enfatizado para os jovens como liberdade, mas pode ser encarado também como controle, uma vez que está diretamente associado ao estabelecimento dos constrangimentos inerente à aplicação de modelos hegemônicos que incluem diversos elementos, entre os quais o medo da homossexualidade se ressalta aqui.

Retomando o discurso sobre formas de relacionamento, alguns depoimentos afirmam a existência de um ficar que leva ao namoro e ao casamento sem haver uma formalização das etapas, o casal “*vai ficando*” e gosta de estar junto, com o passar do tempo a mulher engravida e os dois vão morar juntos. Uma jovem expressa essa informalidade nas fronteiras entre ficar, namorar e casar,

dizendo que “*os três são muito confusos, hoje em dia*”. Isso não quer dizer que os mecanismos de controle sobre a sexualidade feminina sejam mais suaves, apenas indica que as fronteiras entre o ficar, o namorar e o casar estão influenciadas por vários critérios de convivência.

O casamento, como já mencionamos, é uma decisão ainda mais difícil para ser tomada. Há o casamento que vem como resultado de uma gravidez não planejada, há o casamento que é uma evolução do ficar, muito chamado de “*se amigar*” ou “*morar junto*”, e há o casamento resultante de um namoro prolongado com noivado. Nesse caso, o relacionamento é qualificado pela comunidade como tradicional ou à moda antiga ou, como disse uma das participantes do grupo de discussão, “*muitos lá na comunidade falam que o nosso relacionamento é do tempo dos avôs*”. Em todos os casos, a distinção entre casar e se amigar ou morar junto não parece muito clara, mesmo nos casos em que o casamento é uma evolução do ficar, não houve ênfase em distinguir casamento civil ou religioso de morar junto ou se amigar²⁶. O mais importante é saber conviver e encontrar a pessoa certa, requisitos considerados difíceis de atingir, por todos/as os/as jovens.

As jovens também enfatizam o respeito e a confiança como elementos indispensáveis para um bom casamento. Deve haver, também, diálogo, compatibilidades, mesmos objetivos, reconhecimento dos próprios defeitos e tentativa de superá-los, capacidade mútua de ceder em algumas situações.

Os requisitos dos jovens, já mencionados, indicam que o respeito, a confiança, o diálogo e a amizade são requisitos que todos (os e as jovens) consideram básicos para o bom casamento. O objetivo/expectativa de casar foi mais manifestado pelos jovens. Esse objetivo/expectativa foi localizado por eles, nas trajetórias de vida masculinas e femininas, de maneira diferenciada. Segundo

²⁶ Isto ratifica uma observação feita há meio século por René Ribeiro (1982) sobre uniões consensuais, estudando a relação do “amaziado”, onde ele ressalta que depende mais da avaliação das qualidades das pessoas de que da formalização legal do evento.

eles, a mulher procura o casamento como forma de adquirir estabilidade na vida, ter filhos e cuidar da casa. O homem não pensa em ter esse tipo de compromisso cedo, como foi evidenciado na fala do rapaz citado acima, no item sobre os pais e a família de origem. O casamento é um objetivo que deve ser atingido quando ele estiver estabilizado em uma profissão/emprego que lhe dê condição de assumir responsabilidades com a casa e o(s) filho(s), além de ter encontrado a pessoa certa.

As prescrições morais quanto ao que a mulher deve ou não fazer na sua vida sexual e reprodutiva continuam fortes após o casamento, sua base é a divisão sexual do trabalho na qual o homem é o provedor e a mulher, a mãe e dona de casa. Quando o comportamento da mulher casada não corresponde ao esperado, ela é taxada de irresponsável. As jovens mencionam os casos em que a mulher está casada, mas não cuida direito da casa, dos filhos nem do marido. Arrumar a casa, lavar a roupa e fazer a comida para o marido são as atividades citadas como sinônimos de cuidar. Se ocorrer a separação, as jovens afirmam que há maior apoio familiar para o homem que volta para casa e é aceito, como já foi mencionado anteriormente. Assim, ele sai de um ambiente doméstico onde a mulher está fora do seu controle e volta a um ambiente onde está sob o domínio dos pais, mas que, pelo menos supostamente, é mais “organizado” porque a mãe cuida dele.

Engravidar “*querendo*” ocorre quando as relações são mais bem estabelecidas entre o casal e há vontade de construir uma família. Nos outros casos em que o namorar ou ficar resultam numa gravidez, as jovens mencionam que “*são poucos rapazes que levam a menina pra morar com ele*”, pois querem preservar sua liberdade e não se acham tão responsáveis pela gravidez quanto a mulher. O medo de a jovem engravidar é constante como pano de fundo nas conversas sobre os tipos de relacionamento existentes. Nos grupos de discussão, todos os/as jovens voltavam sempre a esse assunto enfatizando que em suas comunidades há muitos casos de gravidez na adolescência que começam a ser mencionados a partir dos 13 anos de idade.

Engravidar como decorrência de ficar ou namorar aparece como uma falta de cuidado feminino. Os jovens não engravidam e, por isso, não se consideram tão responsáveis pela gravidez quanto as jovens. Eles irão decidir se assumem ou não o/a filho/a, se a gravidez for adiante, mas boa parte da sua decisão terá como base na reputação que a própria jovem construiu ao longo da relação²⁷. Alguns depoimentos das jovens evidenciam que essa visão é compartilhada pelos seus pais.

Para as jovens, engravidar pode acontecer sem que elas queiram por duas razões principais: 1) a relação sexual acontece sem que haja nenhuma preocupação com a contracepção por parte dos dois envolvidos ou 2) por dificuldade de estar com um tipo qualquer de contraceptivo à disposição. No último caso, as jovens citam dificuldade de ter um comprimido ou uma camisinha guardada para o momento por receio de que a família, principalmente a mãe, descubra que ela já não é mais virgem. Em alguns casos, as jovens decidem engravidar “*para prender o homem*”, uma vez que a gravidez resultante do namoro pode desencadear o casamento no qual os futuros pais vão morar juntos na casa dos pais dele ou dela e os filhos vão ser criados pelos avós, como já evidenciamos anteriormente. Em outros casos, as jovens decidem engravidar porque querem ter um filho, independente do que aconteça com a relação que mantêm com o pai da criança.

Quando a relação sexual “*acontece*” e as adolescentes engravidam sem querer, um recurso muito utilizado é o aborto. As jovens mencionam que na comunidade “*é fácil tirar*”. O caminho é, geralmente, uma amiga que já passou pela experiência e informa os procedimentos que devem ser realizados às interessadas, que os seguem. Os jovens mencionaram que o aborto é feito às escondidas, que pode ser realizado com a ingestão de chás, comprimidos ou

²⁷ Em outro trabalho (QUADROS & SCOTT, 1999) sobre os jovens de 4 grupos sociais distintos de Pernambuco, dois situados de periferia urbana de Recife (Ibura e Várzea), um situado num distrito de Brejo da Madre de Deus-PE, produtor de ‘sulanca’ e outro formado pelos índios Pankararu, já tivemos oportunidade de chamar a atenção sobre essas facetas do comportamento de controle masculino sobre a sexualidade feminina, presentes em todos os grupos pesquisados.

com a introdução de *coisas* dentro da vagina. Outras vezes, mais raramente, o aborto é realizado em clínicas.

As jovens dizem que a decisão de abortar parte das moças que têm como motivo a falta de aceitação da família ou o medo de comunicá-la. Outras vezes, “*o pai (do bebê que iria nascer) diz que não vai dar certo e é melhor tirar*”, sua atitude é a de dar o dinheiro para que a moça vá comprar o remédio na farmácia. Há, também, os casos em que a decisão é dos dois. Os jovens acham que a decisão de abortar é mais das mulheres que dos homens e a maioria delas aborta porque “*vê que o parceiro que engravidou não serve*”. O aborto se torna um recurso de controle das relações sociais que evita que ela estabeleça uma relação mais duradoura com um homem que pode tornar-se prejudicial à sua reputação e ao seu futuro.

Assim, existem decisões que são mais masculinas e outras, mais femininas. Perder a virgindade e abortar são campos de atuação das jovens. Assumir um namoro/casamento/filho, são campos de atuação dos jovens nas relações que se estabelecem entre os/as jovens, a família de origem, o acesso a recursos e a vida na comunidade, para a formação de uma nova família de procriação (BRANDÃO *et. al.*, 2001; SCOTT, 2001).

Prevenção: indo além do meramente técnico

A maior preocupação em torno da prevenção é a contracepção. Os discursos em torno da gravidez focalizam mais a mulher que não soube se cuidar para não engravidar. Nas histórias das jovens que participaram do grupo de discussão, apenas uma delas, grávida, disse que o casamento e a gravidez foram programados e o filho que está sendo esperado é muito desejado.

As jovens alertaram que a mulher “*cede mais*”, ela “*vai ficando*”, não toma remédio nem usa camisinha todas as vezes que mantém relação sexual. Algumas afirmam que a falta de prevenção é consequência da falta de informação e de conversa, principalmente com a mãe. Outra dificuldade mencionada pelas

jovens, estreitamente relacionada à anterior, é o cuidado que têm que ter com o método utilizado para que a mãe não descubra que ela já é mulher, pois sair do domínio e vigilância materna não é fácil para a jovem. Uma delas, que já tem um filho, enfatiza o estranhamento e a reprovação da mãe ao ver uma camisinha em sua bolsa. Para lidar com esta situação ambígua da sua sexualidade ser o alvo do controle na casa dos pais e dela querer ter a liberdade de escolha sobre a sua própria sexualidade, a jovem encontra algumas saídas, como tomar injeção, manter as camisinhas escondidas, ou, com maior perigo, relacionar-se sexualmente sem contraceptivo.

A preocupação com as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e o HIV também são enfatizadas pelas jovens. Elas mencionam a camisinha como um método que pode evitar tanto a gravidez quanto as DSTs, embora algumas ressaltem que o seu uso incomoda a elas próprias ou aos companheiros. As jovens casadas reportam alternar comprimidos e preservativos, o que, certamente, é menos eficiente quanto à prevenção das DSTs. Em todos os casos, o fator confiança entre o casal é citado como fundamental para a prevenção, principalmente pelas mulheres casadas, justamente as que são alvo de campanhas comandadas por profissionais de saúde que já ocorreram no bairro, enfatizando o uso do preservativo.

Outra forma de prevenção é não manter relação sexual com muitos homens ou a abstinência sexual completa, ou seja, como uma delas mencionou "*evitar homem*". Chamam a atenção para a existência de outras formas de estar com um homem nas quais amor, carinho, compreensão e respeito compõem o cenário. Uma delas mencionou que o ex-noivo ainda gosta dela porque ela nunca transou com ele - "*ele não conseguiu*". Esse tipo de postura parece ser o mais idealizado por todos como a maneira mais correta de uma jovem se prevenir.

Ir ao médico, ao ginecologista, é atitude mencionada como corriqueira pelas mulheres, bastando sentir um sintoma ou um mal estar, especialmente quando relacionado a corrimento vaginal e medo de inflamação ou infecção no útero, AIDS, HPV e outras

DSTs. Além de informar sobre orientações recebidas sobre o uso de preservativos, falam da importância da higiene e do uso de saias ao invés de calças compridas, como outras formas de cuidar da saúde.

Os rapazes concordam que a prevenção fica, na prática, mais a cargo das jovens, quando os assuntos debatidos são o tipo de relação e as diferenças entre ficar, namorar e casar. Um deles chegou a declarar que *“depois de estar no mundo, a maioria das vezes transou sem camisinha”* e que foi a conversão religiosa que o fez parar de manter relação sexual antes do casamento. Aliás, a abstinência sexual foi a solução preventiva defendida pelos dois rapazes evangélicos do grupo.

Quando o assunto era a responsabilidade da prevenção, a direção da conversa dos rapazes mudava. A maioria diz que a responsabilidade é do homem ou do casal. Entretanto, admitem que a mulher seja mais *“cuidadosa”* e o homem seja mais *“relaxado”* para cuidar da saúde e procurar o médico. Alguns enfatizaram que não gostam de ir ao médico para fazer o exame de próstata, pois este exame já está incorporado no repertório jocoso comunitário, sugerindo que a sua realização pode abalar a masculinidade.

Os jovens, assim como as jovens, têm que lidar com a vigilância dos pais (ou pelo menos, das mães). Falaram de suas dificuldades em guardar a camisinha no quarto com medo ou vergonha de que a mãe veja. A ênfase no uso da camisinha, entretanto, não foi tão forte quanto no grupo das jovens. Há uma espécie de desconhecimento e admiração mútuos entre os jovens no grupo, revelado enquanto cada um tenta explicar para os outros os diversos métodos anticonceptivos e preventivos empregáveis, desde o DIU, a injeção, a pílula até os mais conhecidos e menos eficazes métodos da mulher ficar de cócoras após a relação sexual ou de praticar o coito interrompido. A atitude preventiva do jovem passa mais pelas conversas com o grupo de colegas/amigos para descobrir se uma jovem é digna de namoro ou para escolher se vai assumir a parceira e/ou o filho que pelo uso de métodos contraceptivos. Prevenção, portanto, mais uma vez, significa controle da sexualidade feminina.

O discurso preventivo dos jovens apresentou outra faceta diferenciada do discurso das jovens: disseram que a educação familiar, escolar e as atividades comunitárias seriam os grandes promotores da educação sexual, desenvolvendo um discurso de cumplicidade com instituições comunitárias, escolas e escolinhas de futebol, judô e capoeira, todos poderiam ser aproveitados para ampliar a discussão sobre prevenção, e, que, sobretudo, o mais importante era dar oportunidades aos jovens e evitar, a todo custo, a sua desocupação, pois rapaz sem nada para fazer, vai pensar em fazer o quê?

A prevenção não é apenas um discurso técnico. É um tema que está presente no cotidiano dos jovens e na comunidade de maneira abrangente. Não envolve apenas o momento da relação sexual, mas a história de vida das pessoas envolvidas, os padrões de masculinidade e feminilidade aprendidos e valorizados na família e no grupo social a que pertence e o acesso a recursos. Os próprios jovens vêem o acesso à informação como uma forma de prevenção. No entanto, a análise dos grupos mostra que a informação é uma condição necessária, mas não suficiente para que a prevenção aconteça. Ela envolve um conjunto de atitudes políticas que devem ser direcionadas à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, etc.

Outra conclusão a que podemos chegar através da análise dos dados é de que, no discurso comunitário, a prevenção aparece como um sinônimo de cuidado individual e a falta da mesma como uma maneira de culpabilizar individualmente os/as jovens pelos erros cometidos em suas trajetórias. Assim, a prevenção aparece como uma forma de controle familiar, comunitário e médico sobre o indivíduo no discurso daqueles que participaram dos grupos de discussão. Este controle enfatiza o (auto) controle da sexualidade feminina e a liberdade do homem heterossexual, perpetuando relações desiguais entre os gêneros.

Considerações finais: saúde reprodutiva e demandas de jovens populares

Seria, no mínimo, precipitado enumerar demandas específicas de jovens populares urbanos. A finalidade deste trabalho não é de enumerar, e sim de sugerir, de uma perspectiva de gênero, como compreender a contextualização de demandas em geral, com base em poucos grupos de discussão de um bairro periférico recifense. É possível observar alguns temas que permeiam este trabalho, ora de uma forma mais explícita, ora de uma forma mais implícita, e cabe aqui, torná-los mais evidentes.

- 1) Direitos individuais e coletivos: Ao longo do trabalho ficou claro que a família e os grupos sociais locais e comunitários são elementos que ajudam a tecer o tecido que serve de base para a construção identitária do jovem e da jovem de bairros populares. Apesar de terem acesso a informações e estarem inseridos numa sociedade globalizada pautada na ética dos direitos individuais, tão badalados na literatura sobre saúde reprodutiva, estes direitos muitas vezes se chocam com os valores e normas que pautam as relações sociais dos grupos dos quais fazem parte. O que é ser uma jovem “boa para casar” ou não vai depender do grupo familiar, do local de moradia e de como o comportamento desta jovem é avaliado socialmente. Uma decisão sobre o exercício de sexualidade, sobre a definição de práticas reprodutivas ou preventivas, ou sobre diversos outros temas abordados aqui vai muito além da disponibilidade de “informações” e “meios” para o exercício da decisão individual. Também se associa à valorização da coletividade enquanto contexto para a elaboração de estratégias de vida produtiva material e simbólica nos locais onde os atores se engajam no cotidiano. A leitura de uma decisão de abortar, de ligar

as trompas, de criar o filho sozinha não pode se traduzir num indicador simples do exercício de direitos individuais, e sim precisa ser entendido no contexto dos diversos pertencimentos aos quais os jovens se atrelam, pela sua condição social e pela sua inserção etária nos processos de formação de grupos domésticos. Muitas vezes, prevalece o desejo de pertencer ao grupo. A necessidade de fazer parte e ser aceito pelo seu grupo social norteia posturas masculinas (por exemplo, demonstrar sua virilidade através de inúmeras conquistas amorosas) e femininas (por exemplo, manter sobre controle sua própria sexualidade).

- 2) Redes sociais divergentes e complementares: Madeira (1997) batizou a sua coletânea com a pergunta instigante e popular: *Quem mandou nascer mulher?* Mas quando se ouvem os dois lados, pode-se acrescentar a pergunta, quem mandou nascer homem? É fácil perceber (reforçando relações tradicionais) predominância da referência feminina no espaço doméstico e da masculina no espaço público, mas o que é importante salientar é que esta predominância revela redes sociais diferentes efetivamente vividas por meninos e meninas. Homens e mulheres estão em todos os espaços, mas os jovens destacam seu conhecimento sobre o mundo, ao passo que as mulheres ficam à vontade quando o assunto diz respeito às relações familiares. Assuntos em si mesmos (violência, sexualidade, gravidez, prevenção) não são intrinsecamente femininos ou masculinos precisando ser enxergados em relação à construção diferenciada de redes sociais. A associação forte da esfera da saúde reprodutiva com as redes sociais de referência feminina faz com que, freqüentemente, não se escute com a devida atenção o lado masculino (como já observou CALAZANS, 2000). Assim, não é de estranhar que

somente recentemente a comunidade que estuda a saúde reprodutiva conseguiu intensificar a sua, ainda minoritária, atenção ao lado masculino da questão (ARILHA, 1999; 2000; ARILHA, RIDENTI & DANTAS 1998; BANDIANI e CAMARANO, 1999; GIFFIN & CAVALCANTI, 1999; LEAL, 2000; LEAL & BOFF 1996; PEREA, 1998; QUADROS & SCOTT 1999; LERNER, 1998; VIGOYA, 2000; VILLA, 1997; ZSASZ, 2000).

- 3) Gravidez, conjugalidade e as relações de gênero: Gravidez e relações conjugais não estão necessariamente atreladas, mas exercem papéis similares para os diferentes gêneros. A gravidez representa para as jovens um divisor de águas, um potencial fim da ambigüidade juvenil (BUTTO & SILVA, 1998; CALAZANS, 2000; LONGHI, 2000; SCOTT, 2001). Demarca a passagem para um status de maior responsabilidade, mesmo que sua família de origem a acolha e a ajude a criar o filho. No caso do jovem, o momento que representa a mudança de status é aquele no qual ele resolve assumir uma vida conjugal, decisão que não está necessariamente associada à gravidez. O jovem assumir ou não a paternidade vai depender do significado afetivo e social da relação estabelecida com a jovem em questão. É uma decisão social na medida em que as representações sociais da comunidade sobre “o que é uma moça para casar ou não casar” vão influir no sentimento de responsabilidade do jovem com relação à criança que está sendo gerada. O casamento implica em assumir o papel de provedor, elemento fundamental para o *ethos* de homem maduro. Em concordância com a literatura mais recente sobre gravidez na adolescência, a família de origem encara com naturalidade e existe um compartilhamento na tarefa de cuidar e criar este filho (HEILBORN, 2001).

- 4) Prevenção, além de informações e acesso: A inferência de que os/as jovens não se previnem porque “não querem” ou porque “não têm acesso às informações ou aos meios” tende a subestimar a evidência de clara que decisões não são tomadas respondendo apenas a uma demanda individual! A influência familiar e comunitária nos assuntos relacionados à prevenção tem como eixo importante o controle do exercício da sexualidade das jovens e a liberdade dos jovens por meio de prescrições morais desiguais, relacionadas a questões de gênero. Liberdade e controle tomam sentidos dentro do *script* heterossexual, no qual há uma posição claramente desvantajosa para as jovens que, nessa etapa de vida, têm que lidar com ‘escolhas’ que vão medir sua reputação e a da sua família, sua capacidade de autocontrole sobre a sexualidade e de influenciar positivamente a decisão masculina de assumir responsabilidades inerentes ao namoro, ao casamento e/ou à paternidade. O ideal da moça virgem não é prescritivo, mas os jovens tentam encontrar moças com pouca experiência sexual, quando querem namorar, casar e ter filhos. A liberdade dos jovens, por outro lado, incentiva e cobra deles o maior número possível de experiências sexuais. Nesse cenário, mensagens de prevenção que enfatizam procedimentos técnicos e tomadas de decisões individuais dos/das jovens esbarram em questões de confiança, vergonha e reputação que estão inseridos em referenciais grupais altamente demarcados pelas desigualdades de gênero.
- 5) O valor de grupos de discussão: A contextualização social das demandas reprodutivas, quando evidenciada através da técnica de grupos de discussão, ressalta as regras e as normas sociais coletivas (como observam HUDELSON, 1996 e VICTORA *et al*, 2000 sobre esta

técnica), encobrendo mais os sonhos individuais que são mais bem captados através de técnicas de entrevista e observação. Assim, fica o lembrete metodológico de que esta técnica favorece uma leitura mais coletiva de demandas de saúde reprodutiva, adequando-se ao encaminhamento coletivo de demandas.

Não cabe dúvida de que a saúde reprodutiva envolve melhoras de saúde, diminuições de taxas de dependência e índices de mortalidade, mas o que se recomenda dentro desta esfera só terá ressonância, para os moradores jovens de bairros populares, quando as informações estiverem veiculadas em ações capazes de respeitar o complexo jogo de hierarquias e solidariedades, de afastamentos e construções, de respeito a tradições e de inovações que a formação das famílias novas e as ambigüidades juvenis sempre implicam nos ambientes sociais populares. Confiabilidade, familiaridade, respeito, reconhecimento de discursos de gênero diferenciados e fornecimento de oportunidades que aumentem o controle de recursos sociais e materiais para jovens ansiosos em ter uma vida proveitosa, todos precisam ser contemplados para que a saúde reprodutiva não seja tratada como um alvo meramente técnico e, sim, altamente humano e social.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. *Considerações sobre a temática social da juventude no Brasil*. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPED Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em Educação Mai, Jun, Jul (nº5), Set, Out, Nov (nº6), nº especial; p. 25-36, 1997.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal*. **Anuário Antropológico - 95**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ARILHA, Margareth. *Masculinidades, gênero e saúde: tensões e interfaces entre discursos sobre reprodução*. Trabalho apresentado no VI Congresso de Saúde Coletiva, São Paulo, março 2000.

_____. *Homens, saúde reprodutiva e gênero: o desafio da inclusão*. In: GIFFIN, Karen e COSTA, Sarah Hawker. **Questões de saúde reprodutiva**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999. p. 445-467.

ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra; MEDRADO DANTAS, Benedito (Org.). **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS-Editora 34, 1998.

BRANDÃO, Elaine Reis; HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela; KNAUTH, Daniela; BOZON, Michel. *Juventude e família: reflexões preliminares sobre a gravidez na adolescência em camadas médias urbanas*. **Interseções: revista de estudos interdisciplinares**, Ano 3, n. 2, 2001.

BUTTO, Andrea Zarzar; SILVA, Joineide de Menezes. *Gravidez na adolescência: a antropologia numa experiência aplicada*. **Cadernos de Extensão**, Recife, n. 1, Pró-reitoria de Extensão/ UFPE/ Editora Universitária, dezembro 1998.

CALAZANS, Gabriela. *Cultura Adolescente e Saúde: perspectivas para investigação* em Maria Coleta Oliveira (Org.) **Cultura, adolescência, saúde: Argentina, Brasil, México**, Consórcio de Programas de Saúde Reprodutiva e Sexualidade na América Latina (CEDES/COLMEX/NEPO-UNICAMP, 2000. p. 44-97.

GIFFIN, Karen; CAVALCANTI, Cristina. *Homens e reprodução*. **Revista Estudos Feministas**, IFCH/UFRJ e PPCS/UERJ, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1 e 2, p. 53-71, 1999.

LEAL, Ondina Fachel. *Impases de la paternidad: la reproducción desde la perspectiva masculina* In: FULLER, Norma (ed.)

Paternidades en América Latina, Pontificia Universidad Católica del Perú Fondo Editorial, 2000.

LEAL, Ondina Fachel; BOFF, Adriane de Mello. *Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional*. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. (Org.).

Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

LERNER, Susana (editora). *Varones, sexualidad y reproducción: diversas perspectivas metodológicas e hallazgos de investigación*, México, El Colegio del México, Centro de Estudios Demográficos y de Desarrollo Urbano, Sociedad Mexicana de Demografía, 1998.

LONGHI, Márcia Reis. *Ser homem, pobre e pai: a construção cotidiana da relação pai-filho nas camadas de baixa renda*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – PPGA-UFPE, Recife, 2001.

HUDELSON, Pamela. *Qualitative Research in Health*. Geneva: World Health Organization, 1996.

MADEIRA, Felícia Reicher (Org.). *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

MOTTA, Alda Britto da. *Introdução: Gênero, família e fases do ciclo de vida* **Cadernos CRH**, Salvador, Centro de Recursos Humanos, UFBA, 1998.

NASCIMENTO, Pedro. *Ser homem ou nada*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFPE, Recife, 1999.

NEVES, Delma Pessanha. *"Nesse terreiro o galo não canta": Estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda.* **Anuário Antropológico 83**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: UFC, 1985. p. 199-224.

OLAVARRÍA, José. *Desejo, prazer e poder: questões em torno da masculinidade heterossexual.* In: BARBOSA, Regina Maria; PARKER, Richard (Org.). **Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder.** Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 1999. p. 153-174.

PEREA, Juan Guillermo Figueroa. *Algunas Reflexiones sobre los varones y los derechos reproductivos.* In: LERNER, Susana (editora). **Varones, sexualidad y reproducción: diversas perspectivas metodológicas e hallazgos de investigación.** México: El Colegio del México, Centro de Estudios Demográficos y de Desarrollo Urbano, Sociedad Mexicana de Demografía, 1998. p. 431-438

QUADROS, Marion T. *Homens e contracepção em grupos sociais distintos.* Trabalho apresentado no VII Encontro de Antropólogos do Norte - Nordeste (ABANNE), Recife, 2001.

QUADROS, Marion Teodósio; SCOTT, Parry. *O masculino na saúde sexual e reprodutiva em Pernambuco.* Trabalho apresentado no 2º Congresso de Ciências Sociais e Saúde. São Paulo, dezembro 1999.

RIBEIRO, René. *O amaziamento e outros aspectos da família no Recife.* In: _____. **Antropologia da religião e outros estudos.** Recife: Massangana, 1982. p. 59-70.

SCOTT, Parry. *O homem na Matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico.* **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 73, p. 38-47, maio 1990.

_____. *Comparáveis ou incomparáveis? Família de trabalhadores rurais, pobres urbanos e classe média.* In: MOTTA, Alda Britto da; HOFFNAGEL, Judith Chambliss *et al.* **Seminário Nordeste, O Que Há de Novo?** Natal, 1988. p. 45-56.

_____. *A Etnografia da família de camadas médias urbanas e pobres urbanos: trabalho, poder e a inversão do público e do privado.* Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS, Caxias do Sul, 1993.

_____ (Coord.). *Saúde e Pobreza no Recife: poder, gênero e representações de doenças no bairro do Ibura.* Recife: NUSP - Editora Universitária - UFPE, 1996.

_____. *Quase Adulta, quase velha: porque antecipar as fases do ciclo de vida?* **Interseções: revista de estudos interdisciplinares**, Ano 3, n. 2, 2001.

TANNEN, Deborah. *You just don't understand: women and men in conversation.* New York: William Morrow, Ballantine, 1990.

VICTORA, Ceres; KNAUTH, Daniela; HASSEN, M.N.A. (Org.) *Pesquisa Qualitativa em Saúde.* Porto Alegre: Tomo, 2000.

VIGOYA, Mara Viveiros. *Esterilización masculina, dinámicas conyugales y ámbitos de poder: un estudio de caso colombiano.* In: SCAVONE, Lucila. (Comp.). **Género e salud reproductiva en América Latina.** Cartago: Libro Universitario, 1999. p. 153-177.

VIGOYA, Mara Viveiros. *Paternidades y masculinidades en el contexto colombiano contemporáneo, perspectivas teóricas e analíticas* em Norma Fuller (ed.) **Paternidades en América Latina,** Pontificia Universidad Católica del Perú Fondo Editorial, 2000.

VILLA, Alejandro M. *Significados da reprodução na construção da identidade masculina em setores populares urbanos*. In: COSTA, Albertina (Org.) **Direitos Tardios. Saúde, Sexualidade e Reprodução na América Latina**. São Paulo: FCC, 1997. p. 115-140.

WOORTMANN, Klaas. *Casa e família operária*. **Anuário Antropológico/80**. Edições Tempo Brasileiro/Edições UFC. Rio de Janeiro/Fortaleza, 1982, p. 119-150.

_____. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro: Revan Ed UFRJ, 1994.

ZSASZ, Ivonne. *Varones mexicanos: género, sexualidad y salud reproductiva*. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, IFCH/UFRJ e PPCS/UERJ v. 8, n. 1, p. 186-199, 2000.

Conhecimento e usos de métodos contraceptivos: um estudo com homens residentes em duas comunidades do Ibura

*Marion Teodósio de Quadros
Marta Regueira Teodósio*

O termo “evitar filhos” tem um significado amplo, incorpora comportamentos, práticas e valores que vão além do conhecimento e do uso de métodos de contracepção. Como condição necessária, mas não suficiente, o conhecimento e o uso de métodos permanecem como indicadores importantes para orientar a discussão sobre planejamento reprodutivo. Neste artigo, estaremos descrevendo a frequência com que os métodos anticoncepcionais são conhecidos e praticados, para mapear algumas características e tendências sobre o conhecimento e o uso de métodos anticoncepcionais, utilizando os dados de um questionário aplicado em uma pesquisa realizada entre 2002 e 2003, em duas comunidades do Ibura²⁸.

Os estudos demográficos que evidenciam aspectos comportamentais dos homens em relação à contracepção têm revelado que o uso de métodos anticoncepcionais (ou contraceptivos) aumenta com a idade, com a escolaridade e com o fato de possuir filhos. Há, também, preferência maior por métodos específicos, de acordo com a faixa etária. (BADIANI & CAMARANO, 1998; BEMFAM; 1999a). Para analisar se tais tendências são observadas nas comunidades estudadas, a amostra

²⁸ A pesquisa foi realizada como parte da tese de doutorado de Marion Quadros, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Professor Dr. Parry Scott e co-orientação do Professor Dr. Remo Mutzenberg (QUADROS, 2004). O nome das comunidades não será revelado para garantir o anonimato dos informantes. Integra um projeto mais amplo, denominado *Enfrentando Diferenças de Gênero: consolidando e ampliando pesquisas e ações em saúde reprodutiva*, coordenada por Parry Scott, com o apoio da Fundação Ford.

foi estratificada segundo situação conjugal, faixa etária, escolaridade, renda e o fato de possuir ou não filhos²⁹.

Iniciaremos abordando aspectos sobre o conhecimento dos métodos contraceptivos para, em seguida, apresentar dados sobre os métodos praticados na primeira relação sexual, em algum momento e na época da realização da pesquisa (que será designada como: no momento atual).

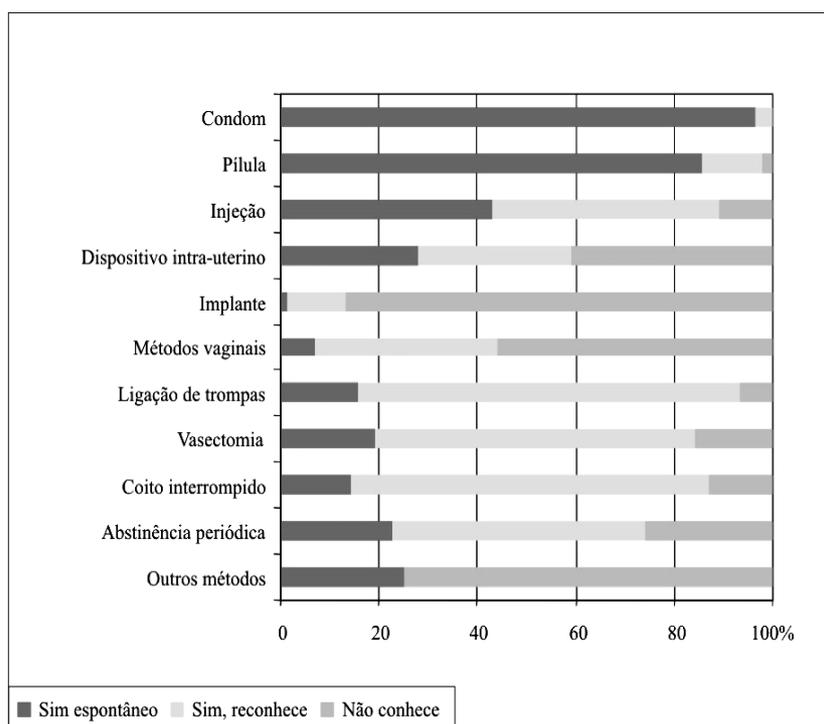
Conhecimento dos métodos de contraceção

Para perceber o conhecimento dos métodos de contraceção, utilizamos a mesma pergunta feita pela *Demographic Health Survey* (DHS, 1996), na qual se solicitou ao entrevistado que citasse todos os métodos do seu conhecimento e, em seguida, o pesquisador mencionava os que não haviam sido citados espontaneamente, para verificar se eram reconhecidos.

A **Figura 1** ilustra o conhecimento dos métodos de contraceção nas comunidades estudadas e observa-se que os métodos de contraceção classificados como modernos são mais citados espontaneamente do que os métodos tradicionais.

²⁹ Agradecemos aos Professores Doutores Remo Mutzenberg e José Eulálio Cabral pelo tratamento estatístico dos dados.

Figura 1 – Conhecimento dos homens sobre métodos de contracepção



Nota: Outros métodos: adesivos, soluções intravaginais, camisinha feminina, chás, espermicida, sexo oral, masturbação, pílula do dia seguinte, pílula do homem.

[Distribuição de 141 homens, entre 18 e 35 anos de idade, residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, que responderam espontaneamente [sim espontâneo] e reconheceram [sim, reconhece] ou não [não conhece] os métodos de contracepção. Dados obtidos durante a pesquisa realizada entre novembro de 2002 e abril de 2003].

A pesquisa classifica os métodos em modernos (*condom* ou camisinha, pílula, dispositivo intrauterino [DIU], injeção, implante, métodos vaginais³⁰, ligação de trompas e vasectomia³¹) e tradicionais (abstinência sexual periódica³² e coito interrompido³³).

Quando foi feita a estratificação das respostas dos homens entrevistados encontradas nas citações espontâneas em relação à escolaridade, observou-se um alto percentual de citações do *condom* (mínimo de 85,7% e máximo de 97,6%) e da pílula (mínimo de 71,4% e máximo de 86,8%) em todos os níveis de escolaridade (séries concluídas).

Quando a população de homens foi estratificada em relação à renda familiar mensal bruta, estes dois métodos – a camisinha e a pílula – apresentaram também alto percentual de citações (entre 94,1% e 100% para o *condom* e entre 73,5% e 97% para a pílula), em todos os quatro estratos (faixas de renda em salário mínimo). Em relação aos demais métodos de contracepção, aqueles com grau de instrução entre 0 e 3ª séries concluídas não citaram implante nem métodos vaginais, observando-se o mesmo para os que têm renda familiar entre zero e 1 salário mínimo. A esterilização feminina (ligação de trompas) foi citada espontaneamente pelos de mais baixa renda (44% dos homens com renda de 0 a 1 salário mínimo) enquanto não foi citada pelo subgrupo com mais baixo grau de instrução.

Assim, os métodos indicados como mais conhecidos em todos os níveis de escolaridade e renda são a camisinha e a pílula. A esterilização

³⁰ O diafragma e o capuz, fabricados em material de borracha côncavo e com as bordas flexíveis. São introduzidos na vagina antes e retirados algumas horas após da relação sexual. Eles recobrem o colo do útero, impedindo a passagem dos espermatozoides.

³¹ É um procedimento cirúrgico simples, realizado nos canais deferentes (duto ejaculatório) que impede a presença de espermatozoides na ejaculação, sem afetar o desempenho sexual. É um método permanente.

³² Este método popularmente é chamado de tabela. Sua prática consiste em deixar de ter relações sexuais durante o período fértil da mulher, que é calculado no calendário, tendo como referência o primeiro dia de menstruação. A abstinência sexual periódica também pode ser feita pelo método de Billings (a presença de muco mais espesso na vagina corresponde ao período fértil) ou pelo método da temperatura basal (após a ovulação, ou seja, durante o período fértil, a temperatura do corpo sobe levemente quando a mulher está em repouso).

³³ Este método é popularmente conhecido como "gozar fora". Significa que durante o ato sexual, antes da ejaculação, o homem retira o pênis e ejacula fora da vagina.

feminina, por sua vez, é muito conhecida pelos homens de mais baixa renda. Os métodos femininos mais onerosos como o implante, os métodos vaginais e o dispositivo intrauterino são pouco conhecidos pela maioria dos homens pesquisados, especialmente os que possuem baixo nível de escolaridade e renda. Estes resultados estão de acordo com os estudos sobre o comportamento contraceptivo masculino no Brasil (BADIANI & CAMARANO, 1998 e BEMFAM, 1999a).

A estratificação da amostragem em relação à existência de vida sexual, na época da pesquisa, mostra que o conhecimento dos métodos de contracepção foi semelhante para aqueles com vida sexual ativa (unidos ou não unidos)³⁴, apresentando baixo percentual de desconhecimento para a maioria dos métodos de contracepção nos dois subgrupos. Mesmo tendo conhecimento de uma maior quantidade de métodos, os homens com vida sexual mencionaram majoritariamente o *condom* (todos com vida sexual ativa, unidos ou não) e a pílula (conhecida por 96,4% dos unidos e 100% dos não unidos), com resultados semelhantes aos referidos pela BEMFAM (1999a) quando analisa o conhecimento dos métodos de contracepção pelos homens brasileiros (**Figura 2**).

Os homens que ainda não haviam iniciado a vida sexual citaram apenas o *condom* e a pílula, sendo que 66,7% deles desconheciam o dispositivo intrauterino, o implante, os métodos vaginais, o coito interrompido e a abstinência sexual periódica e 33,3% não conheciam a injeção e a vasectomia (**Figura 2**).

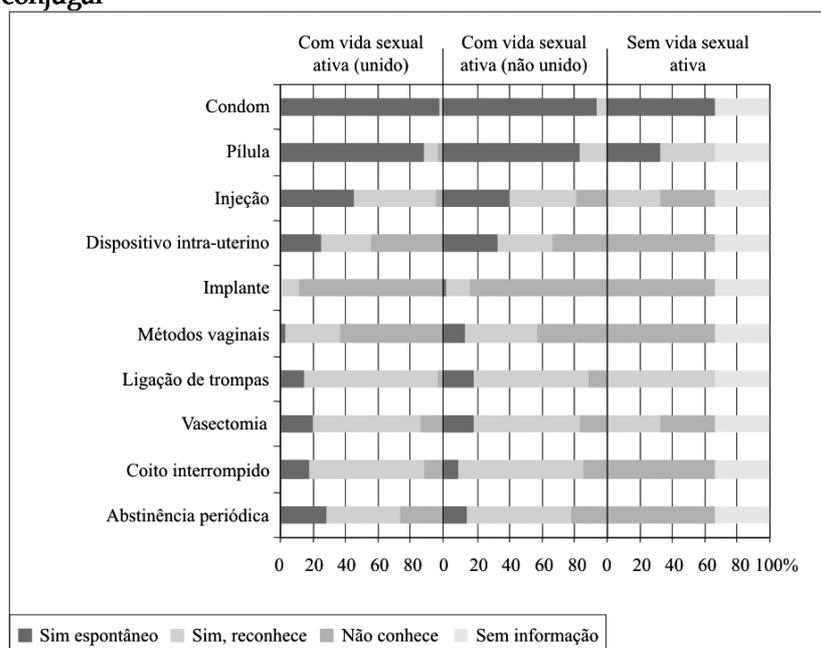
Comparando os homens, com vida sexual ativa, unidos com os não unidos, estes últimos citam e reconhecem, com maior frequência, os métodos menos populares, como o dispositivo intrauterino, os métodos vaginais e o implante. Quando observado o percentual de conhecimento (citação espontânea e, também, o reconhecimento depois do método ser mencionado pelo pesquisador) aqueles com vida sexual ativa, unidos e não unidos, apresentam semelhanças. Já os que não têm vida sexual ativa são os que menos conhecem. Isto indica que a prática sexual é importante para o conhecimento dos métodos de contracepção. Este resultado difere

³⁴ Classifica-se como união conjugal tanto o casamento civil e/ou religioso quanto a união consensual.

daquele encontrado nos estudos para homens brasileiros, que se referem à existência de união conjugal, e não à existência de vida sexual ativa, como um dos fatores que influenciam o maior conhecimento dos métodos (BEMFAM, 1999a).

Neste trabalho, vida sexual e união conjugal podem ou não estar associados, talvez por isso haja diferença nos resultados. A vida sexual ativa vai além da união. Assim, pode haver vida sexual sem união conjugal e, também, podem existir homens casados sem vida sexual.

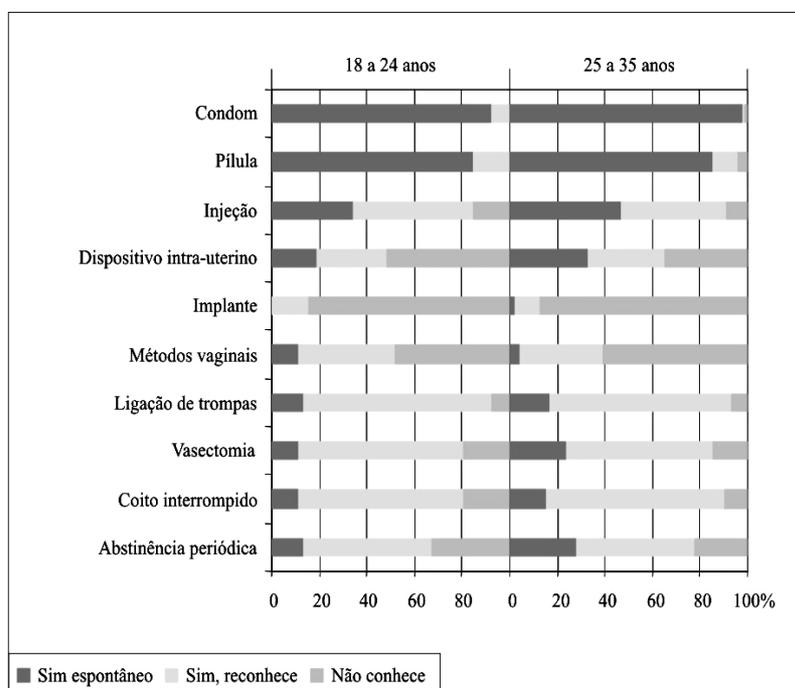
Figura 2 - Conhecimento dos homens sobre os métodos de contraceção, segundo a existência de vida sexual ativa e da união conjugal



[Distribuição de 141 homens, entre 18 e 35 anos de idade, residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, que responderam espontaneamente [sim espontâneo] e reconheceram [sim, reconhece] ou não [não conhece] os métodos de contraceção. Os dados estão distribuídos segundo a existência de vida sexual ativa ou não e de estar ou não vivendo com a parceira [unido (U) ou não (NU)], na época da pesquisa (entre novembro de 2002 e abril de 2003)].

Com relação à faixa etária, entre 18 e 24 anos e de 25 a 35 anos, esta última engloba os que conhecem todos os métodos de contraceção. O *condom* e a pílula são amplamente conhecidos, pelos homens, nas duas faixas etárias (**Figura 3**).

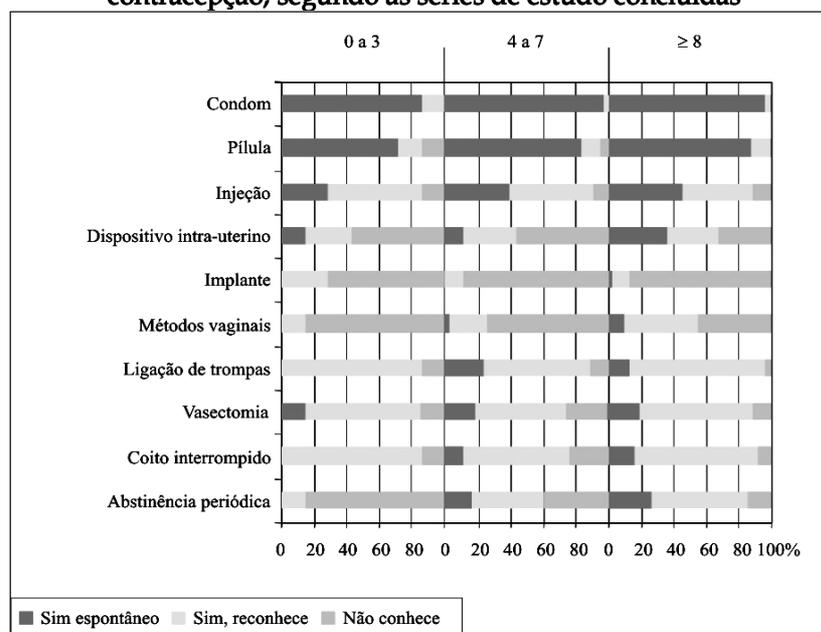
Figura 3 - Conhecimento dos homens sobre os métodos de contraceção, segundo a faixa etária



[Distribuição de 141 homens, entre 18 e 35 anos de idade, residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, que citaram espontaneamente [sim espontâneo] e reconheceram [sim, reconhece] ou não [não conhece] métodos de contraceção. Os dados estão distribuídos segundo a faixa etária [18 a 24 anos e 25 a 35 anos], na época da pesquisa (entre novembro de 2002 e abril de 2003)].

Diferenças maiores foram relacionadas ao grau de instrução. Homens que possuíam de 0 a 3 séries concluídas não citaram espontaneamente o implante, os métodos vaginais, a ligação de trompas, o coito interrompido e a abstinência sexual periódica. Aqueles com grau de instrução mais elevado (homens com oito ou mais séries concluídas) citaram todos os métodos de contracepção variando de 2% para o implante a 96% para o *condom* (Figura 4).

Figura 4 - Conhecimento dos homens sobre os métodos de contracepção, segundo as séries de estudo concluídas



[Distribuição de 141 homens, entre 18 e 35 anos de idade, residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, que citaram espontaneamente [sim espontâneo] e reconheceram [sim, reconhece] ou não [não conhece] os métodos de contracepção. Os dados estão distribuídos segundo a escolaridade (séries concluídas) na época da pesquisa (entre novembro de 2002 e abril de 2003)].

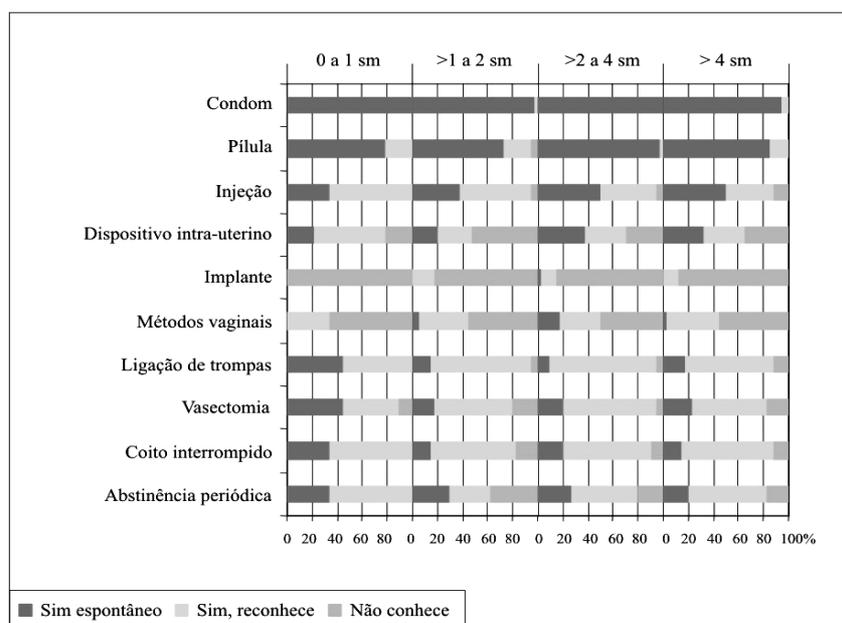
O *condom* é o método mais conhecido (o mais citado e reconhecido), quando a análise se refere ao grau de instrução dos homens estudados. Homens com maior número de séries concluídas ampliam o conhecimento dos tipos de métodos existentes (pílula, dispositivo intrauterino, métodos vaginais, ligação de trompas, vasectomia e abstinência sexual periódica). Estes achados indicam que a maior escolaridade está relacionada ao maior conhecimento de métodos contraceptivos em geral (**Figura 4**).

Observa-se que os que possuem vida sexual ativa, os mais velhos e os que possuem maior grau de instrução citaram espontaneamente maior variedade de métodos de contracepção (**Figuras 2, 3 e 4**).

Com relação à renda familiar mensal em salários mínimos³⁵, a grande maioria (entre 73,5% até 100%), em todos os quatro estratos, citou o *condom* e a pílula (**Figura 5**). Aqueles que não tinham rendimento ou apresentavam até um salário mínimo foram os que mais citaram espontaneamente o *condom* (100%), a ligação de trompas (44,4%), a vasectomia (44,4%), o coito interrompido (33,3%), e a abstinência sexual periódica (33,3%), conforme demonstra a **Figura 5**.

³⁵ Neste e em outros itens do questionário, nem todos os homens responderam a todas as perguntas sobre o tema. Por isso, o número total de homens que integram as estatísticas nem sempre é 141. No caso da renda mensal, este número cai para 111 homens. As informações sobre o número de homens que compõem a análise de cada item encontram-se explicitadas ao longo do texto.

Figura 5 - Conhecimento dos homens sobre os métodos de contracepção, segundo a faixa de renda em salários mínimos



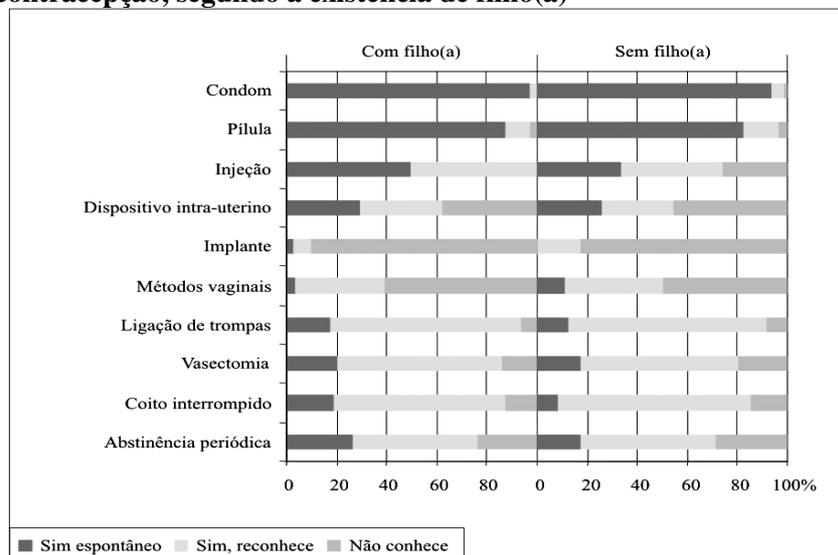
[Distribuição, segundo a renda em salário mínimo (sm), de 111 homens, entre 18 e 35 anos de idade, residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, que citaram espontaneamente [sim espontâneo] e reconheceram [sim reconhece] ou não [não conhece] os métodos de contracepção (questionário aplicado entre novembro de 2002 e abril de 2003)].

Ao analisar o conhecimento dos métodos de contracepção, considerando a citação espontânea e o reconhecimento do método quando mencionado pelo pesquisador, segundo a renda familiar em salário mínimo, o *condom* é conhecido em todos os quatro estratos (100% dos pesquisados) e os que têm a faixa de renda mais baixa, de 0 a 1 salário mínimo, conhecem todos os métodos, com exceção do implante.

Com relação aos demais métodos, existe uma distribuição semelhante do conhecimento em todos os estratos de renda familiar estudados (Figura 5).

Quando a população estudada foi estratificada em relação à condição de ter ou não filhos (**Figura 6**), o conhecimento dos métodos de contracepção, considerando-se as citações espontâneas e o reconhecimento do método depois de mencionado pelo pesquisador, foi extensivo a todos eles.

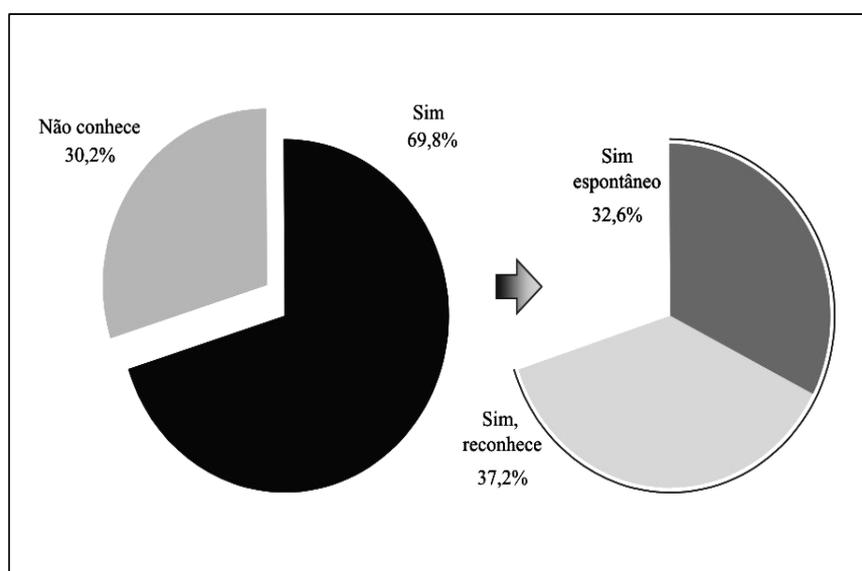
Figura 6 - Conhecimento dos homens sobre os métodos de contracepção, segundo a existência de filho(a)



[Distribuição de 141 homens, entre 18 e 35 anos de idade, residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, que responderam espontaneamente [sim espontâneo] e reconheceram [sim, reconhece] ou não [não conhece] métodos de contracepção. Os dados estão distribuídos segundo a existência de filho(a) [A - com filho(a)] ou não [B - sem filho(a)], na época da pesquisa (entre novembro de 2002 e abril de 2003)].

A prevalência do conhecimento dos métodos de contraceção entre os homens pesquisados foi de 69,8%, sendo 32,6% relacionados às citações espontâneas e 37,2% às respostas de reconhecimento dos métodos (Figura 7).

Figura 7 – Características das respostas dadas pelos homens à citação e ao reconhecimento de métodos contraceptivos



[Distribuição de 140 homens, entre 18 e 35 anos de idade, residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, que citaram espontaneamente [sim espontâneo] e reconheceram [sim, reconhece] ou não [não conhece] os métodos de contraceção. Dados obtidos durante a pesquisa realizada entre novembro de 2002 e abril de 2003].

A soma das respostas espontâneas e dos métodos que são reconhecidos depois de mencionados pelo pesquisador evidencia uma realidade mais próxima das experiências analisadas nas entrevistas (QUADROS, 2004) e nas tendências apresentadas pela Bemfam (1999a) e Castro, Abramovay e Silva (2004). A maioria dos métodos é conhecida pela maioria dos homens pesquisados. Os métodos vaginais e o implante são os que se revelaram menos conhecidos pelos homens estudados.

A maioria dos métodos é conhecida pela maioria dos homens pesquisados. O conhecimento (considerando a soma das citações espontâneas com o reconhecimento dos métodos mencionados pelo pesquisador), em termos percentuais de cada método de contracepção, apresenta-se neste estudo, de forma decrescente, com a seguinte ordem: *condom* (100,0%); pílula (97,9%); ligação de trompas (93,5%); injeção (89,3%); coito interrompido (87,2%); vasectomia (84,2%); abstinência sexual periódica (74,3%); dispositivo intrauterino (59,2%); métodos vaginais (44,2%); outros métodos incluindo adesivos, soluções intravaginais, camisinha feminina, chás, espermicida, sexo oral, pílula do dia seguinte e pílula do homem (25,0%); implante (13,4%).

Entretanto, o fato de citar espontaneamente ou reconhecer um método, não implica, necessariamente, um bom conhecimento de suas características ou de seu modo de uso. Levando em consideração todos os homens entrevistados, 83,7% deles disseram que existiam períodos em que uma mulher tem mais chance de engravidar, mas quando foi pedido para que especificassem qual o período fértil da mulher, apenas 27 homens (19,1%) responderam corretamente “no meio do ciclo menstrual” ou “10 dias após a menstruação”, indicando pouco conhecimento para o uso da tabela. Analisando o número de homens que conheciam espontaneamente ou reconheciam a tabela ou abstinência periódica (104), constatou-se que dos 27 que responderam corretamente sobre o ciclo fértil da mulher, apenas 20 estão dentro deste grupo (19,2%), evidenciando o distanciamento entre a citação e o reconhecimento do método e o domínio para a prática adequada do mesmo.

Em resumo, os homens sexualmente ativos (especialmente os que estão em união conjugal), os que possuem filhos, os pertencentes à faixa etária de 25 a 35 anos e aqueles com maior grau de instrução são os que mais citaram conhecer métodos de contracepção, embora a estratificação da amostragem tenha revelado diferenças discretas entre os subgrupos, realçando que este conhecimento indicado pela citação espontânea ou pelo reconhecimento após ter sido mencionado pelo pesquisado, pode variar de acordo com a existência ou não de vida sexual ativa, filhos, a faixa etária do homem, sua escolaridade e sua renda.

O uso dos métodos de contracepção em diferentes momentos

Neste subitem, exploraremos as práticas masculinas de métodos de contracepção em três momentos: a) na primeira relação sexual, b) em algum momento e c) no momento atual. Estes momentos são normalmente referidos nas pesquisas demográficas como base de formulação das perguntas sobre contracepção, tendo como objetivo medir o nível de exposição ao risco de uma gravidez não planejada ou indesejada. Os três momentos, quando analisados em seu conjunto, podem dar indicativos da incorporação da prática contraceptiva como um hábito. Os parceiros sexuais podem se expor ao risco da gravidez, deixando de utilizar algum método contraceptivo uma única vez, portanto, os indicadores acima não estão sendo analisados no intuito de fazer alguma medição da exposição ao risco de engravidar. As maiores preocupações são de analisar os momentos em termos dos indicativos que possam revelar acerca das relações que os homens estabelecem com as mulheres nas suas práticas contraceptivas.

Para apresentar os dados referentes às práticas contraceptivas, estratificamos a amostra em relação à escolaridade, à renda familiar, à religião, à situação conjugal, à existência de filho(s) e à condição de trabalho (em alguns casos). Os resultados mais relevantes destas estratificações também são comentados, no intuito de tecer paralelos com as tendências gerais do comportamento sexual e reprodutivo para os homens brasileiros.

a) Métodos de contracepção praticados na primeira experiência sexual

Os resultados agora expostos têm como objetivo elucidar características do uso de contraceptivos, especialmente relacionadas à questão de gênero e ao tipo de método empregado. A literatura de inspiração biomédica e demográfica atribui grande importância à relação entre a prática contraceptiva e a primeira relação sexual. Tais estudos partem do princípio de que a

“precocidade” da primeira relação sexual, ou o menor grau de escolaridade, diminuem a chance de uso dos contraceptivos. A relação da “precocidade” com o menor uso de contraceptivos não é linear nem imediata, quando se refere aos grupos populares urbanos, uma vez que estudos de trajetórias masculinas nesses grupos (AQUINO & HEILBORN, 1998; 1999; CABRAL 2003; HEILBORN; KNAUTH; ALMEIDA; MENEZES, 2003) evidenciam que a iniciação sexual desses jovens ocorre mais cedo (geralmente entre 12 ou 13 anos), quando relacionada aos grupos de camadas médias. A “precocidade” não é o nosso foco de atenção.

Ao serem indagados se usaram algum método de contracepção na primeira relação sexual com penetração, 41 dos 141 homens pesquisados (29,0%) responderam afirmativamente, observando-se a seguinte distribuição para cada método utilizado: em 80,5% das vezes foi o *condom* (usado por 33 dos 41 homens); 12% (5 dos 41) usaram a pílula; a injeção foi empregada por 5% deles (2 dos 41) e o coito interrompido por 2,5% (1 dos 41).

Quando cada método foi analisado com relação ao tipo de relacionamento com a **parceira sexual**, verifica-se que o *condom* foi o método mais empregado quando a parceira era a **namorada** ou **noiva**, chegando a ser o método de escolha para 33,3% dos homens (11 dos 33 que optaram pelo *condom*). A segunda maior opção para o uso do *condom* foi feita quando a parceira sexual era uma **amiga**, o que ocorreu com 24,2% dos casos (8 dos 33 que usaram o *condom*). Este método foi usado por 4 dos 33 homens (12,1%) quando a parceira era uma **prostituta** ou **garota de programa** e, também (12,1%), quando era uma **desconhecida**. Seu emprego foi mais raro (6,2% ou 2 dos 33) quando a parceira era uma **colega** ou **conhecida**; quando a **primeira experiência** foi com a esposa ou companheira (3,0% ou 1 dos 33); quando foi com outra pessoa não identificada no questionário (3,0% ou 1 dos 33); quando o parceiro foi o namorado (3,0% ou 1 dos 33) e no caso em que era um conhecido (3,0% ou 1 dos 33).

É necessário frisar que não estamos indicando aqui o percentual para saber as características de proximidade e relacionamento que os homens tinham com as suas parceiras na

primeira relação sexual. Não é possível afirmar, portanto, que a maioria dos homens pesquisados teve a sua primeira relação sexual com parceiras mais próximas, com as quais mantinham um compromisso de relacionamento. Apenas é possível aferir que, entre aqueles que utilizaram a camisinha na sua primeira relação sexual, essa relação de proximidade foi constatada.

A análise da prática contraceptiva dos 41 homens que referiram ter utilizado algum método na primeira relação sexual com penetração, quando feita a estratificação por **escolaridade** (número de séries concluídas), revelou que entre aqueles com maior nível de escolaridade (≥ 8 séries concluídas) a prevalência do uso do *condom* foi de 75,8%, enquanto entre os de escolaridade inferior (0 a 3 e 4 a 7 séries concluídas) foi de 21,2% e 3,0%, respectivamente. A pílula, a injeção e o coito interrompido não foram utilizados pelos homens pertencentes a estes dois estratos de escolaridade. Apenas 1 dos que tinham escolaridade ≥ 8 séries concluídas praticou o coito interrompido na sua primeira experiência sexual.

Em síntese, a prática contraceptiva na primeira experiência sexual, demonstra que uma pequena parcela (29,0%) dos homens adota algum método e que o *condom*, juntamente com a pílula, são os contraceptivos mais utilizados. O emprego de outros métodos como a injeção e o coito interrompido foi referido apenas entre os homens com maior grau de instrução.

Os resultados apontam que o maior grau de escolaridade influencia o uso de algum método e, em especial, o uso do *condom*, método mais usado pelos respondentes do questionário. Entre aqueles que utilizaram a camisinha, predominou o seu uso em relações de maior proximidade com parceira sexual.

Os resultados acerca da influência da escolaridade e do *condom* como o método mais utilizado na primeira relação sexual coincidem com aqueles encontrados nas pesquisas demográficas (BADIANI & CAMARANO, 1998; BEMFAM, 1999a; 1999b).

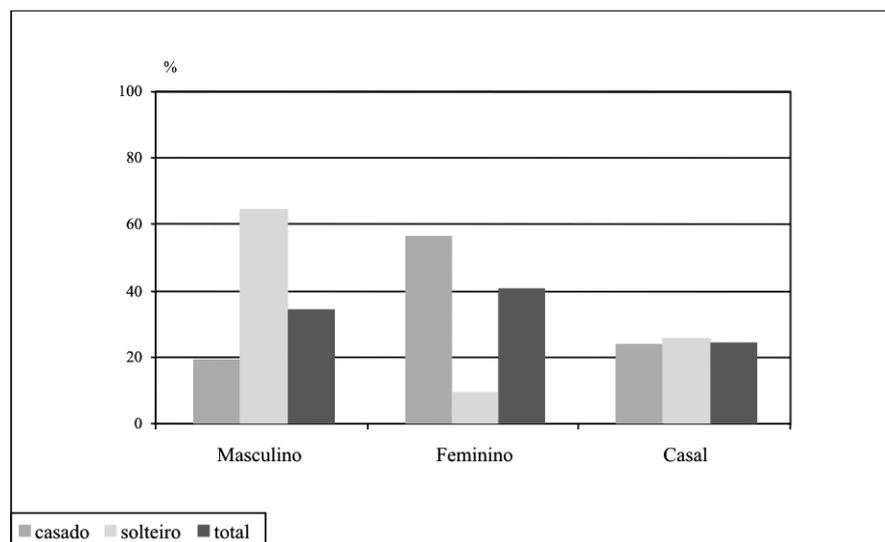
b) Métodos de contracepção praticados em algum momento

Estas informações se referem aos métodos que foram utilizados em algum momento pelo homem e/ou sua parceira. É uma maneira de saber sobre os métodos com os quais os homens já vivenciaram alguma experiência, englobando os dependentes e independentes da participação masculina.

Semelhante ao que aconteceu na primeira com penetração, o *condom* e a pílula se revelaram como os métodos mais utilizados entre os homens pesquisados, residentes no Ibura.

Quando foi avaliado o tipo do método utilizado, se de uso masculino (*condom*, coito interrompido, vasectomia); ou de prática feminina (pílula, injeção, ligação de trompas, dispositivo intrauterino) ou para uso do casal (abstinência sexual periódica), com relação à situação conjugal do homem pesquisado, observou-se que os solteiros são os que praticam os métodos masculinos com maior frequência (64,5%), enquanto os casados utilizam mais os femininos (56,5%). A prática da abstinência sexual periódica é semelhante entre os casados e solteiros, 24,2% e 26,0%, respectivamente (**Figura 8**).

Figura 8 – Uso de métodos contraceptivos em algum momento, segundo situação conjugal



[Métodos de contracepção praticados por 93 homens, entre 18 e 35 anos de idade, residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, segundo a situação conjugal. Os métodos foram classificados: para uso masculino (*condom*, coito interrompido, vasectomia); para uso feminino (pílula, injeção e ligação de trompas); para uso do casal (abstinência sexual periódica)].

O uso de algum método de contracepção foi referido por mais de 60% dos casados (ou em união consensual) e dos solteiros. Já entre os separados, apenas 20% praticam algum método contraceptivo. A prevalência de cada método foi também analisada para cada situação conjugal, observando-se que entre os casados ou em união consensual, os métodos de maior prevalência são a pílula e a ligação de trompas. Entre os separados, os mais praticados são o coito interrompido e o *condom*. Entre os solteiros há maior prevalência do *condom* (Figura 9). Assim, há uma tendência à prática de métodos femininos entre os casados, e de métodos masculinos entre os solteiros ou separados, evidenciando a importância do tipo de

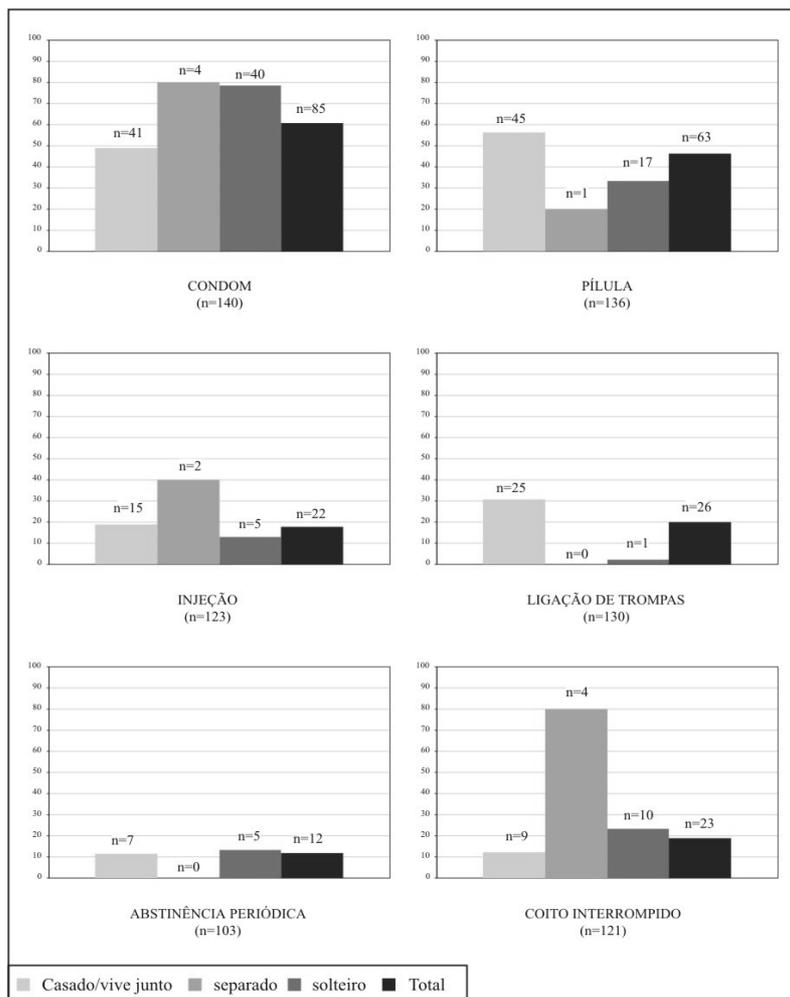
relacionamento que o entrevistado mantém com a parceira e o tipo de método que pratica.

Essa relação pode ser vista por dois aspectos complementares:

1) Quando os homens se casam ou vivem em união consensual, eles passam a diminuir a prática do método que mais dependem de sua performance e isso pode estar associado à confiança que deposita na companheira, podendo esta confiança estar relacionada tanto a relações mais igualitárias quanto a relações de dominação;

2) A maior prática feminina pode significar ou não maior autonomia das mulheres.

Figura 9 - Uso de métodos de contracepção em algum momento, segundo situação conjugal

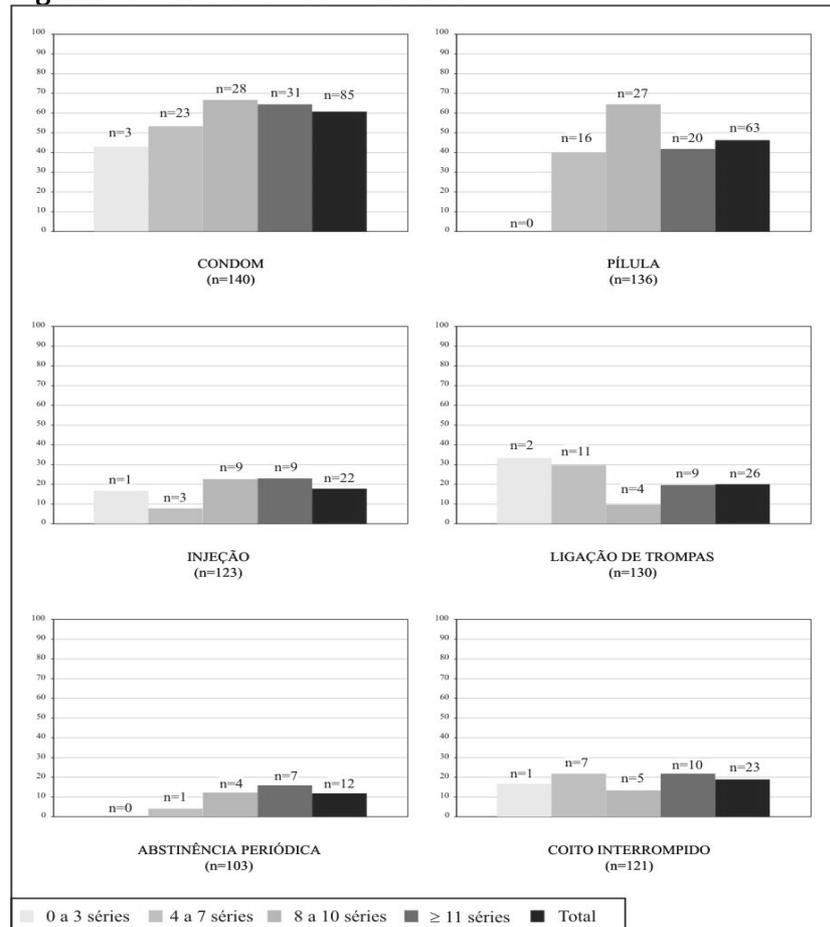


[Prevalência do método de contracepção já praticado entre homens residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, segundo a situação conjugal. Pesquisa realizada entre novembro de 2002 e abril de 2003].

A **Figura 10** ilustra a prática contraceptiva com relação à escolaridade (número de séries concluídas). Observa-se que aqueles que concluíram ≥ 11 séries³⁶, utilizam mais o *condom* (64,6%), seguido da pílula (41,7%), injeção (23,1%), coito interrompido (21,7%) e ligação de trompas (19,6%). O subgrupo com escolaridade de 8 a 10 séries concluídas apresenta prevalência semelhante ao estrato com ≥ 11 séries, em relação ao uso do *condom* (66,7%) e da pílula (64,5%). Os estratos com menor nível de escolaridade (de 0 a 3 e de 4 a 7 séries concluídas), apresentam prevalência semelhante no uso do *condom* (42,9% e 53,5%, respectivamente), da ligação de trompas (33,3% e 29,7%, respectivamente) e do coito interrompido (16,7% e 21,9%, respectivamente). O uso da pílula corresponde a 40% entre os que têm de 4 a 7 séries concluídas e não é utilizada pelos de mais baixa escolaridade (0 a 3 séries concluídas). Esses resultados são condizentes com as pesquisas demográficas que apontam as tendências nacionais, mencionadas no início deste artigo.

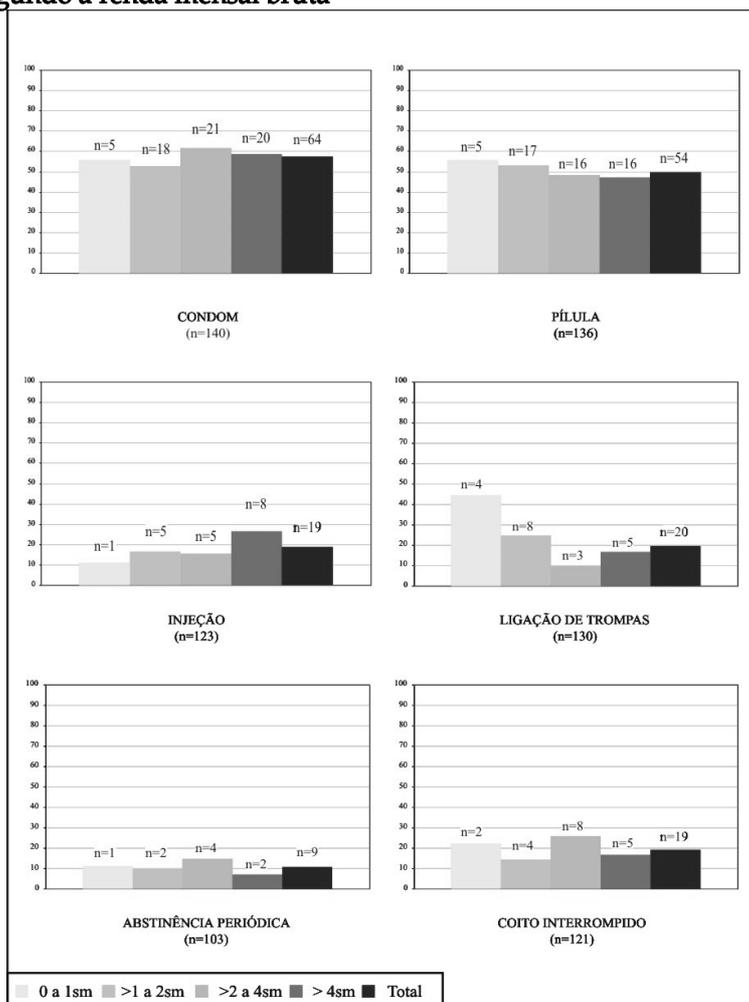
³⁶ Optou-se, nessa passagem, por desdobrar a estratificação das séries concluídas para 8 a 10 e ≥ 11 séries, uma vez que os dados da escolaridade têm sido importantes na maioria dos estudos sobre uso de contraceptivos e com o desdobramento, aspectos importantes são mais ressaltados.

Figura 10 – Uso de métodos de contracepção em algum momento, segundo as séries de estudo concluídas



[Prevalência do método de contracepção já praticado entre homens residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, segundo a escolaridade (séries concluídas). Pesquisa realizada entre novembro de 2002 e abril de 2003].

Figura 11 - Uso de métodos de contracepção em algum momento, segundo a renda mensal bruta



[Prevalência do método de contracepção já praticado entre homens residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, segundo a renda mensal bruta da família em salários mínimos (sm). Pesquisa realizada entre novembro de 2002 e abril de 2003].

A **figura 11** mostra a distribuição da população estudada com relação à renda familiar mensal em salário mínimo (sm). Observa-se que nos quatro estratos há uma pequena variação em relação ao uso do *condom* (de 52,9% a 61,8%), da pílula (variando entre 47,1% e 55,6%) e do coito interrompido (variando de 16,7% a 22,2%). A ligação de trompas foi o método com maior prevalência (44,4%) entre os de mais baixa renda (0 a 1 sm), sendo praticado cerca de duas vezes mais entre estes que entre os de renda >4 (16,7%); >2 a 4 (17,5%) e >1 a 2 (25,0%).

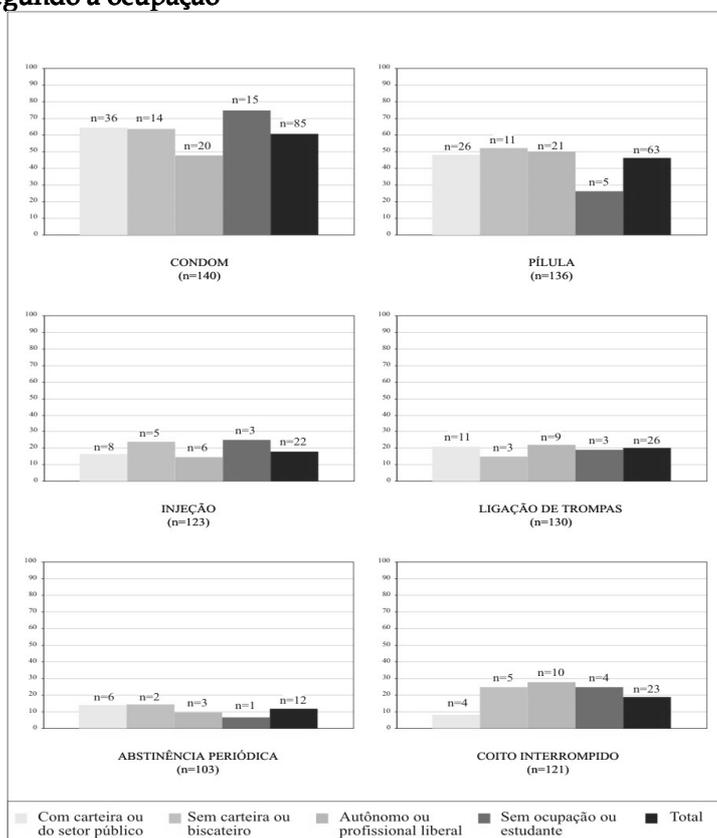
Este dado evidencia como a esterilização feminina é preferida pelas mulheres ou casais de mais baixo poder aquisitivo. Segundo Costa e Silva (2001) e Dalsgaard (2004), as mulheres de mais baixa renda escolhem a esterilização por terem assistência médica precária e pouca “opção” para prática de outros métodos contraceptivos. A relação conjugal influencia nesta decisão, na medida em que as mulheres se sentem como principais ou únicas responsáveis pela concepção e criação dos filhos, tendo pouco apoio para realização dessas atividades na relação conjugal (COSTA & SILVA, 2001; FERNANDES, 2000). A ligação de trompas é o método utilizado por 65% das parceiras de homens brasileiros que desejam interromper a vida reprodutiva (BADIANI & CAMARANO, 1998).

A análise comparativa entre os quatro estratos com relação à situação de emprego (com carteira assinada ou do setor público; sem carteira assinada ou biscoiteiro; autônomo ou profissional liberal; sem ocupação ou estudante) está ilustrada na **Figura 12**.

Observa-se que há uma distribuição, em relação ao *condom*, que vai de 47,6% entre os autônomos a 75% entre os estudantes. Observa-se, nesta análise, que os *sem ocupação ou estudantes* utilizam menos a pílula (26,3%) que os homens dos demais estratos (50% e 52,4%). A ligação de trompas foi realizada por 15% das parceiras dos biscoiteiros; 18,8% das parceiras dos estudantes; 20,8% das parceiras dos servidores públicos e 22% das parceiras dos profissionais liberais. O coito interrompido apresenta uma baixa prevalência em todos os quatro estratos (variando de 8,2% a 27,8%).

Este dado sugere que a situação de instabilidade parece orientar a maior presença dos homens em relação às práticas de contraceção, inclusive nos métodos de uso masculino, tanto na questão do trabalho quanto no tipo de relação que o entrevistado possui com a parceira (considerando que o casamento ou a união conjugal são situações nas quais há maior estabilidade).

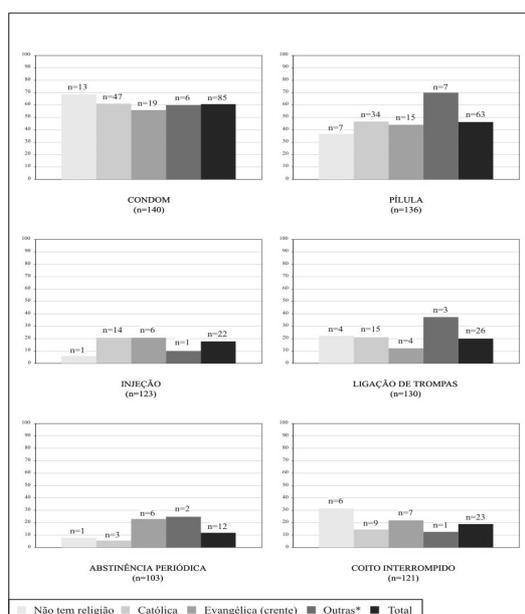
Figura 12- Uso de métodos de contraceção em algum momento, segundo a ocupação



[Prevalência dos métodos de contraceção mais praticados, em algum momento, entre 140 homens residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, segundo a situação de emprego. Pesquisa realizada entre novembro de 2002 e abril de 2003].

A **Figura 13** mostra a distribuição de cada método de contracepção, praticado em algum momento, entre os 141 homens estudados, segundo a religião declarada no questionário. Analisando a prevalência da prática contraceptiva com relação à religião (*não tem; católica; evangélica; outras*³⁷) observa-se que o *condom* é o método mais praticado (total de 60,7%) em todos os estratos (sem religião, 68,4%; católica, 61%; outras, 60%; e evangélica, 55,9%).

Figura 13 - Uso de métodos de contracepção em algum momento, segundo a religião



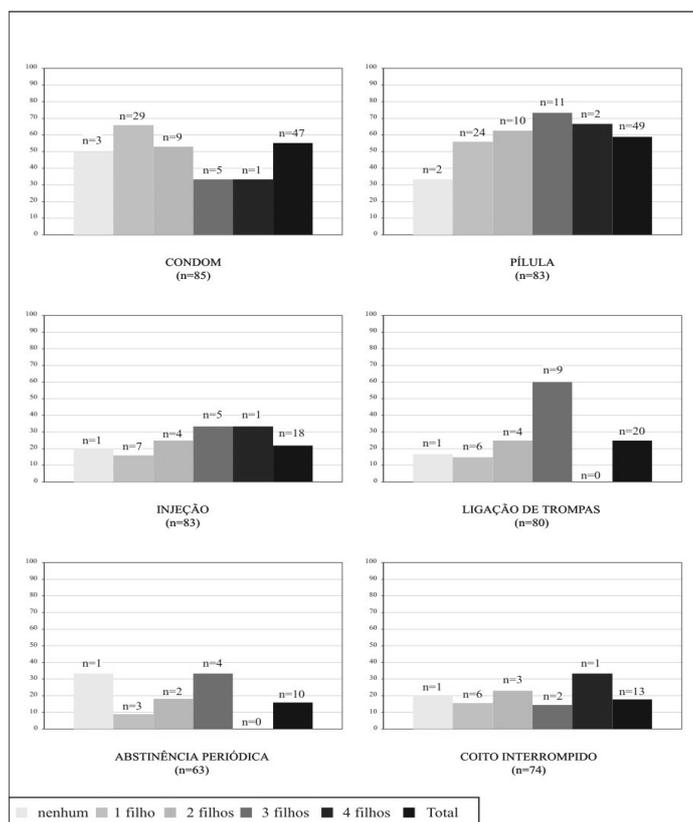
**Outras: espírita kardecista, protestante tradicional e não especificadas*

[Prevalência dos métodos de contracepção mais praticados, em algum momento, entre 140 homens residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, segundo a religião. Pesquisa realizada entre novembro de 2002 e abril de 2003].

³⁷ Outras religiões incluem: *espírita kardecista, protestante tradicional e não especificadas pelo respondente do questionário aplicado.*

O uso da pílula é maior entre os que declararam *outras* religiões (70%), que entre aqueles dos outros subgrupos (variando de 36,8% a 46,6%). A prática de método tradicional como a abstinência periódica é pouco referida pelos católicos (5,4%), enquanto apresenta-se como método preferido por 31,6% dos que não têm religião e 21,9% dos evangélicos.

Figura 14 - Uso de métodos de contracepção em algum momento, segundo o número de filho(a)s



[Prevalência dos métodos de contracepção mais praticados, em algum momento, entre 140 homens residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, segundo o número de filhos. Pesquisa realizada entre novembro de 2002 e abril de 2003].

As religiões parecem influenciar a prática sexual e contraceptiva, por suas prescrições comportamentais específicas a cada uma delas. O fato das evangélicas apresentarem uma prevalência de uso de contraceptivos inferior às demais religiões encontra respaldo em estudos específicos acerca do tema (COUTO, 2001; MACHADO, 1997).

A **Figura 14** ilustra a distribuição da prática contraceptiva com relação ao número de filhos (*nenhum; 1; 2; 3; ≥4*), observando-se que a esterilização feminina é mais praticada (60%) entre aqueles com >3 filhos, achado este que está de acordo as tendências para o comportamento reprodutivo dos homens brasileiros. A literatura se refere à ligação de trompas como o método de escolha para 65% das parceiras dos homens que querem interromper a vida reprodutiva (BADIANI & CAMARANO, 1998). Empregando esta estratificação da amostragem, verifica-se que os métodos mais prevalentes são o *condom* (55,3% no total dos subgrupos) e a pílula (59%). A abstinência é pouco praticada (15,9%, para todos os estratos somados), apresentando maior prevalência entre os que têm >3 filhos (33,3%).

Em síntese, a prática de métodos contraceptivos, em algum momento da trajetória masculina, nas comunidades estudadas, concentra-se mais no uso do *condom* e da pílula, como encontrado em todas as avaliações, por amostragem estratificada, segundo a situação conjugal (**Figura 9**), escolaridade (**Figura 10**), renda (**Figura 11**), situação de emprego (**Figura 12**), religião (**Figura 13**) e número de filhos (**Figura 14**). Observa-se, ainda, que a abstinência periódica e o coito interrompido são pouco praticados. A injeção é um método pouco empregado nas comunidades do Ibura, com prevalência entre 17,9% e 21,7%. Quanto à renda, a distribuição se apresentou homogênea em relação ao uso dos métodos de contracepção, exceto para a ligação de trompas, que é um método duas vezes mais adotado entre aqueles com menor renda, quando comparados aos demais estratos. Quanto à situação conjugal, existe uma diferença significativa entre os solteiros e os casados, na prática dos métodos masculinos (maior entre os solteiros) e dos métodos femininos (maior entre os casados).

Constata-se que há uma relação entre a instabilidade no emprego ou na situação conjugal e o maior uso de métodos, dentre eles, os masculinos.

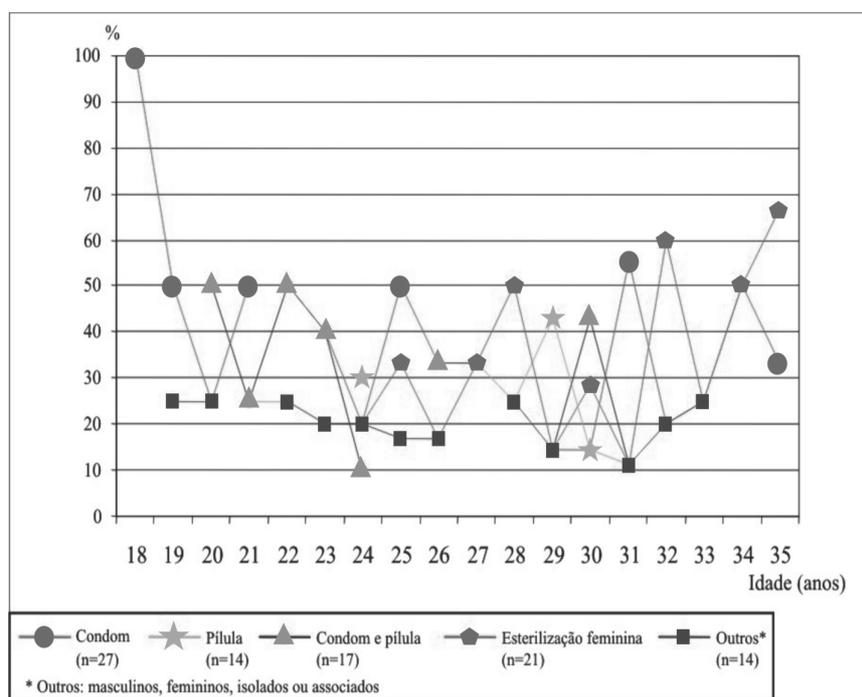
c) Métodos de contracepção praticados no momento atual

Foi realizada a avaliação do *uso atual (no momento da pesquisa)* dos métodos de contracepção praticados isoladamente ou em associação (*condom, pílula, condom e pílula, esterilização feminina e outros masculinos e femininos*, isoladamente ou associados), sendo o *condom*, a ligação de trompas, a associação entre *condom* e pílula, e a pílula isoladamente, os métodos mais praticados atualmente nas comunidades estudadas. Entre os 138 homens pesquisados que tinham vida sexual ativa, 93 (67,4%) afirmaram estar praticando algum método de contracepção. Este valor é semelhante ao referido pela literatura (60,4%) sobre as tendências nacionais para todos os homens brasileiros (BEMFAM, 1999a).

Quando comparada a prática *atual* dos métodos de contracepção com relação à idade (em anos) dos homens pesquisados (que era dos 18 aos 35 anos), constata-se que todos (100%) com 18 anos de idade usam o *condom*. A prevalência do seu uso nas outras idades (19, 21 e 25anos) cai para 50%, quando se observa que a pílula passa a ser o método praticado pelas parceiras (variando de 40% a 50%). Outra característica detectada neste estudo é a ascensão da prática da esterilização feminina entre as parceiras dos homens com 32, 34 e 35 anos de idade, como se observa na **Figura 15**.

Quando verificada a distribuição da prevalência da prática contraceptiva, (no momento atual entendido como o momento em que se realizou a pesquisa), com relação à escolaridade (número de séries concluídas), observa-se que ela é semelhante entre aqueles com escolaridade de 4 a 7, de 8 a 10 e ≥ 11 séries concluídas (32,7%, 31,2% e 33,3%, respectivamente) e muito baixa (3,2%) entre os que têm menor grau de instrução (0 a 3 séries concluídas).

Figura 15 - Uso de métodos de contracepção no momento atual, segundo a idade dos homens



Segundo a situação conjugal, a prevalência da contracepção, no momento atual, é de 72,6% (61 de 84) entre os casados ou que vivem em união consensual, de 64,6% (31 de 48) entre os solteiros e de 20% (1 de 5) entre os separados. Estes dados evidenciam que os casados praticam mais a contracepção do que os que não estão em união conjugal. Isso sugere a ligação entre a prática contraceptiva e a situação de maior estabilidade com a parceira, ou mesmo, as atribuições masculinas no casamento. Este resultado é semelhante ao encontrado para o uso de métodos contraceptivos em algum momento.

A análise da prática contraceptiva, no momento atual, mostra que quanto maior a prole, mais elevada a prevalência do uso de algum contraceptivo, subindo de 33,3% entre os que não têm filho para 70,5% quando têm 2 filhos, 76,5% quando têm 3 filhos, chegando a 100% quando têm quatro filhos. Embora seja reduzido, neste estudo, o número de homens com 4 filhos (n=2), esta tendência, já mencionada nos itens anteriores, de praticar mais a contracepção à medida que a prole vai crescendo, é relatada pela maioria dos estudos comportamentais da vida sexual e contraceptiva de brasileiros.

Quando analisada a religião, a prevalência da prática contraceptiva atual foi significativamente maior³⁸ ($p=0,004$) entre os católicos (78,7% ou 59 de 75) que entre aqueles dos demais grupos: *sem religião* (61,1% ou 11 de 18), *evangélicos* (47,1% ou 16 de 34) e *outras* (70,0% ou 7 de 10). Também houve maior uso de métodos contraceptivos (76%) entre aqueles que afirmaram existir pessoas com outra religião na família, quando comparados aos que informaram não existir outra religião na família (53,3%).

A religião se apresenta como a variável que mais influenciou a prática contraceptiva dos homens do Ibura. Estudos sobre comportamento sexual e a prática contraceptiva de brasileiros e brasileiras têm enfatizado a influência de nossa cultura, onde convive uma grande variedade de seitas religiosas,

³⁸ Para a análise estatística foi empregado o teste do qui-quadrado fixando-se o nível de significância de 0,05 ($p<0,05$).

apresentando, atualmente, uma grande mobilidade no próprio seio familiar (BOZON, 2004; COUTO, 2001).

A opinião dos homens pesquisados sobre o motivo para escolha do método de contracepção está apresentada na **Tabela 1**. É importante mencionar que a resposta a essa questão era do tipo aberta, tendo sido agrupada posteriormente. Um dado interessante que aparece é o reduzido número de homens que citaram que a opção era do casal ou dele. Ao analisarmos as respostas mais frequentes para qualquer que seja o método escolhido, uma das razões mais observadas para seu uso é *segurança* ou *eficácia* (exceto para o uso de *condom* e pílula).

O fácil uso ou acesso está associado ao uso de *condom* e/ou pílula, sozinhos ou associados entre si (e/ou a outros métodos) e fica evidente que há maior associação deste motivo ao uso do *condom* que da pílula. A pílula, quando utilizada isoladamente, teve como principal motivo a *saúde, bem estar e escolha da mulher*³⁹. O uso do *condom* também tem como justificativa, embora em menor número, a *dupla proteção* e a *preocupação com a saúde ou bem estar da mulher*⁴⁰.

Tabela 1

Distribuição de 93 homens, entre 18 e 35 anos de idade, residentes no Ibura, Recife, PE, Brasil, segundo opinião sobre a escolha do método de contracepção praticado na época da pesquisa. As opiniões foram obtidas durante aplicação de questionário no período entre novembro de 2002 a abril de 2003.

³⁹ As respostas agrupadas neste item foram variadas, alguns referem os problemas de saúde das parceiras, tratados à base de pílulas hormonais (geralmente relacionados ao útero ou ovário), outros mencionam reações cutâneas e irritações vaginais relacionadas ao uso da camisinha, outros ainda referem que a parceira não gosta da camisinha.

⁴⁰ As respostas agrupadas neste item referem motivos semelhantes aos da nota 12, mas agora relacionados à camisinha. Há alguns que referem reações de suas parceiras ao uso da pílula. Outras respostas mencionam a preferência da parceira pela camisinha em relação à pílula a outro método.

Tabela 4
Distribuição de 93 homens, entre 18 e 35 anos de idade, residentes no Iburá, Recife, PE, Brasil, segundo opinião sobre a escolha do método de contracepção praticado na época da pesquisa. As opiniões foram obtidas durante aplicação de questionário no período entre novembro de 2002, a abril de 2003.

Motivo do uso	Método usado											Total
	Condom	Ligação de trompas	Condom e pílula	Pílula	Condom e pílula interrompido	Vasectomia	Injeção	Condom, coito interrompido e abstinência sexual periódica	Condom e coito interrompido	Pílula e injeção	Condom e injeção	
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
De fácil uso	11 (40,8)		10 (39,0)	1 (7,2)	1 (33,3)			1 (50,0)				24 (26,0)
Segurança	8 (29,6)	1 (4,9)	5 (29,0)	3 (21,5)	2 (66,7)	1 (50,0)	1 (50,0)	1 (100,0)	1 (100,0)	1 (100,0)	1 (100,0)	25 (27,0)
Definitivo		4 (19,0)										4 (4,0)
Dupla proteção	4 (14,8)											4 (4,0)
Saúde e bem-estar da mulher	2 (7,4)			4 (28,5)		1 (50,0)						7 (7,5)
Opção da mulher		7 (33,3)		4 (28,5)								11 (12,0)
Opção do casal	1 (3,7)	3 (14,2)		2 (14,3)			1 (50,0)	1 (50,0)				8 (9,0)
Opção do homem	1 (3,7)	6 (28,6)	2 (12,0)		1 (50,0)							10 (10,5)
Total	27	21	17	14	3	2	2	2	2	1	1	93

De qualquer modo, embora as respostas indiquem uma baixa opção do homem, quando analisamos os motivos alegados quanto aos métodos definitivos, a escolha masculina incide diretamente sobre o método feminino, não levando em conta os riscos que a intervenção cirúrgica para a ligação das trompas traz à saúde da mulher. Esses dados são concordantes ao que está referido na literatura (BADIANI & CAMARANO, 1998) de que a esterilização feminina é a escolha da grande maioria dos brasileiros que desejam interromper sua vida reprodutiva. Isto mostra uma situação de exercício de poder masculino na medida em que ele tem maior escolha e, concomitantemente, menor adesão ao método definitivo, sabendo-se que a intervenção cirúrgica masculina é mais simples e menos arriscada, coincidindo com o que é apontado pela literatura nacional, que coloca o viés de gênero como um em vários fatores que dificultam ou mesmo impossibilitam a realização da vasectomia. De fato, o baixo número de adesão à vasectomia parece ir além de uma decisão individual do entrevistado, considerando que é difícil o acesso à esterilização do homem (vasectomia), pois o viés de gênero está presente nas próprias instituições e nos seus profissionais.

A dificuldade de acesso também ocorre na esterilização feminina, mas a realização deste procedimento é bem mais freqüente do que a vasectomia (BERQUÓ & CAVENAGHI, 2002).

Assim, ter maior escolaridade, estar em união conjugal e ter um maior número de filhos contribuem para o aumento da prática contraceptiva masculina no momento atual. A faixa etária também é um fator importante, na medida em que evidencia preferências por métodos diferenciados. O pertencimento religioso apareceu como um fator importante para o uso atual de algum método contraceptivo, indicando a importância de uma vinculação a valores religiosos.

Considerações finais

Este artigo apresentou as principais características quanto ao conhecimento e uso de métodos contraceptivos para 141 homens de duas comunidades do Ibura. Os resultados deste estudo não podem ser generalizados diretamente para o bairro como um todo, mas podem nos mostrar como o comportamento dessas comunidades é semelhante, em muitos aspectos, ao comportamento contraceptivo do homem brasileiro em geral. Desse modo, mesmo por via indireta, o trabalho revela tendências que caracterizam o comportamento masculino no bairro.

Na primeira parte deste trabalho vimos que não é simples afirmar o conhecimento de algum método tendo como indicadores a citação espontânea e o reconhecimento (quando o pesquisador cita o método e ele é reconhecido pelo respondente do questionário). Este indicador, usado como o principal para aferir o conhecimento dos métodos nas pesquisas de grande porte (BEMFAM, 1999) serve apenas como uma aproximação da realidade e deve ser utilizado com cuidado.

Levando em conta as limitações que o indicador oferece, podemos dizer que a maioria dos métodos é conhecida pela maioria dos homens pesquisados. Os métodos mais conhecidos por todos os homens são a camisinha e a pílula. Os outros métodos são mais conhecidos por aqueles que possuem vida sexual ativa, são mais velhos e apresentam mais séries escolares concluídas. A existência ou não de filhos, bem como a renda mensal dos pesquisados pareceram influir pouco no conhecimento dos métodos. Os métodos vaginais e o implante são menos conhecidos.

Analisando o uso de métodos contraceptivos na primeira relação sexual, observamos que apenas a terça parte dos homens pesquisados utilizou algum método. Os resultados apontam que o uso de algum método aumenta quando os homens possuem maior escolaridade. O *condom* é o método mais utilizado na primeira relação sexual.

O uso do método em algum momento da trajetória masculina, nas comunidades estudadas, concentra-se mais no uso do *condom* e da pílula. Essa tendência ocorre em todas as avaliações, quando estratificamos a amostragem segundo a situação conjugal, a escolaridade, a renda, a situação de emprego, a religião e número de filhos. A abstinência periódica e o coito interrompido são pouco praticados. O mesmo ocorre com a injeção.

No momento atual, mais de 60% dos homens pesquisados usam algum método contraceptivo. As tendências encontradas para o uso de métodos no momento atual confirmam as anteriores (uso de contraceptivos na primeira relação sexual e em algum momento da trajetória masculina), evidenciando que os homens mais velhos, os casados, os que possuem mais filhos e os que possuem mais séries de estudo, utilizam mais os métodos contraceptivos.

A renda, quando estratificada, apresentou-se como um fator que não parece influenciar muito o uso de métodos, exceto no caso da ligação de trompas, que é um método duas vezes mais adotado entre aqueles com menor renda, quando comparados aos demais estratos.

É importante mencionar uma mudança no perfil contraceptivo dos homens com mais idade e naqueles casados ou em união consensual que escolhem, preferencialmente, os métodos femininos, como a pílula (associada ou não ao *condom*) e a ligação de trompas, enquanto os mais jovens e solteiros ou separados usam preferencialmente os métodos masculinos, especialmente o *condom*. Há, também, uma relação entre a instabilidade no emprego e o maior uso de métodos masculinos.

Quando se avalia o motivo de escolha do método, juntamente com o fato de que os de uso feminino como a pílula e a ligação de trompas sejam os mais utilizados pelas parceiras dos homens mais velhos e de que a esterilização feminina tenha maior prevalência no subgrupo menos escolarizado e de mais baixa renda, é possível indicar a possibilidade de que o protagonismo feminino pode não estar ligado à maior autonomia da mulher, mas

a uma escolha (masculina e/ou feminina) que possui componentes de dominação e não de negociação igualitária (COSTA & SILVA, 2001; DALSGAARD, 2004; FERNANDES, 2000). Essa dominação, no caso dos métodos definitivos (esterilização feminina e vasectomia), está associada ao viés de gênero atuante nos próprios serviços de saúde, que proporciona condições precárias de atendimento e à escassez na procura da vasectomia pelos homens, acentuando a motivação das mulheres para realização da laqueadura tubária.

Existe uma atitude de aceitação do uso de contraceptivos pelos homens, de modo geral. Mesmo entre os que **não estavam utilizando algum método**, no momento da aplicação dos questionários, apenas dois alegaram não estar usando algum método por “motivos religiosos”. Nenhum deles afirmou uma atitude pró-natalista, contrária a qualquer tipo de contracepção. Os motivos do **não uso** estavam mais ligados à pouca frequência das relações sexuais, ao fato de não ser casado ou não possuir parceira fixa e ao estado corporal ou de saúde da mulher (mulher virgem, ligada, histerectomizada, grávida ou no pós-parto). Quatro entrevistados referiram que estavam querendo ter filhos. Os motivos alegados para o não uso reforçam os resultados que apontam a tendência ao maior uso de contraceptivos para os homens unidos e com filhos.

A análise estatística não mostrou correlação entre o maior conhecimento dos métodos de contracepção e o uso atual para evitar a gravidez. Existem indicativos de que a experiência sexual é importante tanto para o conhecimento quanto para o uso de métodos de contracepção, expressados tanto pelo aumento do uso pelos mais velhos (faixa etária entre 24 e 35 anos), quanto pela prática mais evidente dos casados ou em união consensual. O vínculo ao pertencimento religioso se mostrou como indicador importante do comportamento contraceptivo do homem por meio de valores a ele vinculado, que incluem prescrições sobre relações sexuais e reprodução.

Este estudo mostra que os homens que responderam aos questionários em duas comunidades do Ibura não estão ausentes da contracepção. Eles ficam mais ou menos presentes de acordo com as circunstâncias que conhecemos aqui e que não são muito diferentes daquelas encontradas nas tendências apontadas pela análise dos dados da DHS (1996) para todo o Brasil. Estas tendências, quando confrontadas com as pesquisas qualitativas sobre trajetórias masculinas (ALMEIDA, 2004; ALMEIDA *et al*, 2003; AQUINO *et al*, 2003; CABRAL, 2003; DUARTE *et al*, 2003; OLIVEIRA, BILAC; MUSZKAT, 2002; QUADROS, 2004;), apontam para uma diversidade de formas de participação masculina na contracepção. As tendências encontradas quanto à situação conjugal, à existência de filhos, à geração, à afiliação religiosa, à situação ocupacional, à escolaridade e ao pertencimento do grupo social são importantes, não como fatores determinantes, mas como indicadores de um contexto que é preciso compreender para que a atuação dos serviços de saúde possa ser eficaz e contemple a liberdade de escolha de homens e mulheres.

As características evidenciadas quanto às tendências do comportamento dos homens investigados nos dão sinais de muita desigualdade quanto à negociação sexual. O casamento e a predominância do uso de métodos femininos, especialmente no caso da ligação de trompas, sugerem um prejuízo para as mulheres quanto ao poder de escolha e à preservação da saúde. As tendências do comportamento masculino no uso de contraceptivos aqui encontradas informam sobre uma combinação perversa: problemas de acesso a serviços de saúde reprodutiva nos serviços de saúde e obstáculos para a conquista da igualdade de direitos sexuais e direitos reprodutivos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Estela Maria Leão de; HEILBORN, Maria Luiza; KNAUTH, Daniela; ALMEIDA, Maria da Conceição; MENEZES, Greice. *Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais*. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n.19, suplemento 2, p. 5377-5388, 2003.

ALMEIDA, Carla Cristina Lima de. *Fechando com chave de ouro: o significado da paternidade e da maternidade na experiência das classes populares do Rio de Janeiro*. Campinas, 2004. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

ALMEIDA, Maria da Conceição Chagas; AQUINO, Estela Maria Leão; GAFFIKIN, Lynne; MAGNANI, Robert J. *Uso de Contracepção por adolescentes de escolas públicas da Bahia*. **Revista de Saúde Pública**, v.37, n.5, p. 566-575, 2003.

BADIANI, Rita; CAMARANO, Ana Amélia. *Homens brasileiros: percepções, conhecimentos e atitudes em saúde reprodutiva*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, XI, 1998, **Anais...** Local: ABEP, 1998. p. 925-943.

BEMFAM (Sociedade civil de bem-estar familiar no Brasil). *Comportamento e intenções reprodutivas da população masculina*. Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde. Rio de Janeiro: BEMFAM, 1999a.

_____. *Adolescentes, jovens e a Pesquisa nacional sobre Demografia e Saúde*. Um estudo sobre fecundidade, comportamento sexual e saúde reprodutiva. Rio de Janeiro: BEMFAM, 1999b.

BEMFAM (Sociedade civil de bem-estar familiar no Brasil). *Pesquisa nacional sobre demografia e saúde 1996 - DHS*. Rio de Janeiro. 716 p.

BERQUÓ, Elza; CAVENAGHI, Suzana. *Direitos reprodutivos de mulheres e homens face à nova legislação sobre esterilização voluntária*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, XII, 2002, **Anais...** Local: ABEP, 2002.

BOZON, Michel et group Gravad (Gravidez na Adolescência). *Sexualité juvenile, contraception et rapports de genre. Spontaneité et déséquilibres entre a l'initiation sexuelle au Brasil*. Disponível em: <<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 13 maio 2004.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. *Juventudes e sexualidade*. Brasília, DF: UNESCO Brasil, 2004.

CABRAL, Cristine S. *Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro*. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n.19, suplemento 2, p. 5283-5292, 2003.

COSTA, Débora Maltez Farias; SILVA, Gilvânia Maria da. *Por que ligação? Abordagem dos motivos que levam à laqueadura tubária no CISAM*. Recife, 2001. Monografia (Especialização em Saúde Pública) - Departamento de Saúde Coletiva (NESC), Instituto de Pesquisa Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, 2001.

COUTO, Márcia Thereza. **Pluralismo religioso em famílias populares: poder, gênero e reprodução**. Recife, 2001. 338f. Tese (Doutorado em Sociologia), Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

DALSGAARD, Anne Line. *Matters of Life and Longing: Female sterilization in Northeast Brazil*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2004.

DUARTE, Graciana Alves *et al.* *Participação masculina no uso de métodos contraceptivos*. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p. 207-216, jan.-fev., 2003.

FERNANDES, Magda Fernanda Medeiros. *Mulher, família e reprodução: do controle à 'intervenção branca' (um estudo de caso sobre o planejamento familiar em Pernambuco)*. Recife, 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco.

HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas*. **Revista de Estudos Feministas**, IFICS/UFRJ, v. 6, n. 2, p. 396-405, 1998.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Sexualidade e contracepção em grupos religiosos brasileiros*. In: SILVA, Dayse (Org.). **Saúde, sexualidade e reprodução: compartilhando responsabilidades**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1997, p. 67-82.

OLIVEIRA, Márcia Coleta; BILAC, Elizabete; MUSZKAT, Malvina. *Homens e anticoncepção: duas gerações de camadas médias no Brasil*. **Cahiers des Amériques Latines**, n.39, p. 59-81, 2002.

QUADROS, Marion Teodósio de. *Homens e a contracepção: práticas, idéias e valores masculinos na periferia do Recife*. Recife, 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco.

ANEXOS

ANEXO A

Oficinas de intervenção com jovens no Ibura

Marion Quadros

Márcia Longui

Parry Scott

Mónica Franch

Nas atividades de pesquisa e intervenção realizadas (grupos de discussão, feira de saúde, participação em reuniões com representantes das comunidades ou pelos programas de saúde, encontros e seminários organizados pela pesquisa, conversas informais), os/as jovens do Ibura manifestaram grande interesse em discutir e/ou preocupação com questões de saúde e prevenção, relações intergeracionais, gravidez indesejada ou inesperada, planejamento reprodutivo, contracepção, educação, trabalho, lazer, moradia, drogas e violência. A realização de uma série de oficinas sobre várias dessas temáticas foi mais uma contribuição da pesquisa “Estilos reprodutivos masculinos e femininos e organizações representativas: gênero, idade e saúde reprodutiva no sertão de Pernambuco e na região metropolitana do Recife”, para a discussão dos assuntos relacionados pelos jovens, tendo como intenção estimular o debate e a mobilização de jovens de diferentes comunidades do Ibura.

A demanda por algumas destas questões estava sendo alvo de ação do Programa de Agentes Comunitários de Saúde, cuja supervisora realiza reuniões mensais sobre temas programados trimestralmente com os integrantes de um grupo de moradores de diversas comunidades do Ibura de Baixo, durante o ano de 2000. Dentre os temas demandados por eles estão a contracepção, a sexualidade, a violência e as drogas. Os frequentadores das reuniões eram jovens e adultos, solteiros e casados.

As oficinas aqui sugeridas foram organizadas para proporcionar uma oportunidade de aprofundar alguns desses temas, oferecendo ferramentas e dados que possam auxiliar a mobilizar e implementar algum tipo de ação para a promoção de diretos. A escolha por organizar oficinas com os jovens deveu-se, em parte, às demandas vindas dos próprios jovens e, também, ao fato dos jovens representarem boa parte da população do Ibura. Organizamos três oficinas específicas para os jovens e uma na qual pode haver a presença de jovens e adultos. A intenção é que os jovens que sejam recrutados para as oficinas possam atuar como multiplicadores dos conhecimentos adquiridos. Assim, um critério de seleção de jovens pode ser a participação em grupos que se reúnem para lazer, esporte ou outra atividade no bairro.

Recomenda-se cuidado com o número de participantes envolvidos. Nossa experiência com oficinas indica que a quantidade de participantes não deve ficar abaixo de 8 ou acima de 16, para proporcionar atividades conjuntas num ambiente cooperativo e de proximidade.

O local escolhido para a realização das oficinas deve ser de fácil acesso e ter uma localização mais ou menos central em relação às comunidades de moradia dos/das jovens selecionados (das).

Os temas das oficinas propostas aqui são os que foram desenvolvidos no Ibura em 2001: **1. Juventude e direitos; 2. Juventude, gênero e geração; 3. Jovens, contracepção, direitos sexuais e reprodutivos e 4. Saúde em nosso bairro.** Recomendamos, ainda, que a ordem de realização das oficinas seja alvo de discussão do grupo envolvido na ação. Nas atividades desenvolvidas pelo grupo do FAGES, a ordem acima apresentada ofereceu resultados bastante proveitosos.

O material básico para a realização destas oficinas inclui gravador, pilhas e algumas fitas de áudio grandes, com duração de uma hora cada, para o registro das atividades; se houver possibilidade, uma máquina fotográfica é importante para o registro visual. Também são necessárias etiquetas ou crachás de identificação dos participantes, quadro branco ou álbum seriado, pincéis atômicos,

fita adesiva, papel madeira, papel crepom e tesouras para o desenvolvimento das atividades. Atenção especial deve ser dada ao lanche para a hora do intervalo, um momento em que os/as participantes podem conversar mais livremente e com maior proximidade. Em algumas oficinas há uso de retroprojeto (ou *data show* com computador), para a apresentação de transparências e de televisão e vídeo cassete ou DVD, para a exibição de filmes.

Cada oficina ocorre em uma manhã ou tarde, com duração de três horas e meia. Na nossa experiência com jovens do Ibura, havia um intervalo de três a quatro semanas, entre uma oficina e outra. Entretanto, este não é o único intervalo possível. O grupo pode optar por intervalos maiores ou menores entre as oficinas.

Todas elas iniciam com uma dinâmica de apresentação em que os condutores e os participantes das oficinas se apresentam e aproveitam para conhecer mais uns aos outros. Em seguida, deve haver um momento específico para o contrato de convivência no qual se discute sobre como proceder com o uso das informações, os comentários que ocorrem durante o desenvolvimento das atividades e outras questões que os participantes queiram colocar. Neste momento, deve-se frisar que uma oficina não é uma aula e, portanto, o conhecimento deve ser compartilhado coletivamente. Este momento das oficinas geralmente ocupa os trinta minutos iniciais.

As oficinas devem contar com uma equipe de trabalho que coopere para planejar passo a passo, providenciar o material e os equipamentos necessários, o local de realização, envolver e motivar o público alvo. Geralmente, há um coordenador para o trabalho preparatório, 1 ou 2 condutores das oficinas e 1 ou 2 auxiliares, para ajudar na condução das atividades coletivas durante as oficinas⁴¹. Se a equipe de trabalho resolver que é necessário, por algum motivo, o registro das oficinas, sugerimos que sejam designadas uma ou duas pessoas adicionais para gravar e relatar os acontecimentos.

⁴¹ Agradecemos o apoio técnico de Eliete Dias Maranhão e o auxílio dos seguintes bolsistas de iniciação científica para o desenvolvimento das oficinas em 2001: Viviane Matias, Maira Honorato, Paula Santana, Joaquim Izidro do Nascimento Júnior e Karina Leão Rodrigues.

A seguir, iremos apresentar os objetivos, as sugestões de atividades, o período de tempo estimado para cada atividade e o material necessário para cada uma das quatro oficinas sugeridas.

1 - Oficina juventude e direitos

Objetivos

- proporcionar aos participantes que reflitam sobre o que significa ser jovem para eles, quais as vantagens e desvantagens da condição de jovem vivida por eles;
- conversar sobre os direitos dos jovens, a partir de transparências nas quais são evidenciados alguns dos direitos dos jovens relacionados à moradia, família, educação, saúde, lazer, trabalho, educação, drogas e violência, dedicando maior tempo para aqueles que têm gerado maiores debates na sociedade, relacionados à violência e morte por causas externas, maioridade legal e cidadania, bem como à gravidez considerada precoce.

Formato da oficina

Atividade	Duração
1º - Dinâmica de apresentação - quem somos nós - quem são os participantes (nome, idade, algo que gosta muito de fazer para ver afinidades e organizar os grupos de acordo com tais afinidades)	15 min.
2º - Contrato de convivência - momento/espço para discutir - uso das informações - comentários - frisar que não se trata de uma aula - perguntar se querem fazer alguma regra para o contrato	10 min.
3º - Vantagens e desvantagens de ser jovem • Local onde moram • Realidade em que vivem • (recolher idéias que eles têm sobre juventude).	40 min
4º - Palavras dos jovens do Ibura (ver anexo 2 deste livro) e montagem de esquete a partir das palavras sobre educação, saúde, lazer, moradia, família, comunidade, trabalho, educação, drogas e violência.	30 min
Intervalo	15 min
5ª - Apresentação do esquete dos grupos (máximo de 4 grupos)	30 min
6º - Apresentação de transparências sobre direitos dos jovens com diálogo e esclarecimento de duvidas	1 hora
7º - Avaliação e comunicação da outra oficina	20 min

2 - Oficina juventude, gênero e geração

Objetivos

- discutir os conceitos de gênero e geração enquanto construções históricas e sociais e suas implicações na vida cotidiana;
- apresentar vídeo com gerações de épocas diferentes, localizando a juventude em diferentes tempos e espaços, para discutir as características dos participantes enquanto jovens;
- apresentar transparências sobre gênero e juventude para aprofundar o debate sobre as características dos participantes, evidenciando as diferenças entre moças e rapazes;
- evidenciar desigualdades, preconceitos e discriminações que podem ser suscitados a partir do debate, referenciando a equidade de gênero e o respeito ao outro como aspectos importantes dos direitos humanos.

Formato da oficina

Atividade	Duração
1º - Dinâmica de apresentação - quem somos nós - quem são os participantes NOVOS Lembrar o contrato de convivência que fizemos e o cuidado no uso das informações.	10 min.
2º - Roda de conversa: Que conteúdos/informações da oficina passada chamaram mais a sua atenção? Por que?	15 min.
3º - Continuando a roda de conversa: Na oficina passada, alguns de vocês mencionaram atividades que desenvolviam em grupos, cursos etc. Quais os grupos que vocês fazem ou fizeram parte na comunidade ou fora dela? (valorizar as atividades realizadas e buscar mais detalhes sobre elas).	15 a 20 min
4º - Exibição do vídeo-colagem elaborado por Márcia Longhi e do pedaço do filme "O que é isso companheiro?" Explicação de que se referem a épocas diferentes (anos 50, final dos anos 60 e anos 90) e perguntar: - Vocês acham que quando seus pais eram jovens, eram semelhantes a vocês agora? - Vocês acham que, em épocas diferentes, os jovens tinham a mesma rotina que hoje em dia?	30 a 40 min.
Intervalo	10 min
5ª - Trabalho em grupos (3 grupos) Escrever em folhas de cartolina as diferenças de época e de gênero que eles percebem ao comparar os filmes. Apresentar o que escreveram.	40 min (20 min) (20 min)
6º - Apresentação das transparências sobre juventude, gênero e gerações com diálogo e esclarecimento de dúvidas.	40 min
7º - Avaliação e comunicação da outra oficina	10 min

3 – Oficina jovens, contracepção, direitos sexuais e reprodutivos⁴²

Objetivos

- estimular a troca de conhecimentos sobre a vida sexual e reprodutiva;
- levantar os métodos mais conhecidos, discutindo responsabilidade e cuidado com a contracepção;
- discutir critérios de escolha de métodos e problemas relacionados ao processo de negociação sexual;
- evidenciar direitos sexuais e reprodutivos na perspectiva da equidade de gênero, discutindo a gravidez, o desejo de engravidar, a gravidez inesperada e outras situações suscitadas pelos participantes.

Formato da oficina

Atividade	Duração
1º - Dinâmica de apresentação - quem somos nós? - quem são os participantes NOVOS Lembrar o contrato de convivência que fizemos e o cuidado no uso das informações.	10 min.
2º - Na oficina passada nós vimos questões de geração e gênero. Quando abordamos as questões de gênero, mostramos como algumas questões de saúde, que a idade do casamento, que o fato de se esperar que a mulher tenha uma atitude mais recatada e o homem tenha uma atitude ativa na sexualidade, são costumes e atitudes construídas socialmente. Hoje vamos abordar direitos que foram sendo construídos em acordos, convenções internacionais e influenciam as direções das políticas de saúde voltadas para a reprodução, são os direitos sexuais e reprodutivos, por meio de transparências.	40 a 50 min.
3º - Trabalho em grupos de 5 integrantes Cada equipe trabalhará com 1 dos seguintes métodos: camisinha, pílula e ligação de trompas. Numa cartolina, relacionar: - características do método contraceptivo; - tudo o que você queria saber sobre o método e nunca perguntou.	30 min
Intervalo	10 min
4º - Apresentar o que escreveram. Afixar as cartolinas com as perguntas sobre os métodos na parede.	30 min
5ª - Apresentação dialogada dos métodos contraceptivos trabalhados enfatizando seu modo de uso, características de uso, efeitos colaterais e desconstruindo crenças infundadas. Enfatizar questões de gênero que influenciam escolhas e usos dos métodos.	60 min
6º - Avaliação e comunicação da outra oficina	10 min

⁴² Esta oficina contou com a colaboração técnica de Simone Brito a quem agradecemos pela valiosa participação como condutora.

4 - Oficina saúde em nosso bairro

Objetivos

- discutir problemas de saúde do bairro, e as relações entre líderes comunitários e as instituições públicas de saúde, identificando dificuldades existentes no acesso aos representantes dessas instituições e nas negociações acerca das questões de saúde do bairro;
- evidenciar alguns indicadores mais utilizados pelos gestores da saúde pública no bairro para indicar a situação de saúde em que se encontram, abordando seu significado, poder explicativo e implicações, visando ampliar o conhecimento dos líderes comunitários e o seu poder de argumentação e, conseqüentemente, de negociação com os gestores de saúde;
- elaborar uma proposta de atividades a desenvolver para dar continuidade ao trabalho com os jovens.

Formato da oficina

Atividade	Duração
<p>1º Introdução: nesta oficina temos como objetivo pensar com vocês a possibilidade de dar continuidade a esse trabalho dirigindo-o para a construção de um material de circulação de idéias que vocês considerem importantes. Para começar esse trabalho, propomos a atividade “confeccionando cartas”.</p> <p>Confeccionando cartas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 1 carta dos rapazes para as moças, escrevendo o que gostariam que elas soubessem sobre os rapazes em geral ou sobre rapazes como vocês. - 1 carta das moças para os rapazes, escrevendo o que gostariam que eles soubessem sobre as moças em geral ou sobre moças como vocês. 	25 min
<p>2º Leitura e discussão das 2 cartas</p> <p>Um rapaz faz a leitura da carta dos rapazes. Uma moça faz a leitura da carta das moças. O/a condutor/a coordena a discussão.</p>	25 min.
<p>3º Apresentação da proposta com detalhes e consulta ao grupo (deixando à vontade os que quiserem aderir à proposta e os que não quiserem também): nossa proposta é a produção de algum material de circulação de idéias e discussões que dizem respeito à juventude. Elas podem ou não estar diretamente relacionadas ao que discutimos nas oficinas. Iremos incorporar algumas das discussões, mas a ênfase será dada ao que vocês escolhem.</p> <p>Materiais que sugerimos (mostrar exemplos): caderno contendo cartas, frases, e ilustrações; cartas; encarte; agenda como textos e ilustrações da equipe; folder; calendário com frases. Enfatizar que podem conter textos e imagens.</p>	20 min
<p>4º Construindo o projeto de confecção do material</p> <ul style="list-style-type: none"> - escolher público-alvo - escolher temas - escolher formato - organizar cronograma para realizar as atividades em etapas. 	60 min
<p>5º Fechando o cronograma e as atividades. Organização do próximo encontro com distribuição de tarefas.</p>	30 min.
Lanche de encerramento	20 min.

ANEXO B

AS PALAVRAS DE MORADORE(A)S DO IBURA: jovens e adulto(a)s falando sobre namoro, casamento, família, sexualidade, contracepção e o ambiente do bairro

Parry Scott, Marion Teodósio de Quadros, Márcia Longhi, Mônica Franch, Dayse Amâncio, Jonnhy Cantarelli, Viviane Matias, Paula Santana, Brenna Leite, Joaquim Izidro do Nascimento Jr, Maíra Honorato

As transcrições de falas nos grupos de discussão de 2002 a 2004 com moradores do Ibura em salas da Universidade Federal de Pernambuco renderam longos trechos de opiniões diversas sobre questões envolvendo aspectos da vida de homens e mulheres, jovens e adultos que não foram identificados para garantir o anonimato. Estes comentários figuram entre as informações consultadas pelos pesquisadores para escrever os trabalhos que estão neste livro e em outros locais.

Reproduzimos as falas que melhor se adéquam à discussão dos assuntos abordados nas oficinas sobre direitos reprodutivos e sexuais, pensando que podem subsidiar grupos do próprio bairro que gostariam de levar estas discussões adiante, com falas dos seus próprios moradores. Imaginamos que os leitores mais curiosos encontrarão outros usos para estas falas. Primeiro, apresentamos as palavras sobre namoro, casamento, família, sexualidade e contracepção, identificando o sexo e a geração dos falantes. Encerramos com algumas falas que ressaltam o significado do bairro, dando destaque para as palavras dos jovens.

Em cada um dos grandes temas, as falas levam a subtemas. Na parte sobre namoro, casamento e família, por exemplo, um dos subtemas importantes para o(a)s jovens foi: “casar de papel passado é difícil”. Procuramos apresentar nas páginas que se seguem as falas que mais representam os subtemas considerados importantes em cada tema. A forma de organizar estas palavras convida os leitores a consultarem considerando cada folha de modo independente. Não há uma ordem a seguir. Que a curiosidade e o desejo de conhecer guiem o leitor! Que a utilização das palavras aqui transcritas reflita a sua própria diversidade!

* Moças e Rapazes correspondem à população Jovem e Homens e Mulheres correspondem à população Adulta.

NAMORO, CASAMENTO E FAMÍLIA PARA JOVENS

“FICAR E NAMORAR: NEM SEMPRE É O MESMO”

PARA RAPAZES...

Eu acho que não existe muita diferença hoje não só lá no Ibura como na comunidade geral, enfim, namorar e ficar. É uma verdade, eu acredito; acho que o principal, se a maioria esquece entre namorar e ficar, é você se prevenir num aspecto geral para que não venha a acontecer imprevisto, não é? Esse imprevisto é gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, entre namorar e ficar deve se bater em cima disso, prevenção: isso é que é importante.

Jovem não é para namorar sério, jovem é mais para estudar, correr atrás, esse negócio de ficar tem muita coisa por trás disso. É grave, isso denigre muito com a imagem da mulher hoje em dia.

As meninas lá não costumam namorar não, ficam. Não têm um negócio sério, gostam de ficar, não querem um namoro sério; O namoro é um negócio melhor, não é? Pra gente namorar sério, tudinho, eu acho legal. Eu tive duas namoradas. Namorei firme: dois anos.

É uma faca de dois gumes, tanto pode levar ao namoro como ficar uma menina assim volúvel na sociedade; tudo bem, a moça namora comigo hoje e não gosta de mim, aí outro dia está com outro rapaz, não dá certo, está com outro, não dá; o que é que o rapaz vai pensar; tem que ter muito cuidado nessa área aí, às vezes dá certo, mas...

Se você vai conversar com uma menina, falar direitinho, namorar direitinho, sério, tal, a gente leva o nome de tabacudo.

E PARA MOÇAS...

Ficar é bom, mas tem limite, porque rolam outras coisas mais graves, namorar é bom demais, casar é bom para quem sabe conviver, se você é casada e sabe viver com seu marido é ótimo.

Na minha opinião, casar hoje em dia é muito raro, namorar a gente namora, passa dois meses escolhe. Neste caso a gente está ficando para saber se quer namorar, quando namora ele quer prender ou a gente quer prender ele, acho que hoje em dia está muito doido.

O que a gente mais vê é “*estou ficando*”, agora ninguém chega pra dizer assim: *estou namorando*, geralmente é mais ficar. Aí, como ela falou, neste ficando vai uma semana duas três, quando pensa que não estão se namorando, vão se juntando, nem falam em se casar, falam logo em morar junto, mas quem pediu em namoro? Ninguém! Só foi aquela coisa ficando, e foi acontecendo.

É mais negócio de ficar. Pra mim, ficar é isso: Estava não deu, não está mais e pronto.

A pessoa que fica demais fica com um e outro, quando é que algum rapaz vai querer alguma coisa com você, nunca. Vai pensar logo o quê? Aquela ali é banda voou, fica com um e com outro.

Também antigamente [no tempo das minhas irmãs], chegava para uma moça, posso falar com teu pai? Chega assim quero falar com teu pai quando esperava, eu quero pedir a mão de sua filha em namoro, é difícil chegar um com essa coragem e dizer. [Hoje em dia...]

“CASAR DE PAPEL PASSADO É DIFÍCIL” PARA RAPAZES... E PARA MOÇAS...

Agora, eu não penso em casar logo; eu estou saindo daqui e vou fazer um curso na Telemar; eu acho que ainda não estou fixo na vida profissional para casar e ter responsabilidade; e as pessoas de lá também não falam em casar, não é normal.

Meu pai foi primeiro, meu irmão, agora que é casado, falou: “oh, a vida melhor que eu encontrei foi a vida de casado”.

Eu diria que não são todos, mas acho que a maioria pensa em ficar; no meu modo de ver, seria melhor namorar para casar; meu objetivo é namorar para casar.

Eu, por exemplo, sou noivo; eu nunca gostei dessa história de ficar, e já tive claro, porque todas nós tivemos oportunidades de ficar e isso é diariamente, mas eu sempre procurei evitar, porque eu conheço as conseqüências, eu vejo a sociedade, nós temos problemas demais com a educação; se você realmente ama aquela pessoa esta disposta a compartilhar a vinda daquela criança? Então eu sempre gostei de namorar sério e hoje estou noivo, me preparando para casar.

Lá onde a gente mora o pessoal não se casa não, se ajunta; se conhece, bota dentro de uma casa e vai morar, pronto, isso é casado.

Eu conheço um casal, uma família que até tem filhos na adolescência, que há anos vivem juntos sem ser casados; no momento, recentemente, resolveram casar perante a lei, Igreja, e simplesmente a coisa começou a ficar feia; aí ele conversando comigo: “mas rapaz, depois que a gente casou as coisas ficaram tão feias!” Será que isso seria uma síndrome que existe, pânico no casamento porque não é possível, como é que uma pessoa convive há anos com uma pessoa dando certo e a partir do momento que assina um documento dá errado.

O que tem acontecido hoje na comunidade é que as pessoas têm ficado assim, ficam com os rapazes, às vezes engravidam, às vezes vai morar junto, mas é muito difícil você vê aquela coisa de casar mesmo.

Tem acontecido na comunidade, o rapaz está namorando a moça, de repente ela engravida e diz que vai ter que morar com ela e vai morar por causa do filho, da gravidez e eles assumem.

Às vezes eles nem gostam muito um do outro e ficam por causa do filho e às vezes querem, mais por causa da família.

Os homens querem casar e continuar com a vida de solteiro; eles querem que nós nos dediquemos a vida de casada e querem ter vida de solteiro; eles querem ter liberdade para ir e vir como eles quiserem e se a mulher quiser eles dizem que está errado.

QUANDO ACONTECE DA MENINA ENGRAVIDAR...

PARA RAPAZES...

Tem também que prestar atenção que é ruim para ela também porque ela vai ficar comigo, outro dia está com outra pessoa; então ela vai ficar falada, pra ela vai ficar visada na comunidade, não é “Pô, ela não quer nada sério, tu vai namorar com ela?” tem muitas meninas que estão engravidando por causa disso mesmo, porque elas tão querendo ficar com um e com outro, está engravidando, aí o cara que gosta dela não vai querer assumir ela não; ele não vai ter, é como se diz, confiança, não é? Ele não vai ter confiança nela mais porque ela já ficou com tantos, tu acha que ela vai, como se diz, me respeitar? Não vai. Eu acho também que essa questão de amadurecimento, não é? É tudo aventura, qualquer um é um.

Lá na minha comunidade também os jovens, não é só as meninas não, os meninos também eles ficam, uma vez, duas vezes e nesse ficar também tem muito adolescente que ficam grávidas; tem muitas grávidas lá. Nesse negócio de ficar, acham melhor ficar do que esse negócio de namorar e casar e depois que se perde, engravidou, o cara não quer assumir, diz que não é dele, que ela saía com vários e...

Tem muitos aí jovens que se casam por ficar, não é? Ficou, não é? Teve a relação, a menina engravidou, aí tem que casar.

E PARA MOÇAS...

Tem acontecido isso na minha comunidade; a garota engravida e diz que o rapaz tem que morar com ela e vai morar por causa do filho

Às vezes o próprio pai diz: eu vou lhe dar o dinheiro pra você ir comprar o remédio na farmácia (para fazer o aborto)

Tem rapaz que diz: esse não é meu não; dá um chute e diz “não é meu não”.

É bom jogar de vez em quando; no caso se ficar grávida de um rapaz, para saber mesmo se ele quer, quando tiver uma discussão diz assim “ta brigando comigo, não é? então eu vou tirar”; muitos dizem assim: “não, você não é doida não vou deixar não”, aí ele fica com medo.

Hoje em dia, se acontecer de engravidar, os rapazes dizem “puxa, ela ta grávida, e agora, o que é que eu faço? O jeito é morar com ela, é assumir”; muitas vezes vão morar na casa da mãe dela; e ainda é bom porque pelo menos está assumindo; tem muitos que não querem assumir, nem ficar com a menina nem nada; por isso que as mães tão segurando, nem que more dentro da casa delas; aconteceu, tem que tocar a vida.

Eu conheço uma que engravidou porque quis e ela não estava segura para ter filhos, o pai saía para trabalhar e ela ia pra casa da mãe e quando chegava não tinha comida pronta e deixava as comidas se estragar; ela não cuida, ela não acordou pra vida, muita falta de responsabilidade

“A EDUCAÇÃO DOS FILHOS FICA POR CONTA DA MÃE”

PARA RAPAZES...

Eu acredito que isso é a ponta do iceberg, a ponta do iceberg porque o que a gente está vendo hoje, a juventude de hoje agir dessa forma imagine os filhos dessas pessoas amanhã; o problema é muito do lar entende? que tipo de criação nós estamos dando? É muito fácil a gente colocar culpa na escola, “Ah porque a escola não ensina direito “ Não é assim, tem pai; a educação parte de casa, muitas vezes o que acontece na nossa área e em muitos lugares, é que os pais empurram as crianças para a escola como se fosse assim: a obrigação de ensinar agora é da escola.

Eu vou para a minha tecla da criação dos pais, os próprios pais estão ensinando isso hoje: se eu tenho uma filha, vou trancar o máximo possível; é assim que os pais estão criando hoje; mas o rapaz não, é solto é mais solto, pode sair.

Então toda essa educação está errada; prender a mulher e soltar o homem; isso aí toda sociedade está pensando errado.

Minha mãe conversa mais com as mulheres; com minhas irmãs acho que ela conversou muito, agora meu pai nunca chegou para conversar.

Eu acredito que as conversas ainda são pouco no caso da mãe! Chega perto, mas ainda é pouco, pai nem chega, se chegar é pouco; ele deveria se aproximar mais dos filhos, para resolver os problemas.

Mas a gente pode mudar essa história a partir de nós a gente fazer diferente com nossos filhos.

Porque o número de mulheres sendo chefes de família d família é muito grande, é muito grande mesmo, ela tem que sair pra trabalhar.

E PARA MOÇAS...

Geralmente quem cuida dos filhos é a mulher, porque os homens querem fazer outras coisas; tem pai que ajuda. Têm outros que não querem nem saber: “Você que teve, você que cuida”.

A maior parte dos casos que eu vejo a menina engravidada, vai morar na casa dos pais ou do rapaz, os filhos são criados pelos avós e não por eles mesmos; de certa foram tira uma parte da responsabilidade deles; quando eles moram com os pais e aí eles ficam dependentes dos avós e os pais permitem, os netos ficam mais a cuidados dos avós do que dos pais, quando moram juntos;

“SEPARAÇÕES: CACHAÇA, CHIFRES E ESPECTATIVAS”

PARA RAPAZES...

As brigas e separações, acho que isso é próprio talvez, não para os casos desses aí, de adultério, mas até o próprio casamento tende a isso, a própria rotina infelizmente tem isso; a rotina é responsável, tem que administrar isso aí.

O álcool tem uma parcela muito grande; meu pai quando chega sóbrio em casa é uma bênção, mas também quando chega bêbado... Mas minha mãe fica calada, cara.

Aí o que acontece, briga. Aí geralmente é mais assim, briga de casal é mais pela bebida e o adultério, que acontece naquela rua.

Às vezes o homem vai tomar uma cerveja com o amigo e chega em casa bêbado, senta, manda a mulher botar o almoço dele e tudo bem. Mas tem mulher que fica em cima procurando algum motivo para eles brigarem.

Tem uns que chegam em casa na deles, chegam, mas tem mulher que fica em cima, insistindo, doida para arranjar um espacinho para brigar.

É aquela coisa, não é? O cabra quando é bom, não presta. Ele é aquele homem que saía pra trabalhar, ele mesmo lavava a roupa, ele mesmo fazia a comida e ainda levou um tiro por que queria se separar dela. Como também têm aquelas que saem pra trabalhar porque o marido deixou, porque ela queria que ele fosse de uma maneira, que ele era totalmente errado e ela queria criar os filhos juntamente com ele, mas ele era aquela pessoa totalmente errada, que acha que mulher é cachorro e se separam e fica ameaçando de matar, é muita coisa. Existe muita separação por causa disso.

E PARA MOÇAS...

Eu acho que o maior motivo das brigas hoje em dia é que no final de semana os maridos sempre querem sair e não levam as mulheres... Daí, chega a hora que quer, cheio de cachaça;

Os homens querem casar e continuar com a vida de solteiro; eles querem que nós nos dediquemos à vida de casada e querem ter vida de solteiro; eles querem ter liberdade para ir e vir como quiserem e se a mulher quiser, eles dizem que está errado. Isto está errado.

O que causa muita separação é o machismo: eles que homem pode tudo e a gente tem que ficar em casa lavando e passando roupa para eles.

Pra chegar à separação tem que chegar ao limite, não agüentar mais mesmo, porque tem muitas mulheres que continuam com os esposos pra não ter que passar pela humilhação de voltar para a casa dos pais. Aí fica agüentando, apanhando, existe isso ainda hoje.

NAMORO, CASAMENTO E FAMÍLIA PARA ADULTO(A)S “HOJE O NEGÓCIO É FICAR”

PARA HOMENS...

No ficar, é uma questão mais de necessidade, questão mesmo de prazer, da necessidade sexual; aí a pessoa fica um dia, dois dias, meia hora, somente até ela necessitar a parte dela; ficar é isso, sem interesse nenhum nem ela nem eu; acaba ali, saio do motel e pronto acabou: você vai pro outro lado e eu vou pra esse aqui; já namorar é uma coisa mais séria, não é? E isso está mais difícil porque é uma questão também financeira; porque quando você vai namorar, você tem que ter gasto, tem que ir ao cinema, tem que ter o compromisso de ir à casa da pessoa, não é? Casando, meu Deus do céu, aí que é difícil mesmo.

Eu acho que até o conceito de ficar ultimamente mudou, porque antigamente a gente passava 15 dias, um mês, aí pensava direitinho se ia dar mesmo para uma coisa mais séria; hoje em dia não, ficar é por meia hora; a gente vai pra um coque da vida, ali encontra alguém, aí diz vamos dar uma volta? Depois, tchau e benção; o conceito de ficar mudou: são 10 minutos, não dá tempo nem de pensar, de lembrar o nome da outra pessoa, é muito complicado.

A mãe, o pai não tem condições mais de segurar as rédeas, e eles mesmos já sabem, o pai e a mãe já sabem que elas são mulheres mesmo e o negócio delas é ficar e acabou; o negócio está feio: é ficar mesmo; e bota uma camisinha e vive a vida, porque o negócio está feio.

Se você quiser achar uma menina dessas pra compromisso, ela diz logo: “Quero nada, quero não, só quero ficar contigo mesmo. “Oxe, já está apaixonado é?” Ela diz mesmo assim.

E PARA MULHERES...

O que acontece é isso, o pessoal não quer mais essa responsabilidade de namorar pra casar, quer ficar. E basta a menina ficar mocinha, assim com 10, 12 anos eles já estão pegando. E não são só os rapazes, as moças também já vão dando em cima.

Eles ficam, usam e depois jogam fora. Eles fazem, mas também porque, sinceramente, elas dão cabimento. Porque ninguém vai forçar ninguém não.

Ficar para mim é o instinto animal que eles têm, porque eu sou do tipo romântica, amor antigo, de flores, essas coisas só que não existe mais homens assim, então para mim acabou. Tem uma conhecida, chegou na minha casa de 10 horas da manhã, ela me perguntou “diz de onde eu vim agora?” eu disse “e eu sei?”; ela disse “já vim do motel agora”; eu disse “Sangue de Cristo! E com quem foi dessa vez?” ela disse “Eita, esqueci de perguntar o nome dele...” Então você vê o “instinto animal”. “Piscou o olho, eu entrei dentro do carro dele e a gente foi pro motel.”

Eu, particularmente não aceito, nem minha filha mulher, nem os homens. Esta estória de ficar, eu digo que ficar é pra cabra safado. Homem que é homem assume, quer namorar, gostou, vai namorar, embora que durante o namoro, uma transadinha aqui, uma transadinha ali, mas estória de ficar eu não aceito. E digo à minha filha se chegar perto de mim “Mainha, eu vou ficar” eu bato em você na maior, eu bato mesmo, eu não admito, acho uma falta de respeito. Outra coisa que não aceito é ficar com o namorado agarrando e beijando na minha frente. Aí dizem que eu sou velha, sou do tempo antigo, mas é assim mesmo, fazer o quê?

“ANTIGAMENTE NÃO TINHA A LIBERDADE QUE TEM HOJE”

PARA HOMENS...

Veja só, a minha opinião é assim: eu tenho 45 anos, está certo? Mas antigamente as coisas eram muito escondidas; hoje a própria sociedade exige que seja mais aberta. O que é que a gente está vendo? A gente está vendo nosso jovem perdido, então tem que se esclarecer e esse esclarecimento têm que vir da família; o que acontece muito é que nós, na nossa juventude de hoje, a gente já tem outra forma; já meu pai, minha mãe tinha outra forma diferente de educar; eu já chego pro meu filho hoje e converso com ele, minha esposa chega pro meu filho hoje e conversa com ele

Antigamente você namorava com uma moça e logo, já vinha a pressa pra você casar, não é? Namorava no dia de namorar e tinha que namorar na frente dos pais; aí logo, logo você tinha que noivar, tinha que casar. No meu caso, foi tanta vigilância que terminou ela grávida e o pai dela pegou a faca e disse ou eu te mato, ou você casa; aí eu casei; mas se eu tivesse 21 anos hoje eu jamais pensaria em casar; agora, que as meninas tão muito fáceis; tão se atirando, você vê menina se atirar no homem casado; até se afronta com a mulher; o conceito de família desmontou muito, pela questão de desestrutura familiar mesmo.

E PARA MULHERES...

A gente foi da época em que se amarrava cachorro com lingüiça, não é? Lá em casa, eram dois rapazes e uma moça aí depois chegou a outra que é minha irmã caçula. A criação dela já não foi a minha, porque pai não admitia que eu colocasse nem a cabeça na porta e quando chegava um rapaz lá em casa, até pra fazer um trabalho do colégio, ele botava pra fora, pra fora mesmo e já com minha irmã foi diferente; ela já teve aquela liberdade, porque ela chegou onze anos depois.

Surpreendeu-me ver as meninas novas de 12, 13, 14 anos se jogando para os homens casados da rua e gritar abertamente pelo meio da rua: “Quem tem marido que se cuide que eu estou na área.”. Eu digo “Meu Deus, no meu tempo não tinha isso...”, a gente tinha o maior medo de namorar e quando sabia que o homem era casado corria mil léguas e hoje elas se jogam... é impressionante.

Porque as mulheres se jogando, eles são homens. A coisa está um nojo, está tão diferente dos tempos da gente, porque ali era a década de 60.

No meu tempo, namoro era muito bom, a gente tinha aquele prazer de botar a cadeirinha pra namorar lá fora, não é? Aquela ansiedade... Hoje em dia o meu filho, que é atleta, tem 1,80m, é um rapaz bonitão, um tipão de homem. Então, três meninas da rua deixaram de namorar com ele porque ele era frouxo. A expressão dela foi essa: “Seu filho é muito frouxo, eu esfrego na cara dele e ele não me come.”

“CASAR NO CIVIL”

PARA HOMENS...

Pra namorar, você vai à praia, uma pizzaria. Eu acho que pra casar é mais gasto ainda, porque é preciso ter uma casa; tem que ter casa, aí tem que investir nos móveis tem que ter um emprego, no emprego você trabalha motorizado, essas coisas, se a pessoa companheira trabalhar, ainda bem, mas a maioria das meninas hoje não tem trabalho no mercado ai elas casam mais pra viver do outro. Porque casamento é um comércio, ainda hoje, ainda hoje é um comércio, a maioria dos pais das meninas, expulsa mesmo as meninas de dentro de casa, por ter um namorado, - “Oxe, se casa logo com esse cara, ele já tem uma casa, já tem um emprego, te vira” faz assim mesmo. É uma questão financeira.

Eu acho que casamento deveria acabar. Deveria ser um contrato: viveu um ano se deu, renova por um ano. Se não der a gente separa, porque o casamento perdeu a essência, perdeu a validade, o respeito, a beleza, tudo o casamento perdeu. E a mulher amigada, qualquer coisa, brigar, ela tem a liberdade de pegar as trouxas e ir embora e casada ela pensa duas, três vezes para poder separar.

E PARA MULHERES...

Hoje em dia é muito difícil você encontrar uma pessoa que queira casar. Existe, está difícil, mas existe. Eu mesma fico muito contente quando eu vejo uma pessoa realmente decidida a noivar e casar porque na vida é o que deve ser. Onde eu morava, da turma que conviveu comigo naquela época, poucas pessoas continuam com seu marido. Porque marido antigamente era aquele, que matava, morria, mas você estava lá, hoje em dia não, hoje em dia as mulheres são mais liberais. Não deu certo pronto, acabou. Pode partir pra outro. Eu não sou contra isso não, porque se a gente quiser tocar a vida, estudar, trabalhar, a gente deve fazer.

No casamento você tem esse processo de ir para o cartório, para a igreja, papel para que todo mundo veja. Satisfação para a sociedade. Pra morar junto você pega a nega veia, bota debaixo do braço e vamos viver juntos e pronto, acabou-se. A diferença é só o papel é ter o que dizer para o povo e pronto.

Tem gente que diz: “está tão bom assim, se a gente for pro papel separa.”

Casamento é para dar satisfação à sociedade porque casado são aqueles que bem vivem.

QUANDO ACONTECE DA MENINA ENGRAVIDAR...

PARA HOMENS...

Às vezes, eu fico pensando assim, ela ficou grávida “por gosto”, pensando na pensão, vai ter a pensão todo mês, eu vou ficar grávida de fulano que no mínimo eu tenho X, que ele vai dar pro filho da gente e já me ajuda também, se ele me der 100, a gente já se vira. Elas pensam isso hoje.

E também porque na maioria da gente, a gente mesmo tem presenciado meninas que ficam grávidas e o cara não tem nem onde cair morto.

A gente vê essas zoadas nesses programas de Cardinot, esses programas todinhos, aquela cachorrada, aquelas mulheres que vão pra lá mostrar a cara na televisão, só pra conseguir um exame desses de graça. O que tem de mulher querendo ali fazer o programa ali, só pra ter o exame de DNA de graça.

E PARA MULHERES...

Eu nunca vi tanta adolescente grávida na minha vida. Elas bem nem reformam, já engravidam, só na minha rua tem umas quatro ou cinco. Eu tenho uma filha adolescente que teve um bebê agora, ela fez 16 anos. A gente tenta aconselhar, mas a televisão mostra muitas coisas, aquela “Malhação” que tem muita adolescente grávida, menina dormindo na casa de namorado, essas coisas eles querem puxar pra eles. Outra é que a gente mora num lugar muito humilde e não tem muitas coisas pra adolescente fazer, não tem curso, não tem nada, a gente não tem condições de pagar por fora, vai fazer o quê? Prender dentro de quatro paredes é impossível. Muita gente chegou pra mim e disse: “Por que você não joga sua filha na rua?” Se eu jogar ela na rua eu estou querendo o quê? Que ela seja uma delinqüente amanhã, uma drogada, uma prostituta e não é isso que eu quero. Errar errou. Só que eu cheguei e mostrei a realidade que não é por aí: “Você agora vai ter seu filho e vai cuidar de seu filho.”

Pelo que eu conheço, eles geralmente engravidam e fogem, fica ela ali. Elas, revoltadas porque o namorado abandonou. A vingança delas é tirar o filho.

“A EDUCAÇÃO DOS FILHOS FICA POR CONTA DA MÃE”

PARA HOMENS...

Não tem diálogo, não existe cumplicidade, não existe aquela responsabilidade de pai para filho, porque pai é isso, é pai e mãe assumir a responsabilidade pelo filho, está certo que é pro mundo, mas enquanto o mundo não chega a gente vai ensinando, quando casa já tem aquele padrão de ensinar ao filho a mesma coisa.

Eles são acostumados a dizer: “Ela veio atrás de mim, ela se jogou para mim.” E eu conheço um que diz para mim “Já visse boi criar bezerro?” Não dá um saco de leite nem um pão a esse filho. Ela se vire, ela vá rebolar pra criar e ele é acostumado a dizer esse ditado e sair.

Geralmente eles não têm pai não é? E a mãe tem que trabalhar para sustentar seus filhos. Muitos são criados por terceiros. Como a mãe tem que trabalhar, eles são criados assim no meio da rua.

Porque o número de mulheres sendo chefes de família é muito grande, é muito grande mesmo, ela tem que sair pra trabalhar.

Porque também as pessoas não têm aquela orientação, quando precisar sair, deixar os meninos dentro de casa pra não ser atropelado. Quando a mãe chegar, dá uma voltinha com ele, tudo bem, mas não fazem isso, jogam o menino no meio da rua e cada um que se vire. Lá a criação é assim, a maioria é assim e quando você ver uma boa criação pode ir lá ver que tem um pai e uma mãe dentro de casa porque é uma estabilidade ou ter uma mãe que se responsabilize, assim, que trabalha, mas que tenha uma responsabilidade com seus filhos. Vê, de um cento você tira um.

E PARA MULHERES...

Porque a educação desses adolescentes está vindo de casa, porque os pais, não é? continuaram errados. Hoje em dia você vê um jovem, uma criança de 10 anos, 9 anos com um cigarro no bico. Por quê? Por causa do pai, quando você vê uma criança com 7, 6 anos, com 5 anos, que a “reca” leva ele pra porta da barraca, o menino tá chamando palavrão, passa uma menina toda... ele diz : “aquela é boa, pai” não é verdade?

SEPARAÇÕES: A BEBIDA E A TRAIÇÃO

PARA HOMENS...

Aí você olha porque o motivo dele tá bebendo? Por que a mulher separou de mim, porque a mulher me deixou, eu fui traído a mulher me botou gaia, essas coisas, aí arruma um bom motivo para beber.

Voltando ao alcoolismo, tenta falar com eles. A maioria dos meninos viciados no álcool, a gente analisando eles, conversando, dificilmente um não tem profissão: um é marceneiro, o outro é carpinteiro, outro é motorista, outro é pintor, e, na maioria dos casos, é separação de mulheres, pode avisar que a gente sempre conversa com eles. A maioria dos casos que a maioria das pessoas fala é ser um viciado, a separação com a mulher, o motivo que eles dizem, não é? Porque todos eles têm uma profissão.

Foi. As vezes que eu tive alguma recaída de até perder o meu vínculo familiar, ou foi pela bebida mesmo, mas nunca passei uma semana inteira bebendo, eu nunca me entreguei ao álcool, mas quando eu me arreto assim eu bebo uma cachacinha, mas não fico bebo não.

E PARA MULHERES...

Eu sempre vejo as pessoas falando “A gente casa se não der certo separa” Pela menor briga, pela menor coisinha, separa. Outra coisa que me surpreende também é tanta mulher trair o marido. Hoje em dia, de cada 10 mulheres casadas, 8 traem o marido. Eu nunca vi tanta falta de respeito. Porque o homem trai a mulher, isso desde que o mundo é mundo, o homem tinha 2, 3 mulheres. A gente não gosta, briga, mas faz vista grossa, mas eu vou lhe dizer, é impressionante! E elas são muito cara de pau, elas traem.

Acham que o homem tem que dar tudo, muitas vezes as condições dele, não dá pra dar tudo, aí começam as brigas. Ela começa a encher tanto o saco que quando ele chega, não quer ficar mais em casa vai procurar uma lá fora, buscar aquela que não cobra nada, feito disse uma amiga minha que preferia ser amante e não esposa. Eu acho que ela está é certa, porque amante é só beijinho, a esposa que agüenta a carga toda.

Sempre andam acompanhadas a bebida e a mulher, andam muito juntos. Onde tem bebida, eles não deixam de arrumar uma, nem que seja uma paquera, uma coisinha ali, solta uma gracinha, aí chega em casa a mulher ó...

Quando a mulher é boa, homem não presta, quando o homem é bom a mulher não presta, porque é gaia, é gaia, aí é que eles gostam, porque dizem que a sorte do homem é só ter uma mulher sebosa e gaieira.

SEXUALIDADE NAS PALAVRAS DE JOVENS

CONVERSANDO SOBRE PRAZER PARA RAPAZES... E PARA MOÇAS...

Eu conheço mulheres que até hoje não sabem o que é prazer. Encontrou um rapaz ali, teve a relação e ele chegou ao orgasmo e ela não sabia nem isso.

O diferente é ser carinhoso, é ser amigo, é ser companheiro mesmo da mulher; porque não adianta, o homem olha muito o corpo da mulher, vê mais os adornos do que o conteúdo... o homem acha que ser homem é chegar ali e arrebentar e depois, a maioria das vezes, acender o cigarro e depois acaba.

O homem é que nem "fogão a gás" e a mulher é que nem "fogão à lenha", o fogão à lenha, demora para pegar, mas também demora a apagar e o fogão à gás não, ligou, pegou e apagou, é "pei, bum", é mais entusiasmo.

As mulheres não participam, eu tiro pela maioria, elas não falam nada, o que é que elas gostam? O que é que elas não gostam? Fica difícil para o homem tentar agradar desse jeito, não é? Elas ficam, na maioria das vezes, paradas, esperando a ação do homem.

Às vezes o marido quer fazer com uma esposa, tratar ela como se fosse uma prostituta fazendo um tipo de sexo muito estranho, meu irmão; tentando fazer um sexo legal sem stress.

Eu acho que o principal é amar a pessoa, ter amor; amar a pessoa, amar mesmo, porque não adianta, por mais que seja interessante uma relação, se você não gostar daquela pessoa vai ser uma tragédia.

Eu acho que assim... já que ela não sentia, não queria demonstrar só fazia para dar prazer a ele.

Quando o homem é carinhoso com a mulher... Aquele homem que diz "Bora, eu quero agora", aí não tem como.

Eu, no meu caso, não vou fazer amor com o meu marido sem sentir prazer. Se ele sente, eu também tenho que sentir, se eu não tiver, não vou fazer nada com ele... Vou fazer só para dar prazer a ele é?

Vamos tirar a questão que ela fica com um e com outro, mas se é uma coisa essencial pra vida dela, é porque ela sente prazer. Se ela não sentisse prazer ela não faria.

O homem acha que sentir prazer é descarregar o que ele está querendo, mas não é bem assim.

...pra mulher não é assim, acho que ela sente vergonha e insegurança também.

Tem que ser um lugar bom, bem aconchegado, gostar, amar um ao outro, ter respeito, ter carinho e no final das contas relaxar, conversar, mas fazer na agonia e no aporreio, num canto muito ruim, desacomodado e em pé, prazer assim não existe.

Pra o homem qualquer coisa é fácil, o homem é muito sem vergonha, de qualquer jeito vai. Para o homem sentir prazer é em qualquer canto.

TRAIÇÃO, CIÚME...

PARA RAPAZES...

Eu conheci a menina há dois anos, comecei a namorar com ela, tava querendo levar a coisa a sério para casar, acabou; fiquei sabendo que ela tava com outro nas minhas costas; quando eu saía ela dava nas minhas costas; ela não queria nada a sério, acabou terminando.

Já onde eu moro, o que mais tem é caso de adultério, tanto de homem quanto de mulher. Tem um cara lá casado com uma mulher e dormindo com outra.

Não adianta ficar com uma pessoa sem ser fiel; no momento que você decidiu a estar com uma pessoa e você não se voltar para ela 100%... então, existem muitos meios de se trair uma pessoa, não é preciso estar com outra pessoa. Às vezes, você não dá atenção àquela pessoa dentro da sua própria casa, troca aquela pessoa por um jogo de futebol, trocar aquela pessoa por uma novela, troca aquela pessoa por amigos ou amigas - é isso trair a pessoa.

Ciúme é uma coisa, tem gente que é muito ciumento, meu pai mesmo é muito ciumento.

E PARA MOÇAS...

Agora eu acho que o maior motivo hoje em dia é no final de semana sempre querer sair e não levar a mulher... Chegar a hora que quer, cheio de cachaça.

Na semana a gente trabalha e no domingo a gente quer sair, ele não tem o direito de sair, e porque a gente não? Eles deixam de sair com as suas mulheres. Aqueles que jogam é pior ainda, pra sair pra estar jogando, isso a gente se cansa, é o que a gente mais vê.

A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL

PARA RAPAZES...

Os jovens já se relacionam sexualmente nesse negócio ficar, ficar com uma, ficar com outra. Não é interessante ficar, porque faz nove meses que sou evangélico, eu não acho interessante o jovem se relacionar sexualmente antes de casar, só se relacionar quando casar; namorar direitinho, passar um tempo, conhecer a pessoa, casar e ter essa relação quando casar.

E PARA MOÇAS...

Namorar, eu namorei pouco, ficar eu fiquei muito, em 72 bocas que eu beijei, a última que eu beijei eu perdi a virgindade com 17 anos, mas eu ia pro forró, ficava com 3, mas só era beijar.

Eu só tive dois namorados. Com o segundo, eu não tive relação sexual, mas quando eu casar, primeiro eu vou ao médico fazer exames pré-nupciais para me orientar o que eu devo usar, porque fui criada dessa forma, todos os pais querem isso pros filhos, mas é você quem decide o que vai fazer de sua vida, decide se vai ter relação antes ou depois do casamento, eu optei por isso, pois na minha concepção é a maneira mais correta de fazer, a maneira mais segura.

**SEXUALIDADE NAS PALAVRAS DE ADULTO(A)S
CONVERSANDO SOBRE PRAZER
PARA RAPAZES... E PARA MOÇAS...**

Com meus pais, a gente não falava sobre isso, um negócio desses na época de meu pai era lapada no lombo, mas era a forma dele educar. Hoje, quando a gente vai falar alguma coisa para os filhos, eles já sabem mais do que a gente. Hoje, eu pego camisinha na secretaria de saúde e dou aos meus filhos. Se eu aparecesse com uma em casa eu levava uma pisa, então quer dizer o tempo vai mudando.

Tem o sexo por sexo, não é? Esse é o que você faz por prazer, por tesão. Você está tendo relações com a menina, aí você olha assim para ela, está satisfeita também, vai embora. Sexo por prazer é gostoso demais, quando a gente gosta da pessoa do lado oposto da gente... é o sexo mais gostoso que tem. Eu digo por mim, eu fui casado 10 anos, não tive um sexo tão prazeroso ainda, como foi com a minha esposa. Eu, às vezes, para ter um relacionamento com uma mulher, quando estou sem tesão, eu imagino ela.

Sexo por sexo é ruim demais, sexo é mais que sexo, é ter amor, gostar da pessoa, a pessoa te corresponder, ter carinho, ter a prática antes do carinho, porque tem sexo que você vai na cama e já começa a fazer sexo, isso é ruim demais, sexo tem que ter beijo, carícia, essas coisas...

Você tem que satisfazer, porque é macho, mas sexo por sexo é muito ruim. Agora você tem que fazer, se você mora numa comunidade, se você não fizer, a turma dá em cima, espalha logo que o cara é homossexual, com certeza. Ela nem pensa que se o cara não quiser, deixa de respeito, de prazer, tesão, ela sai espalhando: "Fulano é frango, eu quis dar a ele e ele não quis", é o que elas dizem mesmo.

Homem só diz que homem porque veste uma calça. A safadeza está tão grande hoje em dia que eles saem de casa, deixam sua esposa, quando ele chega lá na frente, ele encontra as "poposudas", aí o "dólar", porque homem é dólar que chama.

...você está acostumada com aquela pessoa, acostumada com o modo que ele faz, aquele homem que te leva pra cama, que é tão carinhoso, que você fica babando.

É bom quando a gente está junto, agora depois de quenga velha é que a gente começa a fazer certas coisas. Antigamente, era só aquilo papai-mamãe... depois que eu conheci meu marido, a gente casou e de uns tempos pra cá a gente vem aprendendo mais, se aprimorando, vai ficando velho, vai ficando mais sem vergonha, não é?

Há 31 anos minha mãe não brinca mais e é difícil, eu fui criada nesse tom. Sexo para ela é uma coisa tão fechada, tão restrita, que quando a gente fala em alguma coisa ela se sente tão mal que sai de perto.

Com 15 anos, conheci um rapaz, um senhor separado de 45 anos. A gente casou... Ele era alcoólatra, eu não sabia, ele vivia me trancando direto e batia em mim, eu sofria muito, então eu ia pra cama sem prazer, eu não tinha prazer, ele me pegava assim, me jogava na cama, terminava e saía, eu saía chorando e ia dormir, então eu passei 16 anos sem ter prazer, o que era sexo e fiquei revoltada com a vida, odiei o homem, tinha ódio quando ele me procurava, mas tinha que ser dele, porque era dele, até que chegou o tempo que eu me separei.

TRAIÇÃO, CIÚME...

PARA RAPAZES...

É o conceito de família, questão de fidelidade que hoje em dia é meio difícil de acontecer, você sai e ela já coloca outro dentro de casa, na maioria dos casos. Porque eu vejo isso na comunidade, aí você pensa duas vezes, para pensar em casar. Mas tem mulher que você diz que é azul e ela diz que é vermelho e acabou-se. Aí não dá, aí começa a discussão.

Tem um pessoal hoje, que quer preservar a mulher em casa, "eu gosto da minha mulher, mas não quero mais de dois filhos", mas na rua ele está fazendo filho. Só o homem um pouco mais velho, que já tem uma visão de Deus de que isso é pecado, ele não vai fazer um negócio desses, mas a maioria dos homens hoje está poupando a mulher em casa, quer 1 ou 2 filhos, mas na rua ele tem um monte, meu pai é assim, até hoje está fazendo filho.

E PARA MOÇAS...

Eu iniciei com o meu marido, com 13 anos, ele agora está com 65 anos, está meio adoentado. Já vai fazer quase um ano que eu nem sei o que é isso mais. Mas, também me contento, eu fico dentro da minha casa com meus filhos, vou para casa da minha irmã, mas eu nunca o traí, e também nem quero... eu estou esquecida, eu não sei o que é homem mais não.

A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL

PARA RAPAZES...

Porque você ainda é virgem, porque você já transou, já beija na boca, as meninas de hoje em dia também são assim, é perdendo a virgindade mais cedo, antigamente demorava, mas agora é normal...

A gente na igreja educa que sexo antes do casamento não é certo. Mas para o mundo fora, a turma faz abertamente, as meninas hoje com 13 anos de idade já fazem tudo, já perderam a virgindade.

Eu tava olhando quando terminava o pólo negócio de 2 horas da madrugada, aproximadamente, tinha um barzinho lá que ficava aberto, chega dava pena da gente ver, tanta menina de 12, 13, 14 anos, no meio da galera, daqueles meninos de cabelo pintado, tudo cheirando loló, dali vai para maconha e acabou-se o cabaço, acabou-se mesmo!

E PARA MOÇAS...

Eu era noiva há 3 anos, prestes a me casar, me organizando para casar, de véu, capela e grinalda, tudo muito bem feito e já tinha cedido ao meu noivo, só que pela minha inocência eu não sabia que era mulher dele, porque ele transava bonitinho, aí todo mês ele perguntava "Sua regra veio? Eu dizia "veio". Aí eu digo "eu sou moça ainda?". Ele dizia "É, enquanto sua regra vir, você é moça".

CONTRACEPÇÃO NAS PALAVRAS DE JOVENS

HOMENS E MULHERES PLANEJAM A CHEGADA DOS FILHOS?

PARA RAPAZES...

A consequência desse ficar foi arrumar uma barriga e hoje, de vez e quando, é sempre levar uma "xingadinha" do meu pai; meu pai sempre diz uma coisa: devia ter se cuidado, se prevenido, não custa nada; tava sem camisinha, corria o risco de estourar, de ter estourado, mas ela devia ter se prevenido, ter tomado cuidado.

De um modo geral não; teve uma menina com treze anos que teve filho agora.

No meu modo de ver, mais o homem; porque ele está com ela ali só para uma aventura, não tem nada fixo, é melhor você evitar, porque depois que ela engravidar a turma não vai querer levar mais ela a sério, eu acho que é mais do homem.

Eu acho que cabe aos dois porque o cara tem que pregar desde o início o uso da camisinha. Eu sei que está na posse dele o controle do momento...

Tem um colega meu, que casou já faz três anos, não querem ter filhos, só querem curtir a vida de casados, um filho iria atrapalhar; a mulher toma comprimido, quando não tem, usa camisinha; ele tem alguns problemas, trabalha num hotel, ela não quer ter filhos agora.

E PARA MOÇAS...

Ela não toma remédio, só usa camisinha, nem sempre ela usa preservativo, quando ela ficou com ele, ela disse que não usou preservativo, eu disse: "sim, como é que tu fizesse?", ela disse: "não! Porque minha menstruação só vai chegar tal dia", quer dizer, que ela se baseou na menstruação dela, agora fica correndo esse risco, e depois vai terminar engravidando e fica mãe solteira porque não mede as consequências.

Tem mulher que engravida para segurar o homem, um filho de jeito maneira não segura um homem, é uma loucura. Eu conheço uma, ela tomava remédio todo mês porque que ela parou? Porque tinha acabado o namoro, acho que era para segurar mesmo.

No tempo da minha avó não tinha televisão, não tinha o que fazer, mas no tempo da minha mãe não, nem tão pouco no tempo da gente, que temos todos os tipos de anticoncepcionais.

Minha irmã tava com uma menina e disse que ia evitar e quando a menina estivesse com 7 anos ia ter outro para poder fazer uma ligação. Quando a menina tava com um ano, ela engravidou tomando anticoncepcional, aquela pílula de farinha.

O QUE FAZEM PARA EVITAR FILHOS/AS?

PARA RAPAZES...

Outra coisa que eu acho também errado é esse negócio de prevenção, para quê prevenir? O que é que a mídia está nos mandando? Se previna, use a camisinha. Isso é se prevenir? Quais são as garantias da camisinha? Não é melhor ensinar ao povo que não se deve namorar sério, que não se deve ter relações sexuais antes do casamento? Não seria melhor isso? Não seria mais prático? Porque ao mesmo tempo em que ele diz "tudo bem, não tenha filhos, mas tenha relação sexual", e as conseqüências disso sem camisinha? Quantas camisinhas estouradas por aí, e aí? Então é melhor você evitar...

A novela mesmo influencia, acho que ensina bastante também a evitar, não é! Porque passa muita propaganda aí, comprimidos para evitar.

Agora, o governo tem parcela de culpa nisso, porque ele para fazer ligação é difícil, uma série de problemas: tem que ter dinheiro, tem que ter idade, tem que ter quantos filhos? Essa série de dificuldades.

A realidade é essa: acho que você tem que basear na prevenção - liberdade sexual com prevenção.

Ela toma injeção todo mês.

Existem pessoas que usam DIU, mulheres que usam o DIU... botar a camisinha, porque está evitando doenças até para você mesmo também...tem gente que simplesmente arrisca, preferem ejacular fora; esse é muito arriscado.

E PARA MOÇAS...

Ela não toma remédio só usa camisinha, nem sempre ela usa preservativo, quando ela ficou com ele, ela disse que não usou preservativo, porque ela se baseou na menstruação dela. Agora, fica correndo esse risco, e depois vai terminar engravidando, mãe solteira porque não mede as conseqüências.

Eu acho assim: o pessoal não tem preservativo, remédio, isso e aquilo, mas sabe como é que evita filho? Evitando homem!

Eu nunca tomei remédio, eu sempre usei camisinha, até por causa da minha mãe que eu tinha medo dela encontrar...

A melhor maneira de evitar filhos indesejáveis, doenças, até problemas na sua própria vida, frustração, é se preservar.

USAR CAMISINHA É...

PARA RAPAZES...

Faz tempo que eu não transo com ninguém, não é? Mas no tempo que eu tava assim, no mundo, eu transei poucas vezes, a maioria foi sem camisinha.

E PARA MOÇAS...

Muitos dizem que incomoda, coisa e tal, mas acho que é besteira...

O meu método é camisinha e pra mim é normal, muita gente diz que incomoda.

Eu também não acho que incomoda, mas o homem se incomoda. Eu quando tinha meu marido, o remédio acabava e eu não podia comprar. Aí sempre tinha que ter um preservativo e a gente usava, a gente sempre tinha guardado... agora eu confiava nele e ele em mim. Porque tem gente que diz que até mesmo casado tem que usar, porque não deve confiar no que o homem faz lá fora. Eu não usava, só quando precisava...

Assisti a algumas entrevistas com profissionais dessa área e eles diziam que as mulheres casadas deveriam usar preservativos para evitar doenças sexuais. O que acontece na relação sexual vai afetar a mulher justamente porque tem os vírus HPV, que é causado pelo homem, mesmo que ele não desenvolva a doença, nem tenha nenhuma mulher lá fora...

Eu mesma uso preservativo e confio nele e se algum dia ele me trair lá fora e eu pegar uma doença. Eu sei que peguei com ele, mas eu uso camisinha para evitar filho e não doenças porque confio nele. Agora, a partir do dia que eu desconfiar dele, aí é outra coisa...

USAR PÍLULA ANTICONCEPCIONAL É... PARA RAPAZES... E PARA MOÇAS...

A minha irmã fez seis anos de casada, passo quatro anos tomando comprimido, agora fa dois anos que ela parou de tomar e nã consegue engravidar mais.

Eu tenho medo de usar um remédio que não se adapte ao meu corpo, eu não sei o que é bom ou não é eu preciso de uma profissional...

ABORTO PARA RAPAZES... E PARA MOÇAS...

A minha irmã até já abortou um, engravidou e acabou fazendo aborto e quase morria; ela se trancou no banheiro e não disse nada a ninguém; quando meu pai foi no banheiro, tava aquela desgraça de sangue lá, aí meu pai sem saber o que era, chegou em casa ficou logo brabo, começou logo a gritar que não gosta de soltar a filha e depois sabe que a filha está grávida sem ter parceiro certo. Meu pai ficou muito brabo!

A maioria também aborta porque o parceiro que engravidou, teve relação, ela vê que não serve, aí vai e aborta.

A decisão é mais dela, porque vai dizer que o homem não tem condição de assumir, aí ela vai e aborta.

Quando ela decide abortar ela toma chá, coloca coisa dentro da vagina, toma comprimido.

...eu tenho observado lá no meu círculo, que o aborto é uma coisa que raramente acontece porque, às vezes, a moça, quando está grávida, ela esconde de todo mundo e o tempo vai passando e quando aparece a barriga fica mais difícil de fazer o aborto. O que acontece é acidente mesmo, que a pessoa por alguma coisa perdeu, mas acontece mais que o filho nasce sem pai e praticamente sem mãe, por ser adolescente. A maior parte dos abortos acontece na adolescência.

Muitas vezes vão bater naquelas clínicas que fazem aborto.

Eu já engravidei, já tirei, consegui remédio sozinha e tirei, aí uma amiga chega diz para mim "poxa eu estou grávida e não quero ter esse filho não", aí eu vou e indico o que eu tomei e ela vai e faz a mesma coisa, sem pensar e muitas vezes se arrepende depois e eu faço a mesma coisa.

Às vezes, é uma decisão dos dois.

Às vezes, o próprio pai diz: eu vou lhe dar o dinheiro pra você ir comprar o remédio na farmácia.

E muitas vezes eles dizem: se você não tirar eu não fico mais com você, aí ela vai lá e tira, arriscando a própria vida.

CONTRACEPÇÃO NAS PALAVRAS DE ADULTO(A)S HOMENS E MULHERES PLANEJAM A CHEGADA DOS FILHOS?

PARA HOMENS...

Tudo tem que ser discutido, tem de ser planejado, no meu ver, família serve justamente para aquilo, para que você sente e chegue a um denominador comum.

O sexo com prazer, com educação,... Se os dois mal planejaram, esse menino vai ser um marginal, porque a família ficou distorcida e tudo o que a gente faz com planejamento, com educação, com aqueles termos, a gente vai ter uma melhor possibilidade de cuidar melhor de um filho.

Aí, hoje em dia pra ter um filho... Tem que ter estabilidade, porque é uma questão financeira, porque ele veio de surpresa, ela se preveniu, mas não teve êxito... Porque informação existe demais, preservativo dão de graça, anticoncepcional dão de graça nas policlínicas, nos postos médicos, porque disso tenho conhecimento... hoje eu creio que fica grávida quem quer.

É a questão da informação, não é? Porque se você vê as famílias daqui da capital, que tem 3, 4, 5 filhos, no máximo, mas se for no interior, meu Deus, é cada ninhada!... é coisa de 10, 11, 12.

Às vezes, eu fico pensando assim, ela ficou grávida "por gosto", pensando na pensão, vai ter a pensão todo mês, eu vou ficar grávida de fulano que no mínimo eu tenho X, que ele vai dar pro filho da gente e já me ajuda também, se ele me der 100, a gente já se vira. Elas pensam isso hoje.

Antigamente, se tinha 9 filhos, mas tinha 9 filhos dentro da família. Hoje, você tem 10 filhos na rua sem pai e aquele filho que está na rua sem pai, com certeza 15 anos depois, ele vai ter outros filhos na rua, sem pai e sem mãe.

E PARA MULHERES...

Eu estou com 43 anos, eu nunca vi tanta adolescente grávida na minha vida. Elas bem não reformam, elas já engravidam. Eu tenho na minha própria família, eu tenho uma filha adolescente que teve um bebê agora, ela fez 16 anos... A gente tenta aconselhar... prender dentro de quatro paredes é impossível. Minha filha mesmo me diz: "Minha mãe me prendeu tanto, eu ia na esquina comprar batata frita e fiz minha filha. Ela pensando que eu estava na esquina comprando batatinha e eu estava lá, no carro com meu namorado, lá na frente, fazendo a menina."

Na minha rua geralmente, elas só planejam se for assim, ter um filho para agarrar o marido da vizinha, mas, para dizer eu vou morar com esse rapaz, vou ter um filho, vou viver feliz com ele, na minha rua não tem isso.

E elas não ligam, elas têm filho mesmo, o negócio é filho, é botar o Brasil pra frente, é botar filho no mundo pra sofrer.

Elas só pensam depois, "ah, eu devia ter usado camisinha". Os filhos não são planejados, 95% não são, elas vão na doideira, só pensam no sexo mesmo e depois vêm as conseqüências.

Ele está lá, a nega velha chega lá e faz o que tem que fazer e depois cada um pra o seu lado e acabou. Não querem nem saber do resultado. Para começar, nem procuram ter um trabalho fixo para que se um dia isso aconteça, eles possam sustentar, eles nem ligam para isso.

Eles são acostumados a usar e dizer: "Ela veio atrás de mim, ela se jogou para mim." E eu conheço um que ele diz para mim "Já visse boi criar bezerro?" Um saco de leite e, um pão não dá a esse filho. E aí ela se vire, ela vá rebolar pra criar e ele é acostumado a dizer esse ditado e sair.

O QUE FAZEM PARA EVITAR FILHOS/AS?

PARA HOMENS...

Minha esposa teve uma menina com. o primeiro com 13 anos, um menino com 14, aos 18 ela fez a ligação, pagou pra ligar. Tem que participar pagando, pra não acarretar ter muito filho...

Se acontecer da mulher engravidar, você tem de cobrar de quem fez a ligação, se fez com o Estado, vá cobrar do Estado. Porque isso aí não existe não, depois que corta como é que vai unir? Agora quando a gente pega e amarra, aquele nó desata, aí fica horrível... Quem foi casado, quem tem mulher que fez ligação aqui sabe, passa 3 meses pra se recuperar, pra ela ficar boa mesmo. O homem vai, corta naquele momento e no outro dia, 3 dias depois pode ter a vida sexual dele normal, a mulher não...

Tem injeção de 3 em 3 meses, de 6 em 6 meses.

Faz de graça, vasectomia, agora, no IMIP e no Bandeira Filho. E a questão da vasectomia é até mais fácil para o homem, não é? Hoje, o homem vai no hospital, volta no mesmo dia, vai trabalhar no outro dia normal.

Para o homem, é mais fácil fazer. O cara operado hoje, se ele botasse na cabeça do que seria o amanhã, ele faria vasectomia hoje, porque o amanhã a gente não sabe, de repente o cara não sabe, se a mulher trair ele, engravidar, ele já sabe, o filho não é seu. Até isso é mais fácil, não é?

A televisão está mostrando aí, não é? Vem falar em camisinha, tem muitos meios de prevenir. Mas nessa cidade, pobre tem muito filho, camisinha lá perto de casa mesmo, quando deram pra a mulher não ficar grávida, ela já tinha descansado.

Tem mulher que não toma comprimido, diz que é proibido, é a religião dela... Ela já está em 11, já e vai ter mais. Porque a religião não deixa tomar remédio e nem pode usar camisinha, não existe...

E PARA MULHERES...

Bom, uma ligação, pra andar, procura, vai no posto fazer o pré-natal, procura uma assistente social, conta a sua choradeira, principalmente quando a gente tem uma pessoa que tem algo para oferecer, quer dizer, então ela naquele posto, ela vai conseguir (...)

Para evitar, tem várias maneiras, tem comprimido, tem preservativo, isso de cremes, isso e aquilo, eu não sei, que eu estou ligada. Graças a Deus, foi a melhor coisa que eu fiz até hoje, eu não sinto nada.

Olhe, eu vou lhe dizer, 100% sabem, 100% sabem, só o pouco que elas não têm coragem de chegar pra mãe, dizer que quer ter relações sexuais, quer transar com os namorados e perguntar o que é que faz para evitar filho. Porque se alguém me disser que uma filha adolescente fez isso, isso eu estou pra ver! ... A não ser depois dos 18, 20 anos. Mas elas, as adolescentes, com aquele fogo que elas têm, elas não conversam com ninguém, só depois do acontecido...

Elas sabem sim porque meio de comunicação ensina.

...tudo ensina, os próprios pais dentro de casa ensinam, mas elas não querem, não têm coragem de perguntar e, quando ensinam, não querem fazer.

USAR CAMISINHA É...

PARA HOMENS...

Há 10 anos atrás, não tinha esse negócio de camisinha, não tinha nada disso

Em algumas casas já tinha, mas eu não sei aonde você ia, mas pra você comprar, era uma vergonha pra você chegar numa farmácia e comprar uma camisinha.

Eu me lembro, naquele tempo, pra menor não vendia.

Antigamente, quem via uma pessoa com camisinha, tirava a maior idéia com a cara da pessoa, tirava o maior lazer. Hoje não, hoje é natural.

E PARA MULHERES...

"Tu usasse camisinha, fizeste alguma coisa?" -"Eu não nem me lembrei, também minha filha se eu pegar uma AIDS, eu já transei tanto, já aproveitei tanto na vida que se morrer, morreu, está bom!" Então, você vê as barbaridades, que eu fico absurda com uma coisa dessas...

Porque os homens são muito machistas eles não querem usar camisinha, preservativo eles não querem...

Eu sempre joguei aberto com meu filho... "Venha cá, isso é assim, assim, assim". Você não usa camisinha só pelo fato de engravidar, no caso das doenças, explico tudo, mesmo que ele não me encare olho no olho, mas ele abaixa a cabeça, mas ele está ouvindo e eu tento explicar tudo... porque ele usa camisinha, mas nem toda vez... ele não é de se abrir, agora eu sou de contar tudo, eu explico tudo.

E tem umas que dizem assim "Ah, mas é tão gostoso sem camisinha, que quando bota a camisinha perde o prazer".

USAR PÍLULA ANTICONCEPCIONAL É...

PARA HOMENS...

E PARA MULHERES...

Comprimido engorda, elas sabem, não tomam porque tem efeitos colaterais, e não é todo mundo que pode usar, e outras coisas lá. Tudo elas arrumam dificuldade.

ABORTO

PARA HOMENS...

Há uns 5 anos atrás, eu perdi uns gêmeos, dois meninos, um ela perdeu em casa e o outro aqui na policlínica, na... aqui na frente.... aqui no Hospital das Clínicas...

A turma faz de outro jeito, toma chá de maconha, chá do coco verde, tem aquele comprimido que serve pra úlcera, como é o nome dele? Eu me esqueço, que usa muito... esqueci, eu sei que o remédio é pra úlcera. Aí você chega na farmácia...

Citotec, toma um e coloca outro e faz o aborto, chá de urtiga com alpiste, faz vários abortos dentro de casa mesmo.

Mas abortar menino de 2, 3 meses, não é difícil não. Porque, lá no interior mesmo, tem um pé de juá, uma fruta que... fica na esquina de um povoado, que dizem que tem mais de 10 meninos enterrados, menino não, fetozinho, não é? Que as mulheres enterram lá, diz que é amaldiçoada, é uma história que tem lá, que as moças lá quem diz. Toma chá da semente da maconha pisada, com não sei o que lá...

Cabacinha, alpiste, chá de alpiste.

No Ibura, é meio difícil as meninas fazerem isso, por quê? Porque elas têm remédio, elas têm camisinha e quando ela diz "Eu quero ter um filho dele", ela vai ter e acabou. E pra ela ter o filho dela, ele vai correr atrás dele, até conseguir, mas eu quero um filho "dele".

Mas tem a informação, porque se ela tiver com 1 ou 2 meses e se arrepender, ela sabe como aborta. Aí não precisa recorrer a um médico, ou a uma coisa, como antigamente.

E PARA MULHERES...

Eles geralmente engravidam e fogem, fica ela ali. Elas, revoltadas porque o amado abandonou, a vingança delas é tirar o filho. Uma da minha rua, a própria mãe ajudou a filha a abortar, com quatro meses, eram gêmeos e todo mundo ficou revoltado. Ela tirou mesmo, depois disse que foi uma queda, mas a gente sabe que não foi.

Uma amiga minha, a filha tem 13 anos, a própria mãe já levou ela pra fazer dois abortos. Eu não admito isso, eu digo: "Você vai ter seu filho vai criar, eu estou aqui pra lhe ajudar. "Não, ela é minha filha, acima de qualquer coisa ela é um ser humano e é minha filha." Se eu como mãe não der apoio, não ajudar quem é que vai dar? O povo da rua? Não.

Na maioria das vezes, ela tira um, dois, três... fazer muito aborto é prejudicial, do 2º ou 3º em diante.

Na minha rua, geralmente elas tiram logo. Está com 2 ou 3 meses, elas vão logo tirando pra não ter responsabilidade.

Perguntava para a minha mãe se ela sabia de um chá para evitar filho, que ela queria homem, mas não queria filho.

Chá da liamba é bom, "ah, é de coquinho", outra diz: "Ah rapaz tu toma um regulador que é bom", ali elas vão ensinando, e ali elas vão fazendo, e ali elas vão tomando até resolver.

É porque Citotec ninguém pode comprar não, é proibida a venda. Aquilo era um envelope, aquilo era um real.

Foi que nem uma colega lá do meu trabalho na loja, ela engravidou de um cabra lá da loja, eu consegui um Citotec para abortar...

Ele batia tanto em mim que abortava o menino, abortei uns 4 ou 5 filhos de tanto cacete que ele me bateu.

OS JOVENS E SEU BAIRRO: TRABALHO, SEGURANÇA E VIOLÊNCIA, EDUCAÇÃO, COOPERAÇÃO E LIDERANÇA IBURA COMPARADO COM OUTROS LUGARES

PARA RAPAZES...

Eu gosto do Ibura, no sentido das pessoas que moram lá, que eu conheço, mas do bairro em si, as... partes físicas, são ruas, saneamento, etc. Aí eu não me agrado. Isso aí eu fico muito desanimado. ... não vejo desenvolver.

Eu já cheguei a ver assim esses caras aí, boqueira de fumo do Ipsep, lá em Carpina, mas não cheguei perto pra eles não me ver, que eles podiam até me conhecer, eu cheguei assim e fiquei atrás de um carro pra eles não me ver. Aí cheguei pra minha mãe e falei: vê mãe aqueles cara de lá, vendendo maconha por aqui.

Tu estás pensando que no interior, não tem... lá rola é muita maconha meu irmão. As maconhas já vêm do interior... são fazendas e mais fazendas de maconha. É a lavoura mais rica...

O Ibura há muito tempo que tem essa fama de mal, de violência, de droga... porque violência tem em todo canto. Porque se a gente for olhar isso aí por que acontece no Ibura... isso acontece em Olinda, isso acontece em todo canto também. ...Tudo que tem de mal, de drogas, de violência, que tem no Ibura, tem nos outros bairros também.

Eu dou por vista que o Ibura não cresce, ele não tá crescendo: ele incha. Existe o crescimento demográfico, nasce muito bebê, mas as condições de vida das pessoas, não faz com que cresça, incha. A população está aumentando a cada dia. Enquanto os empresários tiverem medo do Ibura, então o crescimento só vai ser prorrogado.

E PARA MOÇAS...

O Bairro mais animado que mais gosto de ir é o UR-3. Sempre tem diversão, qualquer comemoração.

Mas no Ibura, se você quiser dormir de manhã, você passa a noite todinha na rua e ninguém mexe com você

É um ambiente pesado... não gostam assim porque às vezes sai tiro no meio da festa, mas a diversão que eu tenho no Ibura é mesmo em casa com a família, se reúne faz churrasco no quintal mesmo...

Vou pra Paulista na casa da minha tia e perguntam, tu mora aonde? No Ibura, "Vixe Maria, Meu Deus do céu tu mora ali? "Moro". Vê logo como um lugar discriminado. O Ibura é um lugar que tem mais morte, mais tráfico, mais maconheiro, viciado, é o lugar que tem mais tudo, mais morte e disse que saiu no jornal, no repórter, que disse que o Ibura é o lugar que morre mais número de pessoas.

Teve uma vez que um amigo falou assim "oh, ela mora no Ibura esconde a carteira, aí" e eu, "poxa"!

Antes diziam "mora no Ibura, vixe, logo naquela emboscada", aí pronto sabe do que mais, não vou revelar que moro no Ibura mais, não, eu moro no Ipsep, "em quê?" em apartamento (risos).

Eu namorei um menino que morava no Ipsep, eu sempre dizia pra ele ir lá e dizia que amanhã eu vou, amanhã... chegou o dia em que eu perguntei "por que tu não vais?" "porque não gosto do Ibura" Aí eu, "está bom, vá lá", e acabei o namoro.

AS OPORTUNIDADES DE TRABALHO PARA RAPAZES... E PARA MOÇAS...

Quanto mais cedo você começa a trabalhar mais cedo você vai aprender a dar valor ao dinheiro ganho.

Eu também estou desempregado. E também eu nunca trabalhei fichado não, sem pré trabalhei em... pegando assim... serviços assim, em supermercado, mercadinho, até em obra também. E não tenho profissão.

O serviço que a gente faz é esse mesmo: O cara pede pra você limpar a casa dele, pra pintar o muro dele, assim... "Limpa essa mesa aí, te dou trinta conto, essas cadeiras aí." Faz vários serviços pra ter dinheiro.

Se você empeleitar, não é! Ou eles pagam diária, ou seja, eu trabalho por diária a quanto? Ou a quinze reais ou a vinte reais. Ou a diária ou você empeleita: uma sala dessas pra pintar, você vai, pede cinquenta reais, ele vai dizer: " não, dou trinta."

Eu para o mês vou querer me apresentar na Nordeste. O próximo curso só começa no dia cinco de dezembro... pra fazer o curso de vigilante. Me capacitar na minha área pra espalhar currículo por aí, correr atrás, entendeu? Porque vigilante, é uma área arriscada, mas quanto mais cresce a violência, essa área de vigilância cresce.

Pra pegar o serviço de pegar aquelas garrafa, aquelas grande, de frevo na cabeça, no espinhaço, pra carregar os caminhões... é muito ruim, meu irmão.

Primeiro emprego é difícil. Se o cara não tem experiência como é que vai adquirir?

Na verdade mesmo a profissão que gostaria mesmo era seguir a carreira do meu pai no trabalho ...! Agora o que eu queria mesmo era ser jogador de futebol. Mas nessa idade não tenho mais oportunidade não.

Minha irmã trabalha e tudo é dividido entre eles dois porque os dois trabalham, quando chega o final do ano no período de festa um compra o sapato e o outro, só roupa. Tudo é dividido, tudo.

O meu irmão não administrou direito o dinheiro que ele recebeu, ele foi comprar outras coisas, churrasqueira e não o que tava precisando, ela trabalha e ele desperdiça.

Muitas não tem coragem de trabalhar, não é? Porque eu tenho uma amiga mesmo que não tem coragem de trabalhar, tudo bem que emprego está difícil... Não tem essa coragem e acabou voltando para o marido.

Esses empregos todos não pedem grau de escolaridade, pede experiência, isso é o que a gente não tem.

Meu irmão tava estudando para terminar o primeiro grau, com 19 anos, só que ele tem o curso do SENAC de electricista, o cara perguntou "tem curso", "tenho com diploma", tem carteira de motorista, tenho você tem tudo, perguntou o grau dele ele disse primeiro grau então não serve só com o segundo grau.

Eu lembro uma amiga que foi para os EUA, é *baby sitter* e ganha 300 reais por semana, ela ganha bem e disse se eu quiser ir só é arrumar a passagem de ida e concluir o 2º grau, vai ser muito bom. Ela arranja casa e alimentação, ela disse se eu trabalhar lá eu guardo o dinheiro e faço faculdade aqui

Mas porque você chega num lugar e ela diz "tem experiência" e você diz, mas nunca me deram uma chance, todo canto que eu vou pede experiência... como é que você vai adquirir essa experiência se você nunca trabalhou em lugar nenhum, é difícil.

POUCAS OPÇÕES E TRABALHO MASCULINO E FEMININO

PARA RAPAZES...

O jovem fica na rua sem fazer nada conversando merda - desculpa a palavra; deveria ser assim de manhã fazer um curso, de tarde vai para a escola "cabeça vazia só vê besteira "às vezes fuma maconha, usa drogas.

Até mesmo essa falta de ocupação leva à violência sexual, não é? No caso ele tem tendência a isso de pensar coisas erradas não tem o que fazer, responsabilidade, só pensa em sexo, sexo; a menina não quer aí parte para a violência; a falta de ocupação tende a isso.

Às vezes dá vontade de vestir uma saia e botar uma peruca. Se uma mulher chega procurando emprego ela é bem recebida. Se tiver aquela aparência ela ocupa o cargo de um homem. Bateu no portão, tem vaga? O cabra: "é assaltante, chama a polícia." Nós homens somos muito discriminados, além de desempregados... a mulher não: às vezes não tem nem estudo, não tem nem preparação, mas tem um rostinho bonito...

O corpinho ali... é recepcionista, é promovida. Pode ser tanta coisa... nós não temos isso. Depois que a mulher de uma forma geral entrou no mercado de trabalho a situação ficou muito feia. É por isso que o número de homossexual está aumentando, pra ver se consegue uma vaga.

Difícilmente você vai encontrar um homem fazendo um curso de cabeleireiro. O mercado de trabalho da mulher está aumentando a cada dia. Você quer vender um xampu, bota uma mulher conversando com outra mulher, tem mais facilidade de vender. O que é que um homem vai falar de um xampu pra ela?

E PARA MOÇAS...

Eu acho que o que falta no Ibura é isso, não tem uma praça para as pessoas sentarem, Falta quadra de esporte para as pessoas jogarem, a única coisa boa que eu gosto é o sossego não tem barulho.

Tem uma fábrica de cenoura. cebola batata e alho, supermercado e frevo, sempre eles estão pegando homens, é carregar peso, faxina e tudo fazem é difícil para a mulher arrumar emprego.

O mais fácil que a gente tem é assim, vendedora, recepcionista, telefonista.

Uma menina vai pegar na frevo o emprego de embaladora na Frevo, por isso que é bom ter o curso de embalagem, por isso que o curso é bom, para aprender a fazer todo tipo de embrulho.

Eu acho assim se a mulher estuda, porque hoje em dia o homem arruma emprego facilmente sem estudar, a mulher tem que estudar, geralmente ter o primeiro grau, acho que trabalho aparece pros dois, mas pra gente mesmo é difícil, é mais pra homem, o homem é mais (*inaudível*) que a mulher, a mulher é um bicho frágil, sempre em todo emprego tem esse negócio de machismo que a mulher não pôde fazer isso nem aquilo.

E principalmente aquelas firmas que tão abrindo agora, é carga e geralmente é mais homem por que é só carregar peso, ferramentas essas coisas aí a mulher sempre está de fora.

O único emprego que está aceitando homem e mulher são o corte da cana.

A SEGURANÇA E A POLÍCIA

PARA RAPAZES...

A polícia quando vai lá é pra decidir. Um dia desses meteu o pau num cara lá, prendeu o cara, deu um cacete bom...

Toda a experiência que o cara tem com a polícia é desastrosa. Ele toma seu dinheiro.

O pior já está acontecendo lá no Ibura: é a população desacreditar na polícia. ... Já tivemos problemas lá, com bandidos e... uns amigos meus foram lá em casa e quiseram escutar um som mais alto e um camarada emacanhado achou que meu amigo, que tava me visitando, tava paquerando a namorada dele... Entrou na minha casa com arma, com doze... foi aí que chamaram a polícia... a polícia: além de chegar muito tarde, não resolve nada. E até parece que a vítima é o culpado. Então a população desacredita na polícia, tanto na civil quanto na militar.

Difícilmente passa polícia, e a polícia lá, quando vem lá, principalmente em comunidade humilde, eles tiram todo mundo como marginal. Chegam pronto bater. Às vezes o cara é trabalhador, tudinho, mas eles não querem saber.

Eles não têm modo de tratar a gente de lá na área. ... chegou já com ignorância, com arma na mão: "encosta, encosta". Demorou um pouco pra gente encostar na parede, já chegou dando, batendo. Bate mesmo. E quem é doido se meter com polícia... apanhou, fica apanhado mesmo na frente dos amigos lá, dos colegas, porque não pode fazer nada. Acaba você se revoltando e virando assassino por causa disso.

Muitas vezes eu já vi que a gente bate bola ali no campo (...) cheguei a ver policial da civil chegar com um cara que está preso atualmente, chegar assim e entregar uma caixa de bala a ele.

E PARA MOÇAS...

Hoje em dia esses policiais são os primeiros safados, prende um aqui que em vez de levar para delegacia, leva pra um lugar deserto e mata logo.

A gente liga quando está acontecendo uma briga para 190, a gente liga se for esperar depois de 1 hora e meia, entra lá no carro e nem para e também no lugar que só tem bandido a polícia passa com a sirene quem é que vai ficar.

Tenho um amigo que tava vindo de uma festa quando chegou na avenida nova e o policial parou o carro dele e mandou ele se levantar. Só que tinha testemunha no carro dele. Ele estava com o pai dele que é evangélico, o tio dele tudo documentado e na hora da revista, o policial botou maconha no bolso dele, e disse que ele era safado, ele disse "eu não, isso não é meu não", o pai dele "meu filho não é de fazer isso", o pai dele começou a orar e é o policial que hoje em dia influencia para ter mais bandidos, está entendendo?

As pessoas têm feito isso ultimamente porque não tem segurança, policiamento, nada, as pessoas tem se isolado, nós mesmos vivemos na prisão, tem se isolado.

É cadeado, cachorro, muro alto isso não resolve de nada.

A VIOLÊNCIA NO BAIRRO

PARA RAPAZES...

A questão da violência e segurança, eu acho que a segurança é precária, é o que eu vejo lá. Nós não temos condições de chegar determinada hora lá, à vontade, isso é coisa do passado. Ainda lembro o tempo que minha mãe sentava na calçada com as minhas irmãs e tal, ficava até meia noite conversando, assim bem à vontade...

Vê só, quanto à violência, o que a gente pode fazer individualmente é não andar armado e não arrumar confusão. Mais do que isso é transformar nossa casa numa delegacia e botar grade. Quem fica preso é a gente e os bandidos ficam soltos. É o que a gente pode fazer

- Eu garanto a tu: se o armamento acabasse, acabava com a violência.

E PARA MOÇAS...

Teve um pai de família que eu assisti o repórter na semana passada, aí o pai do menino foi preso porque pegaram ele roubando 2 bolsas de leite no supermercado, mas porque ele explicou, foi arrumar emprego e dizem "não, não tem" e ele disse que o que pode fazer foi roubar. O neném chorando com fome.

Violência no Ibura é bastante grande, bastante mesmo, é mais roubo, a gente morando aqui 2 casas depois tem casa de marginal, a noite ele entra na sua casa para roubar, dentro do próprio bairro, gente que nasceu, brincou com a gente quando era criança e hoje em dia e tá ali para roubar a gente, que com o suor o pouco que a gente tem levar.

Não quando já nasce assim, mas só que hoje em dia na comunidade principalmente na classe média só a violência a maior por causa disso, do desemprego, falta dos cursos e estudos e por falta de policiamento.

DROGAS

PARA RAPAZES...

Meu pai também, assim aquela situação eu tinha tido um irmão que morreu, meu avô morreu, eu fiquei pirado... cheguei a vender maconha, a vender droga também.

Muita droga de pobre, mas rola, não é! maconha... cola... rupinol, não é! Artane e maconha. É pó, quando o cabra rouba, mete uma parada aí arruma dinheiro, cocaína é droga pra rico, não é! ... é caro.

Eu cheguei a conhecer um rapaz que ele falou que cheirava cola pra tirar a fome, porque cheirar cola não dá fome não.

Tinha um amigo meu que comprava rupinol, pra quando sair com as meninas, quando elas começam a beber ele bota assim no copo... quando o cara toma rupinol, se ele botar na cabeça dele que vai roubar ele rouba mesmo...

Conheci um cara que dizia que essa estória de fumar maconha pra roubar não existe não e eu não acredito nisso não. O cara que fuma maconha, ele faz se ele quiser, que a maconha não dá esse incentivo todo não.

- Mas rupinol esses bagulhos é um horror, visse? É um horror!

O chá de cogumelo o cara tem que tomar ainda como a sobremesa do café. Aí se o cara tomar o cara pira mesmo, de ver coisa que é alucinógeno, está ligado?

O Ibura já é famoso por causa da violência, E a violência é também por causa da droga... têm uns jovens que se drogam lá e matam bem mais cedo. Morrem bem mais cedo lá, os jovens. Porque não conseguem mais sustentar o vício... às vezes o pai é alcoólatra, a mãe ainda dá a molesta, passa o dia fora, o pai passa o dia bêbado, aí o cara começa a fumar maconha, usar drogas...

E PARA MOÇAS...

Ali pelos milagres tem bastante, a bocada mesmo é lá

É fácil na esquina é um real a maconha, qualquer esquina encontra, no UR - 1

Antigamente, em frente a minha casa era uma boca de fumo, eram jovens do bairro e a gente via comprando e a gente nem sabia que eles tomavam drogas, a gente via comprando ficava meio assim, não é? "poxa a gente nem sabia que esse menino usava droga e agora a comprando e vinha em outros lugares comprar também e por causa disso muitos jovens viviam ali começaram a usar porque tinha o mercado perto, a maioria dos meus amigos de infância são conhecidos como maconheiros, porque tava fumando drogas tanto é que um deles já morreu em frente a minha casa, agora está mais calmo, não tem mais boca de fumo e os mais perigosos já saíram de lá, a maior parte foram assassinados e esse é o resultado das drogas é esse.

ÁLCOOL

PARA RAPAZES...

Ali perto da minha casa, a droga principal é o álcool - muita gente pensa que droga é só maconha; porque ele é permitido, sai até em propaganda; o cigarro, agora é que foram acordar para o cigarro entendeu? Estão fazendo até propaganda contra o cigarro; mas o Álcool não, o Álcool de um modo geral: a cachaça, a cerveja, etc. Então meu pai é bem parecido com o pai dele, bem parecido; o que ele bebe é o suficiente para deixá-lo bem embriagado; de vez em quando ele está no hospital internado.

A agressão que eu mais convivo com ela, da minha vizinhança é o álcool; por isso é liberado, é só você ali pagar, não tem questão de idade, você pega uma garrafa de pitú, toma e acontecem as conseqüências; tem um pai que é viciado, que se eu fosse depender da educação do meu pai eu não seria o que eu sou hoje, ou seja, uma pessoa, eu sou uma pessoa sóbria, eu sou uma pessoa que tenho um objetivo na vida, eu sou uma pessoa que quero crescer.

Agora meu pai, ele bebe, quando chega em casa bebo, não faz nada. Vai se embora dormir. Passa o dia todinho dormindo. Acorda no outro dia, aí vai beber novamente...

Não é que meu pai seja ruim não, está entendendo? Meu pai é bom, agora está difícil por causa do álcool, meu camarada! Ele bebe muito; quando começa, não quer trabalhar, sabe? Ele se acorda de cinco horas da manhã, para beber, cara;... Eu não sei conversar com meu pai; sabe quando eu conversei com meu pai? Quando tem um jogo de futebol, a gente comentando sobre jogo. Eu queria abraçar meu pai, beijar meu pai, mas eu não consigo não, cara! Ele está tão próximo e tão distante

E PARA MOÇAS...

Na minha casa o meu irmão é super violento, já colocou faca na minha barriga, eu botei na dele, eu não tenho nem um pouco medo dele, chegou em casa bêbado brigou com mãe e botou todo mundo pra correr e no fim veio botar a uma 12 na minha cabeça e eu não tenho medo dele, acho que ele fez com os amigos dele. Era um ferro, acho que por isso eu não tive medo, pensei que fosse um ferro e eu o desafiei com faca, só que eu não tenho medo não e aí eu telefonei para a polícia e nada de vir, ele passou uma semana com a porta fechada porque eu disse que se ele fizesse alguma coisa comigo ou com minha mãe, quando ele dormisse eu ia colocar fogo no quarto dele, e se ele matasse meu pai ou minha mãe eu o matava. As coisas que eu tenho mais importantes na minha vida, tem uma vez só. Perdeu, acabou-se. Aí foi assim se ele fizesse alguma coisa eu fazia com ele.

Esse meu irmão só é macho dentro de casa, na rua é um frouxo, se ele levar um murro chega em casa chorando, 27 anos e é assim. Em casa é machão, e fora parece uma moça. Eu tenho outro que só é paz e amor, já esse não é cachaceiro.

VIOLÊNCIA SEXUAL

PARA RAPAZES...

Acontece, não é? Tem aquela menina que fica com aqueles caras na rua; aquela menina já foi taxada- desculpa a palavra, de puta. Assim, claro a menina "eu vou sair contigo hoje" a menina não vai; "vou ficar contigo hoje" a menina não vai; aí dá um bote em cima da menina, tem relação com uma menina - ali não foi estupro não.

Tem uma menina lá perto de casa, dois caras pegaram ela, é tudo desocupado.

Isso é uma violência, é uma violência sim, você passa por uma banca de revistas encontra um pôster do tamanho de uma pessoa de mulher nua, isso é violência? E você passa por um *outdoor* de mulher nua, assiste a um filme, assiste a uma novela vê o mesmo problema; então é violência

Aconteceu lá de dez horas da noite, uma menina chegou do trabalho, e passou lá. A turma pegou ela e estupro.

Quem deu jeito lá não foi nem a polícia. Foi os caras de lá mesmo. Teve um mesmo que teve a morte muito feia... (Estupro)

E PARA MOÇAS...

Esse negócio de estupro no Ibura é surto, tem hora que está que está e tem hora que para.

Teve uma época também que eu parei de ir para o colégio. Porque tinha um tarado do lado da Frevo. Eu já andava com o tamanco na mão porque qualquer coisa eu ia correr. Às vezes mandava as meninas levar meu caderno que moram perto do colégio para eu poder correr rápido, passei um bocado de tempo sem ir para o colégio por causa disso, com medo.

Você tem medo mesmo, teve uma menina que estava em frente casa com uns amigos e porque ele tava armado pegou ela e levou, e todo mundo viu e não pôde fazer nada, levou ela e estupro ela e deixou ela, lá.

Eu tenho uma colega que ia para o pagode do SESI, e sempre paquerava um rapaz e não tinha coragem de ficar com ele, até que um dia eles ficaram, foram para o muro da Frevo e ele queria avançar o sinal, ficou com medo e foi embora e ele falou "aonde eu encontrar você vou terminar o que eu comecei". Ela pegou, fez "ah, você não vai me encontrar nunca" aí quando foi de uns dois meses pra cá, se encontrou com ela 2 vezes dentro do ônibus e disse que ia pegá-la; ela deu parte na polícia e o policial disse que ela deu liberdade que não podia fazer nada. Outro dia se encontraram no pagode, ela com namorado ele queria dar nele e foram para a delegacia e tudo. Ela pegou ficou com medo que ele tava andando armado direto e ele gravou a cara do namorado e disse que a qualquer hora ia matar. Ela ficou com medo, deixou o namorado, tudo e foi para São Paulo e não quer mais voltar.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E VIOLÊNCIA SEXUAL

PARA RAPAZES...

Tem um cara lá que toda vez que chega bebo mete o cacete na mulher... "não, porque ela falou não sei o que, cheguei arretado. Dei um monte de lapada na mulher".

É bom ter um cara pra dar nele também. Chegar assim: "espera aí, que eu vou dar em tu agora". isso é falta de gaia, porque se eu fosse ela metia uma gaia nesse cara. A mulher direitinha, o cara chega bêbado, vem fazer isso! A mulher não é safada e ele mete o cacete nela sem ter nada a ver.

Fica difícil inclusive pra denunciar um caso desses, porque a gente sabe muito bem que a gente vai numa delegacia pra dar uma queixa entregá-lo e o camarada fica solto. Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher. Aí brigaram hoje, amanhã ta tudo bem, agora você que denunciou, tome cuidado pra ele não lhe pegar depois...

A mulher, pode acreditar, a mulher agride o marido dentro de casa, vai pra delegacia, culpam logo o marido, não perguntam nem por quê?

É que nem eu falei ontem... um cara que era o padrasto da menina, que eu não sei se pegou a força, ou se ela quis. Ela tinha treze anos, está grávida e não teve menino ainda... quer dizer já teve menino já.

E PARA MOÇAS...

Eu acho assim que a pessoa não se separar do marido levando pau só se for com muito amor, eu não sei não, eu não agüentaria isso não.

Minha mãe é muito agressiva. Não estou falando com ela faz 5 meses por causa de um namorado que ela tinha. Cheguei do colégio, a casa tava cheia de homens. Fui para o meu quarto, e não podia trocar de roupa, pois o meu quarto não tem porta e fiquei de calça comprida com a blusa do colégio e nem podia nem trocar de roupa. Se muito tinha 2 amigas dela e o resto colega dela, cheguei 10 de manhã era já 3 da manhã, morrendo de fome eu e minha irmã, e não podia ir pra cozinha porque estavam todos bebendo.

Eu não agüentei mais e desliguei o som e mandei todo mundo ir embora. E ela disse "é essa educação que te dei?" e bateu em mim, e ela puxando os cabelos da minha irmã e minha irmã dela. Depois foi levar os machos pra a parada e quando voltou, eu estava conversando com minha irmã e ela começou dando pau e eu comecei a rir e ela ficou com raiva e ela "é assim que vocês me respeitam, vocês são umas cachorras"... Fui tentar falar com ela e ela disse que ia para o inferno e não falava comigo. Chegou ao ponto de apontar a faca para mim, e disse que ia colocar veneno na minha comida e por isso espero todo mundo comer para depois eu comer. Ela não vai com a minha cara desde pequena. Quem me criou foi minha avó.

Na minha casa meu pai é assim, ele bebia e batia na minha mãe e presenciamos tudo, agora ele não bebe e ninguém permite que ele faça mais isso, até porque os filhos já estão grandes. Hoje, a agressão dele é mais verbal, e grita muito. Todo mundo lá em casa baixa a cabeça pra ele quando é algo que ele não gosta. Se fizer besteira põe pra fora de casa. Então, de certa forma, todo mundo tem medo dele

ESTUDO, FORMAÇÃO E A COMUNIDADE

PARA RAPAZES...

Hoje em dia não se arruma emprego nenhum se não tiver pelo menos o primeiro grau... é no mínimo primeiro e segundo grau.

Rapaz... se é dentro do lar, é educação. Investir muito na educação. Os pais pensam que só tem direito a escola os filhos, e não querem estudar. Os programas educativos... ué! A televisão, a mídia também influencia muito nisso. Eu tava até falando a semana passada... a mídia influencia. Se tivesse pelo menos mais programas que promovessem a família, a união familiar, promoveria mais paz no lar. As porcarias que aparecem aí hoje são pra destruir o lar.

O líder comunitário tem trabalhado arrastando os jovens, uns tendo aula de capoeira - que é um esporte, arte marcial - também é um esporte, às vezes é uma faca de dois gumes também, mas é um esporte; de maneira que os jovens deixam de estar na rua para participar de um grupo para treinar algo.

Eu achava também interessante que fizesse assim, no Centro Social Urbano, porque eu onde moro, fazer esse tipo de reunião para conversar sobre essas coisas, não é? Com jovens, com os pais, para mim seria interessante porque no Centro Social Urbano pudesse fazer alguma coisa, está precisando muito lá.

Na Associação dos Moradores, existem essas reuniões sim; mas para atrair a atenção do jovem, dê alguma coisa para ele fazer, dê uma bola, um futebol; faça um piquenique conquiste a confiança esse jovem e comece a ensiná-lo, mas se eu disser: "hoje vamos ter cinco horas de aula sobre educação sexual" quantas pessoas vão? Mas se é "vamos jogar bola..."

E PARA MOÇAS...

Eu fiz 4 cursos de graça no Ipsep no centro integrativo: saúde e educação profissionalizante, curso de corte e costura, arte e embalagem com diploma, cabeleireiro e música, mas sem diploma porque só fiz 1 ano.

Consegui um curso de computação, pizzaria, que aprendia a fazer pizza, lasanha. Nesses cursos, muitos estão trabalhando em *shopping* com carteira assinada e também receberam dinheiro.

Quem faz é o clube de mães, aparece o curso de informática, corte e costura, cabelo, pastelaria, confeitaria. De vez em quando, aparecem vários cursos.

Realmente, seria bom esses cursos profissionalizantes com direito a estágio, queria muito que tivesse curso de enfermagem

Quero fazer vestibular e os cursinhos são horríveis, quase não tem aula. Era para ter cursinho bom, mas não tem.

Na minha família 40% quer fazer vestibular e o resto só quer concluir o 2º grau. Eu penso alto que eu quero crescer muito na vida. Eu já não tenho nada vou pensar baixo, quero ter tudo.

São poucos que conseguem e têm que trabalhar e estudar a noite.

Para quem faz cursinho pago, com certeza tem mais chances, mas quem? Não adianta os professores não puxam pela gente. Por isso, muitos não fazem vestibular, não fazem com que a gente se empolgue. Na minha sala, tinha 73 pessoas, hoje tem 30, fica difícil. Na sexta feira, já não iam para a escola, iam se divertir, eles queriam brincar na sala de aula.

A COOPERAÇÃO E A LIDERANÇA NO BAIRRO PARA RAPAZES... E PARA MOÇAS...

Presidente trabalha mais com a juventude, pra fazer com que a juventude convida todos os moradores pra uma reunião hoje à noite. Vai? Ninguém! Não vai ninguém não.

Ninguém vem não. Agora se colocar se ocupe com alguma coisa e se distrair... pra tirar a pessoa da rua mesmo

O que eles precisam mais é de apoio, tanto da comunidade, como do próprio... prefeitura,

Aí brigaram, brigaram pra asfaltar. O que foi que asfaltaram da rua, acho que foi uns dez metros de rua que asfaltaram, o resto tudo é terra. E hoje está escrito lá... De vez em quando passa um carro de som lá: a associação ali um grupo de pagode, sambabaca, cantando todo mundo vai, mas se é uma reunião pro próprio benefício da comunidade, ninguém quer não. Aí as pessoas ficam reclamando.

Uma das coisas que beneficiou muito o bairro foram os telefones da Telemar, mas a própria marginalidade quebra.

O que eu vejo, os líderes até tentam, fazer alguma coisa, mas faltam recursos. Assim... eles não podem fazer muito! No caso das ruas, não são calçadas, saneamento, isso aí. Não cabe ao líder comunitário... deveria procurar o vereador que tem como reduto aquela área, que usou aquela área pra se eleger que eu não sei qual é o do Ibura.

Essa idéia de reunir as comunidades? É uma boa. Cada um tem uma idéia diferente, né! Pra falar pro outro, pra ajudar. "Eu faço isso na minha assim!".

As lideranças poderiam ajudar a trazer mais cursos profissionalizantes que é pra gente...

Se não fosse ele, a gente não tinha nem linha de ônibus... porque tinha que ir andando, lá para avenida Dois Rios, ele lutou e consegui a linha, fez a canaleta... era lama pura sempre que chovia.

Consegue muitos recursos, consegue curso de computação grátis para jovens, palestras na área de saúde, sobre drogas, curso de pizzaria, enxoval para mulheres grávidas grátis, óculos, essas coisas assim, o trabalho dele é muito rico as pessoas procuram muito ele para tirar um documento,

Os líderes comunitários só conseguem alguma coisa na época da eleição.

Um tem escolinha para criança e judô, e outra associação tem clube de mães. Ali é bom, tem cursos, mas coisa boa mesma para as pessoas não vejo, eu vejo é um lutando com o outro, não vejo fazer nada pela comunidade.

A população quase não vai. Também a comunidade não se interessa muito não.

No clube de mães tem muitas reuniões e muita gente vai, dependendo do que seja a reunião lá muita gente vai.

Teve uma parte em que houve eleição para delegado do bairro que é ser líder do bairro em geral. As pessoas que se candidataram para ser delegado do bairro, se todos se juntassem e pedissem a mesma coisa iam conseguir, mas, outro pede uma, outro pede outra coisa, não existe união dos líderes, vejo cada um individualmente apoiando seu trabalho e um político diferente, por que se aparece um só é difícil.

Não adianta colocar uma pessoa leiga na liderança que não sabe o que fazer, como reivindicar, fazer nada, tem que ser uma pessoa que saiba lutar pelo que quer.

ANEXO C

O FAGES ENTRE OS MORADORES DO BAIRRO DO IBURA⁴³

Parry Scott

Marion Teodósio de Quadros

Em 1995, o Núcleo FAGES, com comprovada experiência em pesquisas sobre a periferia urbana e saúde, montou uma equipe de pesquisadores para responder a uma indagação sobre o que se fazia para resolver problemas de saúde neste enorme bairro do Recife. A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) estava elaborando detalhes de um convênio com a *Japanese International Cooperation Agency* (JICA) que resultaria na formação do Núcleo de Saúde Pública (NUSP), para o qual o conhecimento e a experiência de antropólogos pesquisadores sobre problemas específicos em comunidades eram desejáveis. Foi desta experiência que nasceu uma relação com pessoas e organizações do bairro que já soma uma dúzia de anos e tem muitas ramificações.

No primeiro trabalho de pesquisa, uma “Avaliação Social e Cultural de Saúde no Ibura”, percorreu-se uma multiplicidade de locais numa busca de uma relativa representatividade para a área. Estes locais se denominavam de formas muito diversas e tinham histórias muito diferentes entre si, tornando absolutamente inevitáveis à nossa percepção que o respeito à diversidade era a *questão fundamental* para o bairro. Neste período, selamos amizades e compromissos em muitas comunidades e com muitas

⁴³ Esta síntese da interação entre as equipes do Núcleo de FAGES e os moradores do Ibura foi publicada na íntegra, junto a outras duas sínteses das populações rurais e indígenas, no livro *Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas*, organizado por Parry Scott, Renato Athias e Marion Teodósio de Quadros, publicado pela editora universitária da UFPE em 2007.

organizações que as representavam ou que cooperavam com elas. Ao mesmo tempo, tivemos o privilégio de um diálogo intenso com os administradores de serviços de saúde da cidade do Recife, através da interação com profissionais do Distrito Sanitário VI, onde o Ibura se insere como “mais carente” que as outras duas subáreas do distrito, IPSEP e Boa Viagem. Os assuntos pesquisados pela equipe compõem os capítulos do livro *Saúde e Pobreza no Recife: Gênero, Geração e Representações de Doenças no bairro do Ibura*, publicado pela Editora Universitária. No livro, é possível identificar alguns dos caminhos trilhados: as histórias de cada comunidade, a organização dos serviços de saúde, o papel fundamental das mulheres na vida comunitária, as perspectivas divergentes de jovens e de gerações de mais idade, entrecruzaram-se com a fome, as doenças diarreicas, e neurológicas, a hipertensão, a violência sexual, problemas que as estatísticas e as conversas mostraram ter importância local no campo de saúde. Para lidar com estes e outros problemas, profissionais e agentes de saúde de programas governamentais ofereciam algumas soluções, portadores de conhecimentos sobre remédios populares ofereciam outras, grupos religiosos, outros, e assim por diante. Mais uma vez, a diversidade se impunha.

A nossa relação com o bairro tomou um caminho parecido. Com o livro feito, fomos convidados a participar da formação de uma mal-fadada comissão regional de saúde criada no âmbito das associações de moradores e sujeita a processos de fragmentação; filmamos contextos que observamos como relevantes e produzimos um vídeo com o título “Em Busca de Saúde”, entregue as associações e discutida com elas; em estreita colaboração com associações e lideranças comunitárias e com o apoio do distrito sanitário, realizamos duas feiras de saúde cujas pautas foram idealizadas para valorizar a diversidade de ações de várias comunidades do bairro, ONGs e organizações governamentais. Documentamos estas feiras e elaboramos um folheto ampliado de instruções sobre como realizar uma feira de saúde para estimular iniciativas próprias. Também aproveitamos

a oportunidade e experiência no bairro para inserirmos nos trabalhos de capacitação do Programa de Saúde da Família, em plena expansão em todo o Estado de Pernambuco, com destaque especial na cidade do Recife, que tinha muitas equipes funcionando no Ibura. Com o apoio do CNPq, elaboramos uma pesquisa comparativa sobre *Reprodução, Sexualidade e Programas de Saúde em Grupos Sociais Diferentes*, expandindo o nosso trabalho para o Agreste e o Sertão do Estado. Nossa inserção no Agreste se deveu ao NUSP, que desenvolvia um trabalho na Cidade de Brejo da Madre de Deus e com quem continuamos colaborando. No sertão, incorporamos um trabalho com os Índios Pankararú, em Petrolândia, local onde já havíamos realizado pesquisa com os agricultores reassentados devido à construção da Barragem de Itaparica. Neste trabalho, que repetia a nossa predileção para assuntos relacionados com gênero e geração, não houve oportunidade de promover a interação das populações das diferentes áreas pesquisadas. Foram os pesquisadores associados ao FAGES que aproveitaram para se sensibilizar sobre a importância da diversidade, e terminaram por encontrar uma oportunidade concreta de intensificar (chamamos de expandir e consolidar) o trabalho sobre saúde reprodutiva em cada local com o apoio da Fundação Ford, com a pesquisa-ação *Estilos Reprodutivos Masculinos e Femininos e Organizações Representativas*. Ao mesmo tempo, neste trabalho haveria possibilidade de promover contatos e interação entre alguns dos grupos sociais bem como aproveitar a colaboração direta e indireta, com outros grupos interessados em gênero, com realce específico para o Instituto PAPAI, o Centro de Mulheres do Cabo e o SOS Corpo. Também incluímos na proposta, a oportunidade de contato mais estreito de organizações representativas e do FAGES com planejadores, administradores e executores de políticas de saúde.

A própria proximidade do bairro do Ibura à universidade (dez minutos de carro), e as freqüentes oportunidades de interação provenientes da nossa prática de cooperação com os

moradores, permitiu que, com a coordenação e/ou orientação do Parry Scott, realizássemos muitas pesquisas e ações individuais e coletivas no bairro, antes e durante o apoio da Fundação Ford. Pesquisas sobre as estratégias familiares de resolução de problemas de saúde; sobre o controle social no conselho municipal de saúde (Cynthia Silva); sobre o envolvimento nas conferências municipais de saúde (Brenna Leite, Cynthia Silva), sobre o alcoolismo (Joaquim Izidro Nascimento); sobre a inserção de jovens e de idosos em programas de saúde e em redes de sociabilidade no bairro (Jonhny Cantarelli, Dayse Amâncio Santos, Wanda Lage, Paula Santana); sobre planejamento familiar (Viviane Xavier), sobre a mídia e a sexualidade (Maíra Honorato) sobre adesão religiosa, família e sexualidade (Márcia Couto); sobre masculinidade e participação em contracepção (Marion Teodósio de Quadros); sobre socialização de gênero e brincadeiras infantis (Valdonilson Barbosa dos Santos); sobre chefia feminina e liderança comunitária (Mary Mendes); sobre religião e saúde mental (equipe de profissionais especializando em PSF); sobre avaliações dos novos Programas de Saúde da Família (outra equipe de profissionais especializando em PSF); sobre mortalidade infantil (equipe de oito profissionais e uma doutoranda); sobre gravidez na adolescência (outra equipe de profissionais, especializando em PSF); sobre analfabetismo feminino (Maria Cecília Patrício, Marcelo Miranda); sobre o tratamento de gênero nos programas de saúde da família (equipe do FAGES, do SOS Corpo e da USP, com pesquisa de campo de Dayse Amâncio Santos); e realização de feiras de saúde (boa parte do Núcleo FAGES), etc. Foram trabalhos de iniciação científica, monografias de especialização, dissertações de mestrado, teses de doutoramento, e pesquisas que visavam a contribuir diretamente para a formulação de políticas governamentais e ações práticas em benefício da população.

O reforço ao nosso trabalho foi múltiplo e diverso: grupos de discussão com homens, mulheres, jovens e idosos foram realizados; os relatórios de distritos sanitários e as estatísticas

disponíveis permitiram a identificação de problemas-chave na área de Saúde no Ibura; grupos de jovens receberam estímulos adicionais através de oficinas para se inserirem em movimentos e iniciativas promotoras de cidadania jovem, uma forte vertente de organização que já encontramos no bairro, nos contatos mais intensos proporcionados pela própria pesquisa; os contatos que lideranças e alguns moradores do Ibura tiveram com agricultores e indígenas do Sertão e com administradores e especialistas em saúde abriram novos caminhos de cooperação nas questões de saúde; a interação com lideranças, nos permitiu compreender caminhos diferentes e processos de formação e fragmentação de organizações representativas; documentos escritos formaram um acervo para reivindicar e para planejar; algumas ações desenvolvidas pela equipe de pesquisa ou pelas próprias organizações representativas e movimentos do bairro contaram com o uso de material didático que apresenta as idéias dos moradores sobre os temas pesquisados; laços de amizade e confiança se formaram e outros se firmaram.

Assim, a relação com as variadas comunidades do Ibura nos proporcionou e nos permite dar continuidade a compromissos que construímos com tais comunidades, enquanto pesquisadores do FAGES, estimulados pela vontade de cooperar para a melhoria da qualidade de vida no bairro e atentos para as ações que possam beneficiá-lo, respeitando a diversidade, reforçando a autonomia e procurando visibilizar as importantes iniciativas destes moradores da periferia urbana.

Sobre os autores

Brena de Aguiar Leite. Graduada em Psicologia, Mestranda em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco. Foi bolsista de iniciação científica. Pesquisa na área de Gênero e Saúde.
E.mail: brenaleite@yahoo.com.br

Dayse Amâncio dos Santos. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE. Possui Graduação em Ciências Sociais (2002) e Mestrado em Antropologia (2005) pela mesma universidade. Pesquisa na área de gênero, saúde e família.
E.mail: dayse_amancio@hotmail.com

Joaquim Izidro do Nascimento Júnior. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (2008). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana. Foi bolsista de iniciação científica.
E.mail: izidrojr@yahoo.com.br

Jonhny Rosemberg Rocha Cantarelli. É antropólogo, analista em reforma e desenvolvimento agrário, no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, SR-03, Recife. Possui graduação em Ciências Sociais, com ênfase em sociologia rural, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2002) e mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2004). Tem experiência na área de Antropologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Família, Gênero, Saúde, campesinato, etnicidade, antropologia aplicada.
E.mail: jonhny.cantarelli@rce.incr.gov.br

Maíra Honorato Marques de Santana. Graduada em Ciências Sociais (2008) pela Universidade Federal de Pernambuco. Possui formação na área de Antropologia. Foi bolsista de Iniciação Científica.
E.mail: mairahms@yahoo.com.br

Márcia Reis Longhi. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2008). Pesquisadora do Núcleo Família, Gênero e Sexualidade (FAGES). Trabalha com temáticas como família, gênero, juventude entre camadas de baixa renda.
E-mail: mlonghi@terra.com.br

Márcia Thereza Couto Falcão. Professora Adjunto II da Universidade Federal de São Paulo, Departamento Saúde, Educação e Sociedade. Está credenciada no Programa de Pós-Graduação em Medicina Preventiva da Universidade de São Paulo e no Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde (UNIFESP).

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (1992), mestrado em Antropologia (1996) e doutorado em Sociologia (2001) pela mesma universidade. Fez Pós-doutoramento em Saúde Coletiva na Universidade de São Paulo (2004). Tem experiência nas áreas de Antropologia e Saúde Coletiva, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, masculinidades, família, violência, aspectos sócio-culturais da saúde e doença, e religiosidades populares.
E.mail: marthecouto@yahoo.com.br

Marion Teodósio de Quadros. Professora de Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, onde cursou a graduação em Ciências Sociais (1990), mestrado em Antropologia (1996) e doutorado em Sociologia (2004). É pesquisadora do FAGES (Grupo de Pesquisa em Família, Gênero e Sexualidade) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Coordenadora do GEIN (Grupo de Pesquisa em Gênero, educação e inclusão social) do Núcleo de Formação Docente do Centro Acadêmico do Agreste. Tem publicações e desenvolve pesquisas sobre Família e Gênero, dando atenção especial para saúde reprodutiva, masculinidade e sexualidade.
E.mail: marionteodosio@yahoo.com

Marta Regueira Teodósio. Professora Titular de Clínica Médica (aposentada) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), líder de Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq e coordena Projetos de Pesquisa e de Extensão. Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco (1973), mestrado em Medicina (Nefrologia) pela Universidade Federal de São Paulo (1988) e doutorado em Medicina (Nefrologia) pela Universidade Federal de São Paulo (1990). Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Clínica Médica, Promoção da Saúde e Nutrição, atuando principalmente nos seguintes temas: hipertensão arterial em grupos especiais, infecção do trato urinário, distúrbios metabólicos, calcose renal e doenças crônicas não transmissíveis.
E.mail: teodosiomarta@terra.com.br

Mary Alves Mendes. Professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais, coordenadora do curso de Ciências Sociais e coordenadora administrativa do Núcleo de Estudos da Contemporaneidade, da Universidade Federal do Piauí e do Núcleo de Estudos da Família, Gênero e Sexualidade - FAGES/UFPE. Possui graduação em Ciências Sociais (Bacharelado (1995) e Licenciatura (1997)) pela Universidade Federal do Piauí (1995), graduação em Ciências, habilitação Biologia (licenciatura plena), pela Universidade Federal do Piauí (1990), mestrado em Sociologia (2000) e doutorado em Sociologia (2005) pela Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Ciências Sociais, com ênfase em Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero e movimentos sociais; gênero e trabalho; gênero e pobreza; gênero e violência doméstica.
E-mail: mryam@uol.com.br

Mônica Franch. Professora de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais da UFPB. Doutora em Antropologia do PPGS/UFRJ. Fez mestrado no PPGA/UFPE. Tem diversas publicações sobre juventude e é pesquisadora do Núcleo Família, Gênero e Sexualidade - FAGES/UFPE.
E-mail: mfranch2004@yahoo.com.br

Parry Scott. Antropólogo, Professor da Universidade Federal de Pernambuco, Coordenador do Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade (FAGES), *PhD University of Texas at Austin*, 1981. Pesquisador Nivel 1 do CNPq. Pesquisas e publicações realçam a relação entre a esfera doméstica e as estruturas de poder e incluem livros, artigos, apresentações e orientação de trabalhos sobre grupos domésticos em áreas rurais e urbanas. Abarcam gênero, geração, migração, projetos de desenvolvimento, programas de saúde, e teoria, história e comparação na Antropologia.
E-mail: scott@hotlink.com.br

Paula Manuella Silva de Santana. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Bolsista do CNPq. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (2007). Atua, principalmente, nas áreas de Sociologia da Arte, Literatura e Cinema, dedicando-se, essencialmente, a questões ligadas ao debate pós-colonial, à estética, ao poder e a modernidades alternativas. Foi bolsista de iniciação científica.
E-mail: paula_mss@yahoo.com.br

Viviane Matias de Andrade da Silva. Graduada em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco. Foi bolsista de iniciação científica.
E-mail: desenrolada@yahoo.com.br

INFORMAÇÕES GRÁFICAS

FORMATO

15,5x 22 cm

TIPOLOGIA

Book Antiqua
Times **New Roman**

PAPEL

MIOLO: Off-set 75 – gm²
CAPA: Triplex 250 – gm²

Montado e impresso na oficina gráfica da

Editora  UFPE
Universitária

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 – Várzea
Fones: (0xx81) 2126.8397 – 2126.8930
Fax: (0xx81) 2126.8395 – CEP: 50.740-530
Recife – PE
editora@ufpe.br
edufpe@nlink.com.br
www.ufpe.br/editora